

COLEÇÃO
TRILHARES

Amélia Porto
Gisella de Amorim
Marco Silva

HISTÓRIA

ENSINO
FUNDAMENTAL
ANOS INICIAIS

5^º
ANO

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO

Versão submetida à avaliação

PNLD 2027 - ANOS INICIAIS | CATEGORIA 2

Código da obra: 0349 P27 01 02 040 040



RONA
ronaeditora.com.br

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO DA RONA EDITORA - REPRODUÇÃO PROIBIDA

HISTÓRIA

AMÉLIA PORTO

Bacharela e licenciada em Pedagogia e Estudos Sociais e especialista em Ensino de Ciências Físicas e Biológicas pela UFMG. Atuou como professora do Ensino Fundamental na Escola de Educação Básica da UFMG e como professora no Instituto Superior de Educação Anísio Teixeira, da Fundação Helena Antipoff. É autora de livros didáticos e de Metodologia de Ensino.

GISELLA DE AMORIM

Licenciada, doutora e pós-doutora em História pela UFMG. Pós-doutoranda pela Universidade de Lisboa. É investigadora do Centro de Estudos Comparatistas da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Membro da Rede Internacional de História das Pedagogias, Patrimônios Culturais e Materiais Didáticos em Língua Portuguesa. Tem experiência docente no Ensino Fundamental e Superior. É autora de materiais didáticos e paradidáticos de História.

MARCO SILVA (*in memoriam*)

Bacharel e licenciado em História, mestre e doutor em Educação pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Foi professor universitário e historiador da Diretoria de Patrimônio Cultural e Arquivo Público de Belo Horizonte, bem como diretor-geral e coordenador pedagógico e de História em estabelecimentos de Ensino Fundamental e Médio. Publicou diversos artigos em revistas científicas e jornais de grande circulação. Autor de livros didáticos e de metodologia de ensino.

1ª edição, Belo Horizonte, 2025.

CRÉDITOS

COLEÇÃO TRILHARES

Diretoria Geral Julio Pena	Projeto gráfico P Design
Coordenação de Projetos Rafael Pena	Coordenação de diagramação Elen Carvalho
Gerência Editorial Ana Gabriela de Souza Pereira	Diagramação Elen Carvalho, Dilma Santos, Márcia Atherton e Lola Amorim
Analista Editorial Luiza Carvalho e Carolina Miranda	Assistência Editorial Aila Carneiro, Letícia Muniz e Luísa Rodrigues
Assistente Editorial Miguel Amorim e Patrícia Áurea	Imagem da capa Wavebreakmedia Ltd Dreamstime.com
Licenciamento de textos e imagens Núbia Santiago e Patrícia Áurea	Ilustrações Rubem Filho, Bruna Ishihara, Allmaps (mapas) Ana Carolina Oliveira (mapas)
Iconografia Luiza Carvalho, Núbia Santiago e Patrícia Áurea	Objetos Digitais Bruna Damiana Heinsfeld - Lis Consulting
Preparação e revisão de texto Guilherme Amorim, Felipe Magalhães, Dan Nery, Julia Gomes e Bárbara Aline Turci de Oliveira	Pré-impressão Rona Editora
Leitura crítica Luciano Roza	Produção gráfica Rona Editora

1ª edição, Belo Horizonte, 2025.

RONA
ronaeditora.com.br

CNPJ 19.270.206/0001-60
Rua Henriqueto Cardinali, 280
Bairro Olhos d'Água - Belo Horizonte/MG
Cep: 30390-082 - Telefax: (31) 3303-9999
www.ronaeditora.com.br

Todos os direitos reservados à Editora. Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida, seja por meios mecânicos, eletrônicos, ou cópia xerográfica, sem autorização prévia da Editora.

FICHA CATALOGRÁFICA

Porto, Amélia Pereira Batista
P853c Coleção Trilhares-História : 5º ano : Livro do Professor [[recurso eletrônico]] / Amélia Pereira Batista Porto , Gisella de Amorim Serrano , Marco Antônio Silva (*in memoriam*) . - Belo Horizonte : Rona Editora, 2025.
184 p.

Versão digital – HTML5 ISBN 978-85-7023-056-0

1.História-ensino fundamental. I.Serrano, Gisella de Amorim. II.Silva, Marco Antônio. III. Título.

CDU 93(075.2)

Elaborada por Rinaldo de Moura Faria – CRB-6 nº 1006

Cara professora, caro professor

Esta obra foi pensada e organizada para atender suas necessidades e as dos(as) estudantes das escolas públicas brasileiras. As experiências e vivências dos(as) estudantes foram valorizadas como elemento significativo no processo de ensino-aprendizagem. Em toda a coleção estão presentes atividades e propostas de reflexão que as operacionalizam no cotidiano da sala de aula.

O material articula os princípios constantes da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), as normas do Edital PNLD 2027 e pressupostos teórico-metodológicos no campo da Educação, do Ensino de História e da Historiografia — os quais encontram-se expressos neste Manual, no Manual em U e no Livro do Estudante. Apresenta ainda contribuições para a formação dos(as) estudantes do 3º ao 5º ano do Ensino Fundamental I e para seu trabalho em sala de aula.

Você encontrará nesta obra uma série de textos com linguagem acessível e objetiva, acompanhados de amplo e diversificado conjunto de imagens, ilustrações e atividades. No Manual em U, há também alguns textos de apoio, orientações e sugestões de leitura para auxiliar no desenvolvimento das atividades. Fazemos-lhe um convite a conhecer a coleção, a qual temos certeza de que lhe proporcionará desenvolver um excelente trabalho!

Os Autores



SUMÁRIO

1. A proposta da BNCC	V
1.1. Competências Específicas de História para o Ensino Fundamental	V
1.2. Objetivos do ensino de História	VII
2. A proposta da obra	VII
3. Possibilidades de abordagem disciplinar e interdisciplinar da Coleção	VIII
3.1. Concepção de interdisciplinaridade e transdisciplinaridade.....	VIII
3.2. Como viabilizar a interdisciplinaridade na escola	IX
4. O papel do(a) professor(a) e do(a) estudante no processo de aprendizagem	IX
4.1. A gestão da sala de aula.....	X
5. Aprendizagem e o Ensino de História	XI
6. Conteúdos conceituais, procedimentais e atitudinais e Ensino de História	XI
7. Por que e como avaliar?	XII
7.1. Avaliação diagnóstica e instruções para avaliação de resultados.....	XIV
7.2. Expressão oral (roda de conversa, seminários, debates).....	XVI
7.2.1. Algumas sugestões para interpretação dos resultados.....	XVI
7.3. Propostas de relatórios e indicadores do acompanhamento da aprendizagem.....	XVI
7.4. Por que uma avaliação formativa?.....	XVI
7.5. Em que consiste uma avaliação diagnóstica?	XVII
7.6. Avaliação de resultado ou somativa.....	XVIII
7.7. Por que relatórios e indicadores do acompanhamento da aprendizagem?	XVIII
7.7.1. Quando, como e o que deve constar em um relatório de acompanhamento escolar?.....	XVIII
8. A disciplina História e a Alfabetização	XIX
9. Algumas considerações acerca das Leis nº 10.639/03 e nº 11.645/08 e sobre o ensino de história africana, história e cultura afro-brasileira e história indígena nas salas de aula	XXI
9.1. Sugestões de leitura para subsidiar seus estudos	XXII
9.1.1. Algumas sugestões de obras literárias e outros títulos	XXIII
9.2. Alguns referenciais bibliográficos comentados sobre educação, história e ensino de História	XXIII
9.3. Algumas referências de vídeos, plataformas digitais e outros recursos didáticos	XXIV
10. A importância de atender a todos(as) com equidade	XXV
10.1. Sugestões de leitura sobre educação inclusiva	XXVI
11. Estrutura geral da coleção	XXVI
12. Alguns recursos de aprendizagem	XXVII
13. Ensino de História e os recursos digitais	XXVIII
13.1. O que são recursos educacionais digitais?.....	XXVIII
13.2. Recursos digitais, as TICs e seus usos pedagógicos.....	XXVIII
13.3. Como e quando usar recursos educacionais digitais.....	XXVIII
14. Estrutura interna do volume	XXIX
15. Propostas de planos de desenvolvimento semestral, trimestral e bimestral, contendo sequência estruturada de conteúdos	XXIX
16. Sugestão de matriz de planejamento de rotina semanal	XXXIII
Referências	XXXIV
Livro do Estudante	1
Seções do Livro do Estudante e Alfabetização	2
Avaliação diagnóstica	8
Avaliação somativa	132
Quadros com as habilidades da BNCC e conteúdos aprendidos nos capítulos	141
Capítulo 1 - Os meios de comunicação e as fontes históricas	141
Capítulo 2 - Patrimônio, documento e monumento.....	142
Capítulo 3 - Arqueologia e pré-história brasileira.....	143
Capítulo 4 - Espaço geográfico e poder: os povos antigos	144
Capítulo 5 - Os primeiros anos após a chegada da frota de Cabral.....	145
Capítulo 6 - Movimentos contra o governo metropolitano português.....	146
Quadro com competências, conteúdos procedimentais e atitudinais para o ano escolar	147
Sugestões para incentivo, intervenção e remediação	148

1. A proposta da BNCC

A Coleção constitui um instrumento didático-pedagógico construído a partir dos referenciais legais para a educação básica no Brasil. É direcionada para o ensino e a aprendizagem de História e foi produzida principalmente segundo os princípios preconizados na Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Sugerimos, então, o desenvolvimento de uma prática pedagógica alicerçada nos fundamentos indicados nesse documento oficial, assim como nas orientações propostas para a disciplina em questão. Salientamos que as aprendizagens aqui dispostas acompanham e estão alinhadas à própria estrutura da BNCC, contribuindo tanto para o desenvolvimento das Competências Gerais da Educação Básica quanto para o desenvolvimento das Competências Específicas de História.

Segundo o referido documento, “competência é definida como a mobilização de conhecimentos (conceitos e procedimentos), habilidades (práticas, cognitivas e socioemocionais), atitudes e valores para resolver demandas complexas da vida cotidiana, do pleno exercício da cidadania e do mundo do trabalho” (Brasil, 2018). Destacamos que as Competências Gerais aqui elencadas se inter-relacionam e devem ser desenvolvidas em toda a trajetória didática prevista na educação básica, conjugadas aos pressupostos relativos às Competências Específicas no ensino de História. Elas serão abordadas e trabalhadas neste manual.

A seguir, para seu conhecimento, citamos as Competências Gerais e aquelas específicas ao ensino de História para a Educação Básica previstas na BNCC.

COMPETÊNCIAS GERAIS DA EDUCAÇÃO BÁSICA

1. Valorizar e utilizar os conhecimentos historicamente construídos sobre o mundo físico, social, cultural e digital para entender e explicar a realidade, continuar aprendendo e colaborar para a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva.
2. Exercitar a curiosidade intelectual e recorrer à abordagem própria das ciências, incluindo a investigação, a reflexão, a análise crítica, a imaginação e a criatividade, para investigar causas, elaborar e testar hipóteses, formular e resolver problemas e criar soluções (inclusive tecnológicas) com base nos conhecimentos das diferentes áreas.
3. Valorizar e fruir as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, e também participar de práticas diversificadas da produção artístico-cultural.
4. Utilizar diferentes linguagens – verbal (oral ou visual-motora, como Libras, e escrita), corporal, visual, sonora e digital –, bem como conhecimentos das linguagens artística, matemática e científica, para se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos e produzir sentidos que levem ao entendimento mútuo.
5. Compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares) para se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva.
6. Valorizar a diversidade de saberes e vivências culturais e apropriar-se de conhecimentos e experiências que lhe possibilitem entender as relações próprias do mundo do trabalho e fazer escolhas alinhadas ao exercício da cidadania e ao seu projeto de vida, com liberdade, autonomia, consciência crítica e responsabilidade.
7. Argumentar com base em fatos, dados e informações confiáveis, para formular, negociar e defender ideias, pontos de vista e decisões comuns que respeitem e promovam os direitos humanos, a consciência socioambiental e o consumo responsável em âmbito local, regional e global, com posicionamento ético em relação ao cuidado de si mesmo, dos outros e do planeta.
8. Conhecer-se, apreciar-se e cuidar de sua saúde física e emocional, compreendendo-se na diversidade humana e reconhecendo suas emoções e as dos outros, com autocrítica e capacidade para lidar com elas.
9. Exercitar a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, fazendo-se respeitar e promovendo o respeito ao outro e aos direitos humanos, com acolhimento e valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, identidades, culturas e potencialidades, sem preconceitos de qualquer natureza.
10. Agir pessoal e coletivamente com autonomia, responsabilidade, flexibilidade, resiliência e determinação, tomando decisões com base em princípios éticos, democráticos, inclusivos, sustentáveis e solidários.

(Brasil, 2018, p. 9–10)

1.1. Competências Específicas de História para o Ensino Fundamental

Segundo a BNCC, as Ciências Humanas têm papel articulador no desenvolvimento. A História escolar tem competências associadas ao desenvolvimento de ferramentas constitutivas de atores sociais capazes de participar social e politicamente para a melhoria do mundo em que vivemos. Essa disciplina contribui de forma significativa tanto para o entendimento do mundo em que estão inseridos quanto para a dinâmica e valorização desse mundo, despertando potenciais associados à valorização e promoção da vida humana, ao respeito ao meio am-

biente e aos saberes produzidos, considerando as semelhanças e diferenças históricas, sociais e culturais, entre tantos outros.

No mesmo sentido, a BNCC sublinha que as Ciências Humanas podem e devem, por meio de suas ferramentas inerentes aos procedimentos metodológicos e objetivos específicos das disciplinas, incentivar ações “que favoreçam o desenvolvimento de habilidades, que aprimorem a capacidade dos estudantes pensarem em diferentes culturas e sociedades, seus tempos históricos, territórios e paisagens, compreendendo melhor o Brasil, sua diversidade regional e territorial, e que, também, os levem a

refletir sobre sua inserção singular e responsável na história da sua família, comunidade, nação e mundo” (Brasil, 2018, p. 353–355).

Assim, é uma área pedagógica capaz de contribuir “para o adensamento de conhecimentos sobre a participação no mundo social e a reflexão sobre questões sociais, éticas e políticas, fortalecendo a formação dos(as) estudantes e o desenvolvimento da autonomia intelectual, bases para uma atuação crítica e orientada por valores democráticos” (Brasil, 2018, p. 354).

A partir disso e considerando a História de forma particular na área das Ciências Humanas, a BNCC sublinha alguns aspectos em que essa disciplina surge como uma ferramenta pedagógica fundamental, além de ações pedagógicas a serem promovidas no aprendizado da disciplina, tais como “os processos de identificação, comparação, contextualização, interpretação e análise” (Brasil, 2018, p. 354).

Em articulação com as competências gerais da Educação Básica, são consideradas as Competências Específicas das Ciências Humanas e as Competências Específicas de História:

COMPETÊNCIAS ESPECÍFICAS DE CIÊNCIAS HUMANAS PARA O ENSINO FUNDAMENTAL

1. Compreender a si e ao outro como identidades diferentes, de forma a exercitar o respeito à diferença em uma sociedade plural e promover os direitos humanos.
2. Analisar o mundo social, cultural e digital e o meio técnico-científico-informacional com base nos conhecimentos das Ciências Humanas, considerando suas variações de significado no tempo e no espaço, para intervir em situações do cotidiano e se posicionar diante de problemas do mundo contemporâneo.
3. Identificar, comparar e explicar a intervenção do ser humano na natureza e na sociedade, exercitando a curiosidade e propondo ideias e ações que contribuam para a transformação espacial, social e cultural, de modo a participar efetivamente das dinâmicas da vida social.
4. Interpretar e expressar sentimentos, crenças e dúvidas com relação a si mesmo, aos outros e às diferentes culturas, com base nos instrumentos de investigação das Ciências Humanas, promovendo o acolhimento e a valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, identidades, culturas e potencialidades, sem preconceitos de qualquer natureza.
5. Comparar eventos ocorridos simultaneamente no mesmo espaço e em espaços variados, e eventos ocorridos em tempos diferentes no mesmo espaço e em espaços variados.
6. Construir argumentos, com base nos conhecimentos das Ciências Humanas, para negociar e defender ideias e opiniões que respeitem e promovam os direitos humanos e a consciência socioambiental, exercitando a responsabilidade e o protagonismo voltados para o bem comum e a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva.
7. Utilizar as linguagens cartográfica, gráfica e iconográfica e diferentes gêneros textuais e tecnologias digitais de informação e comunicação no desenvolvimento do raciocínio espaço-temporal relacionado a localização, distância, direção, duração, simultaneidade, sucessão, ritmo e conexão.

(Brasil, 2018, p. 357)

COMPETÊNCIAS ESPECÍFICAS DE HISTÓRIA PARA O ENSINO FUNDAMENTAL

1. Compreender acontecimentos históricos, relações de poder e processos e mecanismos de transformação e manutenção das estruturas sociais, políticas, econômicas e culturais ao longo do tempo e em diferentes espaços para analisar, posicionar-se e intervir no mundo contemporâneo.
2. Compreender a historicidade no tempo e no espaço, relacionando acontecimentos e processos de transformação e manutenção das estruturas sociais, políticas, econômicas e culturais, bem como problematizar os significados das lógicas de organização cronológica.
3. Elaborar questionamentos, hipóteses, argumentos e proposições em relação a documentos, interpretações e contextos históricos específicos, recorrendo a diferentes linguagens e mídias, exercitando a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos, a cooperação e o respeito.
4. Identificar interpretações que expressem visões de diferentes sujeitos, culturas e povos com relação a um mesmo contexto histórico, e posicionar-se criticamente com base em princípios éticos, democráticos, inclusivos, sustentáveis e solidários.
5. Analisar e compreender o movimento de populações e mercadorias no tempo e no espaço e seus significados históricos, levando em conta o respeito e a solidariedade com as diferentes populações.
6. Compreender e problematizar os conceitos e procedimentos norteadores da produção historiográfica.
7. Produzir, avaliar e utilizar tecnologias digitais de informação e comunicação de modo crítico, ético e responsável, compreendendo seus significados para os diferentes grupos ou estratos sociais.

(Brasil, 2018, p. 402)

1.2. Objetivos do ensino de História

O ensino de História constitui um instrumento de preparação dos indivíduos para o pleno exercício da cidadania, pois promove o desenvolvimento de competências que lhes permitam compreender, atuar e transformar o mundo em que vivem por meio do uso do conhecimento histórico.

Além das competências, a BNCC dispõe de unidades temáticas, objetos de conhecimento e habilidades para cada disciplina do Ensino Fundamental Anos Iniciais.

Para isso, é importante que o(a) estudante:

- questione a realidade, formule hipóteses a partir da observação, planeje, investigue e reflita sobre conceitos, procedimentos e atitudes aprendidos;
- estabeleça relações entre as produções históricas, científicas, os saberes e seu contexto histórico;
- compreenda a participação dos sujeitos e da sociedade num processo dinâmico articulado sob diversos fatores, entre eles o espaço e o tempo;
- conheça os conceitos fundamentais da disciplina, tais como sujeitos históricos, fontes históricas e tempo, e saiba operacionalizá-los;
- saiba utilizar e analisar gráficos, desenhos, modelos, observações, experimentações e outras linguagens para coletar, organizar, discutir e comunicar fatos e informações;
- trabalhe em grupo, valorize a troca de ideias na construção coletiva do conhecimento e busque ações críticas e cooperativas;
- respeite a si mesmo, seus semelhantes, todas as formas vivas e o mundo social e natural ao redor;
- reconheça a capacidade do ser humano de transformar o lugar onde vive;
- perceba a si mesmo como parte integrante do mundo em que vive;
- aprenda a discernir e respeitar as diferenças culturais;
- use a imaginação, a criatividade e a curiosidade no aprendizado escolar.

Assim, no presente Manual, você encontrará textos sobre a disciplina História, sobre a prática pedagógica, a avaliação e aprendizagem, além de sugestões de instrumentos pedagógicos, incluindo diferentes formas de organização do conteúdo programático anual; sequências didáticas e aulas que enriquecem e facilitam o preparo de suas práticas; sugestões de avaliações e de relatórios; e indicadores do acompanhamento de aprendizagem.

2. A proposta da obra

Alguns parâmetros foram referências importantes na construção desta obra. Em primeiro lugar, a concepção da criança enquanto sujeito do processo de ensino-aprendizagem. Nas concepções tradicionais de currículo, a criança não é vista como um ser com direitos e dotada de capacidade crítico-reflexiva. Grosso modo, meninas e meninos são concebidos como adultos “em miniatura”, que devido a sua “pouca capacidade” devem vivenciar um processo de ensino-aprendizagem que leve ao domínio paulatino e gradativo das concepções e formas de ser e viver do universo dos “adultos”, universo esse tido como referência idealizada. Nessa concepção, a criança é vista como ser incompleto, que deve apreender e reproduzir, cada vez mais, o mundo dos adultos — estes, sim, considerados seres completos.

Contraopondo-se a tal pressuposto ainda muito presente na educação brasileira, nesta coleção a criança é considerada como ser em formação. Ao mesmo tempo, meninos e meninas são compreendidos como seres com direitos, que vivem e convivem em uma cultura própria, mas que também compartilham vivências advindas tanto do mundo adulto como do universo infantil.

Nesse entendimento sobre a criança, suas características e vivências são importantes e devem ser tratadas em sua plenitude como referências para o processo de ensino-aprendizagem. Na presente coleção, essas referências são respeitadas e a criança é instigada a compreendê-las, questioná-las e criticá-las. Isso colabora para que meninos e meninas vivenciem um processo que contribua para a construção da autonomia, pois são efetivamente considerados(as) sujeitos ativos da própria aprendizagem.

Em segundo lugar, a abordagem dos conteúdos procura atender as especificidades da faixa etária e respeitar e valorizar suas referências culturais. Assim, de um lado, foram consideradas as características comuns dos(as) estudantes que irão utilizar os livros, como a faixa etária e o fato de serem brasileiros(as) e/ou viver no Brasil; de outro, a heterogeneidade dos(as) estudantes.

Partindo do pressuposto de que o Brasil possui dimensões continentais, com grande diversidade social e econômica, e é marcado por manifestações multiculturais, esta obra não foi produzida para um único tipo de leitor(a). Aspectos fundamentais para cada estudante — por exemplo, a região em que mora, sua cultura, os conhecimentos prévios e as experiências individuais — foram referências significativas na abordagem dos conteúdos.

O terceiro parâmetro diz respeito à contribuição para a alfabetização. Por sua relevância, o tema é recorrente nas pesquisas, em encontros de formação continuada de professores(as) da Educação Básica e nas análises dos resultados de avaliações sistêmicas do ensino. Os dados advindos dessas avaliações, os anais de congressos educacionais e, sobretudo, os diversos relatos de professores(as) em diversas regiões do país fornecem dados incontestes sobre as graves deficiências de boa parte dos(as) estudantes no campo da escrita e no desenvolvimento do raciocínio lógico-matemático.

Para responder a essa demanda, a coleção apresenta textos e atividades especialmente produzidos para possibilitar o desenvolvimento da alfabetização durante o aprendizado da História. Cabe registrar que os(as) professores(as) que lidam com estudantes que dominam satisfatoriamente os códigos de leitura e possuem bom nível de aprendizado também encontrarão, neste material, alternativas para ampliar e aperfeiçoar tais habilidades.

O quarto parâmetro adotado foi a construção de uma proposição de ensino-aprendizagem e a abordagem didático-pedagógica da História em sintonia com a produção acadêmica e a realidade vivenciada por estudantes e professores(as) no cotidiano escolar. A abordagem desta obra convida estudantes e professores(as) à interação com a narrativa, assumindo assim papel de sujeitos no processo de construção do conhecimento, evitando uma postura contemplativa e passiva.

As narrativas apresentadas e as propostas de atividades convidam o(a) leitor(a) a produzir reflexões, interpretações e apropriações da História embasadas em fontes históricas variadas e construídas a partir de uma produção historiográfica atualizada. Além disso, o(a) estudante também é convidado(a) sistematicamente a investigar e refletir sobre sua própria história, a de sua comunidade e de sua região, em diálogo com aspectos mais abran-

gentes da História, tais como os conceitos históricos fundamentais: tempo, fontes históricas, sujeitos históricos, entre outros.

O patrimônio cultural reconhecido oficialmente pelos órgãos oficiais também recebeu atenção especial, assim como as manifestações culturais não reconhecidas oficialmente.

Sem desconsiderar o papel dos indivíduos na transformação da realidade, a História é estudada como produção coletiva e não como consequência da atuação de alguns poucos indivíduos que definem os rumos de uma nação. Além disso, a narrativa histórica é apresentada como um discurso produzido a partir dos métodos, das técnicas e dos posicionamentos dos(as) historiadores(as). Nesse sentido, o(a) estudante é instigado a pensar que existem narrativas possíveis e diferenciadas de acordo com parâmetros adotados pelos(as) historiadores(as) para registrar um mesmo processo histórico.

Formas de conceber e marcar o tempo em diversas culturas foram abordadas. Entretanto, por ser o mais utilizado no Brasil e em várias partes do planeta, o calendário ocidental foi mais operacionalizado.

O trabalho com as noções de tempo não se encerra em um capítulo no qual a temática é tratada de forma mais sistemática. Por se tratar de conceito fundamental para a formação do(a) estudante, o tema é revisitado e trabalhado ao longo da coleção. Isso não impediu que houvesse cuidado especial para que o(a) estudante pudesse contextualizar fatos e processos históricos nas marcações temporais em uma perspectiva cronológica.

Outro fator alicerçante na construção desta obra foram as referências propostas pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

Por fim, esta obra foi cuidadosamente planejada e construída para oferecer a você, professora ou professor, um suporte significativo para o planejamento e desenvolvimento de suas aulas em sintonia com essas demandas.

A escola deve incentivar a criatividade e o pensamento crítico e autônomo. E deve também valorizar a liberdade de pensamento e expressão e os sentimentos de respeito à diversidade — sobretudo nesta época em que a humanidade busca, cada vez mais, a convivência pacífica em sociedades democráticas.

3. Possibilidades de abordagem disciplinar e interdisciplinar da Coleção

3.1. Concepção de interdisciplinaridade e transdisciplinaridade

A ideia de que os saberes estão compartimentados em componentes curriculares tem se assentado há muito nos debates pedagógicos e acadêmicos.

Essa ideia de repartição raramente permite ao(a) estudante entender que o conhecimento não se apresenta multifacetado por normas estipuladas pelos campos de conhecimento. Na escola, a divisão em disciplinas não permite vislumbrar o diálogo entre esses campos de conhecimento, o que empobrece sua captação das formações conceituais e regionaliza as matérias como gavetas num armário. Nesse sentido, o trabalho interdisciplinar é muito importante.

Interdisciplinaridade e transdisciplinaridade são teorias já conhecidas dos estudiosos (Fazenda, 1979, 2008; Morin, 2000; Pátaro; Bovo, 2012; Petraglia, 2013; Thiesen, 2008). Para Garruti e Santos (2004, p. 190), ela tem por objetivo não fragmentar os conhecimentos, oportunizando ao(a) estudante perceber que, assim como a realidade, o conhecimento age em trocas mútuas, como uma teia construída em parceria com a sociedade.

Retomando a orientação da Pedagogia de Projetos, ressalta-se a necessidade das interações com a realidade e com o cotidiano do(a) estudante não só para fortalecer nele(a) uma atenção e uma aprendizagem mais significativas, mas também para proporcionar-lhe uma dimensão pedagógica que estabeleça estratégias com os vários saberes e em constante interlocução.

Não basta apenas compreender as exigências de um mundo que rejeita as fragmentações do conhecimento. A escola, na atualidade, conforme propôs Fazenda (1979), exige uma proposta efetiva, uma prática que não somente perceba a necessidade da interlocução possível pela interdisciplinaridade, mas que atue em busca dela.

Na base e na origem da refutação à segmentação, à fragmentação, estão ainda os estudos de Basarab Nicolescu (1999). Além do rompimento com as dualidades (parte-todo), os estudos transdisciplinares dialogam, segundo Akiko Santos (2008), com o pensamento complexo de Edgar Morin. Na esteira da física quântica, o primeiro autor salienta que a harmonia dos saberes estaria em risco diante da “especialização exagerada”. Nicolescu (1999, p. 11) define que a ideia da transdisciplinaridade corresponde “àquilo que está ao mesmo tempo entre as disciplinas, através das diferentes disciplinas e além de qualquer disciplina. Seu objetivo é a compreensão do mundo presente, para o qual um dos imperativos é a unidade do conhecimento”. Instrumentalizando o Teorema de Bell, sob o princípio da não separabilidade, Nicolescu (1999) auxilia-nos a compreender inclusive nossa realidade, identificando que há uma interação, uma causalidade efetiva nas relações entre os seres, na conformação das comunidades. Entre os objetivos dessa reflexão, um dos conceitos importantes descortinados pelos estudiosos da transdisciplinaridade em correlação com a educação é o “princípio da autopoiese”, delineada por Santos como componente humano de autoconstrução e auto-organização. Levada às atribuições pedagógicas, a autopoiese implicaria, segundo ele,

uma metodologia que estimule os alunos a produzir o próprio conhecimento. A função docente passa a ser de facilitar diálogos com os saberes, respeitando-se a diversidade e as características de cada um dos participantes do processo educativo, aceitando-se cada aluno como um ser indiviso, com estilo próprio de aprendizagem e diferente forma de resolver problemas (Santos, 2008, p. 80).

Desse modo, segundo Mantoan (2004), o

ensino curricular de nossas escolas, organizado em disciplinas, isola, separa os conhecimentos, ao invés de reconhecer as suas inter-relações. Contrariamente, o conhecimento evolui por recomposição, contextualização e integração de saberes, em redes de entendimento, não reduz o complexo ao simples, tornando maior a capacidade de avaliar e de apreender o caráter multidimensional dos problemas e de suas soluções (2004, p. 15).

O currículo, portanto, apesar de compreender a esfera da atuação de ensino na escola ou, como elucidam Moreira e Candau (2007), é também partícipe de toda

uma dinâmica que articula a escola e a vida em sociedade; o conjunto de saberes e seus atores, entre tantos outros aspectos.

Nesse sentido a interdisciplinaridade, como já dito, tem por objetivo não fragmentar os conhecimentos, e sim oportunizar ao(à) estudante perceber que o conhecimento, tal qual a realidade, age em trocas mútuas, como uma teia que se constrói em parceria com a sociedade.

Em linha gerais, podemos dizer que a interdisciplinaridade ocorre quando dois ou mais componentes curriculares são associados por meio de seus conteúdos para aprofundar um conhecimento, evitando a fragmentação e proporcionando a integração dos saberes. São estabelecidas conexões entre as disciplinas de modo que, em interação, um tema de interesse ou questionamentos levantados seja respondido, fazendo com que a aprendizagem seja mais significativa, isto é, diferentes áreas do conhecimento buscam respostas que melhor atendam ao objeto de conhecimento investigado de forma conjunta.

Assim entendido, esse conceito dialoga com a BNCC e as Competências Gerais de aprendizagem ao longo do percurso escolar. Nele, destaca-se a importância de entender a realidade, investigando, levantando hipóteses, defendendo ideias, respeitando a si mesmo(a) e ao(à) outro(a), promovendo uma aprendizagem mais contextualizada, que atenda às necessidades e interesses dos(as) estudantes e que possibilite decisões de forma ética.

3.2. Como viabilizar a interdisciplinaridade na escola

Para viabilizar a interdisciplinaridade, é importante criar na escola oportunidades de trocas e interações entre professores(as) e as equipes de gestão escolar, abrindo espaço para a troca de ideias que viabilizem essa prática, mediante o diálogo institucional e pedagógico que contribua para a ressignificação da prática docente. Um cenário assim permitirá ao(à) professor(a) pesquisar sua prática e buscar novos caminhos, com estratégias que permitam a interdisciplinaridade e com metodologias ativas que tornam os(as) estudantes protagonistas de seu processo de ensino-aprendizagem.

- Mantenha-se atento(a) às falas dos(as) estudantes e fomente a curiosidade com novos questionamentos sobre o tema em estudo.
- Use perguntas desafiadoras ao apresentar os conteúdos – por exemplo, ao analisar uma imagem, um quadro, uma pintura, pergunte-lhes sobre as representações de conteúdo, formas e técnicas, elementos contextuais envolvidos na produção e na análise do documento histórico. É provável que, ao buscarem respostas, surjam diferentes perspectivas que envolvam não só a História, mas também outras disciplinas, como Arte, Língua Portuguesa, etc.
- Planeje sequências de atividades relativas ao tema em estudo, que envolvam a turma nos diferentes momentos, procurando estabelecer conexões entre os vários campos de conhecimento.
- Ensine os(as) estudantes a pesquisar, orientando-os(as) sobre como utilizar as diferentes ferramentas disponíveis no computador, integrando diferentes saberes.
- Avalie constantemente o desenvolvimento do trabalho com a turma, redirecionando quando necessário ou seguindo o que foi planejado.

- Observe tudo que ocorre a cada momento, procurando captar os avanços e as dificuldades de cada um; ajuste as propostas e reorganize grupos de trabalho quando isso se fizer necessário.
- Faça registros, usando diferentes recursos (como fotos e gravações das narrativas), que permitam refletir e aprimorar a prática.

4. O papel do(a) professor(a) e do(a) estudante no processo de aprendizagem

Uma abordagem adequada dos conteúdos pressupõe a reflexão do(a) professor(a) sobre o papel desses conteúdos e como desenvolvê-los para atingir os objetivos propostos e as habilidades desejadas, considerando-se necessariamente as crianças como os agentes do ensino e da aprendizagem. Para tanto, um dos elementos essenciais é a autonomia do(a) professor(a), que deve ser conquistada a cada dia, com atitudes que demonstrem responsabilidade com o que ensina, compromisso com sua formação continuada e respeito às diferenças individuais que fazem parte daqueles(as) que estão na escola na busca pelo saber.

Compreendemos que o(a) estudante é o agente da construção de seu próprio conhecimento, pelas conexões que estabelece a partir do conhecimento prévio em um contexto de resolução de problemas e nas relações com seus pares no processo de ensino e aprendizagem. Nessa perspectiva, o papel do(a) professor(a) também deve ser redimensionado.

Dentro de uma perspectiva de maior autonomia na sua prática docente, que fomente procedimentos para se trabalhar com grupos de estudantes que possuam diferenças significativas de conhecimentos, habilidades, atitudes e valores, é recomendável que você:

- organize a aprendizagem — para isso, além de conhecer as condições socioculturais, as expectativas e a competência cognitiva dos(as) estudantes, você precisará selecionar problemas que possibilitem a construção de conceitos/procedimentos e alimentar o processo de resolução, sempre tendo em vista os objetivos que se propõe a atingir;
- seja o(a) consultor(a) nesse processo — deixando de ser aquele(a) que detém o saber para se tornar aquele(a) que fornece as informações necessárias, as quais o(a) estudante não tem condições de obter sozinho(a);
- seja o(a) mediador(a) do processo de ensino e aprendizagem — aquele(a) que intermedeia o confronto de ideias, as condições em que cada estudante pode intervir para expor sua solução, questionar, contestar;
- seja o(a) responsável por listar os procedimentos empregados e as diferenças encontradas, promovendo o debate sobre resultados e métodos, valorizando as soluções mais adequadas;
- seja aquele(a) que incentiva, direciona e avalia o processo de ensino e aprendizagem, promovendo a troca de ideias, o confronto daquilo que uma criança pensa com o pensamento dos(as) demais, a cooperação, a formulação de argumentos e a solidariedade essencial ao processo de aprendizagem significativa.

Assim, destacamos a importância do(a) professor(a) no engajamento do(a) estudante, na sua trajetória de construção da aprendizagem, ao proporcionar-lhe experiências cognitivas, estéticas, sociais e pessoais, assim

como na formação de competências que contribuam no processo em que o(a) estudante aprenda a aprender. Diante de interesses e necessidades, o(a) educador(a) coloca-se como aquele(a) que incentiva e orienta o aprendiz, procurando instigá-lo à pesquisa e ao desenvolvimento de uma visão crítica, mediante a formulação de problemas e levantamento de hipóteses.

Em relação ao(a) estudante, espera-se que ele(a):

- perceba que, além de buscar a solução para uma situação proposta, deve cooperar para resolvê-la e chegar a um consenso;
- saiba explicitar o próprio pensamento e tente compreender o pensamento do outro;
- discuta as dúvidas e reflita se as soluções dos outros fazem sentido, buscando sempre construir suas próprias ideias;
- incorpore soluções alternativas, avalie seu desenvolvimento no decorrer do processo, reestruture e amplie a compreensão acerca dos conceitos envolvidos nas situações e, desse modo, aprenda.

Para que isso aconteça, o(a) professor(a) deve proporcionar um ambiente de trabalho que motive o(a) estudante a criar, comparar, discutir, rever, perguntar e ampliar ideias. É preciso, também, que as interações que ocorrem na sala de aula — entre professor(a) e estudante ou entre estudantes — sejam reguladas por um acordo em que cada parte conheça seu papel e reconheça suas responsabilidades diante da outra, respeitando as diferenças.

4.1 A gestão da sala de aula

Um dos conceitos trabalhados para o bom desenvolvimento dos(as) estudantes na escola é o conceito de gestão da sala de aula. Conhecido nos cursos de formação de professores(as) e discutido por especialistas no Brasil e em outros países, esse conceito ainda está muito relacionado às posturas do(a) professor(a) e à indisciplina por parte dos(as) estudantes.

No entanto, quando pensamos nas habilidades do conteúdo da disciplina História, podemos nos reportar às questões basilares deste, como o entendimento de que somos sujeitos históricos em um mundo onde há outros sujeitos históricos, os quais pensam e vivem de formas diferenciadas. Essa operação conceitual nos faz refletir sobre o respeito e a convivência em um mundo em diversidade.

Diante disso, na gestão da sala de aula, as habilidades previstas como formativas no ensino de História estão imbricadas, ou seja, estão necessariamente relacionadas. Afinal, se pressupomos que os(as) estudantes devem aprender sobre respeito e diversidade, temos de considerar que as práticas educativas no interior da sala de aula devem, de um lado, proporcionar momentos de reflexão e, de outro, de aplicação dos procedimentos e atitudes de respeito e convivência positiva.

Portanto, defendemos a ideia de que o ensino de História, na sala de aula da Educação Básica, está intimamente relacionado à ideia de sua gestão. Nesse caso, o conceito de gestão extrapolaria uma noção relacionada apenas ao planejamento, à organização ou à execução das aulas.

Evidentemente, não afirmamos aqui que sejam desnecessários ou que devam ser desconsiderados os comportamentos dos(as) professores(as), tais como os salientados por Silva (2016): “[1] a vigilância, [2] as transições harmoniosas entre uma atividade e outra, [3] o clima (capacidade de manter o ritmo da atividade), [4] a busca

da atenção do grupo e [5] a superposição (capacidade de coordenar diferentes atividades em um mesmo momento)”. Apenas sublinhamos que esses elementos sozinhos não são suficientes para repensar as práticas pedagógicas no ensino de História.

Acreditamos que a “gestão da matéria e a gestão da classe”, na expressão de Doyle (1986), coadunam-se quando pensamos nas atribuições da História como disciplina formativa.¹ As operações envolvidas no processo de aprendizagem da História requerem procedimentos na sala de aula que ilustrem e exemplifiquem os conteúdos abordados.

Assim, se o(a) professor(a) precisa pensar nas “estratégias preventivas e reativas” para a gestão na sala de aula, ele(a) deve considerar que, na aprendizagem de História, essas estratégias estarão intimamente relacionadas aos objetivos e às habilidades previstas no planejamento curricular.

Por exemplo: se devemos respeitar e valorizar o sistema de valores do outro, representado na sala de aula pelo(a) colega ao lado, devemos nos empenhar para que as participações sejam respeitadas, valorizando-as e orientando-as nesse sentido. Uma aula expositiva que não permitisse a interferência, ou melhor, a participação dos(as) estudantes, não contribuiria nesse sentido.

Segundo Silva *et al.* (2016),

isso implica organização do espaço físico, estabelecimento de regras e a manutenção da atenção dos(as) estudantes, além do engajamento dos(as) estudantes nas atividades de aprendizagem. Portanto, mesmo considerando que a gestão da sala de aula não seja o objetivo principal do professor, ela é fundamental para a obtenção dos resultados educacionais propostos (Silva *et al.* 2016, p. 799).

A organização do espaço físico pode ser pensada de forma diversificada, com respeito à estrutura da escola, às necessidades dos(as) estudantes e ao conteúdo, mas com aproveitamento de outras possibilidades, quando pertinentes — por exemplo, a formação de rodas de conversa e a composição de grupos. Isso permitiria outras configurações além da disposição tradicional de mesas enfileiradas.

O estabelecimento de regras deve ser realizado com a participação dos(as) estudantes, com incentivo para que percebam as possibilidades e os limites da convivência, dentro de uma boa conduta. Essas regras se revelam muito proveitosas também no que diz respeito à organização do planejamento escolar, com a distribuição do calendário e do sistema de avaliação adotado.

Conforme sublinhamos anteriormente, a atenção, a motivação, o interesse são elementos primordiais relacionados à dinâmica da própria disciplina, cujos objetivos devem estar pautados, como via de mão dupla, pelo universo e pela experiência social das crianças, assim como pelo reconhecimento das especificidades e demandas individuais e coletivas da turma (Silva *et al.* 2016).

Ao longo do ano, desenvolva com os(as) estudantes a participação, observando-os(as) de forma a identificar os(as) que se posicionam menos, os(as) que se posicio-

1 Apud SILVA (2016). *Disciplina Escolar e Gestão de Sala de Aula no Campo Educacional Brasileiro. Educação e realidade*. UFRGS, 2016. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/edreal/a/pGyw6hHJtFJR8bNRJfL3sXP/?lang=pt>>. Acesso em: 01 jan. 2022.

nam mais, tanto nos momentos de trocar ideias quanto nas atividades propostas em duplas ou em grupos. O importante é, de forma natural, proporcionar a participação de todos(as) os(as) estudantes, respeitando suas individualidades, sem expô-los(as). Gerencie as participações com perguntas, escutas positivas. Valorize as intervenções, problematize-as quando necessário, mas busque sempre fazer a turma compreender que seu posicionamento é importante para a construção do conhecimento em bases seguras.

Outro aspecto interessante, na primeira etapa, é propiciar aos(às) estudantes o conhecimento de cada integrante da turma a partir dos conteúdos propostos — não com vistas a caracterizar o(a) outro(a), mas para que reconheçam, respeitem e valorizem a importância da diversidade na convivência. Os temas e as atividades visam a favorecer essas habilidades.

5. Aprendizagem e o Ensino de História

Observando a ampla oferta de teorias hoje disponíveis nos campos da Psicologia da Aprendizagem, da Psicologia da Memória e das neurociências, podemos inferir que, de certa maneira, tem se constituído uma área muito cara e fértil aos olhos dos pesquisadores e estudiosos no mundo todo. De forma correlata, isso nos indica a importância dos estudos sobre a aprendizagem, quando falamos em conhecimento escolar. Entender o funcionamento da mente humana, das suas condições de observação, atenção e elaboração em um contexto de interação social, relaciona-se à necessidade de melhor compreensão do sujeito que aprende e suas condições para tal. A grande oferta de modelos teóricos sobre a aprendizagem que mereceu o termo “salada teórica” indica que há certa parcialidade de todas as teorias, cujos ingredientes parecem estar não “mal alinhados”, como nos diz Pozo (2002), mas talvez mal operacionalizados no que toca à sua relevância no contexto educacional.

Em uma escola, a preocupação, como já foi dito, deve recair menos nos resultados, entendidos incoerentemente pela quantificação substantiva dos índices aferidos em avaliações de conteúdo, e mais nos aspectos relativos à formação em âmbito geral (incluindo, nesse campo, os aspectos do conteúdo formal). O que queremos salientar é que, em um espaço educacional, a pergunta motriz não deve ser apenas o que se aprende ou como se aprende, mas ainda o que consideramos como conhecimento socialmente relevante. Que habilidades relativas aos planos curriculares podemos implementar como parte do processo de conhecimento? Será que entendemos que desenvolver aptidões, competências e procedimentos/atitudes é parte constituinte do que pressupomos como conhecimento válido? Se afirmativamente, como fazê-lo? Como equacioná-lo? Como avaliá-lo?

Pensamos que conhecer e refletir acerca da gama de teorias disponíveis sobre o processo de aprendizagem é ampliar nossas percepções sobre o conhecimento e o processo didático, colocando-os na ordem de um permanente ajuizamento sobre suas faces e suas formas na prática e no dia a dia escolar.

Nosso intuito não é escolher, na vitrine das teorias comportamentalistas ou cognitivas, aquelas que podemos adotar. Entendemos que há contradições e avanços, mas pretendemos, diante das nossas necessidades educacionais, equalizar nossas demandas com as respostas teóricas disponíveis, tornando este um diálogo contínuo e frutífero.

Na atualidade, a noção de competência foi amplamente debatida e inserida nos currículos. Ela remete-nos aos procedimentos avaliativos, então direcionados à captação dos diferentes níveis de aprendizagem, tendo em vista “as qualidades humanas — físicas, morais, intelectuais, estéticas” (Libâneo, 1990, p. 22).

O que pretendemos sublinhar é que, para além da apreensão dos conteúdos curriculares tradicionais que julgamos ser fundamentais para a aquisição e o desenvolvimento do conhecimento socialmente produzido e partilhado na história da humanidade, há outros conteúdos, sob outras formas, que acreditamos fazer parte do conhecimento escolar. Assim, para além das formações intelectuais ou das “capacidades cognitivas”, temos um rol de saberes de outra ordem, mas também correlatos, tais como as competências definidas por Perrenoud (2005, p. 82-83), como:

- “aprender a analisar e a assumir a complexidade”;
- “aprender a cooperar e a conviver”;
- “adotar a lógica de resoluções de problemas”;
- “analisar e regular o que se faz”.

Nessa perspectiva, os conteúdos representam não apenas os “conceitos e princípios”, mas também procedimentos e atitudes que capacitam o indivíduo e o habilitam para o exercício e desenvolvimento de competências. Portanto, o ensino, nesse caso, pretende-se muito mais ampliado do que apenas informação (referência) e assimilação.

Entendemos que conhecimento é o aprendizado da produção humana socialmente validada pelas práticas culturais e sociais, por isso valorizamos o conhecimento não só pelo viés do conteúdo formal, disposto pelas disciplinas, mas também por toda a bagagem de experiência do indivíduo, seus conhecimentos prévios, etc. Acreditamos ainda que esta coleção auxilia no aprendizado de competências, além dos conteúdos conceituais, procedimentais e atitudinais. Entendemos que os(as) estudantes devam ser capazes de apreender informações referentes às disciplinas estudadas, mas também entendemos que o processo educacional em si deve proporcionar-lhes aprimorar-se como indivíduos e formá-los(as), auxiliando-os(as) no desenvolvimento de procedimentos e atitudes.

Nesta coleção, alinhamo-nos ao conceito de competências definido na BNCC, segundo o qual o(a) estudante deve formar-se tendo como objetivo tornar-se apto a operacionalizar o conhecimento produzido; assim, o conhecimento deve relacionar-se com sua vivência: “O conceito de competência, adotado pela BNCC, marca a discussão pedagógica e social das últimas décadas e pode ser inferido no texto da LDB, especialmente quando se estabelecem as finalidades gerais do Ensino Fundamental e do Ensino Médio (Artigos 32 e 35)” (Brasil, 2018, p. 13).

6. Conteúdos conceituais, procedimentais e atitudinais e Ensino de História

Na definição do elenco de conteúdos a serem desenvolvidos no currículo de História, é fundamental que o professor tenha clareza de seus objetivos educacionais. Os conteúdos escolares não são um fim em si mesmos, ou seja, não são listas de temas que devem ser cumpridos sem um propósito educacional. Na verdade, os conteúdos são recursos que devem estar a serviço da formação dos estudantes. Esse processo de formação, por sua

vez, não deve se limitar à chamada formação acadêmica, pois esta não é a única função da escola. A escola é um local privilegiado para a formação integral do indivíduo, e o currículo deve levar em conta essa perspectiva. O pesquisador Antoni Zabala, em seu livro *A Prática Educativa*, divide os conteúdos escolares em conceituais, procedimentais e atitudinais. Esses três níveis de conteúdos são trabalhados nas mais diversas disciplinas e, sobretudo, nas relações interdisciplinares.

Conteúdos conceituais – mostram o que o indivíduo deve saber

No campo do Ensino de História, os conceitos referem-se à construção intelectual de teorias, representações, ideias e modelos explicativos acerca da realidade do presente e/ou do passado. O estudante desenvolve conceitos em História quando, por exemplo:

- reconhece e expressa as diferenças e semelhanças entre determinados aspectos da realidade de seu município e de outros municípios em momentos históricos diferenciados;
- reconhece diversos modelos de família existentes no transcorrer da história;
- constrói definições pertinentes sobre o que é história, historiografia e fontes históricas.

Enfim, o desenvolvimento de conceitos expressa uma compreensão mais organizada e sistemática da realidade.

Conteúdos procedimentais – mostram como o indivíduo deve saber fazer

Os conteúdos procedimentais estão relacionados aos comportamentos aprendidos durante os estudos da História e, ao mesmo tempo, necessários para aprendê-la.

Por exemplo:

- interpretar imagens;
- desenvolver atividades em grupos;
- identificar a ideia principal em textos;
- realizar pesquisas em fontes diversas;
- coletar e organizar dados e informações;
- entrevistar pessoas.

Nesse sentido, existe um duplo e dinâmico movimento. O aprendizado desses conteúdos se faz a partir do conhecimento histórico, e este, por sua vez, também é aprendido por meio de conteúdos procedimentais.

Conteúdos atitudinais – mostram como o indivíduo pode ser

No campo das atitudes, estão o aprendizado de normas e valores reconhecidamente importantes para a convivência social e o exercício da cidadania.

O desenvolvimento desses valores contribui para a formação de cidadãos que mantenham em suas vidas posturas alicerçadas no respeito, na compreensão, na tolerância, na defesa da justiça e no uso do diálogo para superar conflitos. Tarefas individuais e, sobretudo, as coletivas desenvolvidas no ambiente escolar podem contribuir significativamente para a construção de conteúdos atitudinais. Nas aulas de História, por exemplo, nos

estudos sobre os primeiros encontros entre portugueses e indígenas, as atividades propostas podem levar os estudantes a uma reflexão sobre as visões eurocêntricas que os portugueses construíram sobre os índios brasileiros. Quando bem conduzidas pelo(a) professor(a), as reflexões podem levá-los a estabelecer relações de semelhanças e/ou diferenças, continuidades e/ou rupturas entre o passado colonial e o momento em que vivemos. Nessa perspectiva, o estudante constrói referências significativas para questionar como o respeito às diferenças e a tolerância têm se manifestado na sociedade em que vivemos. Essas reflexões, por sua vez, não podem excluir o autoquestionamento. Assim, a História pode contribuir significativamente para a formação de cidadãos mais tolerantes e preparados para conviver em uma sociedade multicultural. Do mesmo modo, reflexões sobre o preconceito e a discriminação sofridos pelos negros e afrodescendentes durante o período colonial brasileiro podem ser extremamente ricas na formação de valores nas aulas de História. O estudante pode ser convidado a discutir com sua turma as relações de continuidade e ruptura, semelhanças e diferenças entre o passado colonial brasileiro e o presente. Nesse contexto, pode se estabelecer um rico aprendizado de atitudes de defesa da igualdade entre os homens e combate ao preconceito e à discriminação étnica e racial.

Entretanto, a diferenciação dos elementos que integram esses três tipos de conteúdos é uma construção intelectual, pois o aprendizado de conceitos, procedimentos e atitudes não ocorre de forma compartimentada pelo indivíduo, mas, sim, de forma integrada. Cabe ressaltar que o desenvolvimento de atividades interdisciplinares pode potencializar o aprendizado desses conteúdos, na medida em que o aluno é levado a observar uma temática sob a perspectiva simultânea de diversas disciplinas. Além disso, pode perceber que entre os próprios professores o trabalho coletivo e a cooperação são também exercitados e transformam qualitativamente o processo ensino-aprendizagem (Silva; Porto, 2012, p. 37-40).

7. Por que e como avaliar?

Entendemos a avaliação como um registro contínuo e processual. A verificação dos conteúdos não deve ser considerada, como outrora, a parte mais importante do processo de ensino-aprendizagem. Se os procedimentos e atitudes são significativos no processo educativo, a avaliação, nesse contexto, passa a ser mais uma etapa além de possuir outra conotação diferente do pontuar ou reprovar. Passa a constituir um processo de acompanhamento múltiplo do processo de aprendizado de cada estudante.

Entendemos o processo avaliativo em suas dimensões diagnóstica, formativa e somativa. Cada uma delas contribui para ampliação do entendimento do que representa uma avaliação mais abrangente, que considera cada etapa do processo de ensino-aprendizagem. Tais dimensões estão assinaladas no cronograma anual e nos textos que se seguem. Todas as etapas e atividades tornam-se referências passíveis para compreensão das posturas, atitudes, comportamentos e graus de conhecimento dos(as) estudantes. Avaliar aqui é tomado no sentido de acompanhar, de verificar por comparação diária os progressos, as mudanças, as dificuldades no intuito de incentivar, promover e auxiliar os(as) estudantes constantemente. Diariamente você poderá fazer observações sobre a turma, acompanhando as fichas descritivas sobre os conteúdos

e disciplinas, a ficha de habilidades e competências, bem como também poderá organizar sua observação, construindo outros parâmetros sobre o processo educativo ao longo do ano letivo.

Os estudos em educação vêm demonstrando que a avaliação se torna referência mais significativa para educadores(as) e educandos(as) à medida que acontece durante o processo educacional, e não apenas na etapa final de uma jornada. Desse modo, a avaliação oferece referências para que estudantes e professor(a) reordenem, refaçam ou mantenham a mesma rota de acordo com os objetivos traçados. Vários teóricos apontam que a prática avaliativa não deve pautar-se por um modelo classificatório e rotulado dos(as) estudantes, e sim por sua função diagnóstica e mediadora no processo de desenvolvimento deles(as).

A avaliação não pode parar na constatação. É preciso dar sequência ao que se observa, fazendo intervenções para que o(a) estudante possa aprender mais e melhor (Hoffmann, 2000, p. 101). Hoffmann ainda defende que a avaliação deve ser um processo contínuo de acompanhamento das aprendizagens dos(as) estudantes para suscitar novas aprendizagens.

O processo avaliativo não deve esgotar-se nas formas de avaliação do(a) professor sobre os(as) estudantes. Nesse mecanismo podem e devem ser utilizadas alternativas em que o(a) estudante se autoavalia, o grupo avalia o(a) estudante, e vice-versa, e os pais e responsáveis avaliam o desenvolvimento das crianças. Além disso, em um modelo de avaliação proficiente, vários instrumentos para coleta de dados devem ser utilizados, a fim de permitir um enfoque em múltiplas perspectivas. Anotações do(a) professor(a) sobre o rendimento, as atitudes, entre elas o compromisso dos(as) estudantes, são muito importantes. Os processos de autoavaliação dos(as) estudantes são também estratégia bastante significativa.

Vista dessa forma, a ação de avaliar busca garantir a aprendizagem significativa e, conseqüentemente, o crescimento do indivíduo. O processo de avaliação torna-se parte integrante de todo trabalho educativo e corresponde aos objetivos e à prática definida pelo(a) professor(a) em conjunto com seus pares. Consiste na observação atenta, na análise contínua, pela comparação de resultados obtidos ao longo do desenvolvimento do(a) estudante. Nesse contexto, o(a) professor(a) reflete sobre a metodologia utilizada e replaneja seu trabalho, dando continuidade aos estudos ou refazendo algum momento da construção individual ou de grupos de estudantes. O "erro" nesse processo serve como indicador do que já se aprendeu e do que ainda se tem de aprender.

Segundo Luckesi (2011):

A avaliação da aprendizagem é um ato rigoroso de acompanhamento da aprendizagem do educando, ou seja, ela permite tomar conhecimento do que se aprendeu e do que não se aprendeu e reorientar o educando para que supere suas dificuldades e carências, na medida em que o que importa é aprender (Luckesi, 2011, p. 94).

É imprescindível que a avaliação contribua para que o(a) estudante se sinta capaz e valorizado(a) pelo(a) professor(a) e pelo grupo, independentemente de quaisquer diferenças relativas a linguagem, classe social, etnia, gênero, religião ou orientação política.

A utilização de instrumentos de avaliação variados, por sua vez, oferece dados ao(a) professor(a) que lhe permitem identificar o percurso já percorrido pelo(a) estudante, como ele(a) tem procurado resolver os proble-

mas apresentados, como formula hipóteses e expõe seus pontos de vista, se consegue escutar os colegas e falar de suas dúvidas, entre outras capacidades a serem construídas. Nessa perspectiva, torna-se mais fácil identificar as necessidades dos(as) estudantes e planejar mediações para sua contínua caminhada em direção à construção do conhecimento.

Entende-se por avaliação formativa o acompanhamento do processo de ensino e de aprendizagem, com monitoramento constante dos seus procedimentos, instrumentos pedagógicos, critérios de atuação docente, ações relativas ao aprendizado pelo(a) educando(a) e para sua tomada de consciência, os instrumentos de acompanhamento e avaliação utilizados pelos(as) docentes, entre outros aspectos.

Perrenoud (1999, p. 4) considera como "formativa toda prática de avaliação contínua que pretenda contribuir para melhorar as aprendizagens em curso, qualquer que seja o quadro e qualquer que seja a extensão concreta da diferenciação do ensino". Especificamente quanto ao processo de avaliação com vistas a identificar equívocos e dúvidas, dimensionar os avanços e necessidades do(a) estudante, conscientizá-lo(a) sobre o seu aprendizado, assim como reorientar as ações pedagógicas docentes, o autor ainda aponta que: "É formativa toda avaliação que ajuda o(a) estudante a aprender e a se desenvolver, ou melhor, que participa da regulação das aprendizagens e do desenvolvimento no sentido de um projeto educativo" (*ibidem*, p. 5).

Portanto, a avaliação formativa é o princípio que tem como objetivo apontar caminhos para o sucesso do(a) educando em seu aprendizado, considerando para tanto o acompanhamento e monitoramento de seus passos diante das práticas pedagógicas, ou, tal como foi sublinhado, a regulação desse processo.

Intimamente relacionado a esse sucesso e a essa necessidade de regulação encontra-se o processo de ensino, tendo em vista que os objetivos e intencionalidades pedagógicas, as práticas e todas as ações docentes repercutem no processo de aprendizagem do(a) educando.

Nesse sentido, é primordial o entendimento de que a aprendizagem:

- é um processo;
- é uma articulação entre a prática docente e o aprendizado discente;
- deve proporcionar a tomada de consciência dos sujeitos envolvidos;
- pressupõe a identificação dos problemas e redefine propostas pedagógicas com vistas à sua remediação;
- considera o indivíduo no seu processo individual de aprendizado e não somente como parte de uma turma, ou seja, além dos objetivos gerais pensados para o conjunto de estudantes, as particularidades e individualidades também devem ser consideradas;
- pressupõe uma diversidade de procedimentos, condutas, instrumentos e práticas pedagógicas para atingir um, dois ou quantos objetivos pedagógicos se fizerem necessários.

Para que a avaliação formativa se efetive e satisfaça sua finalidade, sugerimos alguns pontos que podem ser observados de forma concreta pelo(a) educador(a), de forma a atender aos seus pressupostos teóricos e às evidências oriundas das pesquisas sobre o tema.

Para desempenhar seu papel nesse processo, o(a) docente deve:

- elencar os diversos objetivos, levando em conta as orientações e os documentos curriculares oficiais, as demandas da turma, sem desconsiderar as particularidades, a infraestrutura da escola, entre outros;
- nomear intencionalidades pedagógicas e revisá-las periodicamente;
- estabelecer e instituir práticas pedagógicas para alcançar os objetivos propostos, diversificando instrumentos de ensino e formas de monitoramento do aprendizado;
- estabelecer mecanismos de acompanhamento para todo o processo de ensino-aprendizagem no cotidiano, considerando, de um lado, objetivos relacionados aos

conteúdos propostos, assim como atitudes e procedimentos (participação, questionamentos apresentados, cumprimento das atividades propostas, interação com os colegas, disponibilidade para ouvir e se pronunciar, interesse pelo conteúdo);

- disponibilizar-se para a resolução das dificuldades e entraves no processo de aprendizagem;
- cooperar para o sucesso do processo, considerando-se como partícipe dele.

Para facilitar o entendimento e a observação dos pressupostos fundamentais, criamos o diagrama a seguir:

Consideramos, assim, que no decorrer do ano letivo as etapas acima podem ser contempladas.

Avaliação formativa e ações para a regulação da aprendizagem do(a) estudante



Todas as regulações podem ser implementadas de forma concomitante, mesmo que sobressaiam momentos específicos nos quais cada etapa se verifique de forma mais proeminente. É preciso, portanto, considerar que as etapas descritas dialogam, interagem e não estão dissociadas. Além disso, podem e devem ser pensadas ao longo de toda a jornada de ensino e aprendizagem.

Sugerimos que a regulação proativa seja realizada sob a forma de anotações diárias, com registros que possam indicar dificuldades, dúvidas, imprecisões conceituais, mas também conhecimentos adquiridos e novas demandas. Você poderá construir um caderno de registro norteado pelos objetivos específicos delimitados e expressos no quadro de evolução sequencial dos conteúdos.

A partir do delineamento dos registros diários e dos resultados dos instrumentos de avaliação propostos, você poderá estabelecer ações de regulação retroativa, uma vez que já estará de posse das necessidades e demandas apresentadas pela turma. Para cada capítulo, você terá à sua disposição a tabela de orientação da avaliação formativa. Essa tabela se encontra ao final do volume e está organizada relacionando os conhecimentos e objetivos pedagógicos desenvolvidos associados às habilidades da BNCC.

A partir dela (tabela), você poderá criar outras ações de cunho remediador, implementando a regulação intera-

tiva, reorientando-se e estabelecendo novas práticas que se fizerem necessárias, cujo objetivo é proporcionar a remediação imediata dos problemas identificados. Algumas sugestões para tanto estão disponíveis nas orientações página a página deste Manual.

De toda sorte, é preciso considerar que a autorregulação pode ser estabelecida e estimulada ao longo de todo o processo de ensino, embora você possa criar critérios e momentos específicos para favorecer o processo de conscientização por parte dos(as) estudantes.

7.1 Avaliação diagnóstica e instruções para avaliação de resultados

Para empreender estratégias pedagógicas de forma assertiva, você poderá articular a avaliação diagnóstica, a avaliação formativa e a avaliação somativa.

A avaliação diagnóstica tem caráter prognóstico, ou seja, tenta prever e orientar o processo de ensino e aprendizagem, adequando, de forma realista, seus objetivos e propostas de trabalho às características, conhecimentos prévios, habilidades e demandas dos(as) estudantes. Ela pode ocorrer sempre que o(a) professor(a) sentir necessidade ou desejar, mas, comumente, é realizada no início de um ciclo letivo.

Assim, a avaliação diagnóstica permite

ao professor obviar dificuldades, recuperando aprendizagens que são fundamentais para a aquisição dos novos conhecimentos, mas também identificar situações em que os(as) estudantes já possuem conhecimentos sobre a temática a estudar, o que possibilita ao professor elaborar estratégias de enriquecimento, progredindo mais rapidamente no cumprimento do currículo. A avaliação diagnóstica permite verificar se os(as) estudantes já têm conhecimentos sobre a matéria que o professor vai lecionar, isto é, quais das aprendizagens que se assumem não conhecidas, mas que são dominadas pelos(as) estudantes (Martins, 2012, p. 11).

QUANDO FAZER:

- Ocorre de forma pontual — por exemplo, no início de cada ciclo de aprendizagem.

O QUE ELA INDICA:

- Indica conhecimentos prévios, pré-requisitos, níveis de formação e conhecimento, pontos fortes e fracos, habilidades, necessidades, etc.

OBJETIVOS:

- Definir e adequar objetivos de acordo com as demandas dos(as) estudantes e da turma no geral (perfil, possíveis dificuldades, habilidades, etc.).
- Oferecer elementos sobre os conhecimentos e habilidades (cognitivas, socioafetivas, linguagem e comunicação dos(as) estudantes para replanejamento).
- Visar à adequação de objetivos, ao desenvolvimento de habilidades, etc.

INSTRUMENTOS POSSÍVEIS PARA AVALIAÇÃO DIAGNÓSTICA:

- Atividades e exercícios, debates, leitura e interpretação de textos, consulta ao histórico escolar, entrevistas com os(as) estudantes, fichas e questionários, dados da turma, entre outros.

Os resultados da avaliação diagnóstica também podem ser oferecidos aos(as) estudantes como parte da regulação retroativa e do processo de tomada de consciência e estímulo ao aprendizado. No entanto, quando optar por fornecer-lhes, lembre-se de que são resultados parciais, contextualizados, variáveis, passíveis de alterações, e que servem como parte estimuladora do processo de aprendizagem, e não como sentença ou rótulo dos(as) estudantes, que estão em processo de formação e desenvolvimento.

Renan Ribeiro e Claudia Bovo (2013), coordenadores de uma pesquisa para formação de professores em História, ao analisar instrumentos de avaliação diagnóstica no processo de ensino e aprendizagem, sublinharam aspectos cruciais para pensar esse modelo de avaliação para a disciplina. Para os autores, a História não é acúmulo de informação. Ao contrário, a História como ferramenta instrutiva e formativa auxilia na construção de um pensamento autônomo, capaz de proporcionar ao(à) estudante meios para compreensão crítica da realidade, para “lidar com a diversidade cultural”, para problematizar conceitos e a realidade social. Tudo isso, ao se realizar como exercício de pensar historicamente, afasta o caráter memorizador tão equivocadamente associado à disciplina.

Mesmo que inserido(a) em um contexto social — como sujeito histórico, possuidor de conceitos, valores e visões de mundo —, aquele(a) que aprende a operacionalizar as ferramentas relacionadas a esse pensar historicamente exercita sua capacidade de distanciar-se de suas próprias referências ou valer-se delas de forma consciente para pensar e atuar sobre a realidade “desnaturalizando” os acontecimentos e processos históricos. Além disso, pensar historicamente envolve selecionar, organizar e problematizar sobre um tema e suas informações, refletir, refletir criticamente, criar hipóteses, analisar temporalmente, construir com embasamento um ponto de vista sobre o assunto ou tema.

Por tudo isso, pensar uma avaliação formativa e diagnóstica, sob a perspectiva da História escolar, é estabelecer parâmetros que não envolvam apenas a retenção de uma informação, a cópia ou memorização de uma referência temporal, de um evento, ou criar causalidade direta sobre os conteúdos da disciplina. Nesse contexto, é importante identificar quais habilidades se relacionam à tarefa de pensar historicamente, como, por exemplo, identificar, relacionar, comparar, criticar, problematizar, concluir, sintetizar, contextualizar, entre outras.

Assim, uma avaliação diagnóstica procura saber que ferramentas o indivíduo possui, precisa melhorar ou deve construir para a operação fundamental que é pensar historicamente. Como sugestão, indicamos alguns parâmetros sobre essa avaliação.

Na abertura de cada unidade, sugerimos que, por meio de roda de conversa, você, professor(a), complemente e atualize a sua avaliação diagnóstica. Nessa seção, há indicações de perguntas estimuladoras para a sondagem do conhecimento prévio e de outras características da turma e dos(as) estudantes em particular.

A seguir, indicamos também algumas referências e critérios que possam nortear você, professor(a), em suas observações nas atividades diagnósticas, sobretudo as que envolvam roda de conversa. Mas essa abordagem exemplificadora não esgota todas as possibilidades diagnósticas. Reflita, crie e adapte o que for necessário para atender a sua realidade escolar.



Chico Ferreira | Pulsar Imagens

Professor e estudantes da etnia Pataxó, sentados em círculo durante aula do 2º ano do Ensino Fundamental, Escola Indígena Pataxó Coroa Vermelha, Santa Cruz Cabrália, Bahia, 2024.

7.2. Expressão oral (roda de conversa, seminários, debates)

CrITÉrios individuais	Sim	Parcial	Não	Observações
Fala de forma adequada, objetiva, audível, com pronúncia correta das palavras?				
Sabe ouvir e falar, esperando sua vez de pronunciar-se?				
Formula argumentos coerentes a partir da escuta dos colegas?				
Apresenta dificuldades específicas? Quais?				
Possui imprecisões ou equívocos conceituais sobre os conteúdos trabalhados?				
Relaciona os assuntos trabalhados com assuntos e temas que lhe são familiares?				
Retém informações, conceitos e aspectos essenciais das mensagens apresentadas?				
Demonstra interesse, predisposição e outros elementos relativos aos assuntos em questão?				
Conhece parcialmente ou apresenta familiaridade com o tema?				
Conhece o assunto trabalhado?				
Questiona, compara, relaciona, sintetiza ideias e conceitos associados ao tema trabalhado?				

7.2.1. Algumas sugestões para interpretação dos resultados

Os resultados provenientes de sua observação devem nortear seu trabalho, e por isso você, professor(a), deve ser atento(a) e cuidadoso(a) ao registrá-los. Lembre-se de que as anotações específicas de cada atividade auxiliam no processo de forma estratégica. Além da avaliação da turma, a cada etapa todos(as) os(as) estudantes precisam ser avaliados individualmente, considerando suas trajetórias específicas.

Esses resultados são orientadores; portanto, não são definitivos, porque a partir deles você poderá atuar de maneira mais estratégica, visando à melhoria dos processos de ensino e aprendizagem.

A partir das evidências apresentadas nessa análise, você poderá montar um mapa da turma, com critérios a serem redefinidos.

Por exemplo: se a turma apresenta muitos(as) estudantes com dificuldades de expressão escrita, as atividades e estratégias pedagógicas voltadas para atender a essa demanda podem ser privilegiadas ou mesmo adaptadas, visando ao seu desenvolvimento. Ainda assim, mesmo que haja um aspecto recorrente de dificuldades, você não deve negligenciá-lo se um(a) ou dois(duas) estudantes o apresentarem. Para casos menos recorrentes de dificuldades, por exemplo, você poderá traçar atividades específicas voltadas a esse grupo de estudantes.

Por fim, cabe reiterar que, em cada nova etapa, suas anotações devem ser retomadas para subsidiar a análise do desenvolvimento de cada estudante, buscando compreendê-lo(a) na sua individualidade e em relação à turma.

7.3. Propostas de relatórios e indicadores do acompanhamento da aprendizagem

Inicialmente, salientamos a importância de compreendermos a avaliação escolar nas suas diferentes modalidades para, a partir da compreensão de seus conceitos, implementar propostas de relatórios e indicadores do acompanhamento da aprendizagem.

É imprescindível que a avaliação seja considerada como uma prática processual e se processe de forma contínua, dinâmica e progressiva, ou seja, que seja formativa. Assim, defendemos a ideia de uma avaliação que acompanhe todo o processo de ensino e aprendizagem, tanto no que se refere ao que é aprendido por professores(as) e estudantes, quanto no que diz respeito à forma e à prática pedagógica por parte do(a) professor(a).

A todo momento, é preciso avaliar o processo, indo além do conteúdo da própria disciplina, promovendo e acompanhando o desenvolvimento de qualidades inerentes ao ser humano, tais como respeito, comprometimento e solidariedade, bons hábitos e atitudes que contribuam para seu crescimento pessoal e seu convívio social.

7.4. Por que uma avaliação formativa?

Na avaliação formativa, o(a) professor(a) assume papel transformador e, ao mesmo tempo, reflexivo no processo educacional, tendo a possibilidade de analisar e melhorar o sistema de aprendizagem dos(as) estudantes assim como seu próprio modo de ensinar. Para tanto, você poderá adotar medidas de planejamento para o processo educacional, tais como:

- criar e implementar atividades de cunho diagnóstico, verificando aspectos acerca do conhecimento prévio, dúvidas, equívocos, entre outros;

- estabelecer objetivos, levando em conta as orientações dos documentos oficiais e o currículo da escola, as demandas da turma e as particularidades individuais no coletivo, a infraestrutura da escola, entre outros;
- estabelecer e instituir práticas pedagógicas para alcançar os objetivos propostos, diversificando instrumentos de ensino e monitoramento do aprendizado;
- nomear intencionalidades pedagógicas e revisá-las periodicamente;
- dar retornos positivos e estimuladores ao(a) estudante, bem como orientá-lo(a) a fazer sua autoavaliação;
- viabilizar a coleta e o registro de evidências a cada atividade formativa e oferecer uma comunicação clara e efetiva com os gestores, pais e tutores dos(as) estudantes;
- permitir que o(a) estudante seja cada vez mais protagonista de sua aprendizagem e que sua prática didática seja sempre mais efetiva, cooperando para o sucesso do processo e considerando-se como partícipe dele;
- estabelecer mecanismos de acompanhamento para todo o processo de ensino e aprendizagem no cotidiano, considerando objetivos relacionados aos conteúdos propostos, assim como atitudes e procedimentos (participação, intervenções com dúvidas, cumprimento das atividades propostas, interação com os colegas, disponibilidade para ouvir e se pronunciar, interesse pelo conteúdo, entre outros).

Nessa perspectiva, os instrumentos de avaliação podem favorecer o(a) professor(a) na identificação do percurso já percorrido pelo(a) estudante, como ele(a) tem procurado resolver os problemas apresentados, como formula hipóteses e expõe seus pontos de vista e, ainda, se consegue escutar os(as) colegas e falar de suas dúvidas. Os referidos instrumentos devem mostrar ao(a) estudante seus avanços durante o processo de aprendizagem, nos diferentes aspectos do desenvolvimento. Assim, os registros de cada um(a) vão se delineando ao longo do processo e devem, sempre que necessário, sofrer adequações, respeitando-se, principalmente, o trabalho que efetivamente está sendo realizado, acentuando a perspectiva de compreensão progressiva na construção do conhecimento.

Apresentaremos, a seguir, alguns aspectos que consideramos fundamentais para uma avaliação em História. Evidentemente, cada professor(a) deve adaptá-los a seu contexto educacional e à realidade dos(as) estudantes (faixa etária, capacidades e possibilidades, nível de desenvolvimento, entre outros). Portanto, a sugestão apresentada perderá sentido se adotada como modelo fixo, negando a perspectiva de reflexão sobre o significado da prática educativa.

Sugerimos que os registros no relatório do(a) estudante contemplem itens como:

- incorporação gradativa de conceitos construídos pela História e sua utilização em situações do cotidiano pelo(a) estudante;
- interação do(a) estudante com colegas e com o(a) professor(a);
- coleta de informações de temas referentes ao conhecimento histórico pelo(a) estudante e sua interpretação de dados com base em observações próprias;
- diferentes formas de registro (desenhos, recortes e colagens, textos, entre outras) feitas pelo(a) estudante ao expressar suas ideias individuais ou coletivas em relação aos conceitos em processo de elaboração;

- atitudes manifestadas pelo(a) estudante dentro e fora da sala de aula e que expressam seus sentimentos diante da sociedade, da natureza;
- nível de envolvimento do(a) estudante nas discussões em sala e a realização das atividades propostas;
- interesse expresso em pesquisar, investigar e questionar no decorrer do processo de ensino-aprendizagem;
- atitudes reflexivas, a criatividade e a originalidade na solução de problemas;
- capacidade de selecionar e usar informações ao produzir suas explicações e conclusões;
- uso de vocabulário apropriado e a pertinência de ideias ao verbalizar e redigir;
- compreensão do que está sendo lido, expressando ideias e opiniões próprias, em linguagem escrita ou desenhos, de forma clara e coerente;
- utilização dos conhecimentos na solução de problemas propostos;
- interpretação de situações determinadas utilizando informações, conceitos, procedimentos ou atitudes que são objeto de discussão e aprendizagem;
- apresentação de uma atitude positiva quanto à conservação dos patrimônios cultural e natural.

É fundamental que o(a) docente construa uma forma de registrar o desenvolvimento de cada estudante. Esse registro deve conter aspectos que contemplem o trabalho que está sendo desenvolvido e que possibilitem ao(a) professor(a) ter a memória de cada estudante, o que servirá para acompanhamento deste(a) em todo o percurso — individualmente e dentro do grupo maior, ou seja, da turma na qual está inserido(a).

7.5. Em que consiste uma avaliação diagnóstica?

Como dito anteriormente, a avaliação diagnóstica tem caráter prognóstico, ou seja, tenta identificar conhecimentos, equívocos, níveis de aprendizagem e necessidades específicas tendo como parâmetro os objetivos e as habilidades definidas. Objetiva, portanto, direcionar o processo de ensino e aprendizagem, adequando-o de forma realista. Permite-nos também entender em que ponto da aprendizagem o(a) estudante se encontra, assim como possibilita vislumbrar e analisar se os objetivos e práticas pedagógicas são adequados às demandas da turma.

Assim, a avaliação diagnóstica propicia ao(a) professor(a) conhecer melhor seus(as) estudantes individualmente (dificuldades, aprendizagens, predisposição para a aquisição dos novos conhecimentos, conhecimentos sobre o assunto objeto de estudo, etc.). Em consequência, torna-se possível elaborar melhores estratégias de enriquecimento da aprendizagem.

Há diversas formas de empreender uma avaliação diagnóstica. Uma seria a roda de conversa, por meio de perguntas instigadoras que permitam a sondagem do conhecimento prévio e de outras características da turma e individuais.

Outras atividades podem ser empreendidas, a exemplo de questionários (perguntas e respostas), produção, leitura e interpretação de textos. Esses recursos são orientadores, portanto, podem ser tomados de forma definitiva. É a partir deles e das evidências analisadas que você poderá atuar de maneira mais estratégica, visando à melhoria dos processos de ensino e aprendizagem, por meio da montagem de um mapa da turma com critérios a serem redefinidos.

Mas é imperativo compreender a avaliação diagnóstica como mais uma etapa ou parte de um processo sistemático de avaliação. Ou seja, ela orienta o processo de ensino e aprendizagem, mas em todos os momentos esse processo precisa ser analisado, repensado, a fim de contribuir de forma efetiva para a ampliação de conhecimentos, habilidades, para a formação humana afinal.

Sugerimos que, a cada nova etapa, cada aspecto seja retomado para análise do desenvolvimento do(a) estudante, buscando-se compreendê-lo(a) em sua individualidade e coletivamente.

7.6. Avaliação de resultado ou somativa

A avaliação somativa constitui mais uma etapa do processo de avaliação formativa. Tem como objetivo mensurar a eficácia do processo de ensino-aprendizagem, devendo abordar o conteúdo que você se propôs a apresentar aos(as) estudantes ao final de determinado período.

Nesta etapa, podem ser aplicados outros instrumentos de avaliação, cujo objetivo é identificar e analisar o nível de aprendizagem alcançado pelos(as) estudantes ao final de determinada etapa de ensino. Como forma de mensurar esse aprendizado, pode-se atribuir uma nota e/ou conceito — o que significa que a avaliação somativa tem caráter quantitativo.

Entre as atividades que podem constituir instrumentos de avaliação, podemos citar: entrevistas, pesquisas, construção de modelos, trabalhos de campo, registros de observações ou outras produções escritas, atividades realizadas individual e/ou coletivamente que permitam aferir aspectos relacionados ao aprendizado, assim como aferir as práticas implementadas pelo(a) professor(a).

Outros aspectos são igualmente relevantes nessa etapa, quais sejam: postura crítica e reflexiva diante dos temas abordados, capacidade de raciocínio lógico, espírito investigativo, solidariedade, essenciais à sua cidadania.

Naturalmente, cada professor(a) deve adaptá-los ao seu contexto educacional e à realidade dos(as) estudantes (faixa etária, capacidades e possibilidades, nível de desenvolvimento, entre outros). Portanto, mais uma vez, as sugestões apresentadas perderão sentido se adotadas como modelo rígido, negando a perspectiva de reflexão sobre o significado da prática educativa.

Esse tipo de avaliação constitui parte do processo de avaliação e, inserido em uma perspectiva mais abrangente, fornece também elementos significativos para compreender o desenvolvimento dos(as) estudantes. Baseia-se em rendimento alcançado versus objetivos previstos. Sob tal perspectiva, a avaliação somativa passa a constituir mais um aspecto da avaliação.

No final de cada volume, apresentamos uma sugestão de avaliação somativa para que você possa mensurar a eficácia do ensino-aprendizagem do ano letivo.

7.7. Por que relatórios e indicadores do acompanhamento da aprendizagem?

Conforme destacamos anteriormente, uma abordagem de avaliação formativa pode ser descrita e decodificada em relatórios de avaliação da aprendizagem que vão além da classificação do(a) estudante e da expressão do resultado individual por meio de notas. Diferentemente das provas, que somente avaliam aspectos quantitativos, os relatórios permitem avaliar qualitativamente todo o processo de ensino e aprendizagem, tanto individual quanto coletivamente.

Sugerimos que sejam feitas anotações diárias, com registros que possam indicar dificuldades, dúvidas, imprecisões conceituais, mas também conhecimentos adquiridos e novas demandas. Você poderá construir um caderno de registro norteado pelos objetivos específicos delimitados e expressos no quadro de evolução sequencial dos conteúdos. A partir do delineamento desses registros e dos resultados dos instrumentos de avaliação propostos, você poderá fazer o relatório de acompanhamento individual de cada estudante e o levantamento de indicadores de aprendizagem que permitam estabelecer ações de regulação retroativa, uma vez que já estará de posse das necessidades e demandas apresentadas pela turma.

Um relatório de avaliação da aprendizagem é um registro da trajetória de aprendizagem. Os relatórios contribuem para a compreensão dos processos de ensino e de aprendizagem, por isso não devem oferecer apenas informações quantitativas em gráficos e estatísticas. Eles devem contribuir significativamente para que a equipe gestora e docente possa avaliar aspectos relevantes concernentes a escolhas e objetivos, práticas pedagógicas, envolvimento dos(as) estudantes, dificuldades e avanços. Dessa forma, eles contribuirão para as reuniões do conselho de classe e atendimento aos pais ou responsáveis.

Assim, podemos destacar alguns motivos que justificam e ressaltam a importância do uso do relatório, a saber:

- permitir ao(à) educador(a) analisar e refletir sobre a trajetória percorrida e os procedimentos adotados;
- levantar os conhecimentos prévios do(a) estudante, bem como se deu todo o processo de construção do conhecimento, sua reflexão e sistematização;
- indicar as intervenções realizadas para que o objetivo fosse atingido e o resultado, alcançado;
- oferecer informações que possibilitem à escola e à família melhor compreenderem as necessidades do(a) estudante e como ajudá-lo(a) no planejamento de intervenções mais efetivas;
- proporcionar à escola o entendimento do perfil das turmas, adaptando seu planejamento de modo que o ensino seja mais efetivo e significativo.

Sublinhamos que, assim como as demais etapas do processo de avaliação formativa, as escolhas para dar visibilidade às informações no relatório devem ser também refletidas e definidas por objetivos claros, tais como:

- Essa informação é relevante ao progresso do(a) estudante?
- Essa informação é capaz de orientar ou reorientar ações pedagógicas mais assertivas?

Inúmeras outras questões podem direcionar a forma e o conteúdo de apresentação dos relatórios. Não se esqueça ainda de fundamentar a divulgação das informações sob os imperativos dos critérios relacionados aos "direitos das crianças", da inclusão, não discriminação, diferenciação, equidade, além de dignidade, cuidado e privacidade.

7.7.1 Quando, como e o que deve constar em um relatório de acompanhamento escolar?

Os relatórios de acompanhamento, geralmente, são elaborados com dados coletados a partir de anotações e dados de fichas avaliativas preenchidas dentro de um prazo preestabelecido, de acordo com a proposta de cada escola, que pode optar por bimestres, trimestres ou até mesmo semestres. Cada relatório deve ser apresentado

somente com informações do período avaliado, e os dados de relatórios anteriores devem ser consultados quando se fizer necessário.

Esses documentos devem ser elaborados com informações objetivas, como frases curtas, linguagem clara, que expressem efetivamente as informações indispensáveis. É comum que a própria escola já tenha modelos que orientem o(a) professor(a) na construção dos relatórios. Ainda assim, vamos sugerir, a seguir, alguns dados que consideramos necessários nessa elaboração:

- objetivos, habilidades e conteúdos abordados no período;
- conhecimentos prévios apresentados pelo(a) estudante sobre o objeto de estudo abordado;

- intervenções realizadas no período e resultados alcançados;
- resultados obtidos em avaliações formais realizadas;
- observações relevantes quanto à postura e ao desempenho do(a) estudante dentro do período: avanços e dificuldades apresentadas, diferentes formas de expressão;
- situação do(a) estudante em relação ao grupo.

Veja, no quadro seguinte, aspectos formativos e competências que consideramos importante avaliar em uma perspectiva de avaliação formativa. Os dados coletados a partir dele podem ser usados ou adaptados por ocasião da elaboração dos relatórios, quando pertinentes, e selecionados de acordo com o ano escolar e cada realidade.

Quanto aos conteúdos procedimentais e atitudinais	Sim	Parcial	Não	Observações
Formula argumentos coerentes a partir da escuta dos(as) colegas?				
Presta atenção e compreende os assuntos trabalhados?				
Usa diferentes formas de registro (desenhos, recortes e colagens, textos, entre outras) ao expressar suas ideias individuais ou coletivas em relação aos conceitos em processo de elaboração?				
Questiona, compara, relaciona, sintetiza ideias e conceitos associados ao tema trabalhado?				
Manifesta atitudes positivas dentro e fora da sala de aula e expressa seus sentimentos?				
Apresenta atitude positiva quanto à conservação e à proteção dos patrimônios cultural e natural?				
Expressa interesse em pesquisar, investigar e questionar no decorrer do processo de ensino-aprendizagem?				
Demonstra atitudes reflexivas, criatividade e originalidade na solução de problemas?				
Demonstra capacidade de selecionar e usar informações ao produzir suas explicações e conclusões?				
Usa vocabulário apropriado e sabe expor as ideias ao verbalizar e redigir?				
Utiliza os conhecimentos na solução de problemas propostos?				

8. A disciplina História e a Alfabetização

Em um artigo acadêmico, Ilmar Rohloff Mattos (2006) discutiu a definição da aula como um texto. Historiadores(as) que contam uma narrativa, uma história, professores(as) em salas de aula, ambos elaboram narrativas sobre o conhecimento histórico que configuram textos a serem lidos e compreendidos. A cada aula um novo texto. Quem os escreve e quem os lê?

No espaço da sala de aula, a História, ao ser ensinada, é disposta, segundo a lógica do artigo referido, como um texto dado a ler. Nesse espaço, onde a disciplina as-

sume contornos e é permeada por objetivos específicos da História escolar, com seleções e adaptações de conteúdos, habilidades a serem desenvolvidas em cada etapa e para cada faixa de desenvolvimento, a aula apresenta-se como um conteúdo/texto dado a ler e a ser compreendido. Os(As) estudantes seriam leitores desse conteúdo apresentado.

Podemos acrescentar à riqueza desta etapa ainda outros aspectos. Se a aula é um texto, sublinhamos, como Chartier (1996), que um texto só se define na prática da leitura, ou seja, na compreensão e atribuição dos múltiplos sentidos dados pelo(a) leitor(a) ou leitores(as). Mas devemos ir além, afinal, na sala de aula, a História escolar está inserida em um contexto de criação, ou melhor, em

um contexto de produção do conhecimento. O(A) estudante não assimila o conteúdo “fornecido” pelo(a) professor(a), antes constrói conhecimento na relação com o(a) professor(a), com o conteúdo em um contexto escolar.

Todo o universo em que se insere esse tipo de ensino, desde a estrutura da escola, as escolhas pedagógicas (currículo, práticas, ações didáticas), até à realização das atividades e avaliações formais, tudo o que ocorre e que diz respeito ao contexto escolar participa, de uma forma ou de outra, do processo de ensino, do aprendizado e da construção do conhecimento. Dessa maneira, os(as) estudantes, como os(as) professores(as), são ao mesmo tempo autores(as) e leitores(as), porque constroem sentidos, participam da construção do conhecimento e são agentes do seu próprio processo de aprendizado, dialogam com os conteúdos abordados e trabalhados nas salas de aula, entre tantos outros aspectos.

Como sublinharam Rocha, Magalhães e Gontijo (2009):

A aula de história como texto é criação individual e coletiva a um só tempo; criação sempre em curso, que permanentemente renova um objeto de ensino em decorrência de novas leituras, de outras experiências vividas, da chegada de novos(as) estudantes, dos encontros acadêmicos e das conversas com os colegas de ofício, do surgimento de novos manuais didáticos, das decisões emanadas das instâncias educacionais e das questões, dos desafios e das expectativas geradas pelo movimento do mundo no qual vivemos, em sua dimensão local ou global. Mas o seu renovar permanente é sobretudo o resultado da prática cotidiana do ensino-aprendizagem de nossa disciplina; e porque o professor de história disto tem consciência é que se torna possível a aula como texto (Rocha; Magalhães; Gontijo, 2009, p. 14).

A imagem da aula de História como um texto pode ser aqui evocada ainda como metáfora da sua participação imprescindível no processo de alfabetização dos(as) estudantes.

A relação da escrita com o ensino de História é questão de ordem fundamental. Na BNCC, dois aspectos relacionados à configuração da História como disciplina escolar auxiliam-nos a refletir um pouco mais acerca da importância da leitura e escrita para o seu aprendizado e, mais do que isso, para sua compreensão. Entre eles: a observância da interpretação como ferramenta (no sentido de que contribui para o domínio da compreensão dos textos), mas, ao mesmo tempo, para a sua formação, uma vez que a História é disciplina que predispõe à leitura de significados, de suportes e documentos diversificados (“objetos, obras literárias, artísticas ou de mitos”), o que gera, por sua vez, ampliação do universo de significados de mundo.

Como está salientado no mesmo documento, a História é uma disciplina que deve propiciar “autonomia de pensamento” e “formação de pensamento crítico”. Ambas as perspectivas se coadunam com a ideia de que a alfabetização é, ao mesmo tempo, recurso e objetivo para a História como disciplina escolar.

A História contribui sistematicamente para a aquisição de habilidades relacionadas à escrita, à leitura e à compreensão de textos (imagens, livros, obras de arte, etc.). Em diálogo com a disciplina de Língua Portuguesa, a História colabora no processo de alfabetização e fornece subsídios para o seu desenvolvimento.

Da mesma maneira, a História também concorre para a aquisição de referências e habilidades relativas ao desenvolvimento do letramento matemático, tal como expresso na BNCC, que nos remete ao significado e à im-

portância da compreensão das ordens cronológicas, por exemplo, além de outros signos referentes à matemática (referências temporais, solução de problemas, etc.). Nessa perspectiva, aponta o documento oficial a sua contribuição para ela:

Nesse sentido, a História depende das linguagens com as quais os seres humanos se comunicam, entram em conflito e negociam. A existência de diferentes linguagens pode ser explicada pela análise, por exemplo, de sistemas numéricos utilizados por distintas culturas. Compreender a enorme variedade de sistemas (com base um, com base dois, com base dez etc.) é um bom exercício, assim como refletir sobre as ideias de adição, subtração, multiplicação e divisão, evitando um olhar universalizante para os números. Em determinadas culturas, o número usado para contar seres humanos pode ser diferente do número que se usa para contar mandiocas, como acontece com os membros da etnia palikur. O que isso significa? Se na tradição de matriz grega, a unidade é o um (1), para muitos povos indígenas originários, a unidade é o dois (2). Para os xavantes, por exemplo, a ideia de paridade é um princípio ordenador, pois em torno dela existe uma espécie de modelagem do mundo. Identificar essas diferenças significa tomar consciência de que existem várias formas de apreensão da realidade (Brasil, 2018, p. 403).

Já a BNCC evoca a relação da alfabetização com a História escolar, quando:

- salienta sua participação como disciplina formadora e destaca seu papel de articulação no ensino – “Elaborar questionamentos, hipóteses, argumentos e proposições em relação a documentos, interpretações e contextos históricos específicos, recorrendo a diferentes linguagens e mídias, exercitando a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos, a cooperação e o respeito” (Brasil, 2018, p. 402);
- e quando sublinha seu desdobramento para a perspectiva cidadã: “Aprender a identificar códigos variados é tarefa necessária para o desenvolvimento da cognição, comunicação e socialização, competências essenciais para o viver em sociedade” (Brasil, 2018, p. 404).

Nesse sentido, as habilidades a serem desenvolvidas no processo de alfabetização estão em sintonia com os pressupostos da História escolar.

Para que você, por meio de estratégias pedagógicas, possa auxiliar em todo o processo de desenvolvimento, sugerimos que observe, identifique, mapeie e analise o percurso dos(as) estudantes no que se refere às habilidades e aos conhecimentos específicos que contribuem para o processo de alfabetização do 3º ao 5º ano do Ensino Fundamental I e sua respectiva consolidação nas séries seguintes.

Destacamos, ao longo do Manual, algumas das habilidades a serem desenvolvidas e indicadas pela BNCC para o ensino da Língua Portuguesa e que estão em consonância com as habilidades e atividades propostas no livro de História. Ao longo da coleção, essas habilidades vão progredindo, tendo em vista a ampliação do repertório de conhecimento e as demais habilidades propostas para cada etapa e ano escolar.

Assim, como forma de contribuir para o desenvolvimento da alfabetização, neste Manual sinalizamos, nos momentos oportunos, as habilidades direcionadoras das atividades e propostas em cada volume.

Sugerimos, contudo, que você incentive as crianças e verifique os registros escritos feitos por elas, assim como observe se há ritmo e entonação na leitura oral. Observe

também se compreendem os conteúdos e as informações lidas (ou com que tiveram contato pela escuta).

Entre as diversas atividades com as quais a História contribui de forma sistemática para a aquisição das habilidades estão: leitura de textos, identificação de letras, palavras e sons em palavras destacadas nos textos propostos, proposição de leitura em voz alta, leitura coletiva, troca de ideias em roda de conversa, aquisição de vocabulário com atribuição de significados, observação de sentido e direção da escrita, entre outras.

Ao longo das orientações deste Manual, você encontrará observações específicas relacionadas aos objetivos da disciplina, às habilidades propostas na BNCC e aos critérios para a alfabetização. Encontrará também: sugestões relativas à etapa de desenvolvimento das habilidades propostas pela BNCC para a disciplina História; objetivos específicos e algumas sugestões referentes ao acompanhamento do processo de ensino-aprendizagem; coleta e análise de informações quanto às possíveis remediações a serem realizadas; e estratégias auxiliares para diversificar a prática pedagógica para que você tenha diversidade de estratégias e instrumentos pedagógicos. Adapte-os às demandas e necessidades da sua turma.

9. Algumas considerações acerca das Leis nº 10.639/03 e nº 11.645/08 e sobre o ensino de história africana, história e cultura afro-brasileira e história indígena nas salas de aula

Na apresentação do primeiro volume de “História Geral da África”, Joseph Ki-Zerbo asseverava: “A África tem uma história”. A afirmação representava uma crítica, entre as diversas existentes, ao desconhecimento, silenciamento e equívocos a respeito do continente africano.

Em 2024, Ynaê Lopes dos Santos advertiu que o pensamento ocidental se convencionou como supostamente “civilizado” e “superior” e, como o pensamento eurocêntrico, promoveu a ideia de que na África não houve desenvolvimento de uma história (Santos, 2024, p. 10).

O maior desdobramento desses desígnios foi, sem dúvida, um desconhecimento profundo sobre o continente e sua diversidade cultural, somado à estigmatização recorrente. Essas observações são fundamentais para que possamos compreender por que durante tanto tempo o conhecimento sobre o continente africano — principalmente sobre sua história e toda a sua produção tecnológica, científica e cultural — ficou marginalizado, menosprezado e apagado nos livros de História. As diferentes histórias, línguas, tradições, tanto no passado quanto no presente, devem, portanto, receber atenção e ser abordadas nas salas de aula como parte da história da humanidade e do currículo da História escolar.

Nas décadas mais recentes, múltiplos estudos e pesquisas têm combatido os estereótipos, os equívocos e a ignorância sobre a história e a cultura africana. A Lei nº 10.639/03 tem sido expressão da necessidade e da urgência de se combaterem esses equívocos e um passo importante para romper com essas perspectivas, mas é preciso ressaltar que ela é fruto também da luta e reivindicação histórica do movimento negro no Brasil. Após mais de 20 anos dessa orientação legal, ainda persistem desafios tanto quanto novas possibilidades de trabalho nas escolas.

Nesta coleção procuramos contemplar aspectos e conteúdos que valorizam e promovem o interesse das crianças por temáticas que as levem a se interessar, pesquisar e saber mais sobre a história africana e a história e cultura afro-brasileira. Entre os conteúdos abordados ao longo da obra estão a diversidade cultural dos povos africanos, os conhecimentos, tecnologias e saberes ancestrais produzidos naquele continente, as migrações dos primeiros seres humanos que têm como ponto de partida o continente africano, os sítios arqueológicos africanos, a relação das histórias africanas com a história e cultura brasileira, lugares de memória, pessoas e memórias, entre tantos outros aspectos.

É importante dizer que a história da África ou sua herança cultural no Brasil não foi tomada de maneira isolada na coleção, mas como parte integrada aos demais conteúdos, considerando sua transversalidade e importância.

Como forma de promover a reflexão do(a) professor(a) no que tange à prática docente com esse conteúdo, no trabalho em sala de aula sugerimos atentar para os seguintes aspectos:

- Considerar que a África tem histórias a serem conhecidas, sobre as quais existem diferentes produções e narrativas;
- Conhecer a África, valorizar as narrativas e narradores(as) africanos(as), promover o conhecimento sem adotar os parâmetros eurocêntricos;
- Valorizar a contribuição africana para a história universal;
- Conhecer e promover o conhecimento sobre a diversidade cultural africana;
- Romper e problematizar estereótipos sobre o continente africano veiculados na mídia e em produções cinematográficas;
- Problematizar diferentes perspectivas colonizadoras no ensino de História;
- Visibilizar pessoas africanas, ou descendentes, como atores e sujeitos sociais;
- Conhecer, ampliar e promover o conhecimento sobre povos, origens, línguas e diferentes manifestações culturais africanas e afro-brasileiras;
- Reconhecer e valorizar a herança africana na história e cultura brasileira;
- Pesquisar, identificar e promover diferentes elementos que permeiam as relações histórico-culturais-políticas entre Brasil e África no passado e no presente;
- Reconhecer a diversidade cultural brasileira e sua herança africana, respeitando e promovendo as diferentes identidades;
- Guardar rigor histórico e cuidado com as fontes;
- Trabalhar outros temas e assuntos que não se restringem à escravidão no Brasil ou à escravização de povos africanos trazidos para o Brasil;
- Reconhecer e respeitar a dinâmica complexa das relações sociais e identidades;
- Divulgar e dar a conhecer o movimento de luta dos movimentos sociais — no caso, o movimento negro;
- Problematizar o mito da democracia racial no Brasil;
- Repudiar e incentivar o repúdio às práticas e comportamentos racistas em sala de aula e na sociedade;
- Promover ensino de História a partir de práticas antirracistas.

A Lei nº 11.645/08 trouxe a obrigatoriedade do ensino de história e cultura dos povos indígenas. Essa legislação também é fruto da luta histórica dos movimentos sociais indígenas.

Nos livros de História e na historiografia brasileira, a história indígena foi igualmente distorcida, manipulada pelo viés e preponderância do pensamento eurocêntrico. O ensino de História foi marcado por narrativas que veiculavam os povos originários como exóticos ou “atrasados”, desconsiderando sua produção cultural, seus conhecimentos e tecnologias ancestrais.

Um ensino de História comprometido com uma prática antirracista deve estar alinhado com a urgência de promover também a história dos povos nativos, reconhecendo sua importância e igualmente rompendo com equívocos.

Deve valer-se, pois, dos princípios do próprio conhecimento histórico, razão pela qual propomos que sua prática esteja alicerçada em objetivos tais como:

- Conhecer, respeitar e valorizar os conhecimentos indígenas e sua diversidade cultural;
- Problematicar fontes e narrativas que não estão alinhadas ao respeito à identidade cultural indígena;
- Visibilizar pessoas indígenas;
- Problematicar e repudiar práticas de preconceito e discriminação;
- Reconhecer os povos indígenas como sujeitos históricos;
- Perceber e valorizar as narrativas das pessoas indígenas;
- Não generalizar os conhecimentos e manifestações culturais indígenas;
- Reconhecer suas dinâmicas com o território e com o meio ambiente;
- Reconhecer os povos originários como parte da população brasileira;
- Divulgar e dar a conhecer o movimento de luta dos movimentos sociais — no caso, o movimento indígena.

Evidentemente, foram levantados aqui aspectos relacionados a uma prática reflexiva. Mas é imprescindível que você busque ampliar cada vez mais seus conhecimentos e aprimorar suas práticas pedagógicas tendo sempre como parâmetros os critérios para uma escola democrática, antirracista, inclusiva e plural.

Conforme a realidade escolar e a turma, novas perspectivas de trabalho podem ser viabilizadas. O trabalho de construção da prática docente, assim como do aprendizado, é construído dia a dia, o que exige rigor, dedicação, estudo e autorreflexão.

Como parte de sua reflexão metodológica, procure dialogar com a comunidade escolar. Aproxime-se de outros(as) profissionais e outros atores desse grande sistema, bem como das famílias dos(as) estudantes. Crie laços e projetos com culminâncias que os(as) envolvam.

Na sala de aula, lembre-se de que todos os sujeitos envolvidos no processo de aprendizado são também sujeitos históricos, participantes do processo e da dinâmica social em curso, com experiências e expectativas.

Por isso, em seus objetivos, em sua autorreflexão pedagógica, não se esqueça de incluir-se a si mesmo(a), contextualizando sua experiência; tampouco se esqueça de incluir as demandas da turma e da comunidade em que sua prática esteja inscrita.

9.1 Sugestões de leitura para subsidiar seus estudos

ABREU, M.; SOHIET, R. **Ensino de História: Conceitos, temáticas e metodologia**. Rio de Janeiro: FAPERJ/Casa da Palavra, 2003.

BENVENUTI, Juçara; BERGAMASCHI, Maria Aparecida; MARQUES, Tania Beatriz Iwaszko (Orgs.). **Educação Indígena sob o ponto de vista de seus protagonistas**. Porto Alegre: Evangraf, 2013. p. 27-41.

BRASIL. **Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003**. Dispõe sobre a obrigatoriedade do ensino de história e cultura africana nas escolas públicas. Brasília: MEC/Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial/Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2003.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana**. Brasília: MEC, 2004.

CARINE, Bárbara. **História preta das coisas**. Rio de Janeiro: LF Editorial, 2021.

FELINTO, Renata (Org.). **Culturas africanas e afro-brasileiras em sala de aula: saberes para os professores, fazeres para os alunos**. Belo Horizonte: Fino Traço, 2012.

GOBBI, Izabel. O que os livros didáticos dizem sobre os povos indígenas. In: TASSINARI, Antonella M. I.; GRANADO, Beleni S.; ALBUQUERQUE, Marcos A. dos S. (Orgs.). **Educação Indígena: reflexões sobre noções nativas de infância, aprendizagem e escolarização**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2012. p. 223-244.

GOMES, Nilma Lino. Relações étnico-raciais, educação e descolonização dos currículos. **Currículo sem Fronteiras**, [s.l.], v. 12, n. 1, p. 98-109, jan.-abr. 2012.

HERNANDEZ, Leila L. **A África na sala de aula: visita à história contemporânea**. São Paulo: Selo Negro, 2005.

JANZ, Caroline; CERRI, Luis Fernando. Treze anos após a lei nº 10.639/03: o que os estudantes sabem sobre a história da África? **Afro-Ásia**, 57, p. 187-211, 2018.

KI-ZERBO, Joseph. **História da África Negra**. Mem Martins: Publicações Europa-América: s.d. 2 v.

KI-ZERBO, Joseph (Org.). **História Geral da África**. [S.l.]: Unesco, 2010.

KRENAK, Aílton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

LIMA, Mônica. História da África: temas e questões para a sala de aula. **Cadernos PENESB**, Rio de Janeiro/Niterói, Quartet/UFF, n. 7, p. 71-105, 2006.

LOPES, Ana Mônica; ARNAUT, Luiz. **África: uma introdução**. Belo Horizonte: Crisálida, 2005.

MACEDO, José Rivair. Outras referências sobre história Africana. In: _____ (Org.). **Desvendando a história da África** [on-line]. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2008. p. 223-232.

MATTOS, Hebe. Em torno das Diretrizes Curriculares para a Educação das Relações Étnico-raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana: uma conversa com historiadores. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, 21(41), jan./jun., 2008.

MONTEIRO, Ana Maria; PEREIRA, Amílcar Araújo (Orgs.). **Ensino de história e culturas afro-brasileiras e indígenas**. Rio de Janeiro: Pallas, 2013.

MUNANGA, Kabengele (Org.). **Superando o Racismo na escola**. 2. ed. rev. Brasília: Ministério da Educação; Secretaria de Educação Continuada; Alfabetização e Diversidade, 2005.

NASCIMENTO, Abdias do. *Literatura e afrodescendência no Brasil*: antologia crítica. In: DUARTE, Eduardo de Assis (Org.). **Precursos**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011. v. 1.

NASCIMENTO, Abdias do. **O genocídio do negro brasileiro**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

NASCIMENTO, Abdias do. **O quilombismo**: documentos de uma militância. Petrópolis: Vozes, 1980.

NASCIMENTO, Abdias do. **Povo negro**: a sucessão e a Nova República. Rio de Janeiro: Instituto de Pesquisas e Estudos Afro-Brasileiros, 1985.

NGOZI ADICHIE, Chimamanda. **O perigo de uma história única**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

ROSA, Francis Mary Soares C. da. O protagonismo indígena nas aulas de História: problemas e desafios no livro didático. **História & Ensino**, Londrina, v. 25, n. 1, p. 203-226, jan./jun. 2019.

SANTOS, Ynaê Lopes dos (Org.). **História da África e do Brasil e afrodescendente**. Rio de Janeiro: Pallas, 2017.

SILVA, Edson; SILVA, Maria da Penha da (Orgs.). **A Temática Indígena na Sala de Aula**: Reflexões para o ensino a partir da Lei 11.645/2008. Recife: Editora Universitária UFPE, 2013.

SILVA, Giovani José da; COSTA, Anna Maria Ribeiro F. M. da. **Histórias e Culturas Indígenas na Educação Básica**. Belo Horizonte: Autêntica, 2018.

SOUZA, Rosemeire de Oliveira; RODRIGUES, Sonia da Silva (Orgs.). **Ensino de História Indígena na sala de aula**: repensando práticas e metodologias. São Carlos: Pedro & João Editores, 2023.

WITTMANN, Luisa Tombini (Org.). **Ensino (d)e História Indígena**. Belo Horizonte: Autêntica, 2015. 202 p.

YANOMAMI, Davi Kopenawa; ALBERT, Bruce. **A queda do céu**: palavras de um xamã Yanomami. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

9.1.1. Algumas sugestões de obras literárias e outros títulos

A lista de obras a seguir tem como objetivo subsidiar seus conhecimentos e parte de seu trabalho. Considera os temas, conteúdos e habilidades da BNCC desenvolvidos nesta coleção. São obras diferentes daquelas destinadas aos(as) estudantes, e se voltam para o(a) professor(a) e sua prática docente.

EVARISTO, Conceição. **Becos da memória**. Belo Horizonte: Mazza, 2006.

EVARISTO, Conceição. **Histórias de leves enganos e parelhos**. Rio de Janeiro: Malê, 2016.

EVARISTO, Conceição. A escrevivência e seus subtextos. In: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado (Orgs.). **Escrevivência**: a escrita de nós. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.

EVARISTO, Conceição. **Poemas da recordação e outros movimentos**. 5. ed. Rio de Janeiro: Malê, 2017.

GOMES, Nilma Lino. **O movimento negro educador**: saberes construídos nas lutas por emancipação. Petrópolis: Vozes, 2017.

GOMES, Nilma Lino; OLIVEIRA, Elania de (Orgs.). **Identidades e Corporeidades Negras**: reflexões sobre uma

experiência de formação de professores(as) para a diversidade étnico-racial. Belo Horizonte: Autêntica, 2006. 296 p.

GOMES, Nilma Lino. **Saberes e lutas do movimento negro educador**. Petrópolis: Vozes, 2022.

JEKUPÊ, Olívio. **Conversa de fim de tarde**. Jandira (SP): Ciranda na Escola, 2023.

JEKUPÊ, Olívio. **O presente de Jaxy Jaterê**. São Paulo: Panda Books, 2017.

JEKUPÊ, Olívio. **Tupã Mirim**: o pequeno guerreiro. São Paulo: Leya, 2014.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo**: diário de uma favelada. Organização e apresentação de Audálio Dantas. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1960. (Memórias)

JESUS, Carolina Maria de. **Casa de alvenaria**: diário de uma ex-favelada. São Paulo: Livraria Francisco Alves, 1961. (Memórias)

JESUS, Carolina Maria de. **Pedaços da fome**. Prefácio de Eduardo de Oliveira. São Paulo: Águila, 1963. (Autoficção)

LITERAFRO. **Conceição Evaristo**. Disponível em: <http://www.lettras.ufmg.br/literafro/autoras/188-conceicao-evaristo>. Disponível em: 7 out. 2025.

MIRIM, Jerá Poty. **Nós**: Uma antologia de literatura indígena. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

MUNANGA, Kabengele; GOMES, Nilma Lino (Orgs.). **O negro no Brasil de Hoje**. 2. ed. São Paulo: Global, 2016.

MUNDURUKU, Daniel. **Crônicas indígenas para rir e refletir na escola**. São Paulo: Moderna, 2020.

MUNDURUKU, Daniel. **As serpentes que roubaram a noite**. São Paulo: Peirópolis, 2001.

MUNDURUKU, Daniel. **Meu avô Apolinário**. São Paulo: Studio Nobel, 2001.

POTIGUARA, Eliane. **A cura da terra**. São Paulo: Editora do Brasil, 2015.

POTIGUARA, Eliane. **Metade cara, metade máscara**. São Paulo: Global, 2010.

POTIGUARA, Eliane. **O pássaro encantado**. Perdizes (SP): Jujuba, 2014.

POTIGUARA, Eva. **Cânticos de uma filha da terra**. Lorena (SP): Uk'a Editorial, 2014.

SCHWARCZ, L. K. M.; GOMES, Nilma Lino (Orgs.). **Antropologia e história**: debate em região de fronteiras. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004. 192 p.

TABAJARA, Auritha. **Coração na aldeia, pés no mundo**. Lorena (SP): Uk'a Editorial, 2018.

WAPICHANA, Jama. **Guerreiras da ancestralidade**. [S.l.]: Mulherio das Letras Indígenas, 2022.

WERÁ, Kaká. **As fabulosas fábulas de Iauaretê**. São Paulo: Peirópolis, 2007.

WERÁ, Kaká. **Menino Trovão**. São Paulo: Moderna, 2023.

9.2. Alguns referenciais bibliográficos comentados sobre educação, história e ensino de História

AZEVEDO, Crilane B.; STAMATTO, Maria Inês. Teoria historiográfica e prática pedagógica: as correntes de pensamento que influenciaram o ensino de História no Brasil. **Antíteses**, v. 3, n. 6, jul.-dez. 2018, p. 703-728.

Artigo em que se debate e apresenta a relação entre o ensino de História no Brasil e a historiografia.

BUENO, André; CAMPOS, Carlos Eduardo; PORTO, Nilza (Orgs.). **Ensino de História: Teorias e Metodologias**. Rio de Janeiro: Sobre Ontens/UFMS, 2020.

A obra reúne diferentes reflexões sobre temas significativos do ensino de História na contemporaneidade, a partir de experiências de pesquisa e experiências docentes com vistas a contribuir para a formação de professores(as) e para a atuação daqueles(as) que estão nas salas de aula. Nas páginas do livro, há artigos que versam sobre diferentes temas pertinentes à pesquisa e ao ensino de História.

GOMES, Nilma Lino. Relações étnico-raciais, educação e descolonização dos currículos. **Currículo sem Fronteiras**, v. 12, n. 1, p. 98-109, jan.-abr. 2012.

Obra fundamental para entender o contexto e pressupostos das políticas relacionadas à educação para as relações étnico-raciais no Brasil e a descolonização dos conteúdos e currículos.

HOOKS, Bell. Pedagogia engajada. In: _____. **Ensinando a transgredir: A educação como prática da liberdade**. Trad. Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Martins Fontes, 2017.

Nesse artigo, Bel Hooks apresenta uma reflexão pedagógica a partir de sua experiência de vida e trata sobre a importância da educação.

MEIRIEU, Philippe. **O Cotidiano da Escola e da Sala de Aula: o fazer e o compreender**. Porto Alegre: Artmed, 2005.

Obra interessante no que diz respeito à Pedagogia, considerando o espaço da sala de aula, o cotidiano da escola e as formas de aprendizagem na prática pedagógica. Traz reflexões determinantes para os(as) docentes brasileiros(as) e oferece questões propositivas para a prática e sua fundamentação.

MONTEIRO, Ana Maria Ferreira da Costa. **Professores de História: entre saberes e práticas**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

Coletânea adotada como referência sobre a prática de ensino de História, tendo como cerne a atuação, o papel e a prática docente em sala de aula. A obra aborda diferentes perspectivas desse tema, sobre o qual convoca à reflexão.

MONTEIRO, Ana Maria; GASPARELLO, Arlette Medeiros; MAGALHÃES, Marcelo de Souza (Orgs.). **Ensino de História: Sujeitos, saberes e práticas**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007. p. 13-21.

Obra de referência que apresenta e coloca em perspectiva diferentes temas sobre ensino, o papel dos(as) professores(as) e outros sujeitos no processo de ensino e aprendizagem de História, além de diferentes métodos e técnicas no que toca à prática de ensino de História.

MONTEIRO, Jaislan Honório; QUEIROZ, Teresinha; FERREIRA, Ronyere (Orgs.). **História: teorias, metodologias e itinerários contemporâneos**. Teresina: Editora Cancioneiro, 2025.

Nessa coletânea são convidados diversos autores internacionais e nacionais para versar sobre diferentes temas da teoria e metodologia da História. Obra fundamental para a formação dos(as) professores(as) e para subsidiar sua prática do ponto de vista teórico-metodológico.

PEREIRA, N. M.; SEFFNER, F. O que pode o ensino de História? Sobre o uso de fontes na sala de aula. **Anos 90**, 15(28), 2009, p. 113-128. Disponível em: <https://doi.org/10.22456/1983-201X.7961>. Acesso em: 7 out. 2025.

Nesse artigo os autores propõem refletir sobre o uso de fontes documentais no ensino de História, considerando, ao mesmo tempo, questões e princípios do método histórico e também a prática e seus usos na sala de aula. Assim, aparecem em perspectiva aspectos como o conceito de fonte histórica, a crítica ao documento e outras questões de ordem metodológica para o ensino de História.

SANTOS, Júlio Cesar Furtado dos. **Aprendizagem significativa: modalidades de aprendizagem e o papel do professor**. Porto Alegre: Mediação, 2008.

Nessa obra o autor propõe um panorama do conceito de aprendizagem significativa, considerando o papel dos(as) docentes, as formas e modos de aprendizagem e uma atuação responsável e assertiva.

SCHWARTZ, Cleonara Maria; VIDAL, Diana Gonçalves (Orgs.). **História das culturas escolares no Brasil**. Vitória: Edufes, 2010.

Essa coletânea traz diferentes artigos que criam um grande panorama sobre as culturas escolares brasileiras, indicando perspectivas sobre a história da educação, a história cultural, temas muito pertinentes no que diz respeito à relação entre ensino de História e educação.

ZABALZA, Miguel A. **Diários de aula: um instrumento de pesquisa e desenvolvimento profissional**. Trad. Ernani Rosa. Porto Alegre: Artmed, 2004.

Livro em que o autor orienta os(as) professores(as) na organização de seus registros, elementos fundamentais na prática docente. É uma obra importante para auxiliar no processo de ensino e aprendizagem e no cotidiano da sala de aula.

9.3. Algumas referências de vídeos, plataformas digitais e outros recursos didáticos

Os(As) pesquisadores(as) do Laboratório de História Oral e Imagem (LABHOI), da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), sob a coordenação das professoras Martha Abreu e Hebe Mattos, organizaram uma coletânea de vídeos sobre a pesquisa, organização e registro audiovisual relacionados à história afro-brasileira no Rio de Janeiro. O resultado desse trabalho é importante recurso de conhecimento e subsídio para os(as) professores(as). Confira a lista a seguir:

- “Passados Presentes — Memória Negra no Sul Fluminense” (2011, de Hebe Mattos e Martha Abreu).
- “Versos e Cacetes — o Jogo do Pau na Cultura Afro-Fluminense” (2009, de Matthias Assunção e Hebe Mattos).
- “Jongos, Calangos e Folias — Música Negra, Memória e Poesia” (2007, de Hebe Mattos e Martha Abreu).
- “Memórias do Cativo” (2005, de Hebe Mattos, Martha Abreu, Guilherme Fernandez e Isabel Castro).
- “Juiz de Fora, Cidade Negra” (2023).

Além dos vídeos supramencionados, a produção audiovisual do LABHOI também conta com um trabalho sobre a memória negra na cidade de Juiz de Fora. Nesse trabalho, articulam-se diferentes conceitos históricos, com

exemplificação da ideia de memória negra nas histórias das cidades, além do conceito de “escrita videográfica”.

Impressões Rebeldes

Ainda para subsidiar seus conhecimentos, apresentamos alguns materiais presentes na plataforma de pesquisa “Impressões Rebeldes”, em que você encontrará diferentes documentos históricos para estudo e pesquisa. Nessa plataforma há materiais diversos sobre conteúdos da história do Brasil, principalmente revoltas e conflitos entre 1500 e 1825.

Disponível em: <https://www.historia.uff.br/impresso-esrebeldes/>. Acesso em: 09 out. 2025.

Laboratório de Ensino de História da Universidade Federal de Pernambuco

Nesse site você encontra, além de subsídios teóricos (como publicações, artigos, livros e referenciais bibliográficos sobre o ensino de História e a história indígena), materiais de apoio (materiais didáticos e recursos didáticos) para estudar, pesquisar e adequar à sua aula de História.

Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/leh/historia-indigena/>. Acesso em: 09 out. 2025.

Trânsitos no Brasil Imperial

Nessa plataforma você conta com farto material de apoio e estudo para suas aulas sobre o ensino de história africana e afro-brasileira. Entre os materiais disponíveis, há registros históricos, banco de dados, materiais didáticos, entre outros.

Disponível em: <https://www.tbrasilimperial.com/> Acesso em: 09 out. 2025.

Quem são eles? [Índios no Brasil] (documentário, 2000, 18 min., direção de Vincent Carelli, realização TV Escola, MEC, Vídeo nas Aldeias)

Parte de uma série educativa produzida em parceria com o MEC e que procura compreender e problematizar a falta de conhecimento ou os equívocos no conhecimento sobre os povos indígenas. Produzida em 2000, é material importante para você estudar e refletir sobre o tema.

Vídeo nas Aldeias

Plataforma audiovisual com diversos vídeos e materiais produzidos desde 1986 pelos povos indígenas. Iniciativa de uma ONG que produz e divulga vídeos sobre o cotidiano dos povos indígenas no Brasil pelo olhar deles mesmos.

Museu Histórico Nacional

Situado no Rio de Janeiro (RJ), os museus são espaços de produção de conhecimento. No Museu Histórico Nacional você encontra diferentes fontes e documentos para abordar múltiplos temas históricos. O local guarda ainda coleções relacionadas a ciências afins, tais como geologia e paleontologia.

Disponível em: <http://mhn.museus.gov.br/> Acesso em: 09 out. 2025.

10. A importância de atender a todos(as) com equidade

A educação inclusiva, direito humano, está prevista na legislação educacional brasileira (LDB) pela Lei 9.394/1996. Essa legislação tem como objetivo resguardar o princípio da universalidade do ensino, mas é dever das instituições escolares e sua equipe contribuir, incentivar e promover essa inclusão. É preciso reconhecer que a educação no Brasil tem histórico excludente. Como prevê Mantoan (2003),

Os sistemas escolares também estão montados a partir de um pensamento que recorta a realidade, que permite subdividir os(as) estudantes em “normais” e com deficiência. A lógica dessa organização é marcada por uma visão determinista, mecanicista, formalista, reductionista própria do pensamento científico moderno, que ignora o subjetivo, o afetivo, o criador, sem os quais não conseguimos romper com o velho modelo escolar, para produzir a reviravolta que a inclusão impõe (Mantoan, 2003, p. 19).

Cabe aos(as) professores(as) e todo o corpo técnico escolar, assim como à comunidade escolar como um todo, contribuir para uma inclusão verdadeira, pautada no conhecimento das demandas de seu público-alvo — e, ainda, promover o atendimento de suas necessidades e, principalmente, promover e incentivar suas potencialidades.

Uma inclusão no sistema educacional formal, de maneira efetiva e verdadeira, deve responder às demandas não só daqueles(as) que têm deficiências, mas também às dos(as) socialmente excluídos(as), considerando-os(as) sob os critérios da exclusão social, privação, falta de recursos ou de participação plena na vida social, ou seja, com obstáculos ao exercício de sua cidadania.

Entre os critérios estimuladores de uma prática para trabalhar com grandes grupos de estudantes, com habilidades e estágios de conhecimento diversos, propomos a reflexão levantada por Amaro (2000, p. 13-14).²

- Competências do **SER** ou **competências pessoais**: reforço de autoestima e da dignidade, autorreconhecimento, etc.;
- Competências do **ESTAR** ou **competências sociais e comunitárias**: reativação ou criação das redes e dos laços familiares, de vizinhança e sociais mais gerais, com retomada ou desenvolvimento das interações sociais, etc.;
- Competências do **FAZER** ou **competências profissionais**: qualificações profissionais, aprendizagem de tarefas socialmente úteis, partilha de saberes-fazer, etc.;
- Competências do **CRIAR** ou **competências empresariais**: capacidade de sonhar e de concretizar alguns sonhos, assumindo riscos, protagonizando iniciativas, liderando projetos (mesmo os mais simples) de qualquer tipo, etc.;
- Competências do **SABER** ou **competências informativas**: escolarização, outras aprendizagens de saberes formais e informais, desenvolvimento de modelos de leitura da realidade e de capacidade crítica, fundamentação das decisões, etc.;
- Competências do **TER** ou **competências aquisitivas**: acesso a um rendimento e sua tradução em poder de compra, capacidade de priorizar e escolher consumos, etc.

Atividades recorrentes que auxiliam no desenvolvimento das habilidades na sala de aula:

1. procure conhecer seus(suas) estudantes;
2. estabeleça metas específicas a partir das demandas da turma;
3. planeje com antecedência suas aulas, mas não se esqueça das demandas dos estudantes;

2 AMARO, Roque. A exclusão social hoje. In: França, Luís et al. Uma cultura para a paz: Um programa. **Cadernos ISTA**, Instituto São Tomás de Aquino, [s.l.], ano V, 2000, p. 13-20.

4. permita a participação dos(as) estudantes nas aulas, incentive-os(as), faça-os(as) se sentir parte do processo;
5. gerencie o tempo da aula;
6. indique o conteúdo ou tema da aula; trace outros objetivos a partir das necessidades da turma;
7. oriente-os(as) quanto aos exercícios que serão realizados em casa;
8. utilize enunciados simples e objetivos;
9. forneça-lhes outras informações para ampliar os conhecimentos;
10. lembre-se de valorizar as conquistas dos(as) estudantes, respeitando o desenvolvimento pessoal deles(as);
11. promova a integração dos(as) estudantes nas atividades, deixando-os(as) dar sugestões de temas associados, atividades, intervenções opinativas;
12. crie um ambiente de cordialidade entre os(as) estudantes;
13. crie um clima favorável antes das avaliações;
14. elabore um relatório individual para cada estudante, um relatório qualitativo que indique o progresso de cada um(a);
15. elabore um relatório para cada unidade, com anotações a partir de suas observações durante as aulas;
16. forneça-lhes um plano de estudos diários, incluindo outros textos e materiais para ampliar o repertório de informações, além de atividades adicionais.

O acompanhamento das aprendizagens dos(as) estudantes deve ser constante. Evidentemente, as progressões, assim como esse desenvolvimento, não ocorrerão da mesma maneira para todos(as). Há aqueles(as) que necessitarão de outros investimentos para que esse processo ocorra de forma positiva. Por isso, torna-se imperativo que você conheça seus(suas) estudantes; acompanhe, observe e anote as considerações relacionadas na Ficha de desenvolvimento dos(as) estudantes.

Ao perceber que serão necessários outros investimentos, converse com a coordenação pedagógica e a família e trace um plano de desenvolvimento individual.

O desenvolvimento de conteúdos deriva do cotidiano do(a) estudante. Parte do conhecido para o ainda não conhecido e transforma os interesses, os conhecimentos e as necessidades em objeto de investigação e pesquisa. É importante, portanto, alicerçar o trabalho pedagógico sobre as concepções alternativas apresentadas pelos(as) estudantes (visões pessoais de mundo e que fazem sentido do ponto de vista do indivíduo), mas sem se restringir a elas, uma vez que se parte do pressuposto de que todo bom ensino deve ultrapassar o nível de desenvolvimento já alcançado.

É fundamental considerar as diferenças e, a partir delas, pensar e planejar uma intervenção pedagógica que contemple as funções daquilo que institucionalmente é competência da escola enquanto espaço da Educação. Quando falamos em educação inclusiva ou em escola inclusiva, estamos falando de uma escola que está preparada para aceitar e conviver com a diversidade de estudantes.

10.1. Sugestões de leitura sobre educação inclusiva

CAMARGO, E. P. Inclusão social, educação inclusiva e educação especial: enlaces e desenlaces. **Editorial. Ciênc. Educ.**, Bauru, v. 23, n. 1, p. 1-6, 2017. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ciedu/v23n1/1516-7313-ciedu-23-01-0001.pdf>. Acesso em: 30 set. 2025.

HORTON, J. Kirk. **Educação de Alunos Deficientes Visuais em Escolas Regulares**. Traduzido por Jorge Casimiro. Lisboa: Instituto de Inovação Vocacional, 2000. Disponível em: <https://www.deficienciavisual.pt/txt-educacaoescolas-regulares.htm>. Acesso em: 31 jul. 2025.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. **Educação Inclusiva: O que é? Por quê? Como fazer?** São Paulo: Moderna, 2003.

SANTOS, Eduardo Schutz dos. **Ensino de História e Inclusão: um caminho para cidadania**. 131 f. Orientadora: Caroline Pacievitch. Dissertação (Mestrado Profissional) — Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Ensino de História, Porto Alegre, 2021.

SILVA, Luís Henrique da. **A concepção de êxito no ensino de história para alunos com deficiência intelectual**. 2009. 128 f. Dissertação (Mestrado) — Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Filosofia e Ciências de Marília, Marília, 2009.

SILVA, Luís Henrique da. **Construção, aplicação e análise de proposta de formação continuada de professores para o ensino de História a alunos com deficiência intelectual**. 180 f. Tese (Doutorado em Educação) — Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Filosofia e Ciências de Marília, Marília, 2016.

SILVA, Luís Henrique da. **Inclusão Escolar: novos desafios ao ensino de História**. **Contraponto**: Revista do Departamento de História e do Programa de Pós-Graduação em História do Brasil da UFPI, Teresina, v. 2, n. 1, fev. 2015.

11. Estrutura geral da Coleção

Adotamos o sistema de progressão, que acompanha o desenvolvimento das habilidades em toda a coleção. Assim, cada volume traz uma série de objetos de conhecimento relativos às habilidades constantes da versão homologada da BNCC e objetivos específicos. A estrutura da obra foi pensada com vistas à ampliação do repertório de habilidades, com os temas e objetivos correlatos aos objetos de conhecimento sendo aprofundados de acordo com a faixa etária e o nível de desenvolvimento da turma, entre outros aspectos.

Uma amostra dessa progressão se verifica nas unidades temáticas dos livros e nos objetos de conhecimento relacionados a elas.

Por exemplo, nos volumes do 3º e 4º anos, as famílias continuam a ser abordadas em relação a outros temas: com seu modo de viver em sua moradia (3º ano) e com as sondagens para averiguar as relações familiares com as culturas imigrantes (4º ano).

Já no volume destinado ao 5º ano, nos três primeiros capítulos abordam-se meios de comunicação, fontes históricas e Patrimônio Cultural. São apresentadas ao(à) estudante propostas para reflexões, com análises mais complexas e elaboradas. Nos quatro capítulos iniciais,

abordam-se a arqueologia e a “pré-história” brasileiras, além de aspectos relacionados aos povos antigos e à história do atual continente americano — antes e após a chegada dos europeus e, em particular, relacionados ao período colonial brasileiro. Aqui os(as) estudantes são convidados a estabelecer relações de semelhança e/ou diferenças, continuidades e/ou rupturas com outras tempo-

ralidades e, sobretudo, com o tempo presente, ampliando e revisitando conceitos já trabalhados.

Apresentamos, a seguir, um quadro sinóptico geral com todos os capítulos presentes nos volumes que compõem a coleção, para facilitar sua compreensão quanto à disposição dos capítulos, as relações que estabelecem entre si e a organização geral do material.

Quadro sinóptico com as unidades temáticas e seus objetos de conhecimento identificados por ano de escolaridade

	3º ano	4º ano	5º ano
Capítulo 1	Diferentes moradias	Quem habitava o nosso continente antes da chegada dos europeus?	Os meios de comunicação e as fontes históricas
Capítulo 2	Moradias em outros tempos	Os povos nativos	Patrimônio, documento e monumento
Capítulo 3	As escolas e os espaços públicos	Chegada de pessoas africanas escravizadas	Arqueologia e pré-história brasileiras
Capítulo 4	Praças, parques e outros espaços públicos	Ser imigrante, ser brasileiro	Espaço geográfico e poder: os povos antigos
Capítulo 5	Cidades, histórias e patrimônio	Alguns imigrantes que vieram para o Brasil	Os primeiros anos após a chegada da frota de cabral
Capítulo 6	Outras cidades brasileiras		Movimentos contra o governo metropolitano português
Capítulo 7	Meios de transporte na área rural e urbana		

12. Alguns recursos de aprendizagem

Quando pensamos em ensinar História, as primeiras ideias que nos ocorrem são de atividades que instiguem o interesse dos(as) estudantes, possibilitando-lhes investigar fatos e fenômenos que ocorrem no dia a dia e que lhes despertem a curiosidade de buscar entendê-los, explicá-los ou mesmo conhecê-los. Diante dessa realidade, sugerimos estratégias que usamos ao longo da coleção, de forma bastante diversificada, permitindo ao(a) professor(a) fazer do ensino de História um aprendizado prazeroso e bem fundamentado junto aos(as) estudantes do 3º ao 5º ano do Ensino Fundamental.

Veja, a seguir, algumas dessas estratégias e orientações sobre alguns recursos de aprendizagem.

Problematização

A problematização busca promover a mudança conceitual. Essa é uma mudança processual: o(a) estudante mantém elementos substanciais do conceito anterior, enquanto incorpora gradualmente aspectos individuais do novo conceito. A aprendizagem, assim, não se dará por substituição do conceito anterior, mas por reestruturação das leituras significativas realizadas pela criança, com base na percepção de que seu modelo explicativo não é suficiente para descrever ou fazê-la entender a situação problematizada e outras situações surgidas.

É importante, porém, que o(a) professor(a) respeite a construção do conhecimento pelo(a) estudante, permitindo, durante seu processo de escolarização — que não termina no ano em curso —, que ele(a), estudante, amplie sua visão e as explicações acerca dos temas em estudo, em um processo permanente de confronto entre diferentes ideias.

Observação

Todos nós podemos descrever o que vemos ao observarmos determinado objeto. No entanto, é possível melhorar nossa percepção buscando detalhes no objeto observado. A observação precisa ser, então, uma atividade intencional e planejada; deve envolver perguntas específicas sobre os objetos enfocados e desenvolver cada vez mais a capacidade de análise do(a) estudante. Exige também atenção e atitude reflexiva do(a) observador(a).

Outro aspecto a salientar é que, além das observações dirigidas, com roteiros previamente estabelecidos, deve-se dar à criança a oportunidade de observar livremente, seguindo seus próprios interesses e as habilidades de análise já desenvolvidas.

Trabalho de campo

O trabalho de campo permite a integração da criança com locais de estudo e/ou produção de conhecimento ou locais de memória, possibilitando o desenvolvimento de habilidades específicas de observação, análise, investigação. Deve ser uma atividade intencional e planejada, em que professores(as) e estudantes tenham compreensão sobre: os objetivos propostos; o local escolhido (que deverá ser aquele que oferece mais possibilidades de observação: museus, arquivos, etc.); os cuidados que deverão tomar; os limites necessários ao bom andamento do trabalho; os materiais a serem utilizados; a organização dos grupos de estudo; o que e como coletar; os registros que serão feitos.

Textos informativos

Estes deverão ser variados, pois trazem, em geral, informações diferentes sobre um mesmo assunto. Livros paradidáticos, artigos de jornais e revistas, folhetos (de vacinação, lixo reciclável e outros) enriquecem o assunto em estudo e servem de fonte para a coleta de informações.

13. Ensino de História e os recursos digitais

Os recursos digitais fazem parte do cotidiano da sociedade atualmente, são ferramentas educacionais em potencial. Mas é preciso saber fazer bom uso deles, utilizá-los a favor do processo educacional, operacionalizando-os a partir de objetivos bem definidos. Por isso, é necessário que você, professor(a), conheça esses recursos e aprenda a usá-los, para que constituam mais uma estratégia de aprendizagem disponível no processo formador de nossos(as) estudantes e em sua docência.

Para melhor compreendermos a inserção dos recursos digitais no processo de ensino-aprendizagem, vamos, inicialmente, destacar alguns aspectos a ser considerados no ensino de História. Essa disciplina escolar — que envolve conhecimentos e reflexões sobre temas como a aprendizagem de conceitos históricos, os saberes produzidos no decorrer da história humana, o papel das fontes históricas na produção do conhecimento, o papel dos sujeitos históricos na vida e na História — envolve de aspectos relacionados ao currículo escolar, à formação e à prática do(a) professor(a), entre outros.

Nessa perspectiva, ao ensinar História, é indispensável que o caminho a ser percorrido no processo de ensino e aprendizagem responda positivamente a quesitos como:

- Estimula e promove a participação do(a) estudante, seja por meio de sua conscientização quanto ao processo de aprendizado, seja definindo objetivos e temas considerando sua trajetória, suas necessidades, suas demandas?
- Considera as experiências por ele(a) vivenciadas, operacionalizando-as a favor do estímulo e do próprio conhecimento a ser produzido?
- Possibilita e promove a construção do conhecimento, mediante a investigação (considerando dúvidas, perguntas, inquirição, descoberta, criação de novos conhecimentos, conhecimento de pressupostos e teorias)?
- Busca respeitar o método do trabalho histórico e as bases da disciplina História, sem desconsiderar a lógica do pensamento infantil, as etapas de desenvolvimento de cada faixa etária e considerando que a aprendizagem de conceitos ocorre por etapas de estruturação progressiva?
- Cria condições por meio de práticas pedagógicas adequadas, favorecendo o desenvolvimento e o aperfeiçoamento integral, contínuo e progressivo dos(as) estudantes?
- Aborda e considera os conteúdos “em forma de espiral”, levando em conta os conhecimentos adquiridos na escola em construção e reconstrução contínua, evitando compreendê-los por etapas fixadas e predeterminadas quanto ao tempo de aprendizagem?
- Favorece o trabalho interdisciplinar?

Assim, ao elaborarmos e/ou utilizarmos recursos digitais em sala com os(as) estudantes, não podemos perder de vista os aspectos destacados anteriormente, relacionados à própria natureza dessa disciplina.

13.1. O que são recursos educacionais digitais?

São considerados recursos educacionais digitais arquivos ou mídias digitais disponíveis para domínio público ou aqueles que tenham licença de uso e que proporcio-

nem aos(as) estudantes experiência de aprendizagem e pesquisa compatíveis com os objetos de estudo e que enriqueçam essa aprendizagem.

Quando utilizados adequadamente, esses recursos contribuem de forma eficaz ao planejamento e à execução das aulas, direcionando o objeto de estudo às expectativas de estudantes cada vez mais ligados(as) ao universo digital. Acreditamos que o desenvolvimento da tecnologia constitui importante fator na mudança de determinados paradigmas relacionados à escola, oferecendo novas possibilidades nos rumos do ensino.

Salientamos, entretanto, a necessidade de verificar se os recursos desejados atendem à proposta pedagógica da instituição e possuem requisitos básicos ao que se pretende mostrar aos(as) estudantes; se, de fato, contribuem positivamente na melhoria do desempenho deles(as), propondo conteúdos que lhes sejam significativos; e se são compatíveis com a infraestrutura do local e de manuseio acessível, antes de serem implementados.

13.2. Recursos digitais, as TICs e seus usos pedagógicos

Os recursos digitais podem e devem ser tomados como suportes e recursos na sala de aula. Além disso, é preciso considerar duas questões fundamentais associadas ao uso desses recursos. Em primeiro lugar, e principalmente, deve-se ter em conta que ações (operações, estratégias, formas) dão sentido e relevo a tais recursos em um planejamento pedagógico. Em segundo lugar, é importante mensurar que impactos e desdobramentos de seu uso estão relacionados com o desenvolvimento de potencialidades e habilidades dos seres humanos nessa faixa etária.

As duas questões se relacionam porque os recursos digitais não devem ser tratados isoladamente, sem operações que permitam ser decodificados, contextualizados, analisados, nem tampouco sem se perceber, sopesar e avaliar se tais operações são legítimas como ferramentas de instrução e formação.

O uso das tecnologias e recursos são caminho e meio para uma espécie de “cidadania” associada ao mundo globalizado, tecnológico e interativo. Elas capacitam os indivíduos a uma série de operações e competências que os instigam e inserem na sociedade atual.

Por seu turno, cabe ao(a) professor(a) ampliar a discussão sobre o uso dessas tecnologias. Deve-se atentar a essa inserção sob múltiplas perspectivas (desde o acesso, a linguagem, até a segurança no uso), tornando-as, as tecnologias, uma ferramenta pedagógica que integra estratégias didáticas, vínculos temáticos, reflexões de fundo que permitam que o recurso seja instrumentalizado.

Entre as ações que privilegiam o uso das tecnologias digitais como suporte e recurso (ferramentas pedagógicas), podemos citar: a proposição de jogos e brincadeiras em ambiente virtual controlado e com acompanhamento; as webquests (atividades-pesquisa em que há orientações e planejamento); composição hiperídia (construção virtual); webfólios ou portfólios digitais; uso de sites de busca para educadores(as) e estudantes; e uso de audiovisuais (filmes, documentários, etc.).

13.3 Como e quando usar recursos educacionais digitais?

Normalmente, e cada vez mais cedo, os(as) estudantes já fazem uso de algum recurso tecnológico em vários

espaços e contextos que não o da escola. Assim, é necessário que haja preocupação com a inclusão desses recursos no processo de ensino-aprendizagem, para que se compreenda o dinamismo com que os conhecimentos são veiculados no mundo, para auxiliar na construção de ideias e para levar o(a) estudante a aprender de forma lúdica.

Os recursos tecnológicos ampliam ainda mais o acesso ao conhecimento e à interatividade, enriquecendo o levantamento de hipóteses e a busca de soluções para as situações vivenciadas. Nesse processo de busca, os(as) estudantes aprendem a localizar, organizar e relacionar informações, e isso os(as) auxilia a construir/reconstruir seus conhecimentos.

14. Estrutura interna do volume

O volume 5 é composto por três unidades temáticas e seis capítulos. Na primeira unidade, elegemos como tema central os meios de comunicação e as fontes históricas.

Sugerimos uma abordagem histórica desses temas associando a ideia de meios de comunicação às fontes históricas. No Capítulo 2, ampliamos as noções de fonte, assim como propomos o estudo mais ampliado sobre as noções de documentos e monumento, associando-os ao conceito de patrimônio.

Na segunda unidade, propomos o estudo da arqueologia, da cultura material, a partir do estudo dos vestígios e dos sítios arqueológicos no contexto da Pré-História e da Antiguidade. Na terceira unidade, o tema central é a formação do Brasil, os povos nativos, a chegada dos portugueses a partir de 1500, o processo de colonização e os movimentos populares contra o governo metropolitano português.

Unidade 1 – História, comunicação e documentos

Capítulo 1 – Os meios de comunicação e as fontes históricas

Capítulo 2 – Patrimônio, documento e monumento

Unidade 2 – Arqueologia, cultura material e os povos antigos

Capítulo 3 – Arqueologia e pré-história brasileira

Capítulo 4 – Espaço geográfico e poder: os povos antigos

Unidade 3 – Ocupação do território e o direito à terra

Capítulo 5 – Os primeiros anos após a chegada da frota de Cabral

Capítulo 6 – Movimentos contra o governo metropolitano português

Neste volume, na primeira unidade, consideramos ser importante propiciar aos estudantes o conhecimento mais aprofundado sobre os conceitos de fontes históricas, abordando-o, nesse caso, a partir do conceito de meios de comunicação. Entendemos que alguns desses conceitos já foram tratados como parte das habilidades previstas nos anos anteriores, assim, a primeira unidade tem por objetivo ampliar o repertório de conhecimentos dos(as) estudantes sobre esses conceitos. A segunda e a terceira unidades também propõem parte dessa ampliação, por tratarem de outros conceitos significativos, tais como monumento, documento, patrimônio e sujeitos históricos.

Assim, no quinto ano, os conteúdos também possuem uma ampliação progressiva, que compreende tanto questões específicas sobre conceitos fundamentais da

História, relacionados à experiência como sujeito, quanto a organização social, as características da vida em sociedade, entre outros aspectos. Nesse sentido, os objetos de conhecimento escolhidos para a abordagem neste volume também buscam favorecer essa progressão.

As unidades também foram pensadas com o objetivo de acompanhar o desenvolvimento dos objetos de conhecimento, do nível de aprofundamento das habilidades específicas da disciplina História, bem como acompanhar a maturidade dos(as) estudantes. Ao longo das unidades, neste volume ampliam-se, assim, as atividades, inserindo-se níveis de outra complexidade, fortalecendo e dinamizando o que já está consolidado ou em desenvolvimento. Os conteúdos foram dispostos levando-se em consideração, prioritariamente:

- as competências já desenvolvidas pelas crianças;
- as habilidades que estão em desenvolvimento;
- a ampliação da autonomia;
- a consolidação da aquisição da leitura, da escrita e das capacidades inerentes às outras áreas do conhecimento;

os conhecimentos prévios no processo de aprendizagem e expressos em atividades de sondagem, tais como questões-problemas, conversas em roda, entre outras.

15. Propostas de planos de desenvolvimento semestral, trimestral e bimestral, contendo sequência estruturada de conteúdos

Veja, a seguir, algumas opções de distribuição dos temas abordados ao longo do ano: planejamento semestral, trimestral e bimestral. Os temas abordados e as habilidades da BNCC estão contemplados nas diferentes organizações sugeridas.

Destaca-se que, em todas as opções, foram considerados 200 dias letivos, 40 semanas escolares e duas horas-aula semanais específicas para o estudo de História, o que não impede a expansão das abordagens em uma perspectiva de integração com outras áreas de conhecimento.

Salientamos a relevância de desenvolver, em qualquer das distribuições oferecidas, as habilidades fundamentais propostas na BNCC para o ano de escolaridade em destaque. É importante também considerar o desenvolvimento das competências gerais e específicas para o ensino de História, bem como hábitos e atitudes essenciais à cidadania e à formação de leitor(a) e escriba (habilidades essenciais ao domínio da Língua Portuguesa).

Os planos de desenvolvimento foram propostos com base na lógica organizacional dos conteúdos sugeridos pela BNCC para o ano escolar e nas competências gerais e específicas de História para o Ensino Fundamental. Propuseram-se estratégias de ensino pautadas em metodologias ativas que buscam promover aprendizagens significativas para os(as) estudantes envolvidos(as) no processo de ensino e aprendizagem.

Planejamos avaliações periódicas, ao final dos estudos de cada tema, nas quais se considerou o que foi trabalhado ou ampliado, a partir de outras abordagens e estratégias de ensino. O objetivo é que você, professor(a), possa conhecer o nível de competência do(a) estudante em relação ao estabelecido para o período. Lembramos que nessas avaliações devem ser considerados, também, aspectos relacionados a hábitos e atitudes que contribu-

am para a formação do(a) estudante de forma integral, inclusive no que diz respeito a sua cidadania.

A organização dos conteúdos por ano escolar está nos quadros a seguir. De um lado, atende às recomendações e orientações do MEC; de outro, obedece a uma lógica pedagógica pertinente ao trabalho em sala de aula com a faixa etária em questão.

Professor(a), de forma a contribuir com a sua organização, sugerimos a seguir propostas para o cronograma do 3º ano do Ensino Fundamental, considerando a distribuição dos conteúdos deste volume e as 40 semanas letivas do calendário escolar. Essa proposta permite que você adequue essa distribuição tendo em vista o currículo adotado na

sua escola e outras questões pertinentes à sua realidade escolar.

Para que você possa construir seu próprio cronograma, atente-se para:

- A distribuição de conteúdos por semana, considerando a realização das atividades e os objetivos definidos e pertinentes a eles;
- O planejamento e o calendário definido pela sua escola, respeitando as previsões legais para o assunto.

Assim, você poderá escolher, por exemplo, o número de semanas e os respectivos conteúdos e habilidades presentes no cronograma semestral para montar um cronograma anual, entre outras possibilidades.

Sugestão de plano de desenvolvimento semestral

PRIMEIRO SEMESTRE

UNIDADE 1: História, comunicação e documentos	
Habilidades da BNCC EF05HI04, EF05HI05, EF05HI06, EF05HI07, EF05HI08, EF05HI09, EF05HI10.	
Objetos de conhecimento	
<ul style="list-style-type: none"> • O que forma um povo: do nomadismo aos primeiros povos sedentarizados. • As formas de organização social e política: a noção de Estado. • O papel das religiões e da cultura para a formação dos povos antigos. • Cidadania, diversidade cultural e respeito às diferenças sociais, culturais e históricas. • As tradições orais e a valorização da memória. • O surgimento da escrita e a noção de fonte para a transmissão de saberes, culturas e histórias. • Os patrimônios materiais e imateriais da humanidade. • A cidade e suas atividades: trabalho, cultura e lazer. 	
1ª semana	Inventário de conhecimento prévio e sondagens de conteúdo (atividade diagnóstica).
2ª semana	Capítulo 1: Os meios de comunicação e as fontes históricas
3ª semana	Linguagens e comunicação.
4ª semana	Linguagens e comunicação.
5ª semana	A escrita.
6ª semana	Por meio de atividades variadas, revise os assuntos estudados. Organize as anotações de como foi o desempenho das crianças no período.
7ª semana	Capítulo 2: Patrimônio, documento e monumento
8ª semana	O que é patrimônio cultural?
9ª semana	O patrimônio imaterial.
10ª semana	Patrimônio, fontes históricas e cidadania.
11ª semana	Patrimônio, fontes históricas e cidadania.
12ª semana	Por meio de atividades variadas, revise os assuntos estudados. Organize as anotações de como foi o desempenho das crianças no período.

UNIDADES 2: Arqueologia, cultura material e os povos antigos**Habilidades da BNCC****EF05HI01, EF05HI02, EF05HI03, EF05HI04, EF05HI05, EF05HI06, EF05HI07, EF05HI08, EF05HI09, EF05HI10.****Objetos de conhecimento**

- O que forma um povo: do nomadismo aos primeiros povos sedentarizados.
- As formas de organização social e política: a noção de Estado.
- O papel das religiões e da cultura para a formação dos povos antigos.
- Cidadania, diversidade cultural e respeito às diferenças sociais, culturais e históricas.
- As tradições orais e a valorização da memória.
- O surgimento da escrita e a noção de fonte para a transmissão de saberes, culturas e histórias.
- Os patrimônios materiais e imateriais da humanidade.

13ª semana	Inventário de conhecimento prévio e sondagens de conteúdo (atividade diagnóstica).
14ª semana	Capítulo 3: Arqueologia e pré-história brasileira Pré-história brasileira.
15ª semana	Os sambaquis.
16ª semana	O sagrado na pré-história brasileira.
17ª semana	Por meio de atividades variadas, revise os assuntos estudados. Organize as anotações de como foi o desempenho das crianças no período.
18ª semana	Capítulo 4: Espaço geográfico e poder: os povos antigos
19ª semana	Algumas comunidades antigas.
20ª semana	Algumas comunidades antigas.

SEGUNDO SEMESTRE

21ª semana	Agricultura e sociedade.
22ª semana	Agricultura e sociedade.
23ª semana	O calendário egípcio.
24ª semana	Por meio de atividades variadas, revise os assuntos estudados. Organize as anotações de como foi o desempenho das crianças no período.

UNIDADE 3: Ocupação do território e o direito à terra**Habilidades da BNCC****EF05HI01, EF05HI02, EF05HI03, EF05HI04, EF05HI05, EF05HI06, EF05HI07, EF05HI08, EF05HI09, EF05HI10.****Objetos de conhecimento**

- O que forma um povo: do nomadismo aos primeiros povos sedentarizados.
- As formas de organização social e política: a noção de Estado.
- O papel das religiões e da cultura para a formação dos povos antigos.
- Cidadania, diversidade cultural e respeito às diferenças sociais, culturais e históricas.
- As tradições orais e a valorização da memória.
- O surgimento da escrita e a noção de fonte para a transmissão de saberes, culturas e histórias.
- Os patrimônios materiais e imateriais da humanidade.
- A cidade e suas atividades: trabalho, cultura e lazer.

25ª semana	Inventário de conhecimento prévio e sondagens de conteúdo (atividade diagnóstica).
26ª semana	Capítulo 5: Os primeiros anos após a chegada da esquadra de Cabral
27ª semana	Capitanias hereditárias.
28ª semana	O povoamento do interior; Os arraiais e as vilas.
29ª semana	Governo-geral e o Tratado de Madrid.
30ª semana	Por meio de atividades variadas, revise os assuntos estudados. Organize as anotações de como foi o desempenho das crianças no período.
31ª semana	Capítulo 6: Movimentos contra o governo metropolitano Revolta de Felipe dos Santos
32ª semana	A Revolta de Felipe dos Santos.
33ª semana	A Revolta de Felipe dos Santos
34ª semana	A Inconfidência Mineira.
35ª semana	A Inconfidência Mineira.
36ª semana	Tiradentes, um herói republicano.
37ª semana	Tiradentes, um herói republicano.
38ª semana	Outros republicanos também lutaram.
39ª semana	A resistência contra o domínio português e a consolidação da independência do Brasil.
40ª semana	Por meio de atividades variadas, revise os assuntos estudados. Organize as anotações de como foi o desempenho das crianças no período.

Sugestão de plano de desenvolvimento trimestral

PLANEJAMENTO TRIMESTRAL DISTRIBUÍDO EM SEMANAS LETIVAS	
1º TRIMESTRE	1ª semana a 14ª semana
2º TRIMESTRE	15ª semana a 28ª semana
3º TRIMESTRE	29ª semana a 40ª semana

Sugestão de plano de desenvolvimento bimestral

PLANEJAMENTO BIMESTRAL DISTRIBUÍDO EM SEMANAS LETIVAS	
1º BIMESTRE	1ª semana a 10ª semana
2º BIMESTRE	11ª semana a 21ª semana
3º BIMESTRE	22ª semana a 30ª semana
4º BIMESTRE	31ª semana a 40ª semana

16. Sugestão de matriz de planejamento de rotina semanal

Observe a seguir um exemplo de matriz de planejamento de rotina semanal. Ele apresenta uma sugestão para sua organização semanal considerando a carga horária da disciplina de História.

É preciso salientar que ele deve ser ajustado em consonância ao seu Plano de Aula, que deve ser elaborado a cada momento na sala de aula. Além disso, esse exemplo é uma espécie de modelo com possibilidades de ajustes e adequações funcionais que você deve fazer de acordo com a realidade da sua escola e da sua atuação como docente.

EXEMPLO (MODELO) DE MATRIZ DE PLANEJAMENTO DE ROTINA SEMANAL

	Informações	Observações específicas acerca das atividades desenvolvidas na semana
Público	Estudantes 5º ano do Ensino Fundamental	
Número de aulas	2 aulas 5ª semana do calendário escolar Tema: A escrita	
Horários/turma	Turma X - Terça e quinta-feira	
Metas	<ul style="list-style-type: none"> • Melhorar o processo de leitura e escrita. • Desenvolver unidade temática. • Observar a participação oral na turma. 	
Objetivos pedagógicos	<ul style="list-style-type: none"> • Sondar o conhecimento prévio da turma sobre o conceito de escrita. • Ampliar o repertório de conhecimento da turma sobre o conceito. • Desenvolver atividades de leitura e escrita. • Realização das atividades das páginas 20 e 21 do Livro do Estudante. • Observar e registrar aspectos quanto ao conteúdo e à realização das atividades (leitura, escrita, participação oral e de escuta em roda de conversa). • Registrar aspectos do desenvolvimento dos conceitos históricos. 	
Habilidades da BNCC	EF05HI06	
Conteúdos abordados	<ul style="list-style-type: none"> • Escrita. • Meios de comunicação. 	
Plano de aula	Desenvolvimento do plano de aula para cada aula da semana.	
Avaliação	<ul style="list-style-type: none"> • Observar se os(as) estudantes compreendem bem os conceitos trabalhados. • Registrar aspectos pertinentes à participação individual e coletiva na turma. • Registrar erros e dificuldades recorrentes no processo de registro escrito. • Registrar habilidades e/ou dificuldades na participação oral. • Registrar outras informações relevantes sobre a turma. 	

Referências

- ABRECHT, Roland. **A avaliação formativa**. Portugal: Edições ASA, 1994.
- ALLAL, Linda. Estratégias de avaliação formativa: concepções psicopedagógicas e modalidades de aplicação. *In*: ALLAL, Linda; CARDINET, Jean; PERRENOUD, Philippe. **Avaliação formativa num ensino diferenciado**. Tradução Clara Moura Lourenço; José Afonso Baptista. Coimbra: Almedina, 1986. p. 175-210.
- ALVES, Rubem. **Conversas com quem gosta de ensinar**: + qualidade total na educação. 7. ed. Campinas, SP: Papirus, 2004.
- AMARO, Rogério Roque. A exclusão social hoje. **Cadernos ISTA**, Lisboa, ano V, n. 9, p. 13-20, 2000. Disponível em: http://www.ista.pt/1/upload/ista_9_2000.pdf. Acesso em: 4 out. 2025.
- APPLE, Michael W. **Educação e poder**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989. (Biblioteca Artes Médicas).
- APPLE, Michael W. **Trabalho docente e textos**: economia política das relações de classe e de gênero em educação. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.
- ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1981. (Série Etnologia).
- ARNAY, José. Reflexões para um debate sobre a construção do conhecimento na escola: rumo a uma cultura científica escolar. *In*: RODRIGO, Maria José; ARNAY, José (org.). **Conhecimento cotidiano, escolar e científico**: representação e mudança. São Paulo: Ática, 1998.
- BECKER, Fernando. **Educação e construção do conhecimento**: revista e ampliada. 2. ed. Porto Alegre: Penso, 2012. 200 p.
- BELO HORIZONTE. Prefeitura Municipal. **Proposta político-pedagógica, caderno 3**: Construindo uma proposta curricular para primeiro e segundo ciclos. Belo Horizonte: SMED, 1995.
- BELO HORIZONTE. Prefeitura Municipal. **Proposta político-Pedagógica, caderno 4**: avaliação. Belo Horizonte: SMED, 1995.
- BERNARDES, A. O. Discutindo a questão da educação inclusiva. **Educação Pública**, [on-line], 9 fev. 2010. Disponível em: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/10/5/discutindo-a-questatildeo-da-educaccedilatildeo-inclusiva>. Acesso em: 30 set. 2025.
- BETTELHEIM, Bruno. **Uma vida para seu filho**: pais bons o bastante. Rio de Janeiro: Campus, 1988.
- BIBIANO, Bianca. Vamos a campo! **Nova Escola**, n. 235, set. 2010.
- BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de história**: fundamentos e métodos. São Paulo: Cortez, 2009.
- BLOCK, Marc. **Apologia da história**: ou o ofício de historiador. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_-versaofinal_site.pdf. Acesso em: 8 out. 2025.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Alfabetização. **PNA Política Nacional de Alfabetização**. Brasília: MEC, SEALF, 2019.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **A criança de 6 anos, a linguagem escrita e o ensino fundamental de nove anos**: orientações para o trabalho com linguagem escrita em turmas de crianças de seis anos de idade. Belo Horizonte: UFMG/FaE/CEALE, 2009.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Currículos de Educação Integral. **Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais para a Educação Básica**. Brasília: MEC, 2013.
- BRASIL. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. **Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa**: Educação Inclusiva. Brasília: MEC/SEB, 2014. Disponível em: http://pacto.mec.gov.br/images/pdf/doc_orientador/doc_orientador_versao_final.pdf. Acesso em: 19 ago. 2025.
- CANAU, Vera Maria. Universidade e formação de professores: que rumo tomar? *In*: CANAU, Vera Maria. (org.) **Magistério**: construção cotidiana. 7. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.
- CHARTIER, Roger (Org.). **Práticas da leitura**. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.
- DAYRELL, Juarez (org.). **Múltiplos olhares**: sobre educação e cultura. 1.reimpr. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.
- DELORS. Jacques (coord.). **Educação: um tesouro a descobrir**. Relatório para a Unesco da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI. São Paulo: Cortez; Brasília: MEC/Unesco, 1998. cap. 4, p. 89-102.
- DIAS, R. S. **Os projetos de trabalho**: o caminho para a aprendizagem significativa. **Cadernos para o Professor**. Juiz de Fora: SMED, n. 9, 1999.
- FAZENDA, Ivani Catarina Arantes. **Integração e interdisciplinaridade no ensino brasileiro**: efetividade ou ideologia? São Paulo: Loyola, 1979.
- FAZENDA, Ivani Catarina Arantes. Interdisciplinaridade e transdisciplinaridade na formação de professores. **Ideação – Revista do Centro de Educação e Letras da Unioeste**, Foz do Iguaçu, v. 10, n. 1, p. 93-103, jan./jun. 2008.
- FERREIRA, Carlos Alberto. A avaliação formativa vivida pelos professores do 1º ciclo do ensino básico. **Revista Portuguesa de Pedagogia**, ano 40, n. 3, p. 71-94, 2006. Disponível em: https://impactum-journals.uc.pt/rppedagogia/article/view/1647-8614_40-3_3/618. Acesso em: 4 out. 2025.
- FORQUIN, Jean-Claude. **Escola e cultura**: as bases sociais e epistemológicas do conhecimento escolar. Porto Alegre: Artes

- Médicas, 1993. (Educação: teoria e crítica).
- FREIRE, Madalena. **Observação, registro, reflexão**: instrumentos metodológicos. 2. ed. São Paulo: Espaço Pedagógico, 1996.
- FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: três artigos que se completam. São Paulo: Cortez, 1985. (Coleção Polêmicas do Nosso Tempo).
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2011.
- GARRUTI, Érica. Aparecida; SANTOS, Simone Regina. A interdisciplinaridade como forma de superar a fragmentação do conhecimento. **Revista de Iniciação Científica da FFC**, Marília, SP, v. 4, n. 2, p. 187-197, 2004.
- GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1989.
- GIMENO SACRISTÁN, José. **Compreender e transformar o ensino**. Porto Alegre: Artmed, 1998.
- GIMENO SACRISTÁN, José. **O currículo**: uma reflexão sobre a prática. Porto Alegre: Artmed, 1998. (Biblioteca Artes Médicas).
- HERNÁNDEZ, Fernando. **Transgressão e mudança na educação**: os projetos de trabalho. Porto Alegre: Artmed, 1998.
- HERNÁNDEZ, Fernando; VENTURA, Monserrat. **Organização do currículo por projetos de trabalho**: o conhecimento é um caleidoscópio. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 1998.
- HOFFMANN, Jussara Maria Lerch. **Avaliação mediadora**: uma prática em construção da pré-escola à universidade. Porto Alegre: Mediação, 2000.
- HURLOCK, Elizabeth. **Desenvolvimento psicológico da criança**. Madrid: Del Castilho, 1963.
- JARES, Xesús R. **Educação para a paz**: sua teoria e sua prática. 2. ed. rev. e ampl. Porto Alegre: Artmed, 2002.
- LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1990.
- LIMA, Elvira Cristina Souza. **A construção do conhecimento na escola**. Paraná: SMED, 1995.
- LIMA, Elvira Cristina Souza. **Alguns princípios sobre desenvolvimento e aprendizagem**. Paraná: SMED, 1995.
- LUCKESI, Cipriano Carlos. A escolarização do processo de construção do conhecimento. **Caderno Ideias**, v. 6, n. 11. p. 47-49, 1988.
- LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação da aprendizagem escolar**: estudos e proposições. 22. ed. São Paulo: Cortez, 2011.
- LUCKESI, Cipriano Carlos. Avaliação educacional escolar: para além do autoritarismo. **Revista da Ande**, v. 6, n. 16. p. 47-51, 1988.
- MANTOAN, Maria Teresa Eglér. Ensinando a turma todas: diferenças na escola. **Pátio Revista Pedagógica**, ano V, n. 20, p. 18-23, fev./abr. 2002.
- MANTOAN, Maria Teresa Eglér. **Inclusão escolar**: o que é? Por quê? Como fazer? São Paulo: Moderna, 2003. (Coleção Cotidiano Escolar).
- MANTOAN, Maria Teresa Eglér. O direito de ser, sendo diferente, na escola. **Revista CEJ**, Brasília, DF, v. 8, n. 26, p. 33-44, jul./set. 2004.
- MARTINS, Lúcia de Araújo Ramos *et al.* (org.). **Inclusão**: compartilhando saberes. Petrópolis: Vozes, 2006.
- MARTINS, Maria de Fátima Lopes. **Avaliação diagnóstica**: a sua influência na prática letiva na disciplina de Biologia e Geologia. 2012. Dissertação (Mestrado em Ciências da Educação, área de Especialização em Supervisão Pedagógica) – Instituto Superior de Educação e Ciências, Lisboa, 2013. Disponível em: <https://comum.rcaap.pt/entities/publication/2bae1865-a29a-47b9-9379-2d50c3bcf25e>. Acesso em: 6 out. 2025.
- MATTOS, Ilmar Rohloff de. "Mas não somente assim!" leitores, autores, aulas como texto e ensino-aprendizagem em História. **Tempo**, v. 11, n. 21, jun. 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tem/a/gN3CCtpfxGm6dBgPb8JkKtp/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 19 ago. 2025.
- MOREIRA, Antônio Flávio Barbosa; CANDAU, Vera Maria. Currículo, conhecimento e cultura. *In*: BEAUCHAMP, Jeanete; PAGEL, Sandra Denise; NASCIMENTO, Aricélia Ribeiro do (org.). **Indagações sobre currículo**: currículo, conhecimento e cultura. Brasília, DF: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2007. p. 17-48. Disponível em: <https://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Ensfund/indag3.pdf>. Acesso em: 6 out. 2025.
- MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita**: repensar a reforma, repensar o pensamento. 19. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.
- NASCIMENTO, Mari Clair Moro; SOUZA, Nadia Aparecida de. **Avaliação formativa**: a prática em construção. *In*: SEMINÁRIO DE PESQUISA DO PPE, Universidade Estadual de Maringá, 12-14 jun. 2013.
- NEMI, Ana Lúcia Lana; ESCANHUELA, Diego Luís; MARTINS, João Carlos. **Ensino de História e Experiências**: o Tempo Vivido. São Paulo: FTD, 2009.
- NICOLESCU, Basarab. **O manifesto da transdisciplinaridade**. Tradução: Lúcia Pereira de Souza. São Paulo: Triom, 1999.
- NÓVOA, Antônio (org.). **Os professores e sua formação**. Lisboa: Dom Quixote, 1992. (Coleção Temas da Educação).
- PERRENOUD, Philippe. **10 novas competências para ensinar**: convite à viagem. Tradução: Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre: Artmed, 2000.
- PERRENOUD, Philippe. **Avaliação**: da excelência à regulação das aprendizagens: entre duas lógicas. Tradução: Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre: Artmed, 1999.

- PERRENOUD, Philippe. **Escola e cidadania**: o papel da escola na formação para a democracia. Porto Alegre: Grupo A, 2005.
- PERRENOUD, Philippe. **Pedagogia diferenciada**: das intenções à ação. Tradução: Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre: Artmed, 2000.
- PERRENOUD, Philippe. **Por que construir competências a partir da escola**. Porto: Asa, 2003.
- PERRENOUD, Philippe. **Práticas pedagógicas, profissão docente e formação**: perspectivas sociológicas. Tradução: Heloisa Faria, Helena Tapada, Maria João Carvalho, Maria NÓVOA. Lisboa: Dom Quixote, 1993. (Coleção Temas de Educação).
- PESTANA, Maria Inês Gomes de Sá *et al.* **Matrizes curriculares de referência para o SAEB**. 2. ed. rev. ampl. Brasília, DF: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais, 1999.
- PETRAGLIA, Izabel. **Pensamento Complexo e Educação**. São Paulo: Ed. Livraria da Física, 2013. (Coleção Contextos da Ciência).
- PIAGET, Jean. **O nascimento da inteligência na criança**. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.
- PIMENTA, Selma G. **O estágio na formação de professores**: unidade, teoria e prática? São Paulo: Cortez, 1994.
- PONTUSCHKA, Nídia Nacib; PAGANELLI, Tomoko Iyda; CACETE, Núria Hanglei. **Para ensinar e aprender**: Geografia. São Paulo: Cortez, 2009.
- POZO, Juan Ignacio. **A nova cultura da aprendizagem**. Porto Alegre: Artmed, 2002.
- PÁTARO, Ricardo F.; BOVO, Marcos C. A interdisciplinaridade como possibilidade de diálogo e trabalho coletivo no campo da pesquisa e da educação. **Revista NUPEM**, Campo Mourão, v. 4, n. 6, p. 45-63, jan./jul. 2012.
- RIBEIRO, Renan; BOVO, Claudia. A promoção da educação histórica na escola: os desafios da avaliação diagnóstica em História. **Revista História Hoje**, v. 2, n. 4, p. 315-338, 2013.
- ROCHA, Helenice; MAGALHÃES, Marcelo; GONTIJO, Rebeca. A aula como texto: historiografia e ensino de História. *In*: ROCHA, Helenice; MAGALHÃES, Marcelo; GONTIJO, Rebeca (Orgs.). **A escrita da história escolar**: memória e historiografia. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2009.
- SANTOMÉ, Jurjo Torres. **Globalização e interdisciplinaridade**: o currículo integrado. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.
- SANTOS, A. Complexidade e Transdisciplinaridade em Educação: cinco princípios para resgatar o elo perdido. *Revista Brasileira de Educação*, v. 13, p. 71-83, 2008.
- SANTOS, Akiko. Complexidade e transdisciplinaridade em educação: cinco princípios para resgatar o elo perdido. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 37, jan./abr. 2008.
- SASSAKI, Romeu Kazumi. **Inclusão**: construindo uma sociedade para todos. 8. ed. ampl. e rev. Rio de Janeiro: WVA Ed., 2010.
- SCHIMDT, Maria Auxiliadora; CAINELLI, Marlene. **Ensinar História**. São Paulo: Scipione, 2009.
- SILVA, Fábio Luiz da *et al.* Procedimentos de gestão da sala de aula de professores de escolas públicas. **Revista Travessias**, v. 10, n. 3, p. 99-106, 2016. Disponível em: <http://e-revista.unioeste.br/index.php/travessias/article/download/15041/10238>. Acesso em: 6 out. 2025.
- SILVA, Fábio Luiz da *et al.* Procedimentos de gestão da sala de aula de professores de escolas públicas. **Revista Travessias**, v. 10, n. 3, p. 99-106, 2016. Disponível em: <http://e-revista.unioeste.br/index.php/travessias/article/download/15041/10238>. Acesso em: 6 out. 2025.
- SILVA, Marco Antonio; PORTO, Amélia. **Nas trilhas do ensino de História**: teoria e prática. Belo Horizonte: Rona, 2012.
- SILVA, Tomaz Tadeu da; MOREIRA, Antonio Flávio (org.). **Territórios contestados**: o currículo e os novos mapas políticos e culturais. 6. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.
- SINGER, Helena. **República de crianças**: sobre experiências escolares de resistência. São Paulo: FAPESP: Hucitec, 1997.
- SOARES, Magda. **Letramento**: um tema em três gêneros. 2. ed., 8. reimpr. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.
- THIESEN, Juares S. A interdisciplinaridade como um movimento articulador no processo ensino-aprendizagem. **Revista Brasileira de Educação**, v. 13, n. 39, p. 545-598, set./dez. 2008.
- VIGOTSKY, Lev Semenovich. **A formação social da mente**: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1994.
- WALLON, Henri. **Psicologia**. 2. ed. São Paulo: Ática, 1999.
- YUS, Rafael. **Educação integral**: uma educação holística para o século XXI. Porto Alegre: Artmed, 2002.
- ZABALA, Antoni (org.). **Como trabalhar os conteúdos procedimentais em aula**. Porto Alegre: Artmed, 1999.
- ZABALA, Antoni. **A prática educativa**: como ensinar. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

HISTÓRIA

AMÉLIA PORTO

Bacharela e licenciada em Pedagogia e Estudos Sociais e especialista em Ensino de Ciências Físicas e Biológicas pela UFMG. Atuou como professora do Ensino Fundamental na Escola de Educação Básica da UFMG e como professora no Instituto Superior de Educação Anísio Teixeira, da Fundação Helena Antipoff. É autora de livros didáticos e de Metodologia de Ensino.

GISELLA DE AMORIM

Licenciada, doutora e pós-doutora em História pela UFMG. Pós-doutoranda pela Universidade de Lisboa. É investigadora do Centro de Estudos Comparatistas da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Membro da Rede Internacional de História das Pedagogias, Patrimônios Culturais e Materiais Didáticos em Língua Portuguesa. Possui experiência docente no Ensino Fundamental e Superior. É autora de materiais didáticos e paradidáticos de História.

MARCO SILVA (*in memoriam*)

Bacharel e licenciado em História, mestre e doutor em Educação pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Foi professor universitário e historiador da Diretoria de Patrimônio Cultural e Arquivo Público de Belo Horizonte, bem como diretor-geral e coordenador pedagógico e de História em estabelecimentos de Ensino Fundamental e Médio. Publicou diversos artigos em revistas científicas e jornais de grande circulação. Autor de livros didáticos e de metodologia de ensino.



1ª edição, Belo Horizonte, 2025.

RONA
ronaeditora.com.br



CRÉDITOS

COLEÇÃO
TRILHARES

Diretoria Geral
Julio Pena

Projeto gráfico
P Design

Coordenação de Projetos
Rafael Pena

Coordenação de diagramação
Elen Carvalho

Gerência Editorial
Ana Gabriela de Souza Pereira

Diagramação
Elen Carvalho, Dilma Santos, Márcia Atherton e Lola Amorim

Analista Editorial
Luiza Carvalho e Carolina Miranda

Assistência Editorial
Aila Carneiro, Leticia Muniz e Luísa Rodrigues

Assistente Editorial
Miguel Amorim e Patrícia Áurea

Imagem da capa
Wavebreakmedia Ltd | Dreamstime.com

Licenciamento de textos e imagens
Núbia Santiago e Patrícia Áurea

Ilustrações
Rubem Filho, Bruna Ishihara, Allmaps (mapas) e Ana Carolina Oliveira (mapas)

Iconografia
Luiza Carvalho, Núbia Santiago e Patrícia Áurea

Objetos Digitais
Bruna Damiana Heinsfeld - Lis Consulting

Preparação e revisão de texto
Guilherme Amorim, Felipe Magalhães e Bruna Honório

Leitura crítica
Luciano Roza

Pré-impressão
Rona Editora

Produção gráfica
Rona Editora

1ª edição, Belo Horizonte, 2025.

RONA
ronaeditora.com.br

CNPJ 19.270.206/0001-60
Rua Henriquete Cardinali, 280
Bairro Olhos d'Água - Belo Horizonte/MG
Cep: 30390-082 - Telefax: (31) 3303-9999
www.ronaeditora.com.br

Todos os direitos reservados à Editora. Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida, seja por meios mecânicos, eletrônicos, ou cópia xerográfica, sem autorização prévia da Editora.

Porto, Amélia Pereira Batista
P853c Coleção Trilhares-História : 5º ano : Livro do Estudante [[recurso eletrônico]] / Amélia Pereira Batista Porto , Gisella de Amorim Serrano , Marco Antônio Silva (*in memoriam*) . - Belo Horizonte : Rona Editora, 2025.
140 p.

Versão digital - HTML5 ISBN 978-85-7023-058-4

1. História-ensino fundamental. I. Serrano, Gisella de Amorim. II. Silva, Marco Antônio. III. Título.

CDU 93(075.2)

Elaborada por Rinaldo de Moura Faria - CRB-6 nº 1006

Seções do Livro do Estudante e Alfabetização

As seções do Livro do Estudante têm como objetivo favorecer o desenvolvimento das habilidades. Por isso, é preciso acompanhar esse percurso do desenvolvimento na abordagem dos objetos de conhecimento, o que não impede que você crie atividades correlatas, aborde temas pertinentes ao conteúdo, etc.

Abertura de unidade

Permite que você, professor(a), apresente à turma o que será estudado por meio de uma imagem alusiva ao conteúdo da unidade. É importante explorar essa imagem e propor perguntas ou questões para, de forma convidativa, incentivar o(a) estudante a participar do processo de construção do conhecimento que será abordado.

INICIANDO A CONVERSA

É o momento em que se apresenta o assunto que será discutido. Constitui um espaço de diálogo que busca explorar as ideias iniciais dos(as) estudantes, bem como suas representações sobre o tema. Permite o levantamento dos conhecimentos prévios e contextualiza a temática em estudo. Não se esqueça de: ficar atento(a) àquilo que os(as) estudantes já sabem sobre o assunto e às lacunas de conhecimento que possuem; fazer anotações necessárias e considerar a relevância das intervenções dos(as) estudantes;

observar como os(as) estudantes vão interagir e interpretar textos e imagens nesse momento; estabelecer conexões com outros variados suportes de conteúdo, além do livro didático.

Nesta seção, aproveite ainda para trabalhar as seguintes habilidades da Língua Portuguesa que auxiliam no bom desenvolvimento da alfabetização e do letramento:

(EF15LP01) Identificar a função social de textos que circulam em campos da vida social dos quais participa cotidianamente (a casa, a rua, a comunidade, a escola) e nas mídias impressa, de massa e digital, reconhecendo para que foram produzidos, onde circulam, quem os produziu e a quem se destinam.

(EF15LP09) Expressar-se em situações de intercâmbio oral com clareza, preocupando-se em ser compreendido pelo interlocutor e usando a palavra com tom de voz audível, boa articulação e ritmo adequado. Escuta atenta.

LER E COMENTAR

Os textos, em geral, são acompanhados de questões problematizadoras e imagens. As imagens permitem que o(a) estudante desenvolva a capacidade de observação, a percepção da realidade e o senso crítico. Tanto os textos escritos como as imagens são fontes de informação por meio das quais ele(a) apreende e faz a leitura do mundo em que vive. Chame-lhe a atenção para o conteúdo que é possível encontrar nos textos e imagens. A mediação do(a) professor(a), portanto, é fundamental para que o(a) estudante consiga estabelecer relação entre seu conhecimento prévio e as informações contidas nas imagens e nos tex-



Olá, estudante!

Este livro foi elaborado para você, que vive no Brasil e está no 5º ano do Ensino Fundamental. Nas páginas que se seguem você vai encontrar informações, propostas para reflexões e sugestões de atividades sobre História.

Esperamos que você goste, pois este livro é para você.

Bons estudos e mãos à obra!



Os autores



tos — e desse modo a interação com o material ocorrerá de forma mais significativa. Após a mediação, o(a) estudante pode realizar a leitura silenciosa, ler em voz alta ou acompanhar a leitura feita por você, professor(a). Não se esqueça de: favorecer a leitura de textos, solicitando a leitura coletiva ou individual, sempre respeitando as individualidades, as limitações; destinar um tempo para essa leitura, para que os conteúdos dos textos sejam bem interpretados e as dúvidas, resolvidas; pausar os textos quando preciso; fazer perguntas ou oferecer informações que possam ajudar na compreensão do texto; solicitar, quando julgar necessário, que sublinhem as ideias centrais ou façam esquemas no caderno. Nesta seção, aproveite ainda para trabalhar as seguintes habilidades da Língua Portuguesa que auxiliam no bom desenvolvimento da alfabetização e do letramento:

(EF15LP03) Localizar informações explícitas em textos.

(EF35LP05) Inferir o sentido de palavras ou expressões desconhecidas em textos, com base no contexto da frase ou do texto.

(EF15LP18) Relacionar texto com ilustrações e outros recursos gráficos.

TROCAR IDEIAS E REGISTRAR NO CADERNO

Constitui um espaço formado por um conjunto de atividades que permitem ao(à) estudante expressar-

-se por meio de registros escritos e oralmente. Ele(a) assim poderá dialogar com os(as) colegas e você, professor(a), sobre o que foi entendido com a leitura dos textos, das imagens apresentadas, por meio da exposição de novas ideias, do tratamento das informações relativas ao tema em estudo e da busca de novas informações. É imprescindível que você aproveite o conteúdo proposto nas questões e o(a) auxilie, sempre que preciso, a construir seus argumentos e expor suas ideias. Ajude-o(a), quando necessário, a compreender as perguntas propostas, crie outras que julgar pertinentes, questione, permita que possa se expressar e dialogar sobre o que compreendeu, sobre o que pensa, etc.

Não se esqueça de: auxiliar os(as) estudantes no processo de leitura e escrita; ajudá-los(as) na execução dos exercícios, por exemplo, lendo as questões junto com eles(as), quando necessário; escrever na lousa as respostas, para que possam treinar a escrita correta; durante a correção, anotar as observações relativas à participação e as respostas; observar o envolvimento da turma com os temas, a capacidade de apreensão, relação e ampliação com o conteúdo em si e com outros conteúdos correlatos; selecionar aula(s) específica(s) para o desenvolvimento e a correção das atividades propostas. Nesta seção, aproveite ainda para trabalhar as habilidades a seguir, da Língua Portuguesa, que auxiliam no bom desenvolvimento da alfabetização — você poderá desenvolver e ampliar as atividades propostas contemplando essas habilidades de forma complementar:

(EF15LP18) Relacionar texto com ilustrações e outros recursos gráficos.

CONHEÇA SEU LIVRO

(EF15LP06) Reler e revisar o texto produzido com a ajuda do professor e a colaboração dos(as) colegas, para corrigi-lo e aprimorá-lo, fazendo cortes, acréscimos, reformulações, correções de ortografia e pontuação.

TROCAR IDEIAS

São questões propostas para a reflexão e a exposição oral dos(as) estudantes. Nesta seção, eles(as) são convidados a conversar com a turma sobre algum ponto da temática tratada. O objetivo maior é o estímulo ao diálogo, promovendo a criação de contextos mentais compartilhados, levando a uma reflexão mais consistente e ao aprofundamento do assunto. Entretanto, sempre que achar conveniente, crie mais situações para que expressem suas ideias oralmente. O estímulo ao uso da linguagem oral possibilita maior participação em grupos, desenvolve a habilidade de comunicar-se adequadamente por meio da fala, com clareza e ordenação do discurso. Contribui também para que o(a) estudante aprenda a ouvir as opiniões dos(as) demais colegas. Não se esqueça de: observar o envolvimento da turma com os temas, a capacidade de apreensão, relação e ampliação com o conteúdo em si e outros conteúdos correlatos; destinar um tempo específico para essa troca de ideias; valorizar a participação de todos, respeitando as individualidades e limitações; auxiliá-los(as) a expor as dúvidas e a criar outras hipóteses sobre os conteúdos abordados. Nesta seção, aproveite ainda para trabalhar as seguintes habilidades da Língua Portuguesa que auxiliam no bom desenvolvimento da alfabetização e do letramento:

(EF35LP15) Opinar e defender ponto de vista sobre tema polêmico relacionado a situações vivenciadas na escola e/ou na comunidade, utilizando registro formal e estrutura adequada à argumentação, considerando a situação comunicativa e o tema/assunto do texto.

(EF15LP09) Expressar-se em situações de intercâmbio oral com clareza, preocupando-se em ser compreendido pelo interlocutor e usando a palavra com tom de voz audível, boa articulação e ritmo adequado.

(EF15LP10) Escutar, com atenção, falas de professores e colegas, formulando perguntas pertinentes ao tema e solicitando esclarecimentos sempre que necessário.

(EF15LP13) Identificar finalidades da interação oral em diferentes contextos comunicativos (solicitar informações, apresentar opiniões, informar, relatar experiências etc.).

INVESTIGAR

Apresenta propostas de pesquisa sobre algum aspecto significativo da temática abordada. Os(As) estudantes são

Se você já folheou o seu livro, deve ter percebido que ele está dividido em seções. Deve ter observado também que cada seção é representada de forma diferente. Agora você vai saber o que vamos trabalhar em cada uma.



INICIANDO A CONVERSA

Atividade para o levantamento do conhecimento prévio sobre o assunto do capítulo.

Você vai interpretar textos e imagens e trocar ideias com a turma.



LER E COMENTAR

Textos sobre o assunto do capítulo.

Saiba mais sobre os assuntos de história.



INVESTIGAR

Atividades realizadas na escola ou em casa, individualmente, em grupo ou em turma, para desenvolver, entre outras capacidades, a autonomia na busca do conhecimento.

Realize pesquisas em casa ou na escola, consultando fontes variadas.



PARA SABER MAIS

Leitura de livros de literatura e paradidáticos, artigos de revistas e sites que podem ser usados como fonte para as investigações propostas. Muitos livros indicados nesta seção são do acervo do Programa Nacional do Livro Didático, e por isso devem fazer parte do acervo da biblioteca da sua escola.

Dicas de livros, revistas e site.



TROCAR IDEIAS

Atividade oral para discutir questões referentes aos temas abordados e desenvolvimento da argumentação. Em muitos momentos, são levantadas situações-problema relacionadas.

Você vai discutir os assuntos e dizer que pensa.



BRINCAR E APRENDER Atividade lúdica que envolve assuntos relacionados ao conteúdo de História.

Aprenda de forma divertida.



PARA REVER Espaço destinado a rever o trabalho desenvolvido na unidade.

Realize as atividades e relembre o que você estudou no capítulo.



TROCAR IDEIAS E REGISTRAR NO CADERNO

Atividades variadas sobre os assuntos explorados, para desenvolver a capacidade de localização de informações, análise, interpretação, percepção ambiental, entre outras.

Você vai realizar atividades e trocar ideias com a turma.

ÍCONES DE ALERTA

ATENÇÃO



CUIDADO



PERIGO



**ÍCONE DOS
OBJETOS DIGITAIS**

INFOGRÁFICO



GLOSSÁRIO

Você vai encontrar explicações sobre algumas palavras relacionadas aos temas em estudo.

NÃO ESCREVA NESTE LIVRO. OUTRAS PESSOAS IRÃO USÁ-LO DEPOIS DE VOCÊ.



orientados(as) a fazer pesquisas em *sites* da internet, livros, revistas, jornais, enciclopédias ou por meio de entrevistas, com a intenção de fomentar o diálogo, a cooperação e a troca de experiências. Essas atividades são desenvolvidas, preferencialmente, em grupos para enriquecer as relações de diálogo, cooperação e troca de experiências. Muitas vezes, sugere-se a apresentação para a turma do trabalho realizado. Ao longo da obra, esta seção possibilita ao(à) estudante utilizar uma variedade de fontes de pesquisa, de naturezas distintas, para a construção do conhecimento, aproximando-o(a) das mais variadas fontes de acesso para a elaboração do conhecimento na atualidade.

A seção também apresenta atividades que permitem que o(a) estudante encontre as ideias mais relevantes dos temas pesquisados, aspectos importantes na construção de sínteses e conceitos fundamentais no processo de ensino-aprendizagem. Não se esqueça de: levar em conta, no seu planejamento, o tempo necessário para o desenvolvimento das atividades desta seção, solicitando-as com antecedência; valorizar a participação de todos, respeitando as individualidades e prestando auxílio para superação das dificuldades; orientar os(as) estudantes nas pesquisas; destinar orientações aos pais ou responsáveis quanto às pesquisas propostas, sobre a importância e como pode se dar a participação da família, além do gerenciamento do uso da internet, revistas e jornais.

(EF35LP17) Buscar e selecionar, com o apoio do professor, informações de interesse sobre fenômenos sociais e naturais, em textos que circulem em meios impressos ou digitais.

(EF03LP25) Planejar e produzir textos para apresentar resultados de observações e de pesquisas em fontes de informações, incluindo, quando pertinente, imagens, diagramas e gráficos ou tabelas simples, considerando a situação comunicativa e o tema/assunto do texto.

BRINCAR E APRENDER

Incluimos algumas atividades nas diferentes unidades que compõem os cinco volumes desta coleção, propondo momentos lúdicos de suma importância no processo de ensino-aprendizagem de nossos(as) estudantes. As brincadeiras sugeridas aparecem em contextos nos quais se relacionam diretamente às temáticas trabalhadas. Nesse sentido, são constitutivas e integrantes do processo de construção do conhecimento proposto para essas temáticas. Não se esqueça de: utilizar o recurso das brincadeiras com cunho educativo; quando a atividade pressupuser uma tarefa extraclasse, solicitá-la com a antecedência necessária; valorizar e orientar as apresentações, considerando a abordagem consciente e correta dos conteúdos.

SUMÁRIO

PARA REVER

Espaço com atividades que permitem revisão dos estudos realizados. O desenvolvimento das questões propostas prevê o domínio de pontos importantes e compreensão dos assuntos já trabalhados. Não se esqueça de: destinar momentos específicos para as atividades de revisão e sondagem do desenvolvimento das habilidades; observar e anotar informações relevantes sobre o processo de interação e apreensão dos conteúdos por parte dos(as) estudantes; refletir com eles(as) sobre a persistência de dúvidas.

GLOSSÁRIO

Explicações sobre o significado de palavras retiradas dos textos de cada unidade com o objetivo de enriquecer o vocabulário do(a) estudante e possibilitar a compreensão do texto. Optamos por diluir o glossário ao longo do livro, procurando deixá-lo mais próximo do contexto (isto é, na própria página) em que as palavras ou expressões aparecem pela primeira vez.

PARA SABER MAIS

São sugeridos alguns livros, cujos temas giram em torno dos assuntos estudados. Essa indicação tem como objetivo ampliar e enriquecer a oferta de informações sobre os diferentes assuntos e temas estudados.

O que já sei	8
UNIDADE 1 – HISTÓRIA, COMUNICAÇÃO E DOCUMENTOS	10
Capítulo 1 – Os meios de comunicação e as fontes históricas	12
• Infográfico: Meios de comunicação e História (no Livro Digital)	12
Linguagens e comunicação	14
A escrita	16
• Infográfico: Tipos de telefone (no Livro Digital)	21
• Infográfico: Língua portuguesa e cultura afro-brasileira (no Livro Digital)	30
• Para rever	32
Capítulo 2 – Patrimônio, documento e monumento	34
O que é patrimônio cultural?	35
O patrimônio imaterial	38
• Infográfico: Roda de Capoeira (no Livro Digital)	40
Patrimônio, fontes históricas e cidadania	44
Para rever	46
Para saber mais	47
UNIDADE 2 – ARQUEOLOGIA, CULTURA MATERIAL E OS POVOS ANTIGOS	48
Capítulo 3 – Arqueologia e pré-história brasileira	50
O trabalho do(a) arqueólogo(a) e os sítios arqueológicos	51
Pré-história brasileira	55
Os sambaquis	59
• Infográfico: Cerâmica Marajoara (no Livro Digital)	61
O sagrado na pré-história brasileira	64
Para rever	65

Capítulo 4 – Espaço geográfico e poder: os povos antigos	67
Algumas comunidades antigas	70
Agricultura e sociedade	76
O calendário egípcio	81
Para rever	82
Para saber mais	83
UNIDADE 3 – OCUPAÇÃO DO TERRITÓRIO E O DIREITO À TERRA	84
Capítulo 5 – Os primeiros anos após a chegada da frota de Cabral	86
Início da colonização do território	87
Capitanias hereditárias	89
O povoamento do interior	93
Os arraiais e as vilas	96
Governo-geral e o Tratado de Madri	99
Para rever	108
Capítulo 6 – Movimentos contra o governo metropolitano português	110
A Revolta de Filipe dos Santos	110
Inconfidência Mineira	115
Tiradentes, um herói republicano!	118
Outros republicanos também lutaram	123
A resistência contra o domínio português e a consolidação da independência do Brasil ..	125
• Infográfico: Impostos e nota fiscal (no Livro Digital)	128
Para rever	131
Para saber mais	129
O que aprendi	132
Referências	139

O QUE JÁ SEI

Avaliação diagnóstica

Neste diagnóstico inicial, no presente volume da coleção consideraram-se as habilidades fundamentais e os objetos de estudo previstos na BNCC a serem abordados ao longo do ano letivo.

Sugerimos que o trabalho seja realizado também em rodas de conversa, quando os(as) estudantes terão oportunidade de expressar suas ideias a respeito dos assuntos a serem abordados ao longo do ano, ao passo que você, professor(a), poderá fazer um levantamento dos conhecimentos prévios a ser considerados como pontos de partida no trabalho em sala. Registre suas observações em relação à trajetória de cada criança e da turma de modo geral.

Nos momentos de registro (escrita, marcação, ilustração), você pode identificar elementos relacionados à alfabetização em desenvolvimento em cada criança e, a partir dos dados levantados, planejar o trabalho do ano escolar. Poderá também ampliar essa verificação por meio da roda de conversa, tendo em vista a necessidade de observar ainda o desenvolvimento da oralidade, leitura e escrita da turma. As rodas de conversa poderão ser realizadas em dois ou três momentos distintos, de acordo com o tempo gasto na discussão dos diversos temas e dados a serem levantados por você.

Ao iniciar a roda de conversa, proponha às crianças que falem sobre as respostas das atividades propostas. É importante que você não interfira nesses registros, por se tratar de atividade diagnóstica.

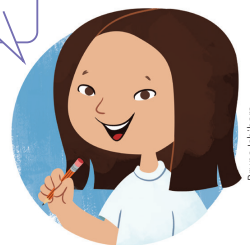
Uma forma de fazer a verificação conceitual é solicitar que identifiquem elementos associados às respostas, às ilustrações, aos argumentos apresentados, e que estabeleçam correlações com os conteúdos a serem trabalhados durante o ano.


Faça perguntas sobre os temas de cada capítulo nas rodas de conversa, incentivando os(as) estudantes a expor o que sabem sobre os conteúdos a serem abordados no volume.

Explore cada resposta das atividades. No decorrer da realização dessas atividades, você terá a oportunidade de definir os parâmetros sobre os índices de alfabetização, bem como sobre o desenvolvimento conceitual. Poderá, assim, estabelecer, estratégias e objetivos específicos com base nas observações e nos registros realizados nesse momento.

Lembre-se de que, ao longo do ano, na abertura de cada nova unidade e capítulo do livro, encontram-se seções que podem ser tomadas como complementares a essa avaliação diagnóstica e à sondagem inicial.

Use o seu caderno para anotar as respostas!



1. Os seres humanos se comunicam de variadas formas desde a chamada “pré-história”, há milhares de anos. Copie as três opções que representam formas de comunicação entre os seres humanos nesse período.
 - a) A comunicação pelos gestos.
 - b) A comunicação pelos sons.
 - c) A comunicação por meio das pinturas rupestres.
 - d) A comunicação por meio de cartas.
2. Com relação aos meios de comunicação, copie no caderno a opção correta.
 - a) As pinturas rupestres e os registros em papiros antigos são formas de comunicação.
 - b) As pinturas rupestres eram formas de depredação do patrimônio.
 - c) Os meios de comunicação são invenções recentes.
 - d) Os seres humanos possuem uma única forma de comunicação.
3. Você já ouviu falar em pinturas rupestres? Em relação às pinturas rupestres, copie no caderno a frase abaixo, substituindo os trechos marcados com , por algumas das palavras em destaque, deixando-a historicamente correta.



UNIDADE

1

HISTÓRIA, COMUNICAÇÃO E DOCUMENTOS

Abertura de unidade

Explore a foto, propondo situações-problema em que a turma será desafiada a expor suas ideias sobre os assuntos a serem estudados. Peça-lhes que observem a imagem e façam perguntas como:

- *O que está representado na imagem?*
- *Que relação existe entre a imagem e o título da unidade?*

Atividade preparatória

Utilize esta seção como parte das atividades preparatórias pertinentes ao tema. Explore as imagens de abertura, os títulos e leve para a sala de aula outras imagens relacionadas aos temas da unidade. Solicite que a turma leia em voz alta os títulos da unidade e dos capítulos.

Utilize as imagens como fontes históricas relacionadas à ocupação do território após a chegada dos colonizadores portugueses, permitindo que expressem e socializem o que identificaram, ampliando o conceito de fonte histórica, assim como permitindo que expressem o que pensam e sabem sobre os desdobramentos sociais e políticos deste processo.

Lembre-se de que, ao longo do ano, na abertura de cada nova unidade e capítulo do livro, encontram-se seções que podem ser complementares a essa avaliação diagnóstica e à sondagem inicial.

Competências Gerais da Base Nacional Comum Curricular

1. Valorizar e utilizar os conhecimentos historicamente construídos sobre o mundo físico, social, cultural e digital para entender e explicar a realidade, continuar aprendendo e colaborar para a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva.
2. Exercitar a curiosidade intelectual e recorrer à abordagem própria das ciências, incluindo a investigação, a reflexão, a análise crítica, a imaginação e a criatividade, para investigar causas, elaborar e testar hipóteses, formular e resolver problemas e criar soluções (inclusive tecnológicas) com base nos conhecimentos das diferentes áreas.
3. Valorizar e fruir as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, e também participar de práticas diversificadas da produção artístico-cultural.
4. Utilizar diferentes linguagens – verbal (oral ou visual-motora, como Libras, e escrita), corporal, visual, sonora e digital –, bem como conhecimentos das linguagens artística, matemática e científica, para se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos e produzir sentidos que levem ao entendimento mútuo.
5. Compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares) para se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva.

- O que está sendo representado na imagem?
- Que relação existe entre a imagem e o título da unidade?
- Qual(is) meio(s) de comunicação aparece(m) na imagem?
- Os livros podem ser fontes históricas?

Livro e computador portátil em mesa de biblioteca, 2011.

11

Competências Específicas de Ciências Humanas para o Ensino Fundamental

1. Analisar o mundo social, cultural e digital e o meio técnico-científico-informacional com base nos conhecimentos das Ciências Humanas, considerando suas variações de significado no tempo e no espaço, para intervir em situações do cotidiano e se posicionar diante de problemas do mundo contemporâneo.

2. Comparar eventos ocorridos simultaneamente no mesmo espaço e em espaços variados, e eventos ocorridos em tempos diferentes no mesmo espaço e em espaços variados.

Competências Específicas de História para o Ensino Fundamental

2. Compreender a historicidade no tempo e no espaço, relacionando acontecimentos e processos de transformação e manutenção das estruturas sociais, políticas, econômicas e culturais, bem como problematizar os significados das lógicas de organização cronológica.

6. Elaborar questionamentos, hipóteses, argumentos e proposições em relação a documentos, interpretações e contextos históricos específicos, recorrendo a diferentes linguagens e mídias, exercitando a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos, a cooperação e o respeito.

7. Identificar interpretações que expressem visões de diferentes sujeitos, culturas e

povos com relação a um mesmo contexto histórico, e posicionar-se criticamente com base em princípios éticos, democráticos, inclusivos, sustentáveis e solidários.

6. Compreender e problematizar os conceitos e procedimentos norteadores da produção historiográfica.

7. Produzir, avaliar e utilizar tecnologias digitais de informação e comunicação de modo crítico, ético e responsável, compreendendo seus significados para os diferentes grupos ou estratos sociais.

Temas Contemporâneos Transversais

Ciência e Tecnologia.

Multiculturalismo – Diversidade Cultural.

Cidadania e Civismo – Vida Familiar e Social, Educação em Direitos Humanos e Processo de Envelhecimento, Respeito e Valorização do Idoso.

**Introdução
do capítulo 1**

Neste capítulo, serão estudados os conceitos de fontes históricas e meios de comunicação. Abordaremos, ainda, a relação entre as fontes históricas e os meios de comunicação ao longo do tempo.

As atividades propostas neste capítulo trabalham as seguintes habilidades da BNCC:

(EF05HI06) Comparar o uso de diferentes linguagens e tecnologias no processo de comunicação e avaliar os significados sociais, políticos e culturais atribuídos a elas.

(EF05HI07) Identificar os processos de produção, hierarquização e difusão dos marcos de memória e discutir a presença e/ou a ausência de diferentes grupos que compõem a sociedade na nomeação desses marcos de memória.

(EF05HI08) Identificar formas de marcação da passagem do tempo em distintas sociedades, incluindo os povos indígenas originários e os povos africanos.

(EF05HI09) Comparar pontos de vista sobre temas que impactam a vida cotidiana no tempo presente, por meio do acesso a diferentes fontes, incluindo orais.

(EF05HI10) Inventariar os patrimônios materiais e imateriais da humanidade e analisar mudanças e permanências desses patrimônios ao longo do tempo.

A cada início de capítulo, releia os objetivos definidos. Reflita sobre tais objetivos levando em conta as demandas dos(as) estudantes e da turma no geral. Você pode modificá-los ou ampliá-los também. Estabeleça diálogo com a turma abordando cada conteúdo, orientando as diversas atividades a serem realizadas, para despertar-lhes o sentido e a consciência acerca de seu próprio aprendizado e do processo pedagógico como um todo. Ao observar essa recomendação, você também incentiva a autonomia dos(as) estudantes.

Objetivos

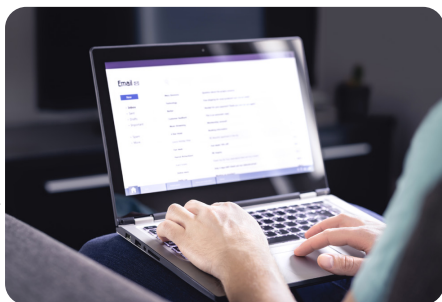
- Conceituar meios de comunicação.
- Conceituar fontes históricas.
- Relacionar meios de comunicação ao registro da vivência social e às fontes históricas.
- Problematizar o uso dos meios de comunicação na atualidade.
- Reconhecer as diferenças entre fontes escritas e não escritas.
- Reconhecer e problematizar o desenvolvimento da escrita como um marco histórico.

**INICIANDO A CONVERSA**

Você já pensou que há diversas formas de se comunicar? Observe as imagens abaixo. Troque ideias com os colegas e a professora (ou professor).



Envelope de papel com carta, 2025.



Computador portátil com envio de e-mails na tela, 2025.



Criança falando ao celular, 2025.

12

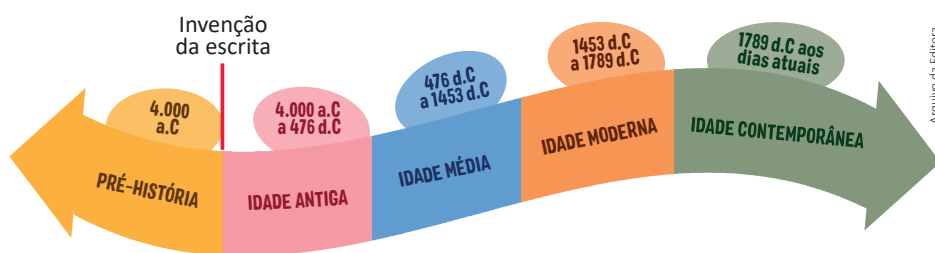


INFOGRÁFICO

Oriente os estudantes a clicar no ícone de **Objeto Digital**, presente no Livro Digital do Estudante, para explorar um infográfico com o tema: **MEIOS DE COMUNICAÇÃO E HISTÓRIA**.

Uma das formas mais utilizadas para a comunicação entre as pessoas é a escrita. Ela é um elemento tão importante que alguns estudiosos avaliam que, quando foi desenvolvida, revolucionou a forma de viver dos seres humanos no passado. Alguns consideram a escrita um **marco** na história da humanidade. Vamos estudar mais sobre isso?

A linha do tempo é uma forma didática de dividir os períodos da história da humanidade. Observe uma linha do tempo:



Podemos dividir a história de maneiras diferentes e a partir de temas e propostas diversos.

Alguns estudiosos questionam o uso da palavra pré-história para se referir ao período em que o ser humano não dominava a escrita. Na verdade, mesmo sem escrever, os seres humanos já faziam história. O que você pensa sobre o assunto?



Criança escrevendo em quadro escolar, 2025.

Marco: momento muito importante que simboliza o início de um novo processo.

13

Orientações metodológicas

Converse com os(as) estudantes sobre o que sabem a respeito da escrita e de que forma ela se desenvolveu. Relacione, a partir da aula dialogada, a escrita como meio de comunicação no passado e no presente. Você poderá abordar os suportes da escrita, o meio digital, entre outros aspectos relevantes. Converse também sobre a linha do tempo, a diversidade de formas possíveis de “dividir o tempo histórico”. Incentive-os(as) a refletir sobre os marcos de contagem do tempo histórico. A História é comumente organizada em períodos, eras, idades ou épocas, que são contados a partir de um marco histórico. Pesquisadores e pesquisadoras da História ocidental definiram alguns marcos históricos para organizar a linha do tempo a partir de eventos (por exemplo, a invenção da escrita). Essa organização foi feita de forma linear, ou seja, em forma de uma linha reta. Mas essa não é a única referência para pensar o tempo histórico, sobretudo porque a história de outras partes do mundo, como a Ásia e a África, possuem como referências relevantes outros marcos históricos relacionados às suas histórias. Sendo assim, não existe uma histórica única, tampouco apenas uma história eurocêntrica. Existem diversas sociedades no mundo e, portanto, diferentes histórias e marcadores de eventos, períodos e formas de pensar as periodizações.

Após a solicitação de uma leitura silenciosa, promova uma leitura oral compartilhada com a turma (cada estudante lê um trecho em voz alta). Solicite que alguns(algumas) estudantes apresentem para a turma uma síntese do que o texto traz. Durante esse processo, faça as intervenções pedagógicas necessárias.

Sugestão de leitura

VALLE, Maíra; PANCETTI, Alessandra. A transformação do mundo pela escrita. **ComCiência**, Campinas, n. 113, 2009. Disponível em: http://comciencia.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-76542009000900002&lng=es&nrm=iso&tlng=pt. Acesso em: 20 ago. 2025.

LINGUAGENS E COMUNICAÇÃO



LER E COMENTAR

No presente, há inúmeras linguagens e diferentes meios de comunicação. Você sabe o que é linguagem?

Linguagem: forma criada para a comunicação com o objetivo de transmitir uma mensagem ou informação; meio pelo qual podemos nos expressar. Essa comunicação pode ser expressa por sons, gestos ou sinais gráficos como a escrita. A organização desses elementos (sons, gestos e sinais) com regras mais definidas para permitir a comunicação se chama língua.

No período chamado de pré-história, os seres humanos comunicavam-se pelos sons, por gestos e por meio dos símbolos **grafados** nas pedras, tal como representado pelas pinturas rupestres.



Pinturas rupestres, Sítio Arqueológico Toca do Boqueirão da Pedra Furada, Parque Nacional da Serra da Capivara, Coronel José Dias, Piauí, 2024.

As pinturas rupestres constituem uma fonte histórica significativa para o estudo e a compreensão dos modos de vida dos seres humanos que viveram há milhares de anos. Por meio de sinais e desenhos pintados nas rochas, os seres humanos se comunicavam. O significado e a mensagem desses sinais são muito estudados desde o século passado.

Grafar: dar forma escrita a uma mensagem, registrar por escrito.

14

(EF05HI06) Comparar o uso de diferentes linguagens e tecnologias no processo de comunicação e avaliar os significados sociais, políticos e culturais atribuídos a elas.

Sugestão de sequência didática – Os meios de comunicação e as fontes históricas

Conteúdo trabalhado: Fontes históricas, meios de comunicação.

Tempo previsto: 6 aulas.

Apresentação do assunto

Nesta sequência de aulas, o(a) estudante poderá refletir sobre os meios de comunicação e a história de alguns deles, além do papel social e do uso no cotidiano. Terá a oportunidade ainda de conceituar fontes históricas e identificar algumas delas associadas ao tema do capítulo.

É muito significativo que os(as) estudantes reconheçam e reflitam sobre a utilização dos meios de comunicação. Na atualidade, são utilizados inúmeros instrumentos e recursos para a comunicação, portanto é imperativo exercitar o pensamento crítico sobre eles. Da mesma forma, os estudos da História dos meios de comunicação, tal como a História da escrita, são realizados por meio de fontes históricas. O conceito de fontes históricas é central para o aprendizado da disciplina. Por meio dele, o(a) estudante pode compreender, entre tantos aspectos, a importância da preservação dessas fontes para o estudo da História humana.

Estratégias

- Inicie a aula comentando com a turma a importância de aprender a História dos meios de comunicação e de refletir sobre a utilização de cada um deles. Incentive os(as) estudantes com perguntas sobre o que pensam a respeito disso, se já ouviram falar no conceito de fontes históricas, o que sabem sobre o surgimento da escrita, entre outros aspectos do conteúdo. Utilize a abertura de unidade para esse momento.
- Na primeira aula, é importante comentar sobre a importância das pesquisas arqueológicas para aprendermos sobre o surgimento da escrita e das fontes históricas. Utilize a seção "Iniciando a conversa", nas páginas 12 e 13.
- Na segunda aula, solicite a leitura alternada (cada estudante lê um trecho) das páginas 14 e 15. Após a leitura, em roda de conversa, proponha a ampliação da reflexão a partir das atividades da seção "Trocar ideias", na página 15. Oriente a turma a realizar as atividades da seção "Trocar ideias e registrar no caderno", na página 16, como tarefa de casa.
- Na terceira aula, promova a correção das atividades incentivando a participação de todos. Em aula dialogada, procure retomar os aspectos já trabalhados sobre o assunto, visto que serão ampliados no próximo item.
- Na quarta aula, solicite a leitura da seção "Ler e comentar", na página 16, aproveitando a seção "Trocar ideias", para que possam identificar o uso social da escrita na atualidade e na vida cotidiana. Solicite que, após a roda de conversa da seção "Trocar ideias", façam no caderno uma lista com alguns exemplos citados.
- Na quinta aula, solicite a leitura individual do texto da página 17, relativo à seção "Trocar ideias e registrar no caderno". Após a leitura, oriente a realização das atividades propostas na mesma seção nas páginas 17, 18 e 19.

Ao compreendê-los, os historiadores podem entender melhor como viviam os seres humanos que os fizeram.

Por meio desses estudos, sabemos que as pinturas rupestres eram usadas para comunicação, como meio de expressão artística e podiam também ser um ritual **místico**.



TROCAR IDEIAS

1. Analise as imagens:

Rocha.



Andre Dib | Pulsar Imagens

Pinturas rupestres na Gruta do Janelão, Parque Nacional Cavernas do Peruaçu, Januária, Minas Gerais, 2017.

Tela.



Domínio Público | Museu Van Gogh, Amsterdã.

"Quarto em Arles" (1888), obra de Vincent van Gogh, óleo sobre tela, 72,4 x 91,3 cm.

Papiro.



Domínio Público | Museu Britânico, Reino Unido.

Papiro egípcio, com data aproximada de 1300 a.C.

2. O que as imagens têm em comum? **Todas as imagens são formas de comunicação e de expressão de uma mensagem.**
3. O que elas têm de diferente? **O que diferencia as imagens são: o suporte utilizado para comunicar, o estilo, o assunto, entre outros.**

Místico: referente à vida espiritual, religiosa.

15

- Na sexta aula, promova a correção das atividades solicitadas na aula anterior, ampliando, a partir das respostas, a reflexão sobre o assunto trabalhado.

Avaliação formativa

É pertinente analisar a atuação de cada estudante individualmente e nos grupos de trabalho. Avaliar as atividades desenvolvidas no livro é um recurso muito importante. Procure registrar o interesse, as ideias iniciais sobre o assunto, o envolvimento na execução das atividades apresentadas e a compreensão dos conceitos trabalhados por cada criança. Faça os registros necessários, as intervenções pertinentes durante o desenvolvimento do capítulo e organize tudo o que irá subsidiar a composição da avaliação formal no final do capítulo.

Um momento a mais para trabalhar conceitos e avaliar seus(suas) estudantes

As atividades propostas na seção "Para rever", nas páginas 32 e 33, oferecem orientações para rever e aprofundar conceitos estudados. Nesse momento, você, professor(a), pode explorar os conceitos trabalhados e oportunizar novos momentos de aprendizagem a partir das necessidades da turma, detectadas nas avaliações realizadas durante o processo de desenvolvimento do capítulo.

Orientações metodológicas

Utilize as imagens da página para incentivar a turma a perceber que diferentes povos, em diferentes épocas, desenvolveram práticas de comunicação.

Faça a leitura oral compartilhada com a turma (cada estudante lê um trecho do texto). Explore as imagens e incentive-os a relatar suas impressões e observações sobre o tema. Esse tipo de atividade incentiva o desenvolvimento da autonomia e desenvoltura na leitura.

Converse com os(as) estudantes sobre as diferenças entre língua e linguagem. Explique as diferentes linguagens.

Utilize as imagens da próxima página para análise do assunto estudado, ressaltando as pinturas rupestres como meio de comunicação no passado.

Oriente a leitura dos textos, explore as imagens, trabalhe os termos novos e retome os conceitos apresentados.

(EF05HI06) Comparar o uso de diferentes linguagens e tecnologias no processo de comunicação e avaliar os significados sociais, políticos e culturais atribuídos a elas.

Orientações metodológicas

Converse com os(as) estudantes sobre os hieróglifos, salientando sua utilização como comunicação no Egito Antigo. Você poderá solicitar uma pesquisa sobre outras formas de comunicação escrita na Antiguidade, como a escrita cuneiforme.

Professor(a), aproveite esse texto para trabalhar a alfabetização com apoio familiar. Oriente a criança a fazer a leitura para seus responsáveis e, em seguida, recontar o texto. Solicite que, previamente, a criança leia o texto em sala de aula e certifique-se de que ela conseguiu extrair corretamente essas informações. Peça-lhe que, depois de recontar o texto, pergunte aos responsáveis as seguintes questões: *Por que a escrita é tão importante em nossos dias? Em quais situações a escrita é um meio muito importante de comunicação atualmente?* Solicite ao(à) estudante que as respostas sejam anotadas no caderno. Em sala de aula, peça que relatem suas experiências para os(as) colegas. Faça as intervenções necessárias, valorizando e explorando as diferentes experiências. Por fim, solicite que cada estudante registre as semelhanças e/ou diferenças entre as respostas apresentadas por seus responsáveis e as respostas apresentadas pelos(as) colegas.

Você pode retomar com eles alguns símbolos utilizados na comunicação digital, de modo a permitir a reflexão sobre o assunto e romper com a ideia equivocada de que há apenas uma forma de comunicação mais significativa.

Você percebeu que as técnicas e meios utilizados não foram os mesmos. No entanto, mulheres e homens em épocas diferentes utilizaram a pintura como forma de expressão e comunicação.

Os hieróglifos egípcios, por exemplo, são registros gráficos feitos no Egito há milhares de anos, por volta de 3200 a.C. Eles podiam ser talhados nas paredes ou pintados em papiros. O papiro funcionava como **suporte** para a escrita naquele período. Nos papiros eram registrados diversos aspectos da vida do antigo Egito. Eles constituem um importante documento para o estudo e a compreensão desse período.



TROCAR IDEIAS E REGISTRAR NO CADERNO

1. Escreva no caderno o nome dos suportes utilizados em cada imagem da página anterior. **Rocha, tela, papiro.**
2. Quais formas de comunicação você conhece? **Resposta pessoal.**
3. Por que comunicar é importante? **Resposta pessoal. Observe se as crianças percebem que a comunicação é algo importante por várias razões, entre elas a interação social, o aprendizado, a expressão individual, entre outros aspectos.**

A ESCRITA



LER E COMENTAR

Ao longo do tempo, novas formas de comunicação foram surgindo e a escrita foi sendo transformada. A invenção e o desenvolvimento da escrita aconteceram durante um longo processo. Diferente do que muitos pensam, a escrita não foi inventada como num passe de mágica, de uma hora para a outra. Há uma longa discussão sobre esse processo, que envolve estudiosos de muitos países.

Ao escrever, os seres humanos alteraram não só a forma de comunicação, que passou a ser feita por sinais gráficos, pintados ou escritos. Transformaram também a forma de interagir socialmente.

Suporte: meio em que foi realizada a grafia ou pintura: papel, metal, madeira, vidro, papiro, entre outros.



TROCAR IDEIAS

- ▷ Quantas experiências ou situações você vivencia no seu dia a dia em que a escrita é utilizada? Resposta pessoal. Procure observar se identificam nas atividades cotidianas o uso social das diferentes formas e meios de comunicação.



TROCAR IDEIAS E REGISTRAR NO CADERNO

1. Leia o texto e responda às perguntas a seguir no caderno.

Atualmente, acredita-se que a escrita foi criada através de um processo de evolução lento, que levou milhares de anos e foi gerado a partir da ideia de registro de propriedade ou objetos. Segundo Marcelo Rede, professor da Universidade de São Paulo (USP) especializado em história da Mesopotâmia, a teoria da criação única da escrita, cuja difusão posterior teria derivado em todos os outros tipos, não é **plausível**. Para ele, não há apenas uma razão para o aparecimento da escrita, e sim inúmeros fatores, dentro de um contexto histórico específico, que levaram as sociedades pré-históricas a desenvolverem esse modo de expressão. [...] Às vezes, os tokens eram impressos na argila, determinando o que esta continha, denotando uma complexidade ainda maior entre a representação e o próprio objeto representado. Com o passar do tempo, as bullae esféricas também desapareceram e surgiram tabletas achatadas e, ao invés dos tokens, passaram a ser utilizadas apenas as impressões destes nos tabletas de argila. Os símbolos **iconográficos** impressos nesses tabletas de argila constituíram os sinais proto-cuneiformes, pois já se assemelhavam à forma triangular, de cunha, da escrita cuneiforme.

A escrita cuneiforme representa o mais antigo sistema de escrita de que se tem registro. Ela apareceu na região da Mesopotâmia – atual Iraque – e, para alguns estudiosos, estaria associada a uma língua única, o sumério, tendo sido criada para expressar os elementos linguísticos de

Plausível: aceitável, admissível, mais correta.

Iconografia: representação de objetos por meio de imagem.

(EF05HI06) Comparar o uso de diferentes linguagens e tecnologias no processo de comunicação e avaliar os significados sociais, políticos e culturais atribuídos a elas.

(EF05HI08) Identificar formas de marcação da passagem do tempo em distintas sociedades, incluindo os povos indígenas originários e os povos africanos.

(EF05HI09) Comparar pontos de vista sobre temas que impactam a vida cotidiana no tempo presente, por meio do acesso a diferentes fontes, incluindo orais.

(EF05HI10) Inventariar os patrimônios materiais e imateriais da humanidade e analisar mudanças e permanências desses patrimônios ao longo do tempo.

Orientações metodológicas

Solicite a leitura coletiva ou alternada do texto. Você pode fazer uma projeção dos trechos e criar espaços de diálogo e interpretação.

Peça os(as) estudantes que escrevam no caderno as palavras que desconhecem no texto e, em seguida, consultem um dicionário e anotem os significados no caderno. Faça integração com Língua Portuguesa trabalhando a construção de frases com essas palavras. Assim, os(as) estudantes se apropriarão melhor do novo vocabulário.

maneira literária, narrativa. Por essa razão, muitos estudiosos insistem em uma criação pontual ou única da escrita. “É uma visão que repercute muito e exagera a ideia de que o surgimento da escrita foi um verdadeiro divisor de águas, marcando o fim da pré-história e o início da história propriamente dita”, afirma Rede. [...]



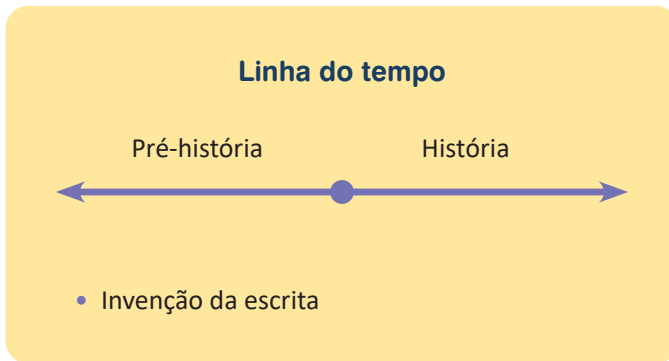
Escrita cuneiforme na tabuleta, Armênia, 2014.

Embora não haja consenso quanto à forma como a escrita se originou, o mesmo não se dá para a invenção do alfabeto, que surgiu depois. “No caso do sistema alfabético, o processo de difusão funcionou largamente: originado, ao que tudo indica, na região do Levante (entre a costa de Gaza e a Turquia), as várias formas de alfabeto foram se derivando umas das outras e espalharam-se por todo o Mediterrâneo antigo, da Fenícia a Roma, passando pela Grécia. Assim sendo, as razões que levaram ao aparecimento da escrita variam conforme os contextos históricos e não há uma resposta única”, completa o professor da USP. Quando o alfabeto foi inventado, as formas escritas passaram a representar não mais coisas, mas os sons da língua falada.

VALLE, Maíra; PANCETTI, Alessandra. A transformação do mundo pela escrita. *ComCiência*, Campinas, n. 113, 2009. Disponível em: http://comciencia.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-76542009000900002&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 3 out. 2025.

- A. A escrita surgiu de repente? Justifique sua resposta.
 Não. Foi "um processo de evolução lento, que levou milhares de anos".
- B. Há apenas uma razão para o aparecimento da escrita?
- C. Qual o mais antigo sistema de escrita de que se tem registro? Onde surgiu? A escrita cuneiforme que apareceu na Mesopotâmia.

2. Observe a imagem e continue a responder no caderno:



Não. A teoria da criação única da escrita, cuja difusão posterior teria derivado em todos os outros tipos, não é plausível. Não há apenas uma razão para o aparecimento da escrita, e sim inúmeros fatores, dentro de um contexto histórico específico, que levaram as sociedades pré-históricas a desenvolverem esse modo de expressão.

- A. Consulte a imagem da linha do tempo na página 13 e anote no caderno a data relacionada à pré-história. 4 000 a.C.
- B. Você concorda com o termo pré-história? Comente no caderno. Resposta pessoal.
- C. Que marco é utilizado para delimitar a divisão do tempo entre a pré-história e o início da história? A invenção da escrita.
- D. Explique com argumentos do texto como foi o processo de difusão do alfabeto.

"No caso do sistema alfabético, o processo de difusão funcionou largamente: originado, ao que tudo indica, na região do Levante (entre a costa de Gaza e a Turquia), as várias formas de alfabeto foram se derivando umas das outras e espalharam-se por todo o Mediterrâneo antigo, da Fenícia a Roma, passando pela Grécia".

3. Represente as emoções indicadas nas palavras abaixo, utilizando símbolos:
 Resposta pessoal.



4. Que diferenças e semelhanças há entre expressar-se por palavras ou por imagens e ilustrações? Resposta pessoal. Espera-se que o(a) estudante relacione ambas como possibilidades de expressão.

Orientações metodológicas

Sempre que possível, acompanhe os registros os(as) estudantes feitos no caderno. É uma oportunidade não só de verificar o desenvolvimento deles na área de História, como também na área de Língua Portuguesa.

É muito importante que, a partir dessas atividades, os(as) estudantes consigam identificar a escrita como um marco histórico, problematizando-o. Converse com a turma e incentive a reflexão sobre a História da escrita e o sistema alfabético, assim como a relação entre o alfabeto e os sons.

No entanto, é preciso que reconheçam outras formas de comunicação e problematizem também a desvalorização de outros símbolos na comunicação.

Procure fazer perguntas que incentivem essa reflexão problematizadora dos marcos históricos, tais como: *Antes da escrita não havia história?*



LER E COMENTAR

(EF05HI06) Comparar o uso de diferentes linguagens e tecnologias no processo de comunicação e avaliar os significados sociais, políticos e culturais atribuídos a elas.

Orientações metodológicas

É importante que os(as) estudantes compreendam a relação entre a escrita e a leitura, assim como percebam que há formas distintas de linguagens.

Converse com a turma sobre os locais representados nas imagens, de forma a identificarem espaços públicos de leitura, assim como o espaço da biblioteca nas escolas públicas.

Chame atenção para a organização dos livros em uma biblioteca a partir de vários critérios, por exemplo, por assunto. Aproveite a oportunidade para incentivar o hábito da leitura.

Chame atenção ainda para os tipos de obras no passado, como os códices medievais e suas características, e para as obras impressas e digitais na atualidade. Converse sobre as diferenças entre essas obras, sem caracterizar níveis de importância ou hierarquias entre elas.

Sugestão de atividade de aprofundamento

Caso seja possível, passeie pela biblioteca da escola com as crianças mostrando-lhes os diferentes livros, setores e recursos de um espaço de leitura. Se possível, incentive-as, em roda de conversa, a comentar sobre livros que já leram ou que gostariam de ler.

Sugestões de leitura

CHARTIER, Roger. **Leituras e leitores na França do Antigo Regime**. Tradução de Álvaro Lorencini. São Paulo: Unesp, 2003.

CHARTIER, Roger (org.). **Práticas da leitura**. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.

CHARTIER, Roger. **A aventura do livro: do leitor ao navegador**. Tradução de Reginaldo Carmello Corrêa de Moraes. São Paulo: Unesp e Imprensa Oficial SP, 1998.

MIRANDA, Cecília Coutinho de. Bibliotecas escolares e salas de leitura importam para o aprendizado dos estudantes?. **Educação & Pesquisa**, São Paulo, v. 48, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1678-4634202248242158>por. Acesso em: 11 set. 2025.

A escrita em si não é uma revolução sem o elemento que a completa: a leitura. Podemos considerar que com o surgimento da escrita surge também a leitura. O historiador Roger Chartier afirma que a impressão dos textos em forma de livro (então chamado códice) na Idade Média, assim como as formas como eram lidos (em voz alta, silenciosamente, em grupos ou individualmente), teve uma repercussão muito importante na organização social e nas relações humanas. Uma outra revolução, segundo ele, ocorreu no século XX: o livro eletrônico.



Biblioteca de escola municipal, Mateiros, Tocantins, 2023.



Interior da Biblioteca Nacional, na cidade do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.



TROCAR IDEIAS

1. Por que a escrita, em si, não é uma revolução, segundo o historiador citado no texto? *Segundo o historiador, para ser uma revolução deve ser considerado também o elemento que a completa: a leitura.*
2. Quando ocorreu a impressão de textos em forma de livros?
Durante a chamada Idade Média.



INFOGRÁFICO

Orientações metodológicas

Você poderá trabalhar de forma interdisciplinar com a Geografia, desenvolvendo a habilidade:

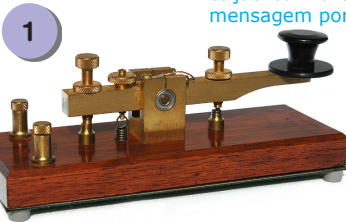
(EF05GE06) Identificar e comparar transformações dos meios de transporte e de comunicação.

Solicite aos(as) estudantes que listem, em folha separada, os meios de comunicação identificados no capítulo. Escolham dois deles e ilustrem. Em seguida, indiquem uma ou duas diferenças que observaram entre os meios de comunicação listados.



TROCAR IDEIAS E REGISTRAR NO CADERNO

1. Observe as imagens. *Telégrafo: Permite a comunicação com a transmissão da mensagem por meio de fios.*



Século XIX.

Smartphone: Permite que nos comuniquemos com outras pessoas por meio da fala, do diálogo, inclusive a longas distâncias.



2018.

3



1950.

Rádio: Permite a comunicação por meio de ondas.

Computador: Permite o armazenamento e o processamento de dados e informações, além de permitir a comunicação por meio da internet.

4



2010.

Cartas: Permite a comunicação por meio da escrita em papel.

5



2014.

21

Oriente os estudantes a clicar no ícone de **Objeto Digital**, presente no Livro Digital do Estudante, para explorar um infográfico com o tema: **TIPOS DE TELEFONE**.

(EF05HI06) Comparar o uso de diferentes linguagens e tecnologias no processo de comunicação e avaliar os significados sociais, políticos e culturais atribuídos a elas.

(EF05HI09) Comparar pontos de vista sobre temas que impactam a vida cotidiana no tempo presente, por meio do acesso a diferentes fontes, incluindo orais.

Orientações metodológicas

Aproveite a atividade para retomar os conceitos de meios de comunicação, relacionando-os às fontes históricas. Explore com os(as) estudantes os aspectos relativos ao conteúdo relacionando-os às manchetes.

É importante que você leia as recomendações propostas na obra "Crianças, adolescentes e telas: Guia sobre usos de dispositivos digitais" (Brasil, 2015), de forma a incentivar à percepção crítica quanto aos conteúdos acessados na internet, ao tempo de uso das telas e à responsabilidade no seu uso.

Você poderá trabalhar de forma interdisciplinar com a Língua Portuguesa a partir do desenvolvimento da habilidade: **(EF05LP19)** Argumentar oralmente sobre acontecimentos de interesse social, com base em conhecimentos sobre fatos divulgados em TV, rádio, mídia impressa e digital, respeitando pontos de vista diferentes. Outra habilidade que pode ser trabalhada é: **(EF35LP10)** Identificar gêneros do discurso oral, utilizados em diferentes situações e contextos comunicativos, e suas características linguístico-expressivas e composicionais (conversação espontânea, conversação telefônica, entrevistas pessoais, entrevistas no rádio ou na TV, debate, noticiário de rádio e TV, narração de jogos esportivos no rádio e TV, aula, debate etc.).

2. Você conhece cada um dos objetos representados nas imagens? Copie no caderno cada palavra abaixo seguida do número do objeto que ela denomina e descreva como este funciona.

Smartphone

Telégrafo

Rádio

Computador

Cartas

3. O que existe em comum entre esses objetos? *Todos são meios de comunicação.*
4. Observe as informações.

IBGE revela que Brasil tem 163,8 milhões de pessoas com aparelho de telefone celular

Estadão Conteúdo, 16 ago. 2024.

IBGE revela que Brasil tem 163,8 milhões de pessoas com aparelho de telefone celular. **Estadão Conteúdo**, Rio de Janeiro, 16 ago. 2024. Disponível em: <https://economia.uol.com.br/noticias/estadao-conteudo/2024/08/16/ibge-revela-que-brasil-tem-1638-milhoes-de-pessoas-com-aparelho-de-telefone-celular.htm>. Acesso em: 3 out. 2025.

Número de lares urbanos com internet passou de 13% para 85% em 20 anos

Paula Laboissière, 31 out. 2024.

Nas áreas rurais, o índice é de 74%

LABOISSIÈRE, Paula. Número de lares urbanos com internet passou de 13% para 85% em 20 anos. **Agência Brasil**, Brasília, DF, 31 out. 2024. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2024-10/numero-de-lares-urbanos-com-internet-passou-de-13-para-85-em-20-anos>. Acesso em: 3 out. 2025.

Pesquisa revela que Brasil tem 480 milhões de dispositivos digitais em uso, sendo 2,2 por habitante

FGV Notícias, 27 jun. 2024.

PESQUISA revela que Brasil tem 480 milhões de dispositivos digitais em uso, sendo 2,2 por habitante. **FGV**, [s. l.], 27 jun. 2024. Disponível em: <https://portal.fgv.br/noticias/pesquisa-revela-brasil-tem-480-milhoes-dispositivos-digitais-uso-sendo-22-habitante>. Acesso em: 3 out. 2025.


Os dados mostram como um grande número de brasileiros e brasileiras e boa parte da população mundial têm acessado a internet, celulares e *smartphones* atualmente.

Na sua casa, você e seus familiares acessam a internet e utilizam telefones celulares ou *smartphones*? [Resposta pessoal.](#)

5. Vamos fazer um levantamento para saber quantos estudantes em sua sala de aula utilizam os recursos das tecnologias de informação e comunicação? Com auxílio e orientação da professora (ou professor), faça uma tabela no caderno para registrar as seguintes informações sobre sua turma:

[Respostas pessoais.](#)

ESCOLA: _____		TURMA: _____	
Faixa etária	Total de alunos	Usuários de Internet	Usuários de telefonia celular



6. De acordo com os dados obtidos, podemos dizer que o uso de aparelhos celulares faz parte dos hábitos da turma? Justifique. [Resposta pessoal.](#)
7. Durante quanto tempo você utiliza, em um dia, a internet? [Resposta pessoal.](#)
8. Analise as palavras e expressões no quadro e, em seguida, responda:

Td	Tudo
Kkk	Risada
Msm	Mesmo
Blz	Beleza
Mto	Muito

- A. Em que ambiente essas palavras e expressões são utilizadas? [São muito utilizadas na comunicação virtual.](#)
- B. Que relação há entre elas, a palavra escrita e a forma oral de se comunicar? [Todas são formas de comunicação.](#)

Orientações metodológicas

Crie uma roda de conversa sobre o tema e, em seguida, solicite que escrevam um parágrafo sintetizando as ideias debatidas.

Você poderá, ainda, solicitar que escrevam um texto ou parágrafo argumentando sobre os benefícios e problemas relacionados ao uso dessa linguagem e o tempo de utilização da internet.

Trabalhe as habilidades de Língua Portuguesa:

(EF05LP23) Comparar informações apresentadas em gráficos ou tabelas.

(EF05LP24) Planejar e produzir texto sobre tema de interesse, organizando resultados de pesquisa em fontes de informação impressas ou digitais, incluindo imagens e gráficos ou tabelas, considerando a situação comunicativa e o tema/assunto do texto.



LER E COMENTAR

(EF05HI06) Comparar o uso de diferentes linguagens e tecnologias no processo de comunicação e avaliar os significados sociais, políticos e culturais atribuídos a elas.

Sugestão de atividade complementar

Converse com a turma sobre a importância de línguas como a Libras. Observe o conhecimento prévio de cada estudante e pergunte se alguém conhece o alfabeto em Libras. Você pode solicitar aos(as) estudantes que, em grupos, utilizem o alfabeto para compor algumas palavras e propor que sejam interpretadas pela turma. Você também pode pesquisar e, se possível, convidar algum(a) professor(a) de Libras para conversar com os(as) estudantes.

Discuta com a turma sobre a comunicação virtual e a linguagem utilizada. Reflita sobre a utilização da norma culta e coloquial.

Chame a atenção dos(as) estudantes para a análise das imagens que remetem à Libras e ao Braille.

Você conhece a Língua Brasileira de Sinais?

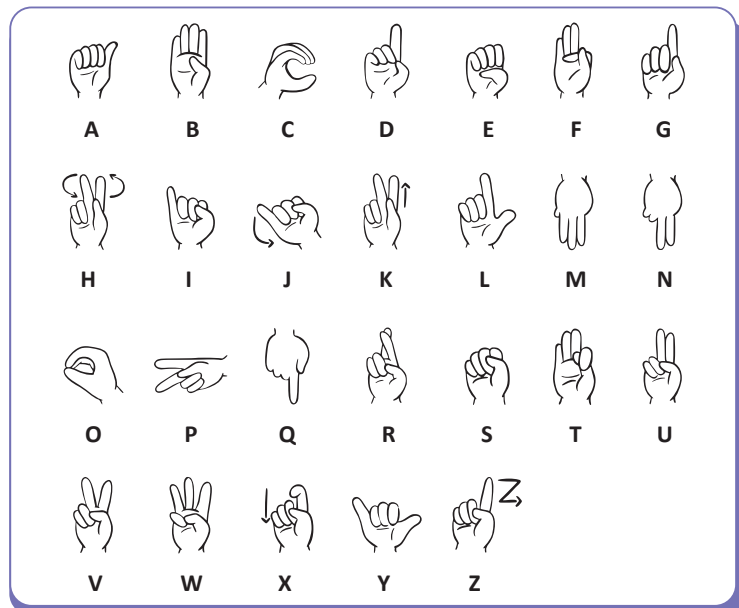
O termo Libras é a abreviatura de Língua Brasileira de Sinais. Ela é uma forma de comunicação que não utiliza sinais gráficos ou sons como na língua falada. Muitas pessoas não a conhecem. Outras acreditam que ela represente apenas uma mímica e não é muito elaborada. Mas isso não é verdade. A Libras possui uma estrutura linguística formal largamente utilizada e estudada. Possui vocabulário específico e um dicionário próprio. É comumente usada por pessoas com deficiência auditiva, mas não somente por elas. Há escolas que a adotam como disciplina curricular. A Lei nº 10.436/02 reconhece a Libras e regulamenta a formação de professores para ensiná-la no Brasil.



TROCAR IDEIAS

► Por que a Libras é importante?

Respostas pessoais. Espera-se que as crianças identifiquem a LIBRAS e sua importância na comunicação entre as pessoas, sobretudo aquelas com deficiência auditiva.



Representação do alfabeto em Libras.



Leia a tirinha da Turma da Mônica e conte aos colegas a resposta da pergunta do personagem Cascão.



Banco de Imagens MSP - © Mauricio de Sousa Editora Ltda

Site

Notícias sobre Libras no site do MEC. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/component/tags/tag/33044>. Acesso em: 20 ago. 2025.

Orientações metodológicas

Solicite às crianças que relatem em casa o que aprenderam sobre a Língua Brasileira de Sinais, inclusive lendo o texto para os seus familiares. Explique que elas devem apresentar para a turma a opinião dos familiares sobre as informações compartilhadas.

(EF05HI06) Comparar o uso de diferentes linguagens e tecnologias no processo de comunicação e avaliar os significados sociais, políticos e culturais atribuídos a elas.

(EF05HI10) Inventariar os patrimônios materiais e imateriais da humanidade e analisar mudanças e permanências desses patrimônios ao longo do tempo.

Orientações metodológicas

É importante que os(as) estudantes tenham conhecimento e reconheçam a importância do Sistema Braille. Procure dialogar com a turma com o objetivo de identificar o conhecimento prévio sobre o assunto.

Sugestão de atividade complementar

Escreva no quadro a seguinte frase: “As fontes históricas são registros que podem ser escritos ou não.”

Faça perguntas que incentivem a turma a pensar outros tipos de fontes que não sejam escritas. Leve imagens ou vídeos que apresentem exemplos de fontes históricas não escritas.

Você poderá criar e realizar com os(as) estudantes um jogo sobre as fontes históricas. Leve um dado com os lados contendo as expressões “fonte escrita” e “fonte não escrita”. Lembre-se de que cada expressão aparecerá mais de uma vez. Divida a turma em grupos. A cada jogada, eles devem citar uma fonte relativa à expressão indicada no dado.

Site

Grafia Braille no *site* do MEC. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/grafiaport.pdf>. Acesso em: 20 ago. 2025.



INVESTIGAR

O Braille é um sistema de escrita e leitura.

1. Faça uma pesquisa sobre o Braille.
2. Registre as informações em seu caderno e apresente-as aos seus colegas. Lembre-se de registrar como é feita a escrita e a leitura por meio do Braille.



LER E COMENTAR

Os meios de comunicação, as linguagens e as línguas com os quais os seres humanos se comunicavam no passado e no presente são registrados. No entanto, parte dessas formas e registros se perde com o tempo. As fontes históricas, como você já observou, são registros dessa comunicação que podem ser escritos ou não. As pinturas rupestres, a grafia na argila, os papiros, entre tantos outros documentos históricos, ajudam-nos a compreender o processo de comunicação e a vivência social, a existência dos seres humanos no passado. Com a ação dos seres humanos no tempo e a partir de outros fatores, tais como a degradação natural, as guerras, etc., muitos desses documentos foram se perdendo ou foram sendo alterados.

Um elemento importante a se considerar sobre as fontes históricas é a metodologia de análise. Mas o que é isso? É a forma como os historiadores e historiadoras estudam o documento para retirar dele informações sobre o que está estudando. Eles precisam “dialogar” com esse documento, criticá-lo, observar o contexto em que foi produzido. O contexto está relacionado à época em que foi produzido, quem o fez, com quais intenções, para falar sobre o quê, o que deixou de falar, entre outras coisas.

Item também bastante relevante para essa análise é saber qual a intenção daqueles que produziram o documento. Você sabia que algumas pessoas criam seus próprios registros, ou seja, elas elegem os documentos que vão usar para “contar” sobre sua vida? Um dos exemplos mais comuns é a criação de diários pessoais. Ao escrever um diário contando sua história, uma pessoa pode registrar o que achar mais conveniente.

Um historiador ou historiadora, ao ler esse diário, precisa ter cuidado para avaliar o que foi dito por seu autor. Às vezes, deve cruzar informações com

outras disponíveis, buscar fontes que apresentem mais visões sobre os fatos descritos, entre outras coisas.

O mesmo podemos dizer sobre as fotografias de si mesmo, as *selfies*, cujo objetivo é registrar uma viagem, uma ideia, um momento que se está vivendo. Ao se fotografar, o sujeito seleciona o que quer mostrar, como, quando, onde. O historiador ou historiadora, nesses casos, procura compreender o que foi demonstrado e também o que ficou oculto, a que o fotógrafo deu ênfase e o que preferiu deixar de mostrar.

O trabalho dos historiadores e historiadoras é muito complexo. Ao analisar uma fonte histórica, eles precisam ser muito cuidadosos e criteriosos. Vamos conhecer um pouco desse trabalho com fontes escritas.



TROCAR IDEIAS

Os(as) estudantes devem identificar as fontes históricas como documentos que são utilizados pelos historiadores e historiadoras para o estudo do passado. Devem ainda reconhecer que toda a produção humana é potencialmente passível de ser uma fonte histórica. Há tipologias de fontes e diversidade de fontes históricas.

1. O que são fontes históricas?
2. Dê exemplos de fontes históricas relacionadas à comunicação.

Textos, escritos, imagens, entrevistas, móveis, entre tantos outros.



TROCAR IDEIAS E REGISTRAR NO CADERNO

1. Observe o quadro com os tipos de fontes históricas. No caderno, copie e ilustre exemplos de algum tipo de fonte que você conhece, utiliza ou tem maior familiaridade em seu dia a dia. Respostas pessoais. A criança deverá identificar e escolher um dos exemplos do quadro e ilustrá-lo no caderno.

TIPO DE FONTE	EXEMPLO
Textos escritos	Cartas, livros, documentos do governo, diários, bilhetes, etc.
Imagens	Quadros pintados, ilustrações, vídeos, etc.
Documentos orais	Depoimentos, entrevistas, histórias, lendas, registrados ou passados entre gerações, etc.
Objetos ou cultura material	Móveis, imóveis, roupas, sapatos, utensílios, etc.

27

bem investigados, podem oferecer aos historiadores muitas informações sobre a população que construiu ou utilizou esses bens.

3. Bens imateriais

Os conhecimentos, as técnicas e as tradições que os homens possuem, tais como as festas populares, expressões utilizadas em determinadas regiões, enfim, as mais diversas manifestações culturais de um povo.

4. Sonoras, visuais ou audiovisuais

São fontes que, por meio da imagem e/ou do som, tais como músicas, fotografias, pinturas, imagens fixas ou em movimento, vídeos, filmes... oferecem informações importantes ao historiador.

5. Fontes orais

São aquelas que oferecem informações com base em entrevistas com pessoas que apresentam seus depoimentos sobre acontecimentos, modos de vida, instituições, enfim, diversos aspectos da história vivenciados por elas.

PORTO, Amélia; SILVA, Marco Antonio. **Nas trilhas do ensino de História**. BH: Rona Editora, 2012, p. 21-22.

(EF05HI06) Comparar o uso de diferentes linguagens e tecnologias no processo de comunicação e avaliar os significados sociais, políticos e culturais atribuídos a elas.

(EF05HI07) Identificar os processos de produção, hierarquização e difusão dos marcos de memória e discutir a presença e/ou a ausência de diferentes grupos que compõem a sociedade na nomeação desses marcos de memória.

Orientações metodológicas

Aproveite as atividades dessa página para ampliar o entendimento sobre os diferentes tipos de fontes históricas. Converse com as crianças, em roda de conversa, solicitando que deem exemplos de fontes históricas que conheçam.

Texto de apoio

De acordo com suas características, podemos dividir as fontes históricas em cinco tipos:

1. Documentos escritos

São os mais diversos tipos de textos manuscritos e impressos, como cartas, diários pessoais, jornais, revistas, escrituras de imóveis, documentos pessoais como Certidão de Nascimento, Carteira de Identidade.

2. Bens materiais

São os objetos de arte ou aqueles utilizados pelos homens no cotidiano, como as roupas, os móveis, as construções, as peças de cerâmicas. Se

Sugestão de atividade complementar

Você poderá sugerir que escrevam um diário pessoal. Caso alguém se sinta à vontade, sugira o compartilhamento de um trecho do diário com a turma. Reflita com os(as) estudantes sobre o diário como fonte histórica.

Leve jornais para a sala de aula e explore-os com os(as) estudantes antes da realização da atividade da página 29.

2. As linguagens se modificaram ao longo do tempo e novas são criadas. O mesmo ocorreu com as línguas, a exemplo das representadas a seguir. Escreva uma legenda para cada imagem, no caderno.

Respostas pessoais.



3. Identifique a língua usada em cada imagem e troque ideias com a turma.
Braille; Escrita; Libras; Comunicação oral.



LER E COMENTAR

(EF05HI06) Comparar o uso de diferentes linguagens e tecnologias no processo de comunicação e avaliar os significados sociais, políticos e culturais atribuídos a elas.

(EF05HI07) Identificar os processos de produção, hierarquização e difusão dos marcos de memória e discutir a presença e/ou a ausência de diferentes grupos que compõem a sociedade na nomeação desses marcos de memória.

(EF05HI09) Comparar pontos de vista sobre temas que impactam a vida cotidiana no tempo presente, por meio do acesso a diferentes fontes, incluindo orais.

Orientações metodológicas

Leve alguns exemplos sobre as tradições orais. Você poderá solicitar uma pesquisa sobre o tema com antecedência para que os(as) estudantes possam aprofundar seus conhecimentos sobre o assunto. Faça um painel na sala de aula com os resultados das pesquisas.

Faça a leitura compartilhada do texto com a turma. Indique alguém para ler o título do texto apresentado na página. Após a leitura do título, sugerimos que indique dois(duas) ou mais estudantes para fazer a leitura para a turma. A seguir, proponha que outros dois(duas) estudantes verbalizem para a turma a compreensão do que foi lido.

Converse com os(as) estudantes sobre o conceito de cultura oral. Crie uma roda de conversa sobre o assunto e levante perguntas

para incentivá-los(as) a pensar sobre o assunto, por exemplo: *Na sua família há casos e histórias que são contados e recontados entre gerações? Você acha importante registrar histórias que são contadas, mas não são escritas?*

A partir da atividade desta e da página seguinte, incentive a turma a pensar sobre as formas de resgate e valorização das tradições orais. A cultura oral na África é uma tradição e está muito associada à valorização e manutenção das identidades em diferentes comunidades. É ainda uma forma de transmissão dos saberes ancestrais.

Texto de apoio

As sociedades africanas são marcadas como sociedades orais, porque a sua historiografia, literatura e espiritualidade é passada de geração a geração por meio da tradição oral. E por causa disso, com uma perspectiva colonial, muitas sociedades exteriores pautadas pelo eurocentrismo e cultura da escrita, olham as sociedades africanas como sem culturas e sem registros (Silva, 2021), tudo isso devido a um conjunto de construções ideológicas passadas pela influência europeia que pretende colocar, há séculos, o continente africano como um lugar de inferioridade e como uma zona de não ser (Quijano, 2005; Fanon, 2008; Nascimento, 2023).

HINDA, Octávio Bengui José; DAVID, Makosa Tomás. A oralidade como forma de existir a África: um caso de preservar o passado, presente e o futuro das comunidades africanas. **Comunicação, Cultura e suas Interfaces**, 16. ed., v. 10, ano 9, n. 1, 2024. Disponível em: <https://periodicos.unemat.br/index.php/ccs/article/view/12693/8847>. Acesso em: 5 ago. 2025. [Fragmento].

As tradições orais e as fontes orais

A língua falada é um dos recursos de comunicação mais usados pelos seres humanos. Muitos historiadores trabalham com as fontes orais para compreender temas e objetos de pesquisa. Diversas populações conservam tradições e histórias vivas na memória devido à língua falada. Contadas de geração em geração, essas histórias e tradições se mantêm vivas.

Trata-se de prática muito comum, por exemplo, entre as populações indígenas e africanas, em que os mais velhos contam e assim repassam aos mais novos seus mitos, lendas, experiências, saberes e técnicas.

Mas isso não ocorre apenas com as populações indígenas. Você já ouviu alguma história de família? Muitos grupos de amigos ou familiares, ao se reunir, contam e recontam histórias vividas e casos ocorridos. Ao recontar, muitas vezes, podem surgir novas ideias, novas interpretações, novos olhares sobre a história recontada. A memória reelabora e reinterpreta fatores dentro de um contexto.

Os historiadores recorrem também à fonte oral como fonte histórica. Nestes casos, realizam entrevistas e colhem depoimentos de pessoas que depois são minuciosamente interpretados para fornecer informações sobre o que está sendo pesquisado.



Atte Jaqueline Tigori | Dreamstime.com

Contadores de histórias africanos responsáveis pela transmissão de muitas tradições por meio da oralidade, Costa do Marfim, 2015.



TROCAR IDEIAS

► Por que as histórias de famílias podem ser fontes orais?

As histórias de famílias são exemplos de comunicação oral, porque comumente são contadas de geração em geração.

30





1. Leia a reportagem e responda às questões no caderno.

Revista “Sala Preta” destaca documentação da história do teatro brasileiro

Jornal da USP, 1 fev. 2018

Nova edição também apresenta a relevância de figurinos de espetáculos como documentos históricos

A Revista Sala Preta acaba de publicar o seu último número (volume 17, número 2, 2017). A edição traz uma homenagem à documentação e acervos sobre a história do teatro brasileiro. São quase 20 artigos sobre o tema, nos quais apresentam exemplos de revisões históricas feitas a partir da pesquisa em arquivos. Pesquisadores reconhecidos por seus trabalhos na área assinam textos da publicação.

Entre os assuntos abordados, Maria Thereza Vargas, pioneira no campo no país, relata a sua experiência de documentação teatral no antigo Idart, atualmente a Divisão de Pesquisas do Centro Cultural São Paulo. O Centro de Documentação da Funarte e a Fundação Biblioteca Nacional também aparece na publicação através de outros autores.

Outro destaque é *Falas de camarim*: história oral e história do teatro, em que Tania Brandão valoriza a história oral ao entrevistar artistas de teatro como fontes de pesquisas. Enquanto Fausto Viana defende a relevância dos figurinos de espetáculos como documentos fundamentais das encenações no artigo *O traje como documento*.

REVISTA “Sala Preta” destaca documentação da história do teatro brasileiro. **Jornal da USP**, São Paulo, 1 fev. 2018. Disponível em: <https://jornal.usp.br/ciencias/ciencias-humanas/revista-sala-preta-destaca-documentacao-da-historia-do-teatro-brasileiro/>. Acesso em: 18 ago. 2025.

2. Quais fontes históricas foram citadas na reportagem? [Os figurinos e as entrevistas com os atores.](#)
3. Como os estudos que aparecem na reportagem contribuem para a preservação do teatro? [Registrando e documentando a história do teatro em São Paulo.](#)
4. Utilize argumentos do texto que comprovem a valorização da história oral para a realização desse trabalho. [Tania Brandão valoriza a história oral ao entrevistar artistas de teatro como fontes de pesquisa.](#)

31

Sites

Associação Brasileira de História Oral. Disponível em: <http://www.historiaoral.org.br/>. Acesso em: 20 ago. 2025.

Revista Brasileira de História Oral. Disponível em: <http://revista.historiaoral.org.br/>. Acesso em: 20 ago. 2025.

Sugestões de leitura

GIORDANO, Alessandra. A arte de contar histórias e o conto de tradição oral em práticas educativas. **Constr. psicopedag.**, São Paulo, v. 21, n. 22, p. 26–45, 2013. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1415-69542013000100004&script=sci_abstract. Acesso em: 20 ago. 2025.

PINSKY, Carla Bassanezi (org.). **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2005.

Orienta os estudantes a clicar no ícone de **Objeto Digital**, presente no Livro Digital do Estudante, para explorar um infográfico com o tema: **LÍNGUA PORTUGUESA E CULTURA AFRO-BRASILEIRA**.

(EF05HI07) Identificar os processos de produção, hierarquização e difusão dos marcos de memória e discutir a presença e/ou a ausência de diferentes grupos que compõem a sociedade na nomeação desses marcos de memória.

(EF05HI09) Comparar pontos de vista sobre temas que impactam a vida cotidiana no tempo presente, por meio do acesso a diferentes fontes, incluindo orais.

Orientações metodológicas

Faça a leitura compartilhada com os(as) estudantes, incentivando a autonomia e a desenvoltura na leitura. Incentive-os(as) a relatar suas impressões e observações sobre o tema.

Solicite que identifiquem e anotem a autoria, a fonte e a data da reportagem no caderno.

Sempre que possível, acompanhe os registros dos(as) estudantes feitos no caderno. É uma oportunidade de verificar o desenvolvimento da turma não só na área de História, como também na de Língua Portuguesa.



PARA REVER

(EF05HI06) Comparar o uso de diferentes linguagens e tecnologias no processo de comunicação e avaliar os significados sociais, políticos e culturais atribuídos a elas.

(EF05HI07) Identificar os processos de produção, hierarquização e difusão dos marcos de memória e discutir a presença e/ou a ausência de diferentes grupos que compõem a sociedade na nomeação desses marcos de memória.

Sugestão de atividade complementar

Promova uma revisão com os(as) estudantes sobre os conceitos de fontes históricas e sua relação com os meios de comunicação, as línguas e as linguagens. Aproveite para tirar dúvidas. Utilize as atividades como sondagem sobre a apreensão dos conteúdos do capítulo.

Esta atividade pode contribuir no desenvolvimento das habilidades de Língua Portuguesa:

(EF05LP10) Ler e compreender, com autonomia, anedotas, piadas e cartuns, dentre outros gêneros do campo da vida cotidiana, de acordo com as convenções do gênero e considerando a situação comunicativa e a finalidade do texto;

(EF05LP11) Registrar, com autonomia, anedotas, piadas e cartuns, dentre outros gêneros do campo da vida cotidiana, de acordo com as convenções do gênero e considerando a situação comunicativa e a finalidade do texto.

Explore a imagem e o diálogo, considerando a situação comunicativa e enfatizando suas funções na comunicação. Solicite que recriem os diálogos, levando em conta o objetivo da ironia, ou que recriem a cena.

Conclusão do capítulo 1

Os(As) estudantes tiveram a oportunidade de ampliar seus conhecimentos a respeito dos meios de comunicação e das fontes históricas. Trabalharam esses conceitos de forma a caracterizá-los e relacioná-los com outros aspectos associados à disciplina História e ao cotidiano.

Salientamos a importância de acompanhar o desenvolvimento das crianças quanto à aquisição de conhecimentos e habilidades relacionados aos conceitos trabalhados no capítulo, sempre atentando à sua contextualização no tempo e no espaço, requisitos para a compreensão do conteúdo de História. É importante também perceber o desenvolvimento das habilidades relacionadas ao domínio da Língua Portuguesa. Para isso, atente às atividades realizadas e à participação dos(as) estudantes, observando aspectos como os registros escritos, o ritmo e a entonação na leitura oral, a compreensão das informações lidas (compreensão de texto), entre outros. Leia e tenha como referência as habilidades da BNCC da Língua Portuguesa dispostas na abertura de cada unidade.

32

Os registros da comunicação, antigos e atuais, podem funcionar como fontes históricas para o trabalho de historiadores e comunidades.

1. Responda às questões no caderno:
 - A. Que fontes históricas se relacionavam às formas de comunicação na chamada pré-história e na antiguidade? *Pinturas rupestres, pinturas nos papiros, alfabeto na argila, entre outros.*
 - B. O que há em comum entre as cartas manuscritas e enviadas pelos serviços de correios aos destinatários e os e-mails (correios eletrônicos)? *Ambas são formas de comunicação.*
 - ▶ Cite recursos utilizados no passado para comunicação. *Pinturas rupestres, telégrafo, entre outros.*
 - ▶ Cite recursos utilizados no presente para comunicação. *E-mail, cartas, televisão, entre outros.*
2. Analise a imagem:



Copie em seu caderno a frase que melhor representa a mensagem transmitida pela charge.

- a) A charge apresenta a importância do celular em nossas vidas.
- b) A charge afirma que devemos utilizar mais o telefone celular.
- c) A charge fala sobre uma das formas de comunicação do passado.
- d) A charge apresenta uma crítica à forma como utilizamos o celular.

3. Reflita sobre o uso da internet. Quais são os registros deixados na comunicação digital? *Um dos tipos de registros deixados pelo uso da internet é o registro escrito, como e-mails trocados, entre outros.*
4. De que forma são transmitidas as narrativas na cultura oral? *Por meio da oralidade, ou seja, pela conversa, pela palavra falada.*
5. Observe a imagem:



Avô e neto em momento de leitura, 2021.

- ▷ Cite os meios de comunicação presentes na imagem. *Linguagem oral, livro.*

6. Observe as imagens e as legendas que representam modos de ler e suportes de leitura usados na atualidade:



Livro impresso.



Audiolivro.



Livro em Braille.

- A. Compare os três tipos de suportes e identifique algumas semelhanças e diferenças entre eles. *Como semelhança pode ser indicado, por exemplo, o fato de que todos são meios de comunicação. Como diferença pode ser indicado os tipos de suporte, a língua utilizada, por exemplo.*
- B. Todas as imagens representam meios de comunicação? Justifique. *Sim.*
- C. Por que a leitura é muito importante no mundo em que vivemos? Reflita e, em seguida, apresente algum ou alguns motivos que justifiquem essa afirmativa. *Resposta pessoal. Observe se a criança percebe que a leitura é importante no mundo atual, seja para comunicação, para a divulgação de informações, nas atividades cotidianas, entre outras razões.*

33

Lembre-se de realizar a constante observação, o registro, o acompanhamento e a reflexão do desempenho de cada estudante e da turma. Você poderá utilizar as atividades da seção “Para rever” para realizar uma revisão coletiva. A partir dela, anote as dúvidas e outras informações relevantes sobre o conteúdo trabalhado, com o objetivo de mapear o desempenho de todos.

Procure perceber o que aprenderam, além das dificuldades. Caso seja necessário, elabore outras estratégias complementares individuais, direcionadas à turma ou a grupos específicos de estudantes.

Liste os objetivos não atingidos ou atingidos parcialmente pela turma. Faça um diagrama contendo informações gerais sobre o desenvolvimento das crianças e observações acerca de conteúdos em que haja dúvidas, fragilidades ou equívocos. Você deve considerar alguns aspectos:

- Identificar os conceitos pouco compreendidos pelo grupo.
- Rever as ações pedagógicas implementadas.
- Estabelecer e implementar novas ações com vistas a atender aos objetivos iniciais ou a novos objetivos que surgiram no processo.
- Particularidades a serem atendidas no novo planejamento (buscar atender de forma individual dentro do coletivo).

Para o sucesso do aprendizado das crianças, é importante que você observe as orientações sobre avaliação formativa, o quadro de habilidades e conteúdos conceituais para este capítulo (disposto ao final do livro), assim como os aspectos descritos no quadro com competências, conteúdos procedimentais e atitudinais que devem ser seguidos durante o ano escolar.

Atenção! Elaboramos dois quadros (final do livro) para o processo de acompanhamento sob a perspectiva da avaliação formativa. Constituem-se, esses quadros, de fichas de registro, identificação, recolha, avaliação, que dizem respeito ao processo de desenvolvimento ou itinerário de cada estudante e da turma. Neles, consideram-se conteúdos aprendidos, ampliação de conhecimentos, fragilidades, dúvidas e conquistas ou progressos ocorridos. Cada estudante deve ser observado(a) tanto de forma particular quanto no processo de desenvolvimento do seu grupo ou turma. Aliado a isso, a ficha fornece sugestões a partir das quais você poderá refletir sobre seu trabalho na disciplina — você pode também modificá-la, adaptando-a a suas necessidades.

**Introdução
do capítulo 2**

Neste capítulo, serão estudados os conceitos de patrimônio, relacionando-os aos conceitos de documento e monumento. É importante, nesse sentido, que a turma perceba essa relação, bem como os procedimentos para atribuição de valor associando o patrimônio a bens materiais e imateriais. É importante ainda que o(a) estudante valorize documentos e monumentos, ainda que estes não recebam a titulação de patrimônio.

As atividades propostas neste capítulo trabalham as seguintes habilidades da BNCC:

(EF05HI06) Comparar o uso de diferentes linguagens e tecnologias no processo de comunicação e avaliar os significados sociais, políticos e culturais atribuídos a elas.

(EF05HI07) Identificar os processos de produção, hierarquização e difusão dos marcos de memória e discutir a presença e/ou a ausência de diferentes grupos que compõem a sociedade na nomeação desses marcos de memória.

(EF05HI08) Identificar formas de marcação da passagem do tempo em distintas sociedades, incluindo os povos indígenas originários e os povos africanos.

(EF05HI09) Comparar pontos de vista sobre temas que impactam a vida cotidiana no tempo presente, por meio do acesso a diferentes fontes, incluindo orais.

(EF05HI10) Inventariar os patrimônios materiais e imateriais da humanidade e analisar mudanças e permanências desses patrimônios ao longo do tempo.

A cada início de capítulo, releia os objetivos definidos. Reflita sobre tais objetivos levando em conta as demandas dos(as) estudantes e da turma no geral. Você pode modificá-los ou ampliá-los também. Estabeleça diálogo com a turma abordando cada conteúdo, orientando as diversas atividades a serem realizadas, para despertar-lhes o sentido e a consciência acerca de seu próprio aprendizado e do processo pedagógico como um todo. Ao observar essa recomendação, você também incentiva a autonomia dos(as) estudantes.

Objetivos

- Conceituar patrimônio.
- Diferenciar patrimônio material e imaterial.
- Reconhecer o patrimônio natural brasileiro.
- Reconhecer o patrimônio da Humanidade.
- Distinguir o patrimônio da Humanidade presente no Brasil.
- Reconhecer políticas de identificação e proteção do patrimônio cultural no Brasil.

**INICIANDO A CONVERSA**

O Conjunto Arquitetônico da Pampulha é um dos bens brasileiros que receberam o título de Patrimônio Cultural da Humanidade, concedido pela Unesco, em 2016.

Você conhece ou já ouviu falar de algum patrimônio cultural?

Patrimônio cultural é o nome dado a um bem material ou imaterial pertencente a certo grupo ou comunidade. O patrimônio cultural está relacionado à identidade e à memória de um grupo, comunidade ou povo.

Em outras palavras, representa os valores, crenças, tradições, hábitos, sentimentos de uma população.



Casa do Baile, Lagoa da Pampulha, Belo Horizonte, Minas Gerais, 2023.

No caderno, ilustre ou cole imagens de algum patrimônio cultural da sua região.

Vamos aprender mais sobre o assunto!

O QUE É PATRIMÔNIO CULTURAL?



LER E COMENTAR

Leia a definição de patrimônio cultural na Constituição Federal:

Art. 216. Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem:

I - as formas de expressão;

II - os modos de criar, fazer e viver;

III - as criações científicas, artísticas e tecnológicas;

IV - as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais;

V - os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico.

§ 1º O Poder Público, com a colaboração da comunidade, promoverá e protegerá o patrimônio cultural brasileiro, por meio de inventários, registros, vigilância, tombamento e desapropriação, e de outras formas de acautelamento e preservação. [...]

BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Presidência da República, 1988. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 4 out. 2025.

Você já deve ter percebido que o patrimônio cultural é formado por bens materiais ou imateriais. Os bens materiais relacionam-se a objetos, monumentos, imóveis, formações naturais, entre outros. Os bens imateriais são as festas, arte, tradições, receitas culinárias, entre outros, que fazem parte da história de algum povo ou comunidade.

No Brasil, existem órgãos governamentais responsáveis pelo patrimônio cultural. O órgão federal é chamado IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – e foi criado em 1937. O IPHAN tem como atribuições desenvolver estudos, registrar, criar normas para proteção e fiscalizar a preservação do nosso patrimônio cultural, além de ajudar a divulgá-lo.

35

Sugestões de leitura

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

NORA, Pierre. **Entre memória e história: a problemática dos lugares**. Trad. Yara Aun Khoury, Projeto história, São Paulo, dezembro de 1995.

PAULA, Zuleide Casagrande de (org.). **Polifonia do patrimônio**. Londrina: Eduel, 2012.

SANTIAGO JÚNIOR, Francisco das Chagas Fernandes. Dos lugares de memória ao patrimônio: emergência e transformação da "problemática dos lugares". **Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História**, [S.l.], v. 52, dez. 2015. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/21370>. Acesso em: 20 ago. 2025.

Bens Tombados. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/126>. Acesso em: 6 out. 2025.

- Conceituar tombamento.
- Reconhecer a cultura oral.
- Associar fontes históricas e patrimônio cultural.
- Reconhecer e problematizar marcos de memória e suas determinações sociais.

Orientações metodológicas

Solicite às crianças que relatem em casa o que aprenderam sobre "o Art. 216 e o patrimônio cultural", inclusive lendo o texto para os seus familiares ou responsáveis. Explique que elas devem apresentar para a turma a opinião deles sobre as informações compartilhadas.

(EF05HI04) Associar a noção de cidadania com os princípios de respeito à diversidade, à pluralidade e aos direitos humanos.

(EF05HI05) Associar o conceito de cidadania à conquista de direitos dos povos e das sociedades, compreendendo-o como conquista histórica.

(EF05HI07) Identificar os processos de produção, hierarquização e difusão dos marcos de memória e discutir a presença e/ou a ausência de diferentes grupos que compõem a sociedade na nomeação desses marcos de memória.

(EF05HI10) Inventariar os patrimônios materiais e imateriais da humanidade e analisar mudanças e permanências desses patrimônios ao longo do tempo.

Orientações metodológicas

Converse com os(as) estudantes sobre o conceito de Bem Cultural. Procure sublinhar a ideia de valor associada ao conceito. Em seguida, converse com eles sobre os sujeitos que atribuem valor a um Bem cultural. Faça ainda a distinção entre patrimônio material e imaterial.

É importante explicar à turma que a preservação dos bens culturais não é apenas responsabilidade do governo. Existem políticas culturais voltadas para identificação, registro, tombamento e preservação dos bens culturais. No entanto, é preciso reconhecer que a preservação é uma tarefa de toda a população, por isso devemos zelar pela memória e pelo patrimônio do país.

Converse com a turma e distinga algumas ações simples que se referem ao assunto trabalhado.

Nas rodas de conversa ou em outros momentos de reflexão, problematize a importância de incluir e reconhecer, como parte da identidade brasileira, sujeitos e eventos relacionados aos povos tradicionais, aos povos indígenas e às demais pessoas que foram historicamente silenciadas.



TROCAR IDEIAS

1. Considerando os incisos I a V do artigo 216 da Constituição Brasileira, a Casa do Baile representaria qual tipo de patrimônio? **Um patrimônio material.**
2. O artigo 216 da Constituição Federal indica os diferentes “grupos formadores” da sociedade brasileira. Cite para os colegas quais grupos contribuíram para a formação da sociedade brasileira. **Os povos nativos, os diversos grupos africanos, entre outros.**



TROCAR IDEIAS E REGISTRAR NO CADERNO

1. Observe a imagem:



Rua do Egito, centro histórico de São Luís, Maranhão, 2023.

2. A imagem representa um bem material, parte do patrimônio brasileiro? Justifique no caderno. **Sim, é um patrimônio, um bem material.**
3. O poder público é o único responsável pela promoção e proteção do patrimônio cultural brasileiro? Justifique com um trecho do artigo 216 da Constituição Federal. **Não. “§ 1º O Poder Público, com a colaboração da comunidade, promoverá e protegerá o patrimônio cultural brasileiro, por meio de inventários, registros, vigilância, tombamento e desapropriação, e de outras formas de acautelamento e preservação”. Mas é dever da sociedade promovê-lo e preservá-lo também.**

36

4. Observe as imagens e legendas a seguir. As legendas não correspondem às imagens que deveriam descrever.



Andre Dib | Pulsar Imagens

1

Praça Tiradentes, Ouro Preto,
Minas Gerais, 2023.
Cidade Velha, Belém, Pará, 2024.



Rubens Chaves | Pulsar Imagens

2

Cidade Velha, Belém, Pará,
2024.
Congresso Nacional, Brasília,
Distrito Federal, 2025.



Cesar Diniz | Pulsar Imagens

3

Congresso Nacional, Brasília,
Distrito Federal, 2025.
Praça Tiradentes, Ouro Preto,
Minas Gerais, 2023.

5. Copie as legendas em seu caderno na ordem correta, de acordo com a numeração das imagens.

37

Sugestões de leitura

ABREU, Regina; CHAGAS, Mário (orgs.). **Memória e patrimônio** – ensaios contemporâneos. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

ARANTES, Antonio Augusto (org.). **Produzindo o passado**: estratégias de construção do patrimônio cultural. São Paulo: Brasiliense, 1994.

O PATRIMÔNIO IMATERIAL



LER E COMENTAR

Vamos aprofundar mais sobre o assunto?

Veja algumas características do patrimônio imaterial.

[...] as práticas, representações, expressões, conhecimentos e técnicas – com os instrumentos, objetos, artefatos e lugares culturais que lhes são associados – que as comunidades, os grupos e, em alguns casos os indivíduos, reconhecem como parte integrante de seu patrimônio cultural. [...]

PATRIMÔNIO imaterial. IPHAN. Brasília, DF, c2014.

Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/234>. Acesso em: 18 ago. 2025.

(EF05HI10) Inventariar os patrimônios materiais e imateriais da humanidade e analisar mudanças e permanências desses patrimônios ao longo do tempo.

Orientações metodológicas

Converse com os(as) estudantes sobre a História do Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Se possível, faça com eles(as) uma visita ao *site* do Instituto para que possam conhecer mais sobre o trabalho desse órgão do governo.

Visita guiada

Para ampliar o repertório das crianças é interessante uma visita virtual ao Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.

Para esta atividade, você deverá, previamente:

- Visitar o *site* e escolher alguns elementos que podem ampliar ou aprofundar o conteúdo e temas abordados, sobretudo, quanto à diversidade cultural.
- Entrar em contato com o setor educativo do Museu para obter informações e sugestões de abordagem educativa para o tema da unidade ou capítulo.
- Rer o guia “Crianças, adolescentes e telas: Guia dos usos de dispositivos digitais” (BRASIL, 2025) para orientar-se nos procedimentos de segurança neste trabalho.
- Elaborar um pequeno roteiro de perguntas orientadoras para facilitar a atividade e incentivar os(as) estudantes na observação.
- Lembrar-se que as crianças não devem pesquisar no ambiente virtual sem a supervisão de uma pessoa responsável, por isso o ideal é que esta atividade ocorra na sala de informática ou outro ambiente escolar destinado para isto.
Acesso ao *site* do Museu em: <http://portal.iphan.gov.br/>. Acesso em: 21 ago. 2025.

Sugestão de atividade complementar

Você poderá realizar com os(as) estudantes um jogo de perguntas e respostas.

Liste na lousa o patrimônio imaterial citado no texto. Divida a turma em grupos. Solicite que cada grupo de três ou quatro integrantes pesquise, estude e elabore uma ou duas questões sobre um dos patrimônios citados.

Coloque as questões em um envelope numerado (com escrita grande) na lousa. A cada rodada, o grupo escolhe um envelope e deverá responder a uma questão contida no seu interior, mesmo que seja uma questão formulada pelo próprio grupo.

O objetivo é ampliar o repertório de conhecimento sobre o patrimônio listado.

O patrimônio imaterial está diretamente relacionado às realizações, modos de fazer, de festejar, conhecimentos, tradições, etc., das comunidades. Entre os bens que fazem parte do patrimônio imaterial brasileiro listados pelo IPHAN, estão: arte Kusiwa (pintura corporal e arte gráfica Wajápi); samba de roda do Recôncavo Baiano; Círio de Nossa Senhora de Nazaré; viola de cocho; Ofício das Baianas do Acarajé; matrizes do samba no Rio de Janeiro (partido-alto, samba de terreiro e samba-enredo); modo artesanal de fazer queijo de minas nas regiões do Serro, da Serra da Canastra e Salitre/Alto Paranaíba; Ofício dos Mestres de Capoeira.



Produção artesanal do queijo canastra, São Roque de Minas, Minas Gerais, 2021.



TROCAR IDEIAS

- ▶ Por que o modo de fazer o queijo canastra é considerado patrimônio imaterial? **Resposta pessoal. Espera-se que os(as) estudantes reconheçam o queijo artesanal como parte do patrimônio imaterial brasileiro, associando-o ao modo de produzi-lo.**



1. Leia as manchetes:

A tradição do queijo minas artesanal

Lucas Alencar, 22 jul. 2015



Conheça as origens e particularidades de um patrimônio tradicional brasileiro, produzido há séculos em Minas Gerais

ALENCAR, Lucas. A tradição do queijo minas artesanal. **Globo Rural**, 22 jul. 2015. Disponível em: <https://revistagloborural.globo.com/Noticias/Cultura/noticia/2015/07/tradicao-do-queijo-minas-artesanal.html>. Acesso em: 30 abr. 2025.

Unesco reconhece Queijo Minas Artesanal como patrimônio imaterial

Gilberto Costa, 04 dez. 2024

É o primeiro produto alimentício brasileiro a receber o título

COSTA, Gilberto. Unesco reconhece queijo minas artesanal como patrimônio imaterial. **Agência Brasil**, Brasília, DF, 4 dez. 2014. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/cultura/noticia/2024-12/unesco-reconhece-queijo-minas-artesanal-como-patrimonio-imaterial>. Acesso em: 30 abr. 2025.

Modo de fazer o queijo minas artesanal virou patrimônio imaterial da humanidade

Débora Pereira, 04 dez. 2024

Candidatura foi aprovada pela Unesco hoje em Assunção, no Paraguai, e pode significar mais proteção e mais políticas de apoio aos produtores, que continuam precisando muito

PEREIRA, Débora. Modo de fazer o queijo minas artesanal virou patrimônio imaterial da humanidade. **Estadão**, [on-line], 4 dez. 2024. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/paladar/so-queijo/modo-de-fazer-o-queijominas-artesanal-virou-patrimonio-imaterial-da-humanidade/>. Acesso em: 30 abr. 2025.

Orientações metodológicas

É possível trabalhar de forma interdisciplinar com a Língua Portuguesa a partir do desenvolvimento das seguintes habilidades: **(EF35LP16)** Identificar e reproduzir, em notícias, manchetes, lides e corpo de notícias simples para público infantil e cartas de reclamação (revista infantil), digitais ou impressos, a formatação e diagramação específica de cada um desses gêneros, inclusive em suas versões orais; **(EF05LP17)** Produzir roteiro para edição de uma reportagem digital sobre temas de interesse da turma, a partir de buscas de informações, imagens, áudios e vídeos na internet, de acordo com as convenções do gênero e considerando a situação comunicativa e o tema/assunto do texto.

Após a leitura das manchetes, solicite que identifiquem o tipo de destaque e formatação. Peça que observem se o assunto é o mesmo, de que forma ele foi abordado, entre outros aspectos.

Você poderá solicitar, caso seja possível, que criem uma manchete para um jornal digital fictício a partir do que estudaram sobre o assunto do queijo artesanal.

Converse com os(as) estudantes sobre o patrimônio imaterial. Leve imagens ou outras informações acerca do queijo artesanal ou de outros patrimônios imateriais brasileiros.

É importante que os(as) estudantes percebam que o

patrimônio está associado à memória de grupos. Além disso, eles devem reconhecer que, algumas vezes, o processo de titulação, registro ou tombamento não contempla todos os grupos sociais e suas memórias.

Explore com a turma alguns exemplos da lista do Patrimônio Cultural da Humanidade presente no Brasil, que também possui diversos bens inscritos na Lista do Patrimônio Cultural Imaterial da Unesco.

2008 - As expressões orais e gráficas dos Wajapis.

2008 - Samba de Roda do Recôncavo Baiano.

2011 - Yaokwa, ritual do povo enawene nawe para a manutenção da ordem social e cósmica.

2013 - Círio de Nazaré: procissão da imagem de Nossa Senhora de Nazaré na cidade de Belém (Estado do Pará).

2014 - Roda de Capoeira.

2019 - Complexo Cultural do Bumba Meu Boi do Maranhão.

Sites

Dossiê Queijo de Minas. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/Dossie_Queijo_de_Minas_web.pdf. Acesso em: 20 ago. 2025.

IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Disponível em: www.iphan.gov.br. Acesso em: 20 ago. 2025.

(EF05HI10) Inventariar os patrimônios materiais e imateriais da humanidade e analisar mudanças e permanências desses patrimônios ao longo do tempo.

Orientações metodológicas

A capoeira e o frevo são exemplos de patrimônio imaterial. Promova uma conversa em duplas e peça que escrevam, em uma folha avulsa, tudo que sabem sobre esses exemplos.

Em seguida, uma pessoa da dupla deve apresentar os aspectos relacionados. Caso seja preciso, você pode separar a turma em grupos. Deixe que escolham o que representar: lista com tópicos, desenhos, letras de músicas.

Oriente a escrita de perguntas a respeito de aspectos que ainda não conhecem sobre o assunto.

Em seguida, em roda de conversa, incentive a turma a apresentar as dúvidas para tentar solucioná-las. Valorize todas as participações.



INFOGRÁFICO



São representações do patrimônio imaterial brasileiro.



Sergio Pedreira | Pulsar Imagens

Roda de capoeira, Salvador, Bahia, 2023.



Leo Caldas | Pulsar Imagens

Grupo de passistas de frevo, Recife, Pernambuco, 2023.

- A. Você identifica alguma semelhança entre o que está sendo representado nas duas imagens? Justifique no caderno.
- B. Por que elas fazem parte do patrimônio cultural brasileiro? Responda no caderno. *Porque são expressões artísticas e culturais da comunidade brasileira.*

40

Oriente os estudantes a clicar no ícone de **Objeto Digital**, presente no Livro Digital do Estudante, para explorar um infográfico com o tema: **RODA DE CAPOEIRA**.

3. Você sabia que o **frevo** é reconhecido como Patrimônio Imaterial da Humanidade? Leia a reportagem, analise as imagens e comente com seus colegas. [Resposta pessoal.](#)

Dia do Frevo: saiba como ritmo surgiu há 118 anos e veja onde comemorar data no Recife e em Olinda

G1 Pernambuco, [Recife], 9 fev. 2025

Neste domingo (9), o frevo — principal ritmo do carnaval de Pernambuco — completa 118 anos. A data faz referência à primeira vez que a palavra frevo apareceu na imprensa, em 1907, no “Jornal Pequeno”, do Recife. Considerado Patrimônio Cultural Imaterial Brasileiro (2007), e da Humanidade (2012), o ritmo, a dança e os passos receberão homenagens em vários espaços no Recife e em Olinda.



Adriano Kirihaara | Pulsar Imagens

Museu do Paço do Frevo, Recife, Pernambuco, 2024.

Segundo o Livro de Registros das Formas de Expressão do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), o frevo é “uma forma de expressão musical, coreográfica e poética, enraizada no Recife e em Olinda, no estado de Pernambuco”.

A palavra serve para identificar a música, o ritmo, a dança e os passos e tem origem no verbo “ferver” – uma referência à dança enérgica, com saltos e passos rápidos, ao som de orquestras”.

DIA do Frevo: saiba como ritmo surgiu há 118 anos e veja onde comemorar data no Recife e em Olinda. **G1 Pernambuco**, [Recife], 9 fev. 2025. Disponível em: <https://g1.globo.com/pe/pernambuco/carnaval/2025/noticia/2025/02/09/dia-do-frevo-saiba-como-ritmo-surgiu-ha-118-anos-e-veja-onde-comemorar-data-no-recife-e-em-olinda.ghtml>. Acesso em: 15 jul. 2025.

[Resposta pessoal.](#)

4. Você conhece, já viu ou dançou frevo?

41

Sites

Dossiê Frevo. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/dossieiphan14_frevo_web.pdf. Acesso em: 20 ago. 2025.

Orientações metodológicas

Converse com a turma sobre a reportagem. Retome o conceito de patrimônio cultural e promova uma roda de conversa sobre o assunto.



LER E COMENTAR

(EF05HI10) Inventariar os patrimônios materiais e imateriais da humanidade e analisar mudanças e permanências desses patrimônios ao longo do tempo.

Orientações metodológicas

Converse com os(as) estudantes e elabore, na lousa, a distinção entre tombamento e registro. Solicite que copiem no caderno.

Sugestão de atividade complementar

É importante que as crianças sejam incentivadas a lerem as etapas do processo de registro explicadas no texto, de modo a trabalharem a autonomia na realização da atividade proposta.

Você poderá orientá-las a pesquisar imagens do Conjunto Arquitetônico da Pampulha e, após apresentarem o que encontraram e reproduzirem em folha separada, organizar um varal na sala de aula para expor os trabalhos.



André Dib | Pulsar Imagens

Vista aérea do Museu de Arte da Pampulha, Belo Horizonte, Minas Gerais, 2023.



Adriano Kikihara | Pulsar Imagens

Fachada do Museu de Arte da Pampulha, Belo Horizonte, Minas Gerais, 2023.

O patrimônio material corresponde aos lugares, monumentos, objetos, imóveis que representam de forma significativa a memória e a identidade de uma comunidade, um grupo ou uma nação. Em geral, as pessoas compreendem que apenas os prédios antigos, igrejas barrocas e outros bens imóveis de grande destaque arquitetônico fazem parte do patrimônio cultural. Entretanto, não é necessário que um bem seja muito antigo ou de destaque pela sua grandeza arquitetônica para ser considerado patrimônio cultural. O Complexo Arquitetônico da Pampulha, em Belo Horizonte, por exemplo, é considerado Patrimônio Cultural da Humanidade e não é tão antigo. Os seus primeiros prédios foram erguidos na década de 1940.

Além do patrimônio material e imaterial, que fazem parte do patrimônio cultural, existe também o patrimônio natural. O patrimônio natural refere-se, por exemplo, a um espaço marcado pela existência de espécies variadas,

de uma vegetação específica, de cursos e quedas-d'água de grande valor para o meio ambiente, enfim, por um conjunto de características que tornam importante a sua preservação. O patrimônio natural precisa ser reconhecido, estudado e preservado, porque constitui uma riqueza natural. No Brasil, vários locais receberam o título de patrimônio natural, como, por exemplo, as ilhas de Fernando de Noronha, Atol das Rocas, a Costa do Descobrimento, o Pantanal, o Parque Nacional do Iguaçu, entre outros.



Ernesto Reghin | Pulsar Imagens

Parque Nacional do Iguaçu, Foz do Iguaçu, Paraná, 2024.



TROCAR IDEIAS

1. O que é um patrimônio natural?
2. Por que ele deve ser estudado e preservado?

Refere-se, por exemplo, a um espaço marcado por espécies variadas, de uma vegetação específica, de cursos e quedas-d'água de grande valor para o meio ambiente, enfim, por um conjunto de características que tornam importante sua preservação.

Para que as pessoas possam ter consciência da biodiversidade e para que esta não seja degradada.



INVESTIGAR

1. Pesquise, em *sites* e revistas, outros locais no Brasil que são considerados Patrimônio Mundial Natural.
2. A partir da sua pesquisa, elabore um cartaz com informações e imagens sobre os locais pesquisados.
3. Em sala, troque ideias com os colegas.
4. Em local apropriado na escola, divulgue os resultados da pesquisa para a comunidade escolar.

43

Sugestão de leitura

PATRIMÔNIO Mundial no Brasil. Unesco, Brasília, DF, 18 jul. 2025. Disponível em: <https://www.unesco.org/pt/node/108110>. Acesso em: 6 out. 2025.

Orientações metodológicas

Você poderá solicitar que realizem a atividade em dupla, caso algum(a) estudante não tenha acesso ao computador. O cartaz virtual pode ser elaborado na sala de informática e projetado, se possível, na sala de aula.

Lembre-se de orientar sua prática a partir da obra "Crianças, adolescentes e telas: Guia sobre os usos dos dispositivos digitais"(Brasil, 2025)

PATRIMÔNIO, FONTES HISTÓRICAS E CIDADANIA



LER E COMENTAR

(EF05HI04) Associar a noção de cidadania com os princípios de respeito à diversidade, à pluralidade e aos direitos humanos.

(EF05HI05) Associar o conceito de cidadania à conquista de direitos dos povos e das sociedades, compreendendo-o como conquista histórica.

(EF05HI10) Inventariar os patrimônios materiais e imateriais da humanidade e analisar mudanças e permanências desses patrimônios ao longo do tempo.

Ao observar a lista ou o **inventário** do patrimônio no Brasil, você irá perceber que eles refletem também parte da história de grupos, de uma população. Mas existem ainda aqueles bens culturais que estão relacionados à identidade da própria humanidade. São os chamados Patrimônios Culturais da Humanidade, cuja titulação é atribuída pela **Unesco**.

Há uma relação direta entre o patrimônio inventariado, ou seja, que recebeu a titulação de bem cultural, e a produção de fontes históricas. O patrimônio representado por saberes, celebrações, lugares e objetos constitui também fontes que nos informam sobre as formas e as vivências sociais de um determinado povo, grupo, comunidade. Como você já sabe, o IPHAN é um órgão federal que trabalha com o patrimônio brasileiro, mas há outros órgãos municipais e estaduais que também são responsáveis pelo patrimônio.



André Dib | Pulsar Imagens

Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros, Alto Paraíso de Goiás, Goiás, 2023.

Mais do que o registro do patrimônio imaterial ou material pelos órgãos competentes, a importância do nosso patrimônio está relacionada à identidade e à memória de uma comunidade. E é a comunidade também quem deve valorizá-lo, identificá-lo e preservá-lo. Assim, é necessário que a comunidade se envolva, relacione-se e cuide do seu patrimônio.

Existem inúmeros projetos de educação patrimonial que procuram fortalecer os vínculos da sociedade com a sua história e seu patrimônio. Perceber a importância do patrimônio para a história e a memória de um povo, bem como reconhecer como o patrimônio local e o nacional fazem parte também da sua própria história são exercícios de cidadania que cada brasileiro deve praticar.

Inventário: documento no qual há a lista com descrição dos bens a receber o título oficial de patrimônio.

Unesco: Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura. Agência das Nações Unidas (ONU) com programas de promoção da educação, ciência e cultura (incluindo o patrimônio).

44

Sugestões de leitura

CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro; FONSECA, Maria Cecília Londres. **Patrimônio imaterial no Brasil:** legislação e políticas estaduais. Brasília: Unesco Brasil, 2008.

CHUVA, Márcia Regina Romeiro (org.). **Os arquitetos da memória:** sociogênese das práticas de preservação do patrimônio cultural no Brasil – Anos 1930-1940. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2009.

Sites

WORLD Heritage List. UNESCO - **World Heritage Centre**, c1992-2025 Disponível em: <https://whc.unesco.org/en/list/>. Acesso em: 11 set. 2025.

MINISTÉRIO DO TURISMO. Conheça 23 Patrimônios da Humanidade que ficam no Brasil. **MTur**, 01 nov. 2022. Disponível em: <https://www.gov.br/turismo/pt-br/secretaria-especial-da-cultura/assuntos/noticias/conheca-23-patrimonios-da-humanidade-que-ficam-no-brasil>. Acesso em: 11 set. 2025.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL (IPHAN). Patrimônio Mundial Cultural e Natural. **IPHAN**, c2014. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/29>. Acesso em: 11 set. 2025.



Observe abaixo a lista dos sítios do patrimônio cultural da humanidade que se encontram no Brasil:

- 1980: A Cidade Histórica de Ouro Preto, Minas Gerais
- 1982: O Centro Histórico de Olinda, Pernambuco
- 1983: As Missões Jesuíticas Guarani, Ruínas de São Miguel das Missões, Rio Grande de Sul e Argentina
- 1985: O Centro Histórico de Salvador, Bahia
- 1985: O Santuário do Senhor Bom Jesus de Matosinhos, em Congonhas do Campo, Minas Gerais
- 1987: O Plano Piloto de Brasília, Distrito Federal
- 1991: O Parque Nacional Serra da Capivara, em São Raimundo Nonato, Piauí
- 1997: O Centro Histórico de São Luís do Maranhão
- 1999: Centro Histórico da Cidade de Diamantina, Minas Gerais
- 2001: Centro Histórico da Cidade de Goiás, em Goiás
- 2010: Praça de São Francisco, na cidade de São Cristóvão, Sergipe
- 2012: Rio de Janeiro, paisagens cariocas entre a montanha e o mar
- 2016: Conjunto Moderno da Pampulha
- 2017: Sítio Arqueológico Cais do Valongo
- 2019: Paraty e Ilha Grande – Cultura e Diversidade

CASTRO, Vanessa. Conheça 23 patrimônios da humanidade que ficam no Brasil. **Ministério do Turismo**. Brasília, DF, 28 jan. 2022. Disponível em: <https://www.gov.br/turismo/pt-br/assuntos/noticias/patrimonios-da-humanidade-no-brasil-23-lugares-que-todo-mundo-deveria-conhecer>. Acesso em: 15 jul 2025.

1. Escolha um desses patrimônios, pesquise e faça um cartaz virtual com as informações sobre ele. Apresente-o para seus colegas.
2. Para isso, você vai abrir um documento no formato eletrônico para textos e imagens. Pesquise e escolha as imagens e escreva as legendas correspondentes.
3. Em seguida, redija um texto, comentando os resultados da sua pesquisa sobre o patrimônio escolhido. Registre as características desse patrimônio, um pouco sobre sua história, entre outros.
4. Troque ideias com seus colegas sobre os cartazes.

45

Sugestão de atividade complementar

Liste na lousa os locais citados na página 45 e elabore, com a turma, estratégias de preservação ou medidas de ampliação para a sociedade se conscientizar sobre a importância dos locais citados.

Orientações metodológicas

É muito importante que as crianças aprendam a lidar com as tecnologias digitais e adquiram letramento midiático. No entanto, é também uma oportunidade para aprenderem como fazê-lo sem riscos para elas.

Assim, é fundamental que você oriente a realização da atividade e o manejo dessa tecnologia. Isso deve ser feito no ambiente escolar, desde a preparação dos textos e a pesquisa até a composição do cartaz virtual. Para isso, leia a obra "Crianças, adolescentes e telas: Guia sobre usos de dispositivos digitais" (Brasil, 2025).

Caso não seja possível utilizar essa tecnologia, elas podem confeccionar um cartaz em papel. Peça que apresentem à turma, lendo ou expressando oralmente suas ideias.

Para subsidiar conceitualmente a pesquisa sobre o assunto e as suas intervenções na sala de aula, pesquise previamente no site da Unesco (Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura).

Essa atividade pode ser trabalhada de forma interdisciplinar com a Língua Portuguesa a partir do desenvolvimento da seguinte habilidade: **(EF05LP18)** Roteirizar, produzir e editar vídeo para vlogs argumentativos sobre produtos de mídia para público infantil (filmes, desenhos animados, HQs, games etc.), com base em conhecimentos sobre os mesmos, de acordo com as convenções do gênero e considerando a situação comunicativa e o tema/assunto/finalidade do texto.



PARA REVER

(EF05HI04) Associar a noção de cidadania com os princípios de respeito à diversidade, à pluralidade e aos direitos humanos.

(EF05HI05) Associar o conceito de cidadania à conquista de direitos dos povos e das sociedades, compreendendo-o como conquista histórica.

(EF05HI10) Inventariar os patrimônios materiais e imateriais da humanidade e analisar mudanças e permanências desses patrimônios ao longo do tempo.

Orientações metodológicas

Procure perceber se as crianças reconhecem os tipos de patrimônio representados, distinguindo, principalmente, o Ofício das Baianas de Acarajé como patrimônio imaterial. Os demais são patrimônios materiais. Converse com a turma sobre a valorização do nosso patrimônio. O acarajé é reconhecido, desde 2005 pelo IPHAN, como patrimônio cultural e material.

Conclusão do capítulo 2

Os(As) estudantes tiveram a oportunidade de entender o conceito de patrimônio, diferenciando-o como material e imaterial. Trabalharam diversos aspectos a ele relacionados, tais como a importância da sua preservação.

Salientamos a importância de acompanhar o desenvolvimento das crianças quanto à aquisição de conhecimentos e habilidades relacionados aos conceitos trabalhados no capítulo, sempre atentando à sua contextualização no tempo e no espaço, requisitos para a compreensão do conteúdo de História. É importante também perceber o desenvolvimento das habilidades relacionadas ao domínio da Língua Portuguesa. Para isso, atente às atividades realizadas e à participação dos(as) estudantes, observando aspectos como os registros escritos, o ritmo e a entonação na leitura oral, a compreensão das informações lidas (compreensão de texto), entre outros. Leia e tenha como referência as habilidades da BNCC da Língua Portuguesa dispostas na abertura de cada unidade.

Lembre-se de realizar a constante observação, o registro, o acompanhamento e a reflexão do desempenho de cada estudante e da turma. Você poderá utilizar as atividades da seção "Para rever" para realizar uma revisão coletiva. A partir dela, anote as dúvidas e outras informações relevantes sobre o conteúdo trabalhado, com o objetivo de mapear o desempenho de todos.

Procure perceber o que aprenderam, além das dificuldades. Caso seja necessário, elabore outras estratégias complementares individuais, direcionadas à turma ou a grupos específicos de estudantes.

1. Copie no caderno a opção que melhor complementa a frase.

O patrimônio cultural é formado

- a) apenas por bens tombados.
 - b) apenas pelas festividades religiosas.
 - c) pelo patrimônio material e imaterial.
 - d) apenas por bens e imóveis mais antigos.
2. Quais imagens se referem ao patrimônio material? Copie sua legenda no caderno. [Casas em Paraty, Rio de Janeiro, 2023](#); [Pirâmides do Egito, 2025](#).

1



Tales Azzi | Pulsar Imagens

Casas em Paraty, Rio de Janeiro, 2023.

2



Rubens Chaves | Pulsar Imagens

Baiana com acarajé, Salvador, Bahia, 2025.

3



Aleksandr Mechevokov | Dreamstime.com

Pirâmides, Egito, 2025.

46

3. Qual imagem não está relacionada ao patrimônio material? Justifique sua resposta no caderno. *A imagem número 2, baiana do acarajé, que representa um patrimônio cultural imaterial, o ofício das baianas do acarajé.*
4. Escreva em seu caderno uma palavra associada ao patrimônio cultural formada com as letras abaixo: **PRESERVAÇÃO**. *A preservação é uma prática de cidadania que identifica, respeita, guarda e conserva o patrimônio público. É dever dos cidadãos preservar o patrimônio nacional.*

P A R E S Ç V R A E O

5. Qual é o órgão federal responsável pelo patrimônio brasileiro? Responda no caderno. *IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.*
6. Liste no caderno três patrimônios da humanidade que estão no Brasil.
7. Qual a relação entre o patrimônio cultural e as fontes históricas? Responda no caderno. *O patrimônio é também um documento, porque contempla e nos remete a cultura, história e memória de um grupo ou comunidade, por isso é também uma fonte histórica.*
8. Liste no caderno atitudes que a sociedade deve ter ao contemplar, visitar ou estudar um patrimônio cultural. *Respeitar as normas de funcionamento, não rabiscar os locais, respeitar os horários, entre outros.*

Sugestões de resposta: Conjunto arquitetônico e paisagístico da Pampulha; Sítio Arqueológico Cais do Valongo; Praça de São Francisco, na cidade de São Cristóvão, Sergipe.

Liste os objetivos não atingidos ou atingidos parcialmente pela turma. Faça um diagrama contendo informações gerais sobre o desenvolvimento das crianças e observações acerca de conteúdos em que haja dúvidas, fragilidades ou equívocos. Você deve considerar alguns aspectos:

- Identificar os conceitos pouco compreendidos pelo grupo.
- Rever as ações pedagógicas implementadas.
- Estabelecer e implementar novas ações com vistas a atender aos objetivos iniciais ou a novos objetivos que surgiram no processo.
- Particularidades a serem atendidas no novo planejamento (buscar atender de forma individual dentro do coletivo).

Para o sucesso do aprendizado das crianças, é importante que você observe as orientações sobre avaliação formativa, o quadro de habilidades e conteúdos conceituais para este capítulo (disposto ao final do livro), assim como os aspectos descritos no quadro com competências e atitudinais que devem ser seguidos durante o ano escolar.

Atenção! Elaboramos dois quadros (final do livro) para o processo de acompanhamento sob a perspectiva da avaliação formativa. Constituem-se, esses quadros, de fichas de registro, identificação, recolha, avaliação, que dizem respeito ao processo de desenvolvimento ou itine-



PARA SABER MAIS

COSTA, Silvana. **Escrita:** uma grande invenção. Belo Horizonte: Dimensão, 2011. Obra aprovada no PNBE.

Com a leitura desta obra, você irá conhecer um pouco mais sobre a história da escrita. Você encontrará uma narrativa interessante sobre essa grande invenção!



RIBEIRO, Ana Elisa. **O que é um livro?** Belo Horizonte: Editora UFMG, Estraladabão, 2018. Série Papel.

Você já pensou sobre o que é um livro? Quando será que surgiram os primeiros livros? Como será que eles eram? Para que serve um livro? Ao ler essa obra você irá aprender muito sobre a história dos livros!

rário de cada estudante e da turma. Neles, consideram-se conteúdos aprendidos, ampliação de conhecimentos, fragilidades, dúvidas e conquistas ou progressos ocorridos. Cada estudante deve ser observado(a) tanto de forma particular quanto no processo de desenvolvimento do seu grupo ou turma. Aliado a isso, a ficha fornece sugestões a partir das quais você poderá refletir sobre seu trabalho na disciplina — você pode também modificá-la, adaptando-a a suas necessidades.

Abertura de unidade

Explore a foto, propondo situações-problema em que a turma será desafiada a expor suas ideias sobre os assuntos a serem estudados. Peça-lhes que observem a imagem e faça perguntas como:

- *O que está representado na imagem?*
- *Que relação existe entre a imagem e o título da unidade?*
- *De que material são feitos os objetos representados?*
- *Você já viu objetos como esses?*

Atividade preparatória

Utilize esta seção como parte das atividades preparatórias pertinentes ao tema. Explore as imagens de abertura, os títulos e leve para a sala de aula outras imagens relacionadas aos temas da unidade. Solicite que a turma leia em voz alta os títulos da unidade e dos capítulos.

Utilize as imagens como fontes históricas relacionadas à arqueologia e à pré-história brasileira, permitindo que expressem e socializem o que perceberam, ampliando o conceito de fonte histórica, assim como permitindo que expressem o que pensam e sabem sobre os diferentes tipos de fontes históricas que remetem as populações que habitaram, há milhares de anos, o território onde atualmente se localiza o Brasil.

No decorrer da realização dessas atividades, haverá a oportunidade de estabelecer os parâmetros sobre os índices de alfabetização e o desenvolvimento conceitual, estabelecendo estratégias e objetivos específicos com base nas observações e registros realizados nesse momento.

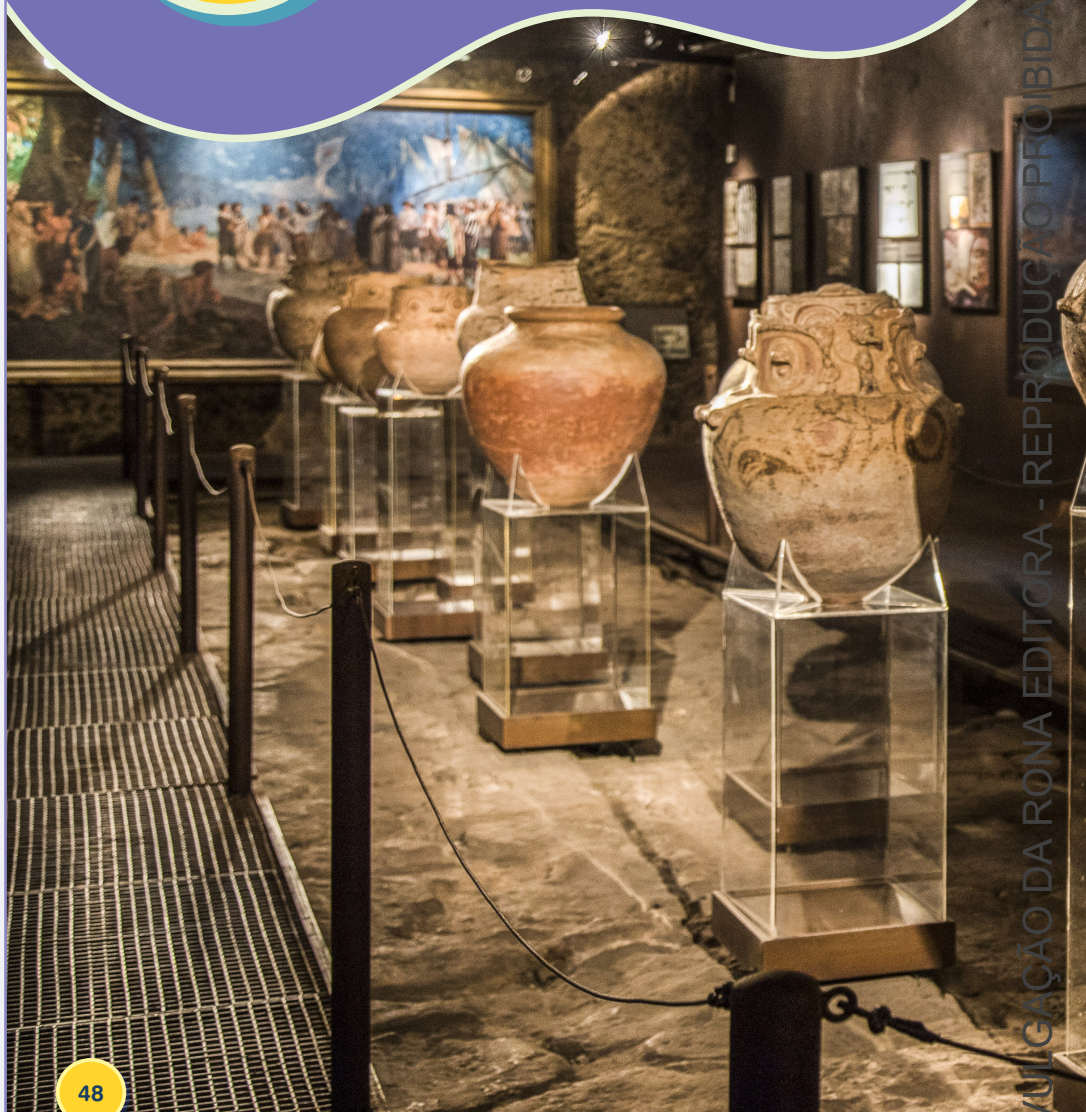
Lembre-se de que, ao longo do ano, na abertura de cada nova unidade e capítulo do livro, encontram-se seções que podem ser complementares a essa avaliação diagnóstica e à sondagem inicial.

Competências Gerais da Base Nacional Comum Curricular

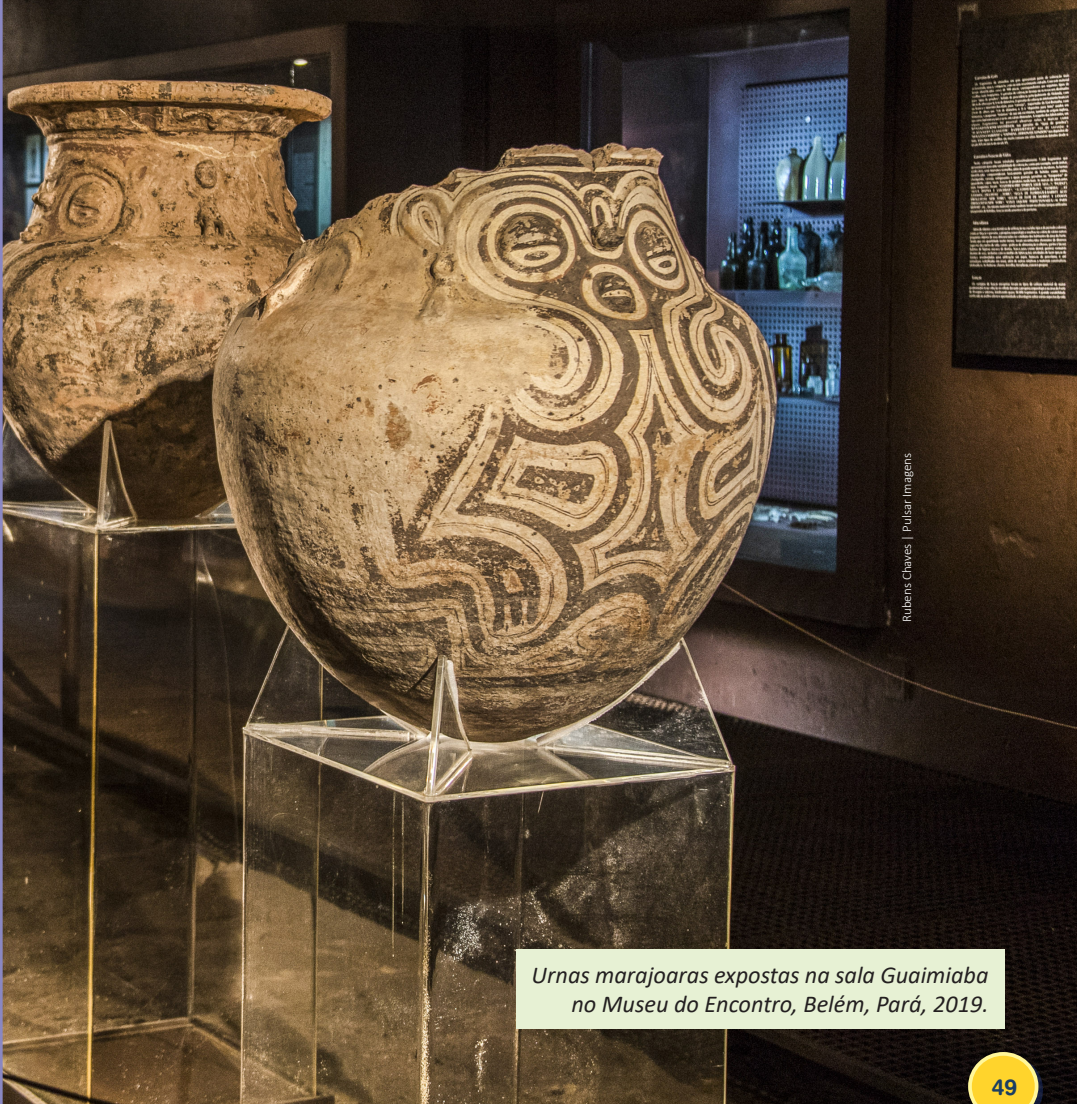
1. Valorizar e utilizar os conhecimentos historicamente construídos sobre o mundo físico, social, cultural e digital para entender e explicar a realidade, continuar aprendendo e colaborar para a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva.
2. Exercitar a curiosidade intelectual e recorrer à abordagem própria das ciências, incluindo a investigação, a reflexão, a análise crítica, a imaginação e a criatividade, para investigar causas, elaborar e testar hipóteses, formular e resolver problemas e criar soluções (inclusive tecnológicas) com base nos conhecimentos das diferentes áreas.
3. Valorizar e fruir as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, e também participar de práticas diversificadas da produção artístico-cultural.

Competências Específicas de Ciências Humanas para o Ensino Fundamental

1. Compreender a si e ao outro como identidades diferentes, de forma a exercitar o respeito à diferença em uma sociedade plural e promover os direitos humanos.



- O que está sendo representado na imagem?
- Qual a relação entre a imagem e o título da unidade?
- Você já observou objetos como os representados?
- Quais são as funções de objetos como os representados?



Urnas marajoaras expostas na sala Guaimiaba no Museu do Encontro, Belém, Pará, 2019.

49

2. Identificar, comparar e explicar a intervenção do ser humano na natureza e na sociedade, exercitando a curiosidade e propondo ideias e ações que contribuam para a transformação espacial, social e cultural, de modo a participar efetivamente das dinâmicas da vida social.

3. Comparar eventos ocorridos simultaneamente no mesmo espaço e em espaços variados, e eventos ocorridos em tempos diferentes no mesmo espaço e em espaços variados.

5. Utilizar as linguagens cartográfica, gráfica e iconográfica e diferentes gêneros textuais e tecnologias digitais de informação e comunicação no desenvolvimento do raciocínio espaço-temporal relacionado a localização, distância, direção, duração, simultaneidade, sucessão, ritmo e conexão.

Competências Específicas de História para o Ensino Fundamental

1. Compreender acontecimentos históricos, relações de poder e processos e mecanismos de transformação e manutenção das estruturas sociais, políticas, econômicas e culturais ao longo do tempo e em diferentes espaços para analisar, posicionar-se e intervir no mundo contemporâneo.

2. Compreender a historicidade no tempo e no espaço, relacionando acontecimentos e processos de transformação e manutenção das estruturas sociais, políticas, econômicas e culturais, bem

como problematizar os significados das lógicas de organização cronológica.

- 3.** Elaborar questionamentos, hipóteses, argumentos e proposições em relação a documentos, interpretações e contextos históricos específicos, recorrendo a diferentes linguagens e mídias, exercitando a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos, a cooperação e o respeito.
- 4.** Identificar interpretações que expressem visões de diferentes sujeitos, culturas e povos com relação a um mesmo contexto histórico, e posicionar-se criticamente com base em princípios éticos, democráticos, inclusivos, sustentáveis e solidários.
- 5.** Analisar e compreender o movimento de populações e mercadorias no tempo e no espaço e seus significados históricos, levando em conta o respeito e a solidariedade com as diferentes populações.
- 6.** Compreender e problematizar os conceitos e procedimentos norteadores da produção historiográfica.

Temas Contemporâneos Transversais

Ciência e Tecnologia.

Multiculturalismo – Diversidade Cultural e Educação para a Valorização do Multiculturalismo nas Matrizes Históricas e Culturais Brasileiras.

Meio Ambiente – Educação Ambiental.

**Introdução
do capítulo 3**

Neste capítulo, serão estudados os povos antigos. O conhecimento arqueológico e a cultura material serão conceitos estudados na sua relação com os estudos sobre a Antiguidade.

As atividades propostas neste capítulo trabalham as seguintes habilidades da BNCC:

(EF05HI01) Identificar os processos de formação das culturas e dos povos, relacionando-os com o espaço geográfico ocupado.

(EF05HI02) Identificar os mecanismos de organização do poder político com vistas à compreensão da ideia de Estado e/ou de outras formas de ordenação social.

(EF05HI03) Analisar o papel das culturas e das religiões na composição identitária dos povos antigos.

(EF05HI06) Comparar o uso de diferentes linguagens e tecnologias no processo de comunicação e avaliar os significados sociais, políticos e culturais atribuídos a elas.

(EF05HI07) Identificar os processos de produção, hierarquização e difusão dos marcos de memória e discutir a presença e/ou a ausência de diferentes grupos que compõem a sociedade na nomeação desses marcos de memória.

(EF05HI08) Identificar formas de marcação da passagem do tempo em distintas sociedades, incluindo os povos indígenas originários e os povos africanos.

(EF05HI09) Comparar pontos de vista sobre temas que impactam a vida cotidiana no tempo presente, por meio do acesso a diferentes fontes, incluindo orais.

(EF05HI10) Inventariar os patrimônios materiais e imateriais da humanidade e analisar mudanças e permanências desses patrimônios ao longo do tempo.

A cada início de capítulo, releia os objetivos definidos. Reflita sobre tais objetivos levando em conta as demandas dos(as) estudantes e da turma no geral. Você pode modificá-los ou ampliá-los também. Estabeleça diálogo com a turma abordando cada conteúdo, orientando as diversas atividades a serem realizadas, para despertar-lhes o sentido e a consciência acerca de seu próprio aprendizado e do processo pedagógico como um todo. Ao observar essa recomendação, você também incentiva a autonomia dos(as) estudantes.

**INICIANDO A CONVERSA**

Você já estudou ou sabe o significado da palavra **arqueologia**? Já visitou um sítio arqueológico? Troque ideias com os colegas e a professora (ou professor).

Observe as imagens a seguir.



Ilustração de identificação de objetos em um terreno em uma escavação arqueológica.



Ilustração de retirada de artefatos e ossos em uma escavação arqueológica.

O que essas imagens têm em comum?

Você sabe o que essas pessoas estão fazendo?

Se você já sabe o que é arqueologia e o que faz um arqueólogo, terá a oportunidade de ampliar seus conhecimentos. Caso não saiba, terá a oportunidade de conhecer mais sobre o assunto neste capítulo.

O TRABALHO DO(A) ARQUEÓLOGO(A) E OS SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS



LER E COMENTAR

No Brasil, há mais de 26 000 sítios arqueológicos cadastrados pelo IPHAN. Nesses sítios, os(as) arqueólogos(as) exercem seu trabalho de campo. É um trabalho extremamente difícil e que requer muita técnica e estudo para identificar vestígios de um passado muito distante.

A arqueologia é uma ciência. Os arqueólogos estudam e identificam as sociedades e culturas humanas que, em geral, viveram há milhares de anos ou até mesmo em períodos mais recentes, por meio de vestígios materiais encontrados. Os locais onde esses vestígios são encontrados recebem o nome de sítios arqueológicos.

Tipos de sítios arqueológicos

Sítios de arte rupestre	Onde se encontram grafismos nas paredes de rocha.
Sítios de aldeias ceramistas	Onde se encontram vestígios da presença de aldeões, suas moradias e fragmentos de cerâmica.
Sítios de geoglifos	Registros de figuras no chão.
Sítios-oficinas	Onde se encontram vestígios de ferramentas, pedras afiadas etc.
Sambaquis	Onde se encontra acúmulo de material calcário, restos de conchas etc.
Sítios arqueológico-históricos	Onde se encontram artefatos posteriores à chegada dos europeus.

BUCO, Cristiane de Andrade. **Sítios arqueológicos brasileiros**. Santos, SP: Editora Brasileira de Arte e Cultura; Brasília, DF: UNESCO Office Brasília, 2014.

51

Sugestão de atividade de aprofundamento

Faça, na lousa, uma lista com alguns exemplos dos tipos de sítios arqueológicos indicados no texto da página 51. Se possível, apresente imagens e explore as características de cada um deles com a turma. É interessante também explorar aqueles que se encontram no estado ou município onde a escola está localizada.

Sugestão de leitura

BUCO, Cristiane de Andrade. **Sítios arqueológicos brasileiros**. Santos, SP: Editora Brasileira de Arte e Cultura; Brasília, DF: UNESCO Office Brasília, 2014.

Objetivos

- Conceituar arqueologia.
- Reconhecer e conceituar sítios arqueológicos.
- Diferenciar, no geral, os tipos de sítios arqueológicos e algumas fontes associadas.
- Reconhecer a importância dos estudos arqueológicos.
- Identificar e reconhecer as fontes históricas relacionadas à arqueologia.
- Reconhecer formas de preservação dos sítios arqueológicos.

Orientações metodológicas

Aprofundaremos alguns aspectos relacionados à arqueologia, tal como os tipos de sítios arqueológicos, entre outros.

Faça a leitura compartilhada do texto com a turma. Indique um(a) estudante para ler o título do texto e do quadro apresentado na página. Depois, solicite que façam uma leitura silenciosa e individual do texto. A seguir, proponha que outros(as) dois(duas) estudantes verbalizem para a turma a sua compreensão do que foi lido.

Orientações metodológicas

Analise as imagens junto com a turma, com o objetivo de identificar os locais de preservação, pesquisa e visitação. Solicite a leitura das legendas em voz alta. Em aula dialogada, explore cada imagem associando-as ao texto e à caracterização dos sítios arqueológicos.

Os arqueólogos ou arqueólogas são profissionais que identificam, datam, analisam e estudam os artefatos, ossos, restos de pedra, enfim, toda espécie de fonte material produzida pelos seres humanos em diferentes épocas, desde a chamada pré-história, do nosso país, continente e planeta.



Ricardo Azoury | Pulsar Imagens

Geoglifo, Sítio Arqueológico Jacó Sá, Rio Branco, Acre, 2022.

Os arqueólogos não trabalham apenas com vestígios da pré-história, afinal há sítios formados em outras épocas mais recentes. Os vestígios permitem a análise das formas de viver dos seres humanos no tempo e suas transformações. Os(As) arqueólogos(as) precisam de muitas informações durante o seu trabalho. Assim, procuram dialogar com cientistas e os conhecimentos de outras ciências, como a Biologia, a Botânica e a Geologia.



Adriano Kirihaara | Pulsar Imagens

Pesquisadores em escavação de fósseis, Sítio Fossilífero Pirapozinho, São Paulo, 2024.



Beto Celli | Pulsar Imagens

Área de escavação paleontológica do Parque dos Pterossauros, Santana do Cariri, Ceará, 2023.



TROCAR IDEIAS

1. Quais outras ciências podem ser utilizadas pelos arqueólogos?
Biologia, Botânica e Geologia.
2. Leia o trecho e discuta com seus colegas:

No Brasil, na atualidade, existem políticas de preservação do patrimônio. O Instituto de Patrimônio Histórico e Geográfico é o órgão do governo relacionado ao registro e as ações de preservação do patrimônio nacional.

Mas você sabia que faz parte da nossa cidadania participar, cuidando e zelando pelo bem público?

Observe nos tópicos a seguir algumas atitudes importantes:

- Aprender e se interessar pela nossa memória, pela nossa história;
- Valorizar nosso patrimônio como um bem de todos;
- Respeitar as regras de acesso, de visita e os horários dos museus, arquivos, sítios arqueológicos e outros espaços;
- Não vandalizar, escrever ou depredar o patrimônio presente nos sítios arqueológicos;
- Fotografar apenas se for permitido e não utilizar flashes (se for o recomendado);
- Respeitar as diferentes identidades relacionadas ao patrimônio nacional.



Antinspiring | Dreamstime.com

3. Como cidadãos, o que mais podemos fazer para conhecer, cuidar e preservar o nosso patrimônio?
4. Como os cidadãos podem colaborar na preservação dos sítios arqueológicos? *O trecho que responde essa questão está no texto: "não vandalizar, respeitar as regras de funcionamento", etc.*
5. Que outras medidas poderiam ser tomadas para que os sítios arqueológicos sejam preservados?
Podem ser citadas atitudes de conscientização e preservação do patrimônio por parte da sociedade, que é parceira na preservação do patrimônio.

53

(EF05HI01) Identificar os processos de formação das culturas e dos povos, relacionando-os com o espaço geográfico ocupado.

(EF05HI10) Inventariar os patrimônios materiais e imateriais da humanidade e analisar mudanças e permanências desses patrimônios ao longo do tempo.

Orientações metodológicas

Converse com os(as) estudantes sobre o processo de estudo e pesquisa relacionado à arqueologia. Sublinhe que é a partir das análises arqueológicas que são feitas novas análises e descobertas sobre os povos antigos.

Após a leitura silenciosa do texto da seção "Para trocar ideias", faça uma leitura dialogada com a turma, incentivando que busquem no texto as respostas para as perguntas feitas e apresentem oralmente suas observações.



(EF05HI04) Associar a noção de cidadania com os princípios de respeito à diversidade, à pluralidade e aos direitos humanos.

(EF05HI05) Associar o conceito de cidadania à conquista de direitos dos povos e das sociedades, compreendendo-o como conquista histórica.

(EF05HI10) Inventariar os patrimônios materiais e imateriais da humanidade e analisar mudanças e permanências desses patrimônios ao longo do tempo.

Orientações metodológicas

Converse com a turma sobre a relação entre a preservação dos sítios arqueológicos, o patrimônio arqueológico em questão e a cidadania.

Solicite às crianças que leiam para a família a Lei nº 3.924, de 26 de julho de 1961, e relatem o que aprenderam sobre ela. Explique que elas devem apresentar para a turma a opinião dos familiares sobre as informações compartilhadas, avaliando a sua própria leitura por meio de perguntas, como: *O meu tom de voz foi adequado? Como está o meu ritmo de leitura?*

1. Leia o texto e aprenda sobre a lei que protege os sítios arqueológicos brasileiros:

Lei nº 3.924, de 26 de julho de 1961

Art 1º Os monumentos arqueológicos ou pré-históricos de qualquer natureza existentes no território nacional e todos os elementos que neles se encontram ficam sob a guarda e proteção do Poder Público, de acordo com o que estabelece o art. 175 da Constituição Federal.

Parágrafo único. A propriedade da superfície, regida pelo direito comum, não inclui a das jazidas arqueológicas ou pré-históricas, nem a dos objetos nelas incorporados na forma do art. 152 da mesma Constituição.

Art 2º Consideram-se monumentos arqueológicos ou pré-históricos:

- a) as jazidas de qualquer natureza, origem ou finalidade, que representem testemunhos de cultura dos paleoameríndios do Brasil, tais como sambaquis, montes artificiais ou tesos, poços sepulcrais, jazigos, aterrados, estearias e quaisquer outras não especificadas aqui, mas de significado idêntico a juízo da autoridade competente.
- b) os sítios nos quais se encontram vestígios positivos de ocupação pelos paleoameríndios, tais como grutas, lapas e abrigos sob rocha;
- c) os sítios identificados como cemitérios, sepulturas ou locais de pouso prolongado ou de aldeamento, “estações” e “cerâmicos”, nos quais se encontram vestígios humanos de interesse arqueológico ou paleoetnográfico;
- d) as inscrições rupestres ou locais como sulcos de polimentos de utensílios e outros vestígios de atividade de paleoameríndios.

Art 3º São proibidos, em todo o território nacional, o aproveitamento econômico, a destruição ou mutilação, para qualquer fim, das jazidas arqueológicas ou pré-históricas conhecidas como sambaquis, casqueiros, concheiros, birbigueiras ou sernambis, e bem assim dos sítios, inscrições e objetos enumerados nas alíneas *b*, *c* e *d* do artigo anterior, antes de serem devidamente pesquisados, respeitadas as concessões anteriores e não caducas.

2. Copie do texto da lei o que é considerado patrimônio arqueológico. O(A) estudante deve copiar do texto os parágrafos referentes às letras A, B, C e D.
3. Qual a importância da preservação dos sítios arqueológicos para a História? Anote no caderno.

São locais onde se encontram vestígios que podem fazer conhecer e elucidar aspectos da pré-História, assim como de outros tempos.

PRÉ-HISTÓRIA BRASILEIRA



LER E COMENTAR

Muitos estudos arqueológicos vêm sendo realizados no Brasil, com demarcação e análise de sítios arqueológicos e, também, levantamento de hipóteses sobre o povoamento do nosso continente e sobre o modo de vida dos primeiros habitantes. Na arqueologia, uma nova descoberta pode confirmar, modificar ou contradizer uma conclusão anterior. Os vestígios estão espalhados, sem identificação, e muitos outros estão debaixo da terra, o que dificulta as análises e o avanço dos estudos.



Luciano Queiroz / Pulsar Imagens

Museu do Homem Americano, Serra da Capivara, São Raimundo Nonato, Piauí, 2024.

Entretanto, já se pode afirmar que os povos que habitaram o continente americano migraram de outras regiões do planeta, possivelmente entre 48 000 e 15 000 anos atrás. Essa migração pode ter ocorrido pela baixa do nível dos mares, o que possibilitou aos *homo sapiens*, que eram caçadores e coletores e nômades, atravessar alguns trechos, antes submersos, em busca de alimento e proteção. Nessa travessia, chegaram às terras que hoje são chamadas de América.

Posteriormente, foram também agricultores e ceramistas. Segundo o professor André Prouss, um arqueólogo francês que trabalha no Brasil, há muitos equívocos que são difundidos sobre a pré-história brasileira. É errado, por exemplo, pensar que os seres humanos conviviam com dinossauros.

55

- Reler o guia “Crianças, adolescentes e telas: Guia dos usos de dispositivos digitais” (BRASIL, 2025) para orientar-se nos procedimentos de segurança neste trabalho.
- Elaborar um pequeno roteiro de perguntas orientadoras para facilitar a atividade e incentivar os(as) estudantes na observação.
- Lembrar-se que as crianças não devem pesquisar no ambiente virtual sem a supervisão de uma pessoa responsável, por isso o ideal é que esta atividade ocorra na sala de informática ou outro ambiente escolar destinado para isto.

Acesso ao *site* do Museu em: <https://ufpi.br/map>. Acesso em: 22 ago. 2025.

Sugestão de leitura

PROUSS, André. **Arqueologia brasileira**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1992.

Orientações metodológicas

Após a leitura silenciosa do texto da seção “Ler e comentar”, faça uma leitura dialogada com a turma, incentivando as crianças a buscarem respostas no texto às perguntas feitas e verbalizarem oralmente para os(as) colegas suas observações.

Visita guiada

Muitas universidades brasileiras possuem arquivos e museus com acervos variados sobre arqueologia no Brasil. Procure identificar algum desses espaços na sua cidade para fazer uma visita com a turma, caso seja possível.

Outra opção para ampliar o repertório das crianças é uma visita virtual ao Museu de Arqueologia e paleontologia da Universidade Federal de Piauí. Caso não seja possível a visita presencial, você pode orientar e organizar um pequeno roteiro para uma visita virtual ao site do referido museu.

Para esta atividade, você deverá, previamente:

- Visitar o site e escolher alguns elementos que podem ampliar ou aprofundar o conteúdo e temas abordados, sobretudo, quanto à diversidade cultural.
- Entrar em contato com o setor educativo do Museu para obter informações e sugestões de abordagem educativa para o tema da unidade ou capítulo.

(EF05HI01) Identificar os processos de formação das culturas e dos povos, relacionando-os com o espaço geográfico ocupado.

(EF05HI08) Identificar formas de marcação da passagem do tempo em distintas sociedades, incluindo os povos indígenas originários e os povos africanos.

(EF05HI10) Inventariar os patrimônios materiais e imateriais da humanidade e analisar mudanças e permanências desses patrimônios ao longo do tempo.

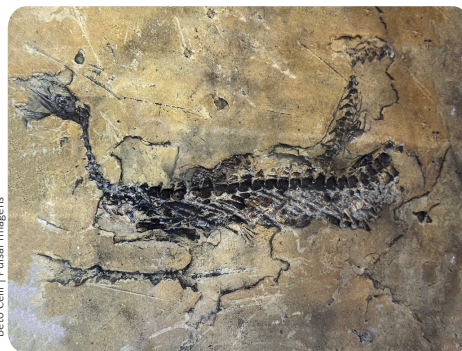
Orientações metodológicas

Oriente a leitura dos textos, explore as imagens, trabalhe os termos novos e retome os conceitos apresentados.

Promova a análise das imagens, relacionando-as ao conteúdo estudado e aos conceitos já trabalhados. Solicite que leiam as legendas. Em seguida, proponha que um(a) estudante expresse o que entendeu. Para incentivar a turma, você pode solicitar a identificação dos locais onde os fósseis estão localizados. Aproveite a oportunidade para sublinhar a importância desses espaços de memória na construção do conhecimento sobre o passado.

O estudo de vestígios de fósseis, como os de dinossauros, é realizado pelos(as) paleontólogos(as). Lembre à turma que a paleontologia é a ciência relacionada aos vestígios dos pontos de vista biológico e geológico. É preciso que diferenciem o trabalho dos paleontólogos dos arqueólogos. Chame atenção para as diferenças. Aproveite a análise das imagens para essa finalidade.

O território que corresponde ao Brasil atual se situa em uma zona tropical, de clima quente e úmido. Naquela época a temperatura estava 6°C (seis graus) mais baixa do que a atual, o que permitiu aos seres humanos criar abrigos a céu aberto. Alguns dos animais mais comuns encontrados nesse período são os mastodontes, toxodontes e camelídeos.



Beto Celli | Pulsar Imagens

Fóssil de um mesossauro encontrado em Rio Claro, com idade entre 298 e 252 milhões de anos, Museu de Arqueologia e Paleontologia de Araraquara, São Paulo, 2024.

Os estudos arqueológicos no Brasil se intensificaram no século XX e continuam em pleno desenvolvimento. A partir deles, podemos ampliar os horizontes sobre as formas de viver em períodos muito antigos, há milhares e milhares de anos, passando pela fase que antecedeu a chegada dos europeus no final do século XV, em 1500. Esses estudos permitem fazer comparações com as formas de viver dos povos indígenas atuais e constituem fontes importantes para a compreensão de tais povos e da população brasileira de modo geral.



Beto Celli | Pulsar Imagens

Esqueleto de uma preguiça-gigante, Museu de Zoologia da USP, cidade de São Paulo, São Paulo, 2022.

Observe a subdivisão da chamada pré-história:

PERÍODOS PRÉ-HISTÓRICOS
Paleolítico (Idade da pedra lascada) Paleolítico Inferior: 500 000 a 300 000 anos a.C. Paleolítico Superior: 300 000 a 20 000 anos a.C.
Mesolítico: 20 000 a 10 000 anos a.C. (Idade da pedra intermediária)
Neolítico: 10 000 a 6 000 a.C. (Idade da pedra polida)

Essas datas são aproximadas e, com o desenvolvimento de novos estudos, podem ser revistas.

Na fase que compreende a pré-história, registram-se muitos acontecimentos:

- o aparecimento da espécie *homo sapiens*;
- o processo de sedentarização humana (quando os seres humanos deixam de ser nômades);
- o desenvolvimento do cultivo de plantas e vegetais, ou seja, o início do processo da agricultura;
- o processo de criação e aperfeiçoamento da escrita.



TROCAR IDEIAS

- ▷ Por que os estudos arqueológicos contribuem para aprendermos e conhecermos povos e modos de viver em períodos muito remotos?

Os estudos auxiliam no conhecimento do passado remoto e nos permitem perceber como viviam os povos antigos ou os primeiros seres humanos que habitaram a terra, por exemplo.



TROCAR IDEIAS E REGISTRAR NO CADERNO

1. Copie no caderno os elementos do texto que estão relacionados aos períodos pré-históricos. *Paleolítico, Mesolítico e Neolítico.*
2. Volte ao texto e anote, no caderno, qual a origem dos primeiros habitantes do atual continente americano. *Cerca de 48 000 a.C.*
3. Quanto tempo durou o período Neolítico? Responda no caderno. *10 000 a 6 000 a.C. (Idade da Pedra Polida).*

57

Sugestão de atividade de aprofundamento

Peça que as crianças formem duplas e façam um cartaz para apresentar os conteúdos trabalhados no capítulo.

Elas devem fazer ilustrações e escrever, em tópicos, um resumo sobre as principais ideias estudadas. Lembre-se de que essa atividade tem como objetivos a organização das informações e a apreensão de conhecimentos.

Incentive-as a criar os cartazes de forma criativa e apresentar aos colegas de turma.

Essa atividade pode ser trabalhada em interdisciplinaridade com a Língua Portuguesa por meio do desenvolvimento das seguintes habilidades: **(EF35LP18)** Escutar, com atenção, apresentações de trabalhos realizadas por colegas, formulando perguntas pertinentes ao tema e solicitando esclarecimentos sempre que necessário; **(EF35LP19)** Recuperar as ideias principais em situações formais de escuta de exposições, apresentações e palestras; **(EF35LP20)** Expor trabalhos ou pesquisas escolares, em sala de aula, com apoio de recursos multissemióticos (imagens, diagrama, tabelas etc.), orientando-se por roteiro escrito, planejando o tempo de fala e adequando a linguagem à situação comunicativa.

Para isso, as crianças devem organizar e contar o tempo da apresentação.

Oriente a turma na escuta e na atenção às apresentações dos colegas. Caso seja possível, solicite que voluntários expliquem à turma o que entenderam.

(EF05HI04) Associar a noção de cidadania com os princípios de respeito à diversidade, à pluralidade e aos direitos humanos.

(EF05HI05) Associar o conceito de cidadania à conquista de direitos dos povos e das sociedades, compreendendo-o como conquista histórica.

(EF05HI10) Inventariar os patrimônios materiais e imateriais da humanidade e analisar mudanças e permanências desses patrimônios ao longo do tempo.

Orientações metodológicas

Converse com os(as) estudantes sobre os períodos históricos e a suas marcações em períodos.

Você pode sublinhar também o fato de que a História do nosso continente não se inicia com a chegada da frota de Cabral em 1500, pois já havia povos nativos que o habitavam.

Solicite que copiem, no quadro, a tabela da página 57, conforme previsto na atividade da seção "Trocar ideias e registrar no caderno".

Em aula dialogada, converse com a turma e promova uma roda de conversa sobre as atividades da seção "Trocar ideias", chamando atenção também para os acontecimentos citados na mesma página.

Retome com a turma a História da escrita, estudada na primeira unidade.



LER E COMENTAR

(EF05HI01) Identificar os processos de formação das culturas e dos povos, relacionando-os com o espaço geográfico ocupado.

(EF05HI08) Identificar formas de marcação da passagem do tempo em distintas sociedades, incluindo os povos indígenas originários e os povos africanos.

(EF05HI10) Inventariar os patrimônios materiais e imateriais da humanidade e analisar mudanças e permanências desses patrimônios ao longo do tempo.

Orientações metodológicas

De forma a promover o processo de alfabetização e de letramento das crianças, solicite a leitura silenciosa do texto da seção “Ler e comentar”, na página 58.

Em seguida, de forma interdisciplinar com a Língua Portuguesa, solicite que escrevam uma manchete com um pequeno parágrafo resumindo o assunto principal do texto lido.

Por meio dessa atividade, será possível desenvolver a seguinte habilidade: **(EF35LP16)** Identificar e reproduzir, em notícias, manchetes, lides e corpo de notícias simples para público infantil e cartas de reclamação (revista infantil), digitais ou impressos, a formatação e diagramação específica de cada um desses gêneros, inclusive em suas versões orais.

Após as apresentações, chame a atenção da turma para as características do gênero textual apresentado, incentivando a reflexão sobre o assunto trabalhado na página e a forma como foi exposto por meio da manchete e do resumo.

Leia o trecho sobre um dos mitos divulgados sobre a arqueologia brasileira, segundo André Prouss.

Há indícios de cultivo de plantas domésticas e da criação de reservas alimentares – ou de sementes para plantio – no último milênio antes da nossa era e talvez no final do milênio anterior. Grãos de milho escavados em Santana do Riacho (MG) foram datados com certeza de cerca de 2.800 anos atrás, enquanto outros, de origem **estratigráfica** mais duvidosa, teriam quase 4.000 anos. [...]

Mas é sobretudo a partir do período entre 2.500 e 1.200 anos atrás que as evidências se multiplicam. Depósitos de espigas de milho, mandioca, caroços de algodão, cascas de amendoim (os mais recentes contêm também grãos de feijão) e outros elementos perecíveis, guardados em estruturas vegetais trançadas, ou mantidas por cordões, foram encontrados em vários abrigos do norte de Minas Gerais e do oeste da Bahia.

Além de vegetais cultivados, há coquinhos, restos de fruto de jatobá, urucum, sementes de maracujá e até penas coloridas. Na Lapa do Boquete, verificou-se que essas estruturas de armazenamento eram recobertas por cinzas para despistar os roedores e prevenir a infestação por insetos. Alguns desses “**silos**” são muito bem-preservedos e datados de até 1.200 anos atrás, mas é possível reconhecer, na estratigrafia, sinais de depósitos anteriores que foram retirados, perturbando os sedimentos mais antigos – sem que seja possível saber em que época os abrigos começaram a ser utilizados como celeiros.

Em várias partes do interior do Brasil central e nordestino, a cerâmica aparece também perto do início da Era Cristã, embora datações bem mais antigas para a técnica sejam conhecidas mais ao norte, em sítios de tipo “sambaqui” da Amazônia e do litoral do Maranhão, e no cemitério do Justino (SE), perto da foz do rio São Francisco (entre 7.000 e 5.000 anos atrás).

PROUSS, André. **O Brasil antes dos brasileiros**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006.

Silo: depósito agrícola para armazenar cereais.

Estratigráfica: que é composta de rochas.



TROCAR IDEIAS

1. Segundo o arqueólogo André Prouss, qual a data aproximada na qual se encontram os primeiros indícios de cultivo de plantas domésticas e da criação de reservas alimentares? *“Os povos que habitaram o continente americano migraram de outras regiões do planeta, possivelmente entre 48 000 e 15 000 anos atrás. Grãos de milho escavados em Santana do Riacho (MG) foram datados com certeza de cerca de 2 800 anos atrás, enquanto outros, de origem estratigráfica mais duvidosa, teriam quase 4 000 anos”.*
2. Quando essas evidências se ampliam? *“Mas é sobretudo a partir do período entre 2 500 e 1 200 anos atrás que as evidências se multiplicam”.*



TROCAR IDEIAS E REGISTRAR NO CADERNO

1. Quais são os grãos cultivados nesse período? Responda no caderno.
2. As frases abaixo descrevem quatro cenas. Três delas estão historicamente erradas. Copie em seu caderno a cena historicamente correta.
 - a) O ser humano na pré-história convivendo com dinossauros.
 - b) O ser humano na pré-história escrevendo uma carta em papel.
 - c) O ser humano na pré-história escrevendo nosso alfabeto nas rochas.
 - d) O ser humano na pré-história fazendo uma pintura rupestre.

“Espigas de milho, mandioca, caroços de algodão, cascas de amendoim (os mais recentes contêm também grãos de feijão) e outros elementos perecíveis, guardados em estruturas vegetais trançadas, ou mantidas por cordões, foram encontrados em vários abrigos do norte de Minas Gerais e do oeste da Bahia”.

OS SAMBAQUIS



LER E COMENTAR

Em algumas partes do território do Brasil atual, precisamente na costa ou litoral, encontram-se sambaquis, ou seja, elevações erguidas com conchas. Essas conchas eram acumuladas e sobre elas viviam comunidades que se alimentavam da pesca. Eles se alimentavam também de frutas e vegetais, além de peixes e moluscos.

Existem sambaquis de alturas variadas. Por meio deles, é possível saber um pouco como viviam esses povos. Um sambaqui é formado por camadas e mais camadas de conchas sobre as quais a comunidade se estabelecia. Sua construção foi feita intencionalmente pelas mulheres e homens naquele período. Além de assentamentos para viver, os sambaquis são locais onde os moradores sepultavam seus mortos.

59

Orientações metodológicas

Converse com os(as) estudantes sobre as ideias do texto. Apresente-lhes outras imagens além daquelas que estão na página 60. Explore com a turma as imagens de forma dialogada.

Peça aos(as) estudantes que escrevam no caderno as palavras por eles desconhecidas no texto, consultem um dicionário e anotem os significados no caderno.

Trabalhe de forma interdisciplinar a partir do desenvolvimento da seguinte habilidade da Língua Portuguesa: **(EF05LP22)** Ler e compreender verbetes de dicionário, identificando a estrutura, as informações gramaticais (significado de abreviaturas) e as informações semânticas.

Solicite que construam frases com as palavras pesquisadas no dicionário.

Explore também o significado da palavra “sambaqui” e valorize a relação entre a Língua Portuguesa e as palavras que têm origem em línguas indígenas.

(EF05HI01) Identificar os processos de formação das culturas e dos povos, relacionando-os com o espaço geográfico ocupado.

(EF05HI08) Identificar formas de marcação da passagem do tempo em distintas sociedades, incluindo os povos indígenas originários e os povos africanos.

(EF05HI10) Inventariar os patrimônios materiais e imateriais da humanidade e analisar mudanças e permanências desses patrimônios ao longo do tempo.

Orientações metodológicas

Oriente a leitura dos textos, explorando os termos novos e as imagens. Destacamos também a importância de elucidar os conceitos apresentados.

Explore as informações do mapa. Solicite que verifiquem se no estado onde residem há sambaquis. Se possível, visite *sites* nos quais há imagens e estudos de sambaquis brasileiros.

Chame a atenção das crianças para as imagens, solicitando a análise e a leitura das legendas correspondentes.

Explore os locais de referência das imagens e as respectivas localizações no mapa da página 60.

Em diversos sambaquis, os arqueólogos e arqueólogas encontraram vestígios de objetos, que eram espécies de oferendas, junto a estruturas ósseas de seres humanos que ali foram sepultados. No entanto, apesar de muitos estudos e diversas informações que foram construídas sobre os sambaquis, ainda existem dúvidas sobre as suas funções.



Sítio Arqueológico Duna Grande ou Sambaqui de Itaipu, Niterói, Rio de Janeiro, 2024.



Sambaqui, Sítio Arqueológico Santa Marta III, Laguna, Santa Catarina, 2024.



Sítios Arqueológicos e Sambaquis, 2025. Patrimônio Arqueológico IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional [s.d.]

Sugestão de atividade complementar

Esta atividade pode contribuir no desenvolvimento da habilidade de Língua Portuguesa: **(EF05LP02)** Identificar o caráter polissêmico das palavras (uma mesma palavra com diferentes significados, de acordo com o contexto de uso), comparando o significado de determinados termos utilizados nas áreas científicas com esses mesmos termos utilizados na linguagem usual.

Você poderá solicitar, por exemplo, a pesquisa do significado de nomes de sítios arqueológicos, como o sambaqui.



É possível marcar a história dos povos nativos no território onde atualmente se localiza o Brasil em dois momentos. No primeiro, viveram caçadores e coletores; no segundo, agricultores e ceramistas. Essa divisão não significa que caçadores e coletores não tenham coexistido com agricultores e ceramistas.



1. Você conhece algum sambaqui? Na região onde você vive existem sambaquis? *Resposta pessoal.*
2. Pesquise em revistas e *sites* e, em folha separada, registre informações sobre os sambaquis brasileiros. Procure obter informações sobre significado, local, datas, sítios arqueológicos ou parques, visitação.
3. Compartilhe com os colegas as informações obtidas.
4. Formem grupos de quatro ou cinco colegas e montem uma maquete representando um sambaqui. Para a montagem, vocês poderão utilizar areia, tampinhas e outros materiais.
5. Organizem uma exposição com a turma para a apresentação dos trabalhos. Convidem outras turmas para apreciar o trabalho realizado.

Sugestão de atividade adicional

Apresente, se possível, outras imagens de cerâmicas indígenas na atualidade. Em aula dialogada, explore as imagens, incentivando a participação das crianças e a identificação das características de cada uma.

Sugestões de leitura

NEVES, Walter; PILÓ, Luís. **O povo de Luzia**. Rio de Janeiro: Globo, 2008.
 PROUS, André. **O Brasil antes dos Brasileiros**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006.
 GASPAR, Madu. **Sambaqui**: arqueologia do litoral brasileiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999. (Coleção Descobrimdo o Brasil).

(EF05HI01) Identificar os processos de formação das culturas e dos povos, relacionando-os com o espaço geográfico ocupado.

(EF05HI08) Identificar formas de marcação da passagem do tempo em distintas sociedades, incluindo os povos indígenas originários e os povos africanos.

(EF05HI10) Inventariar os patrimônios materiais e imateriais da humanidade e analisar mudanças e permanências desses patrimônios ao longo do tempo.

Orientações metodológicas

Converse com os(as) estudantes sobre os dois momentos citados no texto. Chame a atenção da turma para a imagem de abertura da unidade, solicitando que a examinem novamente. Depois, compare-a com a ilustração da página.

Registre a divisão dos dois momentos relativos aos períodos da História dos povos antigos citados no texto, chamando a atenção para o tipo de atividade praticada, os conhecimentos e as técnicas desenvolvidas em cada um deles. É importante que as crianças reconheçam e valorizem os saberes ancestrais dos povos que habitavam o território antes da chegada dos europeus.

Oriente sempre e previamente as pesquisas, considerando as orientações da obra: "Crianças, adolescentes e telas: Guia sobre usos de dispositivos digitais" (Brasil, 2025).

Oriente os estudantes a clicar no ícone de **Objeto Digital**, presente no Livro Digital do Estudante, para explorar um infográfico com o tema: **CERÂMICA MARAJOARA**.



BRINCAR E APRENDER

(EF05HI01) Identificar os processos de formação das culturas e dos povos, relacionando-os com o espaço geográfico ocupado.

(EF05HI06) Comparar o uso de diferentes linguagens e tecnologias no processo de comunicação e avaliar os significados sociais, políticos e culturais atribuídos a elas.

Orientações metodológicas

A seção "Brincar e aprender" é uma oportunidade para trabalhar o conteúdo de forma mais lúdica.

Retome com a turma os conhecimentos trabalhados na primeira unidade.

Incentive a reflexão a respeito da expressão encontrada.

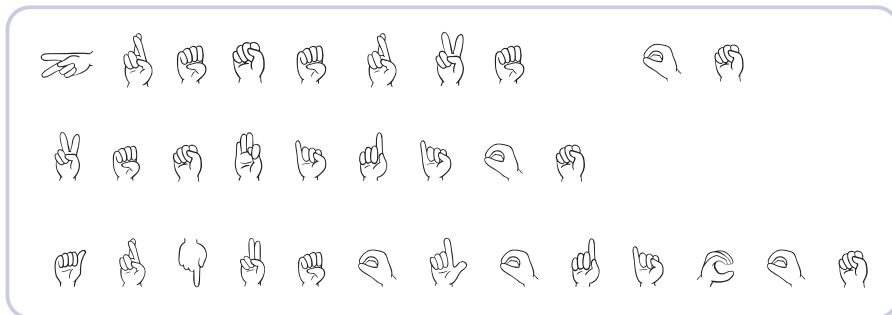
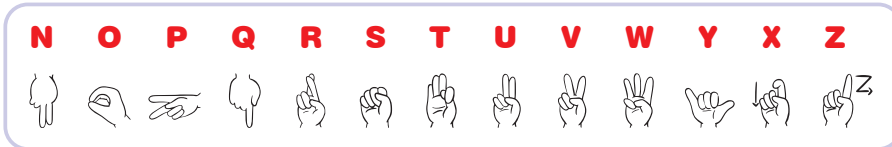
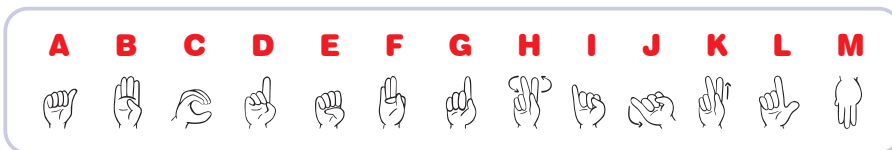
É importante que percebam e reconheçam a importância da preservação dos vestígios arqueológicos para a ampliação do conhecimento sobre os povos originários e outros povos.

Sugestão de atividade complementar

Em uma roda de conversa, pergunte às crianças quais meios de preservação do patrimônio arqueológico elas conhecem. Liste as contribuições na lousa.

Você pode perguntar: *Caso encontrem algum vestígio, o que deveriam fazer?*

Decifre a frase. Troque o alfabeto de Libras pelas letras do alfabeto e descubra uma importante recomendação sobre o tema deste capítulo. Em seguida, copie a frase em seu caderno. *Preserve os vestígios arqueológicos.*



LER E COMENTAR

Os povos originários, aqueles que há milhares de anos já habitavam o território onde atualmente se localiza o Brasil atual, possuíam culturas, modos de viver, saberes e técnicas que são estudados pelos(as) arqueólogos(as). Cada vez mais nossos conhecimentos sobre eles vão se ampliando.

Esses povos desenvolveram inúmeras técnicas e saberes, tais como a observação do ambiente e do céu. Era por meio da observação atenta dos elementos dos ambientes que os povos indígenas criaram diferentes sistemas

Sugestões de leitura

BARRETO, Cristina. A construção de um passado pré-colonial: uma breve história da Arqueologia no Brasil. **Revista USP**, São Paulo, n. 44, p. 32-51, 1999/2000.

CORREA, Luciana Flor; SIMÕES, Bruno dos Santos. Astronomia indígena na formação de professores: uma possibilidade a partir da abordagem CTS. **Ciência e Natura**, Santa Maria, v. 38, n. 1, p. 475-483, jan.-abr. 2016.

FREITAS, Nayris Costa; ROMEU, Mairton Cavalcante; SOUZA, Vitor Fabrício Machado; BARROSO, Maria Cleide da Silva. Ciência e diversidade: a astronomia indígena como meio de combater o racismo na educação. **Cenas Educacionais**, v. 7, p. e21965, 2024. Disponível em: <https://revistas.uneb.br/cenaseducacionais/article/view/21965>. Acesso em: 5 set. 2025.

LIMA, Flávia Pedroza; BARBOSA, Priscila Faulhaber; CAMPOS, Márcio D'Ólne; JAFELICE, Luiz Carlos; BORGES, Luiz Carlos. Relações céu-terra entre os indígenas no Brasil: distintos céus, diferentes olhares. In: MATSURA, Oscar. T. (org.). **História da Astronomia no Brasil**. v. 1. Recife: Cepe, 2013. p. 88-130.

MATTOS, Hellen Cristina. A colonialidade do conhecimento científico. **Cadernos de Educação Tecnologia e Sociedade**, v. 16, n. 2, p. 210-218, 2023.

de marcação do tempo, sistemas de prever o clima (chuvas, por exemplo) e sistemas para a orientação geográfica nos territórios em que viviam ou se deslocavam.

Os movimentos da Lua e do Sol e a configuração das estrelas eram identificados e mapeados, estabelecendo-se conexões importantes. As crenças e formas de compreensão do mundo relacionavam-se a essas observações, ainda que nem todos os povos indígenas compreendessem os fenômenos naturais da mesma maneira. Assim, por meio da cultura oral, de geração em geração repassavam-se o conhecimento e os sentidos de mundo para a comunidade. A relação com a natureza também criou a orientação para o tempo das festas e rituais, assim como está muito interligada às histórias e mitos indígenas.

No estado do Amapá, localiza-se o Parque Arqueológico do Solstício. Ali se encontram ruínas megalíticas, grandes blocos de granito que, segundo os pesquisadores, referem-se ao conhecimento dos ciclos solares pelos povos que habitaram aquele território há milhares de anos. A disposição das pedras e o alinhamento estão interligados à posição do Sol e ao solstício de inverno.

O conhecimento dos astros celestes é marcador temporal e orienta a dimensão do tempo nessas sociedades. É possível que tivesse essa e outras funções.

O Parque do Solstício, assim, é um dos sítios arqueológicos protegidos porque apresenta patrimônio significativo para o entendimento da organização social, a cultura e os saberes de povos nativos muito antigos.



Ricardo Azoury | Pulsar Imagens

Megalítico do Rego Grande, Parque Arqueológico do Solstício, Calçoene, Amapá, 2013.

63

de recursos (como mapas celestes e aplicativos digitais, entre outros), e os períodos do ano em que elas são visíveis no início da noite; **(EF05CI11)** Associar o movimento diário do Sol e das demais estrelas no céu ao movimento de rotação da Terra; **(EF05CI12)** Concluir sobre a periodicidade das fases da Lua, com base na observação e no registro das formas aparentes da Lua no céu ao longo de, pelo menos, dois meses.

Demonstre que os povos originários desenvolveram diferentes técnicas para observar, acompanhar e marcar o movimento dos astros. A observação da natureza é ponto fundamental para esses povos.

Site

Para ampliar seus conhecimentos sobre a astronomia indígena, visite o *site* do Espaço do Conhecimento da UFMG: <https://www.ufmg.br/espacodoconhecimento/planetario-aborda-astronomia-indigena-com-libras/>.

(EF05HI08) Identificar formas de marcação da passagem do tempo em distintas sociedades, incluindo os povos indígenas originários e os povos africanos.

Orientações metodológicas

Proponha que façam uma leitura silenciosa e indique estudantes para lerem em voz alta cada parágrafo do texto. Em caso de dúvidas, proponha que um(a) estudante, com a sua ajuda, elucide a dúvida levantada. Comente o assunto do texto ao final da leitura.

Após a leitura do texto, promova uma aula dialogada.

Liste na lousa um conceito ou uma ideia principal de cada parágrafo lido, sempre incentivando a participação de todos.

Volte a cada aspecto listado e solicite que expressem o que entenderam sobre cada um deles.

A partir do texto da seção “Ler e comentar”, é importante salientar a existência de técnicas e conhecimentos sobre os astros, sobre o movimento do Sol e da Lua, a fim de valorizar o conhecimento dos povos originários, historicamente menosprezados e tidos como inferiores.

É importante também relacionar a instituição do Parque Arqueológico do Solstício aos conceitos de patrimônio e sítios arqueológicos desenvolvidos ao longo da unidade.

Aproveite essa seção para trabalhar de forma interdisciplinar com as Ciências da Natureza a partir do desenvolvimento das seguintes habilidades: **(EF05CI10)** Identificar algumas constelações no céu, com o apoio

(EF05HI01) Identificar os processos de formação das culturas e dos povos, relacionando-os com o espaço geográfico ocupado.

(EF05HI03) Analisar o papel das culturas e das religiões na composição identitária dos povos antigos.

Orientações metodológicas

Converse com os(as) estudantes sobre os sentidos de religião, religiosidade e crenças, no passado e no presente. É muito importante contextualizar esses conceitos no tempo e no espaço.

Outro aspecto importante é a compreensão do processo de transição da vida nômade à sedentária. Faça a leitura coletiva do texto, pausando para os comentários pertinentes ao assunto a partir de questões levantadas por você ou pelos(as) estudantes.

Sempre que possível, acompanhe os registros dos(as) estudantes feitos no caderno. É uma oportunidade de verificar o desenvolvimento da turma não só na área de História, como também na de Língua Portuguesa.



TROCAR IDEIAS

1. Você conhece alguma forma, história ou instrumento de contar o tempo produzido pelos povos nativos? Conte aos colegas o que sabe sobre o assunto. *Resposta pessoal.*
2. Qual a relação entre esse sítio arqueológico e as sociedades nativas muito antigas? *No sítio arqueológico estão preservados diferentes vestígios das sociedades nativas muito antigas.*



TROCAR IDEIAS E REGISTRAR NO CADERNO

1. Qual é o nome e o estado onde se localiza o parque citado no texto? Responda no caderno. *Estado do Amapá.*
2. Qual é a importância desse sítio arqueológico? *Conhecer e preservar ruínas megalíticas.*
3. De acordo com o texto e a imagem, qual é a relação entre as ruínas do parque e o conhecimento sobre o tempo?
4. Crie, no caderno, uma manchete e um subtítulo com a notícia da descoberta desse parque. *Resposta pessoal.*

No sítio arqueológico, encontram-se ruínas dispostas em uma posição que remete à observação dos astros celestes e à contagem do tempo.

O SAGRADO NA PRÉ-HISTÓRIA BRASILEIRA



LER E COMENTAR

A ideia de uma religião, tal como a entendemos na atualidade, não pode ser atribuída aos seres humanos da pré-história. Afinal, com o passar dos milhares de anos que separam o presente daquele período, há novas relações com o que é considerado sagrado, desenvolvimento de rituais, organização de ideias religiosas e o surgimento de religiões específicas. No entanto, pesquisadores apontam que alguns vestígios, como as ossadas, podem sinalizar práticas diferenciadas de enterro dos mortos. Esses indícios permitem supor que havia, já na pré-história, algumas crenças voltadas para o sobrenatural. No exame das pinturas rupestres, há apontamentos que as relacionam com a ideia do sagrado também. Segundo alguns autores, certos locais onde foram registradas e determinados tipos de grafismos podem indicar culto aos animais e

momentos de contemplação da natureza. Diante dessas constatações, muitos estudiosos afirmam que, na chamada pré-história, já é possível identificar ideias relacionadas ao sagrado.

É preciso compreender que, diante da ausência de documentos mais precisos, a comparação dessas hipóteses é ainda muito restrita. No período Neolítico, quando os seres humanos se tornam sedentários e, portanto, já praticam a agricultura, as ideias sobre o mundo, a relação com a natureza e com o sobrenatural parecem ser mais nítidas. A ideia do que é sagrado está associada às forças da natureza, tais como a chuva, o vento, os animais, etc.



TROCAR IDEIAS

Segundo os estudiosos desses períodos remotos, a noção de sagrado está intimamente relacionada ao culto aos animais e à contemplação da natureza.

1. Qual relação há entre o sagrado e a natureza no período Neolítico?
2. Quais foram os indícios utilizados por estudiosos e estudiosas para entender o “sagrado” no período Neolítico?

Alguns estudiosos utilizaram ossadas, grafismos e pinturas rupestres, por exemplo.



PARA REVER

1. Leia o texto a seguir.

Arqueólogos estudam a transição da vida nômade para o sedentarismo

Pesquisa realizada na Amazônia conta com participação de doutoranda do Museu de Arqueologia e Etnologia da USP

Como terá acontecido a transição da vida nômade para o sedentarismo na Amazônia? Para responder a esta e a outras perguntas sobre os modos de vida das antigas populações indígenas, arqueólogos estão investigando, em parceria com pesquisadores do Instituto Mamirauá, a mudança nas formas de habitar a Amazônia durante o primeiro milênio antes de Cristo. [...]

65

Sugestão de leitura

PROUS, A. Arqueologia, Pré-História e História. In: **Pré-História da Terra Brasilis**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1999. p. 19–32.

(EF05HI01) Identificar os processos de formação das culturas e dos povos, relacionando-os com o espaço geográfico ocupado.

(EF05HI04) Associar a noção de cidadania com os princípios de respeito à diversidade, à pluralidade e aos direitos humanos.

(EF05HI10) Inventariar os patrimônios materiais e imateriais da humanidade e analisar mudanças e permanências desses patrimônios ao longo do tempo.

Conclusão do capítulo 3

Os(As) estudantes tiveram a oportunidade de conhecer os povos antigos e compreender a importância da arqueologia.

Salientamos a importância de acompanhar o desenvolvimento das crianças quanto à aquisição de conhecimentos e habilidades relacionados aos conceitos trabalhados no capítulo, sempre atentando à sua contextualização no tempo e no espaço, requisitos para a compreensão do conteúdo de História. É importante também perceber o desenvolvimento das habilidades relacionadas ao domínio da Língua Portuguesa. Para isso, atente às atividades realizadas e à participação dos(as) estudantes, observando aspectos como os registros escritos, o ritmo e a entonação na leitura oral, a compreensão das informações lidas (compreensão de texto), entre outros. Leia e tenha como referência as habilidades da BNCC da Língua Portuguesa dispostas na abertura de cada unidade.

Lembre-se de realizar a constante observação, o registro, o acompanhamento e a reflexão do desempenho de cada estudante e da turma. Você poderá utilizar as atividades da seção “Para rever” para realizar uma revisão coletiva. A partir dela, anote as dúvidas e outras informações relevantes sobre o conteúdo trabalhado, com o objetivo de mapear o desempenho de todos.

Procure perceber o que aprenderam, além das dificuldades. Caso seja necessário, elabore outras estratégias complementares individuais, direcionadas à turma ou a grupos específicos de estudantes.

Liste os objetivos não atingidos ou atingidos parcialmente pela turma. Faça um diagrama contendo informações gerais sobre o desenvolvimento das crianças e observações acerca de conteúdos em que haja dúvidas, fragilidades ou equívocos. Você deve considerar alguns aspectos:

1. Identificar os conceitos pouco compreendidos pelo grupo.
2. Rever as ações pedagógicas implementadas.
3. Estabelecer e implementar novas ações com vistas a atender aos objetivos iniciais ou a novos objetivos que surgiram no processo.
4. Particularidades a serem atendidas no novo planejamento (buscar atender de forma individual dentro do coletivo).

Para o sucesso do aprendizado das crianças, é importante que você observe as orientações sobre avaliação formativa, o quadro de habilidades e conteúdos conceituais para este capítulo (disposto ao final do livro), assim como os aspectos descritos no quadro com competências, conteúdos procedimentais e atitudinais que devem ser seguidos durante o ano escolar.

Atenção! Elaboramos dois quadros (final do livro) para o processo de acompanhamento sob a perspectiva da avaliação formativa. Constituem-se, esses quadros, de fichas de registro, identificação, recolha, avaliação, que dizem respeito ao processo de desenvolvimento ou itinerário de cada estudante e da turma. Neles, consideram-se conteúdos aprendidos, ampliação de conhecimentos, fragilidades, dúvidas e conquistas ou progressos ocorridos. Cada estudante deve ser observado(a) tanto de forma particular quanto no processo de desenvolvimento do seu grupo ou turma. Aliado a isso, a ficha fornece sugestões a partir das quais você poderá refletir sobre seu trabalho na disciplina — você pode também modificá-la, adaptando-a a suas necessidades.

“Arqueologicamente sabemos que durante um período antigo as pessoas se mudavam com maior frequência, não moravam em um único lugar por muito tempo. A partir desse período, vemos que em algumas regiões isso começa a mudar e as pessoas passam a morar por mais tempo em uma área. Elas tornam-se então mais sedentárias e, em alguns casos, começam a formar os solos de terra preta”, comenta Márjorie.

A pesquisadora explica que este período é caracterizado como cultura ou tradição Pocó-Açutuba e, até 2005, pensava-se que só ocorria na região do Pará, onde foi conhecida na década de 1980 pelos arqueólogos alemães Peter e Paul Hilbert. A partir desta data, foram identificadas cerâmicas semelhantes, a partir de estudos arqueológicos, também no Amazonas, próximo ao encontro dos rios Negro e Solimões e posteriormente, em 2008, na região da Reserva Amanã, localizada no município de Marã.

LELIS, Amanda; ASSESSORIA DE COMUNICAÇÃO DO INSTITUTO MAMIRAUÁ. Arqueólogos estudam a transição da vida nômade para o sedentarismo. *Jornal da USP*, São Paulo, 25 maio 2017. Disponível em: <https://jornal.usp.br/?p=88396>. Acesso em: 08 out. 2025.

2. Cite no caderno três diferenças básicas entre povos nômades e sedentários. *Entre as diferenças básicas entre povos nômades e sedentários podemos citar: moradias fixas, desenvolvimento da agricultura e domesticação de animais.*
3. O que é arqueologia e qual a sua importância? Explique no caderno. *Espera-se que o(a) estudante compreenda que a Arqueologia é uma ciência que estuda os vestígios mais remotos, além da sua importância para a compreensão do passado e sua relação com o tempo presente.*
4. Qual o objetivo da pesquisa apresentada na matéria? *Conhecer sobre a transição da vida nômade para a vida sedentária na Amazônia.*
5. Liste no caderno quais os vestígios que servem de fonte para o estudo arqueológico apresentado na matéria. *As cerâmicas, por exemplo.*
6. Construa no caderno uma frase com as palavras do quadro: *Resposta pessoal. Espera-se que o(a) estudante relacione a ideia de preservação dos vestígios ao conhecimento do passado.*

Vestígios

Preservação

Passado

7. Quais rios foram citados no texto? Em que estado do Brasil se localizam? Anote no caderno. *Rio Negro e rio Solimões.*

ESPAÇO GEOGRÁFICO E PODER: OS POVOS ANTIGOS



INICIANDO A CONVERSA

Quando você pensa em Egito, de que se lembra? Escreva ou desenhe no caderno três coisas ou objetos que o fazem se lembrar do Egito.

- ▷ O que você sabe sobre a vida das primeiras comunidades humanas? Sabia que a comunidade formada no Egito há mais de 4000 a.C anos é uma das primeiras comunidades de que se tem notícia?



Rio Nilo, Egito, 2018.



Barco no Rio Nilo com o Saara ao fundo, Egito, 2017.

Neste capítulo, vamos estudar uma das primeiras comunidades africanas. Vamos também falar sobre o processo de formação das comunidades antigas.



LER E COMENTAR

O surgimento da espécie humana (*homo sapiens*), de acordo com estudos arqueológicos, deu-se há aproximadamente 300 000 anos. Esses estudos basearam-se na análise de vestígios encontrados no continente africano.

67

conta as demandas dos(as) estudantes e da turma no geral. Você pode modificá-los ou ampliá-los também. Estabeleça diálogo com a turma abordando cada conteúdo, orientando as diversas atividades a serem realizadas, para despertar-lhes o sentido e a consciência acerca de seu próprio aprendizado e do processo pedagógico como um todo. Ao observar essa recomendação, você também incentiva a autonomia dos(as) estudantes.

Objetivos

1. Identificar e reconhecer elementos acerca de sujeitos históricos na chamada Pré-História.
2. Perceber aspectos relacionados à vida nômade e sedentária no Período Neolítico.
3. Perceber a relação entre o desenvolvimento da agricultura e a vida sedentária.
4. Reconhecer elementos de comunidades antigas, tais como as primeiras comunidades na Mesopotâmia e no Egito.
5. Identificar formas de organização da vida social no Egito Antigo.
6. Reconhecer formas de organização política e do Estado no Egito Antigo.
7. Relacionar a religiosidade no Egito Antigo à organização do poder político e aos elementos da natureza.
8. Reconhecer os deuses egípcios como formas de religiosidade.

Introdução do capítulo 4

Neste capítulo, serão ampliados os conhecimentos relativos à arqueologia e aos povos antigos, com ênfase para o estudo do Egito Antigo. Essa é uma oportunidade para trabalhar temas e conteúdos relacionados à História africana. É fundamental que os(as) estudantes possam ampliar seus conhecimentos sobre esse país africano, os saberes e as práticas nele desenvolvidos desde a Antiguidade, e valorizar a cultura africana.

As atividades propostas neste capítulo trabalham as seguintes habilidades da BNCC:

(EF05HI01) Identificar os processos de formação das culturas e dos povos, relacionando-os com o espaço geográfico ocupado.

(EF05HI02) Identificar os mecanismos de organização do poder político com vistas à compreensão da ideia de Estado e/ou de outras formas de ordenação social.

(EF05HI03) Analisar o papel das culturas e das religiões na composição identitária dos povos antigos.

(EF05HI08) Identificar formas de marcação da passagem do tempo em distintas sociedades, incluindo os povos indígenas originários e os povos africanos.

(EF05HI10) Inventariar os patrimônios materiais e imateriais da humanidade e analisar mudanças e permanências desses patrimônios ao longo do tempo.

A cada início de capítulo, releia os objetivos definidos para os conteúdos desse capítulo. Reflita sobre tais objetivos levando em

consideração as demandas dos(as) estudantes e da turma no geral. Você pode modificá-los ou ampliá-los também. Estabeleça diálogo com a turma abordando cada conteúdo, orientando as diversas atividades a serem realizadas, para despertar-lhes o sentido e a consciência acerca de seu próprio aprendizado e do processo pedagógico como um todo. Ao observar essa recomendação, você também incentiva a autonomia dos(as) estudantes.

(EF05HI01) Identificar os processos de formação das culturas e dos povos, relacionando-os com o espaço geográfico ocupado.

Orientações metodológicas

Converse com os(as) estudantes sobre a história e o conceito de agricultura ao longo do tempo. Você poderá fazer um esquema na lousa com as informações dadas pelos próprios(as) estudantes e solicitar que o registrem no caderno.

É importante que a turma entenda a mecanização da agricultura de forma contextualizada, sem pressupostos evolucionistas.

Aproveite a oportunidade para trabalhar o nomadismo na época contemporânea a partir de exemplos de comunidades que têm a tradição de migrar ou deslocar de um lugar para o outro, tal como os ciganos. Na atualidade, nem todos os povos ciganos são nômades.

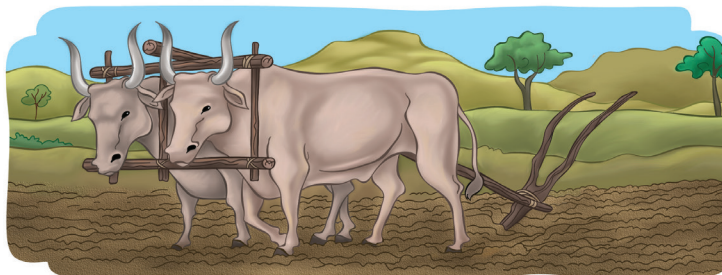
Os primeiros seres humanos deixaram a vida nômade e adotaram o modo de viver sedentário, organizando-se em comunidades com autossustentabilidade durante um longo processo. O cultivo de grãos (agricultura) e a domesticação de alguns animais foram fundamentais para a transição da vida nômade à vida sedentária.

Os estudos atuais tentam compreender se o desenvolvimento da agricultura ocorreu primeiro, ao mesmo tempo que ou depois da domesticação dos animais. O fato é que esses fatores colaboraram para que os seres humanos, naquele período, não precisassem mais sair em busca de alimentos para sobreviver, fixando-se aos poucos em locais específicos.

O arqueólogo Gordon Childe adverte que, apesar de ser um elemento primordial na transformação da vida do ser humano, “a adoção do cultivo não deve ser considerada como a adoção de uma vida sedentária”. Segundo esse estudioso, alguns fatores devem ser levados em conta, tais como o fato de que:

- mesmo sendo cultivadores ou agricultores, os seres humanos continuaram coletando alimentos;
- os solos paravam de ser produtivos por exaustão, ou seja, esgotavam-se pelo próprio cultivo;
- mesmo cultivando alimentos, alguns mantiveram a chamada “agricultura nômade”, isto é, cultivavam a terra, mas migravam e cultivavam em outros locais.

Apesar das adversidades, é evidente que aprender como adquirir seu próprio alimento proporcionou ao ser humano uma maior previsibilidade e segurança. Mudar sempre de um local para outro significava enfrentar muitos desafios e perigos (animais, intempéries, entre outros fatores). A forma de cultivar alimentos, plantando-os, ou seja, a prática da agricultura, contribuiu e foi um fator determinante no processo de fixação dos seres humanos há milhares de anos.



68

Sugestões de leitura

CHILDE, V. Gordon. **A evolução cultural do homem**. 4. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1978.

OLIVEIRA Junior, Paul. **Notas sobre a história da agricultura através do tempo**. Rio de Janeiro: PTA/FASE, 1989. Disponível em: <http://aspta.org.br/files/2014/09/Notas-sobre-a-hist%C3%B3ria-da-agricultura-atrav%C3%AAs-do-tempo.pdf>. Acesso em: 20 ago. 2025.

Todo esse processo, que ocorreu no período chamado Neolítico, por volta de 10 000 a.C. Foi ainda nesse período que a técnica da cerâmica e o polimento das pedras se desenvolveram. A prática da agricultura também trouxe outros desdobramentos, como: mudança da dieta e do consumo alimentar; aprimoramento de instrumentos e técnicas para a atividade; aprimoramento da observação da natureza para conhecer ciclos, fases da Lua, chuvas, etc.

O período Neolítico ficou conhecido como Idade da pedra polida. As pedras polidas eram utensílios e ferramentas importantes que facilitavam o trabalho humano.



Pedras polidas, aproximadamente do terceiro milênio a.C., Espanha.



TROCAR IDEIAS

1. Qual a Idade relacionada ao período Neolítico?? *O período neolítico também é conhecido como Idade da Pedra Polida.*
2. Quais processos ocorreram no período Neolítico? *Um dos principais eventos é a transição da vida nômade para a sedentária.*
3. Qual relação há entre a agricultura e a formação das primeiras comunidades?
A atividade agricultora impulsionou o sedentarismo humano e a formação das primeiras comunidades.
4. Na atualidade, a agricultura e a criação de animais ainda são atividades importantes para os seres humanos?
Sim, a agricultura ainda é largamente utilizada na produção de alimentos, por exemplo. É necessário que percebam que a agricultura é uma atividade econômica significativa na atualidade, tanto para a subsistência, quanto para a produção comercial.

69

Estratégias

- Inicie a aula comentando com os(as) estudantes a importância de aprenderem sobre as primeiras comunidades, como a egípcia. Incentive-os(as) com perguntas sobre o que pensam sobre essa história, se já ouviram falar de outros aspectos diferentes das pirâmides, o que sabem sobre o Egito Antigo. Utilize a abertura da unidade para esse momento, além das seções "Iniciando a conversa", "Ler e comentar" e "Trocar ideias". Utilize duas aulas para esse começo.
- Na terceira aula, oriente a turma no desenvolvimento da seção "Investigar" e, em seguida, solicite a leitura dos textos das páginas 70, 71 e 72 da seção "Ler e comentar". Promova a leitura oral compartilhada (cada estudante lê um trecho dos textos para a turma). Apresente questões que levem à reflexão sobre o conteúdo dos textos e que possam oferecer a você, professor(a), subsídios para avaliar o nível de compreensão de cada estudante, a fim de promover as intervenções pedagógicas necessárias.
- Na quarta aula, em oriente o desenvolvimento das seções "Trocar ideias" e "Trocar ideias e registrar no caderno".
- Na quinta aula, promova uma roda de conversa na qual cada estudante possa apresentar suas respostas, ouvir as dos(as) colegas e debater o assunto.
- Na sexta aula, deixe que apresentem os resultados da pesquisa e, na sétima aula, promova a recapitulação das ideias.

Orientações metodológicas

Peça aos(as) estudantes que façam a leitura silenciosa do texto da seção "Ler e comentar", nas páginas 68 e 69. Peça-lhes que anotem as palavras desconhecidas. Após a leitura e a elucidação das dúvidas, faça a leitura dialogada do texto, pedindo às crianças que localizem nele as informações principais.

Sugestão de sequência didática – Espaço geográfico e poder: os povos antigos

Conteúdo trabalhado: Fontes históricas, arqueologia, Egito Antigo.

Tempo previsto: 6 aulas.

Apresentação do assunto

Nesta sequência de aulas, a turma poderá refletir sobre a formação das primeiras comunidades, conhecer algumas comunidades antigas e o Egito Antigo. Também compreenderá a importância das fontes arqueológicas para o entendimento do surgimento, da religiosidade, da organização política, entre outros aspectos das primeiras comunidades e de sociedades da Antiguidade, em particular a egípcia.

Comente que o Egito antigo é muito conhecido pelas pirâmides. No entanto, são importantes os estudos que demonstram como se formaram as primeiras comunidades, como a egípcia. A arqueologia contribui de forma substantiva para o estudo e a compreensão dessas sociedades, dando elementos para conhecê-las.



INVESTIGAR

(EF05HI01) Identificar os processos de formação das culturas e dos povos, relacionando-os com o espaço geográfico ocupado.

Orientações metodológicas

Oriente os(as) estudantes na execução da pesquisa sobre a cerâmica. Você poderá dividi-los em duplas para facilitar a pesquisa, que será feita na própria escola. Indique alguns *sites* previamente.

Elabore um quadro com as informações necessárias, por exemplo: informações gerais, datas ou períodos, observações, referências, ilustrações e imagens, entre outras.

É importante que você retome com a turma as orientações para a realização das atividades de pesquisa, considerando a supervisão principalmente para o ambiente virtual. Para isso, releia a obra "Crianças, adolescentes e telas: Guia sobre usos de dispositivos digitais" (Brasil, 2025), disponível no site: <https://www.gov.br/secom/pt-br/assuntos/uso-de-telas-para-criancas-e-adolescentes/guia>.

Retome com a turma os estudos realizados também na abertura da unidade.

Continuação da seqüência didática

Avaliação formativa

É pertinente analisar a atuação de cada criança individualmente e nos grupos de trabalho. Avaliar as atividades desenvolvidas no livro é um recurso muito importante. Procure registrar o interesse, as ideias iniciais sobre o assunto, o envolvimento na execução das atividades apresentadas e a compreensão dos conceitos trabalhados por cada estudante. Faça os registros necessários, as intervenções pertinentes durante o desenvolvimento do capítulo e organize tudo o que irá subsidiar a composição da avaliação formal no final do capítulo.

Um momento a mais para trabalhar conceitos e avaliar seus(suas) estudantes

As atividades propostas na seção "Para rever" oferecem orientações para rever e aprofundar conceitos estudados. Nesse momento, você, professor(a), pode explorar os conceitos trabalhados e oportunizar novos momentos de aprendizagem a partir das necessidades individuais detectadas nas avaliações realizadas durante o processo de desenvolvimento do capítulo.

Sugestões de leitura

ALVES, Cláudia. A cerâmica Pré-Histórica no Brasil: avaliação e proposta. **Revista Clio**, Recife, v. 1, n. 7, p. 11-88, 1991.

SILVA, Fabíola. *et al.* A arqueometria e a análise de artefatos cerâmicos: um estudo de fragmentos cerâmicos etnográficos e arqueológicos por fluorescência de Raios X (EDXRF) e transmissão Gama. **Revista de Arqueologia**, v. 17, n. 1, p. 41-61, 2004.



Cerâmicas do período Neolítico, Museu Three Gorges, China, 2016.

1. Pesquise informações em *sites* e livros sobre o desenvolvimento da cerâmica no período Neolítico. Anote as informações que você encontrar no caderno.
2. Faça um resumo, em folha separada, explicando as informações que você anotou. Ilustre e apresente aos colegas.

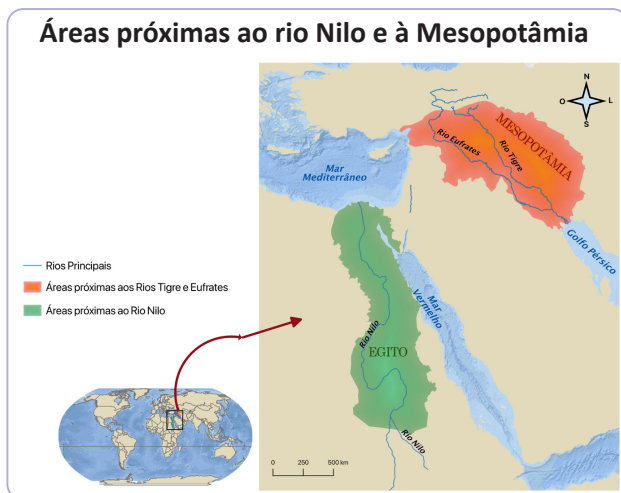
ALGUMAS COMUNIDADES ANTIGAS



LER E COMENTAR

As primeiras comunidades formadas no Neolítico se encontravam sob condições geográficas específicas. Muitas ficavam no entorno de rios, que deixavam o solo apropriado para o cultivo de grãos e cereais. Entre as regiões mais conhecidas onde esse processo ocorreu, estão o Egito e a Mesopotâmia, por volta de 4 000 anos a.C. A sociedade do Egito antigo se formou à beira do rio Nilo e a Mesopotâmia, entre os rios Tigre e Eufrates.

As comunidades passaram a observar a natureza, buscando formas de sobrevivência. Para plantar e colher, são necessárias algumas condições, tais como a seleção das sementes, a qualidade do solo, a irrigação, entre outros fatores. O Nilo é um rio que possui períodos de inundação em alguns meses do ano, o que ocasionava uma espécie de "irrigação natural", importante para a agricultura.



KINDER, Hermann; HILGEMANN, Werner; HERGT, Manfred. **Atlas histórico mundial**: de los orígenes a nuestros días. [22. ed. corrigida e ampliada; reimpressão]. Madrid: Akal, 2012. p. 16.
 DUBY, Georges. **Atlas histórico mundial**. Barcelona: Larousse, 2010. p. 25.

As cheias dos rios Tigre e Eufrates ocorriam em razão do derretimento das geleiras (montanhas de neve) no continente asiático. Ao se derreterem, escoavam para o rio, aumentando seu volume e inundando a região do seu percurso. Em razão das cheias, na Mesopotâmia também foram desenvolvidas técnicas de irrigação e se construíram diques e jardins suspensos.



Rio Eufrates, Turquia, 2020.

zada: continentes africano e asiático.

Sugestões de leitura

FUNARI, Raquel. **Imagens do Egito Antigo**. São Paulo: Annablume, 2007.
 PINSKY, Jaime. **As primeiras civilizações**. São Paulo: Contexto, 2008.

Orientações metodológicas

Faça a leitura compartilhada com a turma, incentivando a autonomia e desenvoltura na leitura. Explore o mapa e incentive a turma a relatar suas impressões e observações sobre o tema.

Analise as imagens dessa página explorando o mapa do território onde localizam-se os rios citados nos textos: Rio Nilo, Rio Tigre e Rio Eufrates.

Comente com a turma sobre a área onde as primeiras plantações se desenvolveram.

Chame atenção para a referência dos continentes onde essa área está locali-

(EF05HI01) Identificar os processos de formação das culturas e dos povos, relacionando-os com o espaço geográfico ocupado.

Sugestão de atividade complementar

Relacione, na lousa, as informações a partir dos textos. Os(as) estudantes poderão transcrevê-las para o caderno. Você poderá levar para a sala de aula, se possível, imagens e mapas da região para facilitar a compreensão das informações.



TROCAR IDEIAS

1. Qual relação há entre a localização geográfica e a formação das comunidades antigas no Egito Antigo e na Mesopotâmia?
Em locais onde existem fatores climáticos oportunos (chuvas, cheias de rio, etc) as terras são férteis.
2. O que é irrigação natural? *Irrigação natural refere-se às cheias do rio Nilo que irrigavam as áreas que se tornaram agrícolas naquele período.*
3. Em quais continentes estão localizados os rios Nilo, Tigre e Eufrates citados no texto? Conte à turma o que sabe sobre eles.
Continentes africano e asiático.



TROCAR IDEIAS E REGISTRAR NO CADERNO

1. Sobre o Egito e a Mesopotâmia, copie e complete o quadro abaixo em seu caderno e responda às questões propostas.

INFORMAÇÕES	EGITO	MESOPOTÂMIA
Data da formação das primeiras comunidades	Por volta de 4 000 a.C.	Por volta de 4 000 a.C.
Rio(s)	Nilo	Tigre e Eufrates.
Continente	Continente africano.	Continente asiático.



2. Leia o trecho a seguir e observe as imagens:
Além da existência de rios e terreno fértil, como à beira dos rios Nilo, Tigre e Eufrates, outro aspecto importante para a fixação dos primeiros aldeamentos foi a disponibilidade de sementes e frutas. Esse fator poderia influenciar ou determinar a escolha sobre a fixação de um grupo.

Sugestões de leitura

CARDOSO, Ciro Flamarion. **Sociedades do Antigo Oriente Próximo**. São Paulo: Ática, 1986.
 KRAMER, Samuel Noah. **Mesopotâmia: o berço da civilização**. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1969.
 LÉVÊQUE, Pierre. **As primeiras civilizações**. Lisboa: Edições 70, 1990. 3 v. (Lugar da História).
 ROAF, Michael. **Mesopotâmia e o Antigo Médio Oriente**. Madrid: Del Prado, 1996. 2 v. (Grandes impérios e civilizações).

Entre os alimentos cultivados nos locais onde se fixaram os egípcios e mesopotâmicos naquele período, estavam o trigo, a cevada e o centeio. Entre os animais domesticados, estavam cabras, bois e galinhas.



Plantação de trigo em ponto de colheita, 2015.



Grãos e espigas de trigo, 2010.

- A.** Que produtos eram cultivados pelas primeiras comunidades citadas?
B. Na atualidade, como o trigo é utilizado?

Trigo, cevada, centeio.

O trigo ainda é utilizado na alimentação e na fabricação de pães, farinhas entre outros. Na atualidade, tem sido discutida as modificações na produção do trigo.



LER E COMENTAR

No Brasil, o pão é bastante consumido. É um dos alimentos mais presentes na dieta dos brasileiros. O pão, por exemplo, é feito de trigo. Inúmeras receitas de produtos que estamos acostumados a consumir possuem o trigo em sua base.

(EF05HI01) Identificar os processos de formação das culturas e dos povos, relacionando-os com o espaço geográfico ocupado.

Orientações metodológicas

Converse com os(as) estudantes para sondar a percepção sobre a história do pão, se percebem que é um produto muito consumido, ainda, na atualidade. Trabalhe e explore as informações dos textos e do mapa.

Professor(a), aproveite esse texto para trabalhar a alfabetização com apoio familiar. Oriente a criança a fazer a leitura para os responsáveis e, em seguida, recontar o texto. Solicite que, previamente, a criança leia o texto em sala e certifique-se de que ela conseguiu extrair corretamente essas informações. Peça-lhe que, depois de recontar o texto, pergunte seus responsáveis as seguintes questões: *O trigo e seus derivados são utilizados na alimentação da nossa família? Como e em quais produtos?* Solicite ao(à) estudante que as respostas sejam anotadas no caderno. Em sala, peça que relatem suas experiências para os(as) colegas. Faça as intervenções necessárias, valorizando e explorando a experiência individual. Por fim, solicite que cada estudante registre as semelhanças e/ou diferenças entre as respostas apresentadas seus familiares ou responsáveis e as respostas apresentadas pelos(as) colegas.

Sugestões de leitura

- BAKOS, Margaret Marchiori. **Fatos e mitos do antigo Egito**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.
- CARDOSO, Ciro Flamarion. **O Egito Antigo**. 3. ed. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1982.
- CARDOSO, Ciro Flamarion. **Sociedade do Antigo Oriente Próximo**. São Paulo: Ática, 1986.
- PINSKY, Jaime. **As primeiras civilizações**. São Paulo: Contexto, 2008.

Na atualidade, o Brasil é grande produtor e exportador de trigo também.

No Egito Antigo, o pão era muito consumido. Há vestígios do consumo desse alimento há milhares de anos na sociedade egípcia. Segundo o historiador Pedro Paulo Funari, ao se perceber o processo de descanso da massa, diversificou-se a forma de consumir o pão, que passou a ser acompanhado de outros ingredientes depois de assado — por exemplo, frutas da região, como tâmaras e figos, e também azeite.

O cultivo de trigo e o consumo de pão na Antiguidade também ocorreram na Mesopotâmia há milhares de anos.

Observe no mapa abaixo a difusão da produção do trigo desde a Mesopotâmia.



Fonte: World History Encyclopedia, 2023.



TROCAR IDEIAS

Respostas pessoais.

1. Na sua moradia, o pão é um alimento muito consumido?
2. Você sabe qual é o valor em reais de um pão chamado no Brasil de “pão francês”?
3. Quais tipos de pães você conhece?



1. Analise os dados da tabela a seguir e responda no caderno.

PRODUÇÃO MUNDIAL DE TRIGO

PAÍSES	2015/16	2016/17	2016/17	2018/19	2019/20	2020/21
	MILHÕES (t)	MILHÕES (t)	MILHÕES (t)	MILHÕES (t)	MILHÕES (t)	MILHÕES (t)
Argentina	11,300	18,400	18,500	19,500	19,500	18,000
Austrália	22,275	31,819	20,941	17,298	15,200	30,000
Brasil	5,540	6,730	4,264	5,428	5,200	6,300
Canadá	27,647	32,140	30,377	32,201	32,350	35,183
China	132,639	133,271	134,334	131,430	133,590	136,000
Egito	8,100	8,100	8,450	8,450	8,770	8,900
União Europeia	160,480	145,369	151,125	136,863	154,000	135,800
Índia	86,527	87,000	98,510	99,870	103,600	107,592
Irã	14,500	14,500	14,000	14,500	16,800	16,750
Casaquistão	13,748	14,985	14,802	3,947	11,452	12,500
Paquistão	25,086	25,633	26,600	25,100	25,600	25,700
Rússia	61,044	72,529	85,167	71,685	73,610	84,000
Turquia	19,500	17,250	21,000	19,000	18,000	18,250
Ucrânia	27,274	26,791	26,981	25,057	29,171	25,500
Uzbequistão	6,965	6,940	6,941	6,000	6,800	6,510
Outros	59,402	51,987	53,512	53,825	58,562	56,987
Subtotal	682,027	693,444	715,504	680,154	712,205	723,972
Estados Unidos	56,117	62,832	47,380	51,306	52,258	49,691
Total Mundial	738,144	756,276	762,884	731,460	764,463	773,3663

UNITED STATES DEPARTMENT OF AGRICULTURE. Production - Wheat. **USDA Foreign Agriculture Service**, [2025?]. Disponível em: <https://www.fas.usda.gov/data/production/commodity/0410000>. Acesso em: 07 out. 2025..

- A. Qual a produção mundial total de trigo estimada para o período 2020/2021 em milhões de toneladas? **773 3663 milhões de toneladas.**
- B. Qual o maior produtor de trigo no mundo entre 2015 e 2021? **China.**
2. Por que o trigo é cultivado desde a Antiguidade?
O trigo é um produto de suma importância para a alimentação humana, constituindo parte da base alimentar de várias sociedades ao longo do tempo.

Sugestão de atividade complementar

Você poderá favorecer o letramento matemático trabalhando de forma interdisciplinar, com o desenvolvimento das seguintes habilidades da Matemática:

(EF05MA01) Ler, escrever e ordenar números naturais até a ordem das centenas de milhar com compreensão das principais características do sistema de numeração decimal; **(EF05MA24)** Interpretar dados estatísticos apresentados em textos, tabelas e gráficos (colunas ou linhas), referentes a outras áreas do conhecimento ou a outros contextos, como saúde e trânsito, e produzir textos com o objetivo de sintetizar conclusões; **(EF05MA25)** Realizar pesquisa envolvendo variáveis categóricas e numéricas, organizar dados coletados por meio de tabelas, gráficos de colunas, pictóricos e de linhas, com e sem uso de tecnologias digitais, e apresentar texto escrito sobre a finalidade da pesquisa e a síntese dos resultados.

Elabore operações fundamentais a partir dos dados da tabela. Em seguida, solicite que listem as operações e os resultados no caderno. Por fim, solicite a produção de um parágrafo conclusivo a ser escrito no caderno.



BRINCAR E APRENDER

(EF05HI01) Identificar os processos de formação das culturas e dos povos, relacionando-os com o espaço geográfico ocupado.

Orientações metodológicas

Converse com os(as) estudantes sobre a agricultura. Contextualize as informações obtidas. Faça comparações entre o passado e o presente.

Você pode trabalhar de forma interdisciplinar com a Geografia a partir do desenvolvimento da habilidade: **(EF05GE05)** Identificar e comparar as mudanças dos tipos de trabalho e desenvolvimento tecnológico na agropecuária, na indústria, no comércio e nos serviços.

Promova uma análise das técnicas agrícolas no passado. Pergunte às crianças o que elas sabem sobre o assunto e, em seguida, apresente, se possível, imagens sobre técnicas de cultivo no passado e no presente. Não é necessário que seja do Egito Antigo, então você pode escolher técnicas de outros tempos e lugares.

Sugestão de atividade complementar

Esta atividade pode contribuir no desenvolvimento das habilidades de Língua Portuguesa e Ciências:

(EF05LP16) Comparar informações sobre um mesmo fato veiculadas em diferentes mídias e concluir sobre qual é mais confiável e por quê; **(EF05CI08)** Organizar um cardápio equilibrado com base nas características dos grupos alimentares (nutrientes e calorias) e nas necessidades individuais (atividades realizadas, idade, sexo etc.) para a manutenção da saúde do organismo; **(EF05CI09)** Discutir a ocorrência de distúrbios nutricionais (como obesidade, subnutrição etc.) entre crianças e jovens a partir da análise de seus hábitos (tipos e quantidade de alimento ingerido, prática de atividade física etc.).

Peça aos(as) estudantes que pesquisem fontes seguras sobre as características do trigo e de que forma é adotado na alimentação. Evidencie a importância do equilíbrio das escolhas para uma alimentação saudável. Solicite que pesquisem, tendo como referência as orientações de especialistas. As informações devem ser anotadas em folha separada e, em seguida, apresentadas aos(as) colegas. Lembre à turma que a alimentação saudável requer escolhas que podem ser feitas com a ajuda de especialistas. Sublinhe que só os profissionais de saúde podem, quando necessário, recomendar restrições ou dietas. A partir das pesquisas, peça que comparem as informações, identifiquem a fonte e observem critérios de confiabilidade.

Você poderá levar para a sala de aula argumentos científicos sobre restrição alimentar que se opõem e sublinhar o fato de que muitas pessoas buscam dietas na internet sem a orientação adequada para segui-las com segurança, e isso pode levar a desdobramentos na saúde de uma pessoa.

Pesquise ou entreviste uma pessoa adulta responsável por você. Em seguida, registre em seu caderno uma receita que utiliza o trigo, ou melhor, a farinha de trigo como um dos ingredientes. Compartilhe com a turma a receita que você pesquisou.

AGRICULTURA E SOCIEDADE



LER E COMENTAR

A agricultura tinha lugar primordial nas comunidades antigas, que aos poucos, com o passar do tempo, ao desenvolver novas formas de produção, novas atividades, solucionaram problemas provocados pelos fenômenos naturais.

Mesmo com o desenvolvimento de outros setores, a agricultura manteve seu papel de destaque para a sobrevivência dos aldeamentos. A vida social estava muito atrelada ao ritmo da atividade agrícola. Funções sociais e trabalhos específicos relacionadas ao cultivo foram surgindo.



Imagem com representação do trigo no Egito Antigo, Museu de Berlim, Alemanha, 2015.

Dessa forma, no princípio, as comunidades do Egito tinham o ritmo da vida social sintonizado com as cheias do Nilo.

De meados de novembro a meados de março, era preciso construir sementeiras e manter as culturas hortícolas; de meados de março a meados de julho, ceifar e preparar a chegada da nova cheia. Semeadores e lavradores operavam em conjunto, ou ao contrário da rotina atualmente: primeiro semeavam para, em seguida, lavrar, cobrindo a semente com a terra, e não traçando sulcos. O arado era rudimentar e servia apenas para arranhar o solo.

BAKOS, Margaret M. **Fatos e mitos do Antigo Egito**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1994. p. 57-58.

A história do Egito também foi demarcada pelos estudiosos em períodos. Há divisões propostas que diferem nos anos demarcados, afinal há muitos estudos em curso e divergências nas conclusões de outros. De todo modo, o processo de estabelecimento das primeiras comunidades ocorreu por volta de 4000 a.C. Observe os períodos aproximados desde os primeiros aldeamentos:

Antigo Reino (3200–2180 a.C.)
1º período intermediário (2180–2080 a.C.)
Médio Reino (2080–1640 a.C.)
2º período intermediário (1640–1570 a.C.)
Novo Reino (1570–1075 a.C.)
Dinastias tardias (1075–332 a.C.)

Em um processo que ocorreu antes do Antigo Reino e permaneceu nesse período, as aglomerações foram constituindo núcleos povoados, voltados para a produção à beira do rio Nilo e muito dependentes dele. Esses núcleos foram constituindo as cidades, cujas moradias eram feitas de barro.

Com o excedente da produção, novas relações econômicas foram surgindo, tais como trocas e comércio. A vida nas aldeias, vilas e cidades foi criando especializações cada vez mais complexas, que trouxeram funções novas. A vida política foi sendo constituída, assim como a divisão dos poderes. As comunidades formadas em períodos remotos unificaram-se.

HIERÓGLIFOS – 3200 a.C.
ESCRITA HIERÁTICA – 2680 a.C.
ESCRITA DEMÓTICA – 660 a.C.

77

Sugestões de leitura

CARDOSO, Ciro Flamarion. **O Egito Antigo**. 3. ed. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1982.

CARDOSO, Ciro Flamarion. **Sociedade do Antigo Oriente Próximo**. São Paulo: Ática, 1986.

PINSKY, Jaime. **As primeiras civilizações**. São Paulo: Contexto, 2008.

(EF05HI08) Identificar formas de marcação da passagem do tempo em distintas sociedades, incluindo os povos indígenas originários e os povos africanos.

Orientações metodológicas

Faça a leitura compartilhada com os(as) estudantes do texto da página 77, incentivando a autonomia e desenvoltura. Explore a imagem e incentive a turma a relatar suas impressões e observações sobre o tema.

(EF05HI01) Identificar os processos de formação das culturas e dos povos, relacionando-os com o espaço geográfico ocupado.

(EF05HI02) Identificar os mecanismos de organização do poder político com vistas à compreensão da ideia de Estado e/ou de outras formas de ordenação social.

(EF05HI03) Analisar o papel das culturas e das religiões na composição identitária dos povos antigos.

Sugestão de atividade complementar

Leve para a sala de aula imagens sobre o Egito Antigo nas quais estejam sendo representadas as características do faraó. Sublinhe com os(as) estudantes as diferenças contextuais na organização do Estado em outras sociedades no tempo e no espaço.

Explore as imagens da página, incentivando a curiosidade a respeito das pirâmides. A partir de manchetes de jornais, você poderá solicitar uma investigação de pesquisas feitas na atualidade sobre as pirâmides. Com os resultados da investigação, monte um mural na sala de aula e crie uma roda de conversa sobre o assunto.

Com o desenvolvimento da escrita, a distribuição de poder, os impostos e outros elementos da vida nas cidades foram sendo inscritos na sociedade.

No Egito, as divisões sociais foram sendo construídas, com pessoas escravizadas, camponeses, sacerdotes e até o famoso faraó. As divisões sociais representavam também as divisões políticas e as desigualdades.

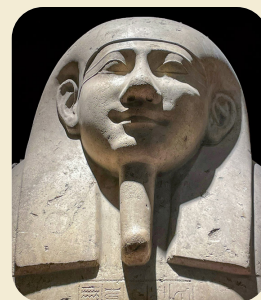
Na sociedade egípcia, o líder supremo era o faraó, proprietário das terras, com poder centralizado e a quem o restante da população devia obrigações e até um imposto, a corveia.

No chamado período faraônico, as cidades tornaram-se centros administrativos, para controlar a produção, a propriedade, a vida social. Os faraós são reconhecidos pelos seus amplos poderes nessa sociedade.

O faraó representa uma das formas mais antigas de poder centralizado, sendo o representante do Estado egípcio em várias dimensões. Aos faraós eram atribuídos poderes humanos e sobrenaturais, como deuses na terra. O poder político e a religião misturavam-se naquele período. O povo egípcio acreditava em deuses. Entre os milhares de deuses, estavam Ra, Osíris, Shu, entre outros que eram adorados e para os quais se faziam oferendas.



Representação de Tutancâmon, um dos faraós egípcios, 2022.



Representação de Imotepe, Museu Nacional da Civilização Egípcia, Egito, 2023.

Na sociedade egípcia, o faraó recebia força, poder e prestígio dos deuses. Era como um representante dos deuses.



Papiro com representação do deus egípcio Hórus e da rainha Cleópatra, 2014.

As conhecidas pirâmides começaram a ser investigadas por arqueólogos há mais de cem anos. Sua construção, feita com pedras de calcário e granito, estava relacionada ao poder dos faraós e à religiosidade dos egípcios. Nelas foram enterrados faraós e outros líderes antigos.



Pirâmides, Egito, 2024.



Grande Esfinge de Gizé, Egito, 2024.



TROCAR IDEIAS

1. Qual é a posição do faraó na sociedade egípcia na Antiguidade?
Um faraó era a autoridade suprema no Egito antigo.
2. Qual relação há entre as pirâmides e os faraós?
As pirâmides estavam relacionadas ao poder dos faraós e à religiosidade no Egito antigo.

79

Sugestão de leitura

BAKOS, Margaret Marchiori. **Fatos e mitos do antigo Egito**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.

(EF05HI01) Identificar os processos de formação das culturas e dos povos, relacionando-os com o espaço geográfico ocupado.

(EF05HI02) Identificar os mecanismos de organização do poder político com vistas à compreensão da ideia de Estado e/ou de outras formas de ordenação social.

(EF05HI03) Analisar o papel das culturas e das religiões na composição identitária dos povos antigos.

Orientações metodológicas

Oriente os(as) estudantes na realização das atividades das páginas 79 e 80. Retome com a turma os textos e imagens dos capítulos para que sirvam de suporte para sua realização.

Solicite às crianças que relatem em casa o que aprenderam sobre as pirâmides, inclusive lendo o texto para os seus familiares ou responsáveis. Explique que elas devem apresentar para a turma a opinião dos familiares sobre as informações compartilhadas.

(EF05HI07) Identificar os processos de produção, hierarquização e difusão dos marcos de memória e discutir a presença e/ou a ausência de diferentes grupos que compõem a sociedade na nomeação desses marcos de memória.

Orientações metodológicas

É fundamental que você aborde com a turma os conceitos de documento e monumento. Resgate os conhecimentos prévios sobre fontes históricas e documentos, ampliando também as noções e percepções quanto ao conceito de patrimônio. A atividade é uma oportunidade para colocar em perspectiva a relação entre o monumento, o patrimônio e os documentos do passado.

Você poderá fazer perguntas orientadoras, tais como: *As pirâmides são um monumento? Por que esse monumento é considerado um patrimônio?* É esperado que as respostas indiquem a relação com o passado, com os modos de viver e pensar no passado daquela sociedade antiga e, por conseguinte, a forma como esse monumento documenta esse passado e essa sociedade.



TROCAR IDEIAS E REGISTRAR NO CADERNO

Respostas pessoais.

1. Volte às imagens do capítulo e analise-as. Escreva no caderno um trecho historicamente correto sobre uma das imagens do capítulo.
2. Releia o texto das páginas 76 a 79 e, em seguida, crie uma ilustração para cada um dos títulos abaixo em seu caderno.

Agricultura

Poder político e religioso

Pirâmides



LER E COMENTAR

“A palavra pirâmide deriva do termo *pyramis*, que os gregos empregavam para designar um tipo especial de bolo de trigo. Em língua egípcia, eram sempre denominadas *mer*, palavra cujo sentido e vocalização exata desconhecemos. Todas as pirâmides, sem exceção, serviram de tumba aos reis e, às vezes, às rainhas da III dinastia (cerca de 2750 a.C) à XVII (cerca de 1600 a.C) e, posteriormente, aos governantes etíopes (cerca de 750-650 a.C) e seus sucessores, que reinaram sobre o Sudão setentrional até o século IV d.C.

Era costume que as paredes das pirâmides fossem cobertas de textos em hieróglifos, falando das crenças dos antigos egípcios sobre a vida após a morte. [...] Com base nas imagens das pirâmides, o mundo inteiro atribuiu-lhes tantos sentidos que elas se tornaram símbolos de longevidade, perenidade e imortalidade em todo o planeta. O fascínio do mundo ocidental pelas pirâmides, explicado muitas vezes pela magia que emana de tudo aquilo que pertence à civilização egípcia, deve-se ainda, em parte, à permanência dessas construções até à atualidade.

BAKOS, Margareth Marchiori. **Visões modernas do Egito Antigo**: a egiptomania. In: FUNARI, Pedro Paulo A.; SILVA, Gláydson José da; MARTINS, Adilton Luís (org.). *História antiga: contribuições brasileiras*. São Paulo: Annablume: FAPESP, 2008. p. 23-24.



TROCAR IDEIAS

1. Qual a relação entre o significado do termo *pyramis* e as plantações no Egito Antigo? *Os gregos utilizavam o termo *pyramis* para designar um bolo de trigo.*
2. O que estava escrito nas paredes das pirâmides? *Textos em hieróglifos sobre a vida após a morte.*

80

Texto de apoio

O monumento tem como características o ligar-se ao poder de perpetuação, voluntária ou involuntária das sociedades históricas (é um legado à memória coletiva) e o reenviar a testemunhos que só numa parcela mínima são testemunhos escritos. [...]

O documento é uma coisa que fica, que dura, e o testemunho, o ensinamento (para evocar a etimologia) que ele traz devem ser em primeiro lugar analisados, desmistificando-lhe seu significado aparente. O documento é um monumento.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Tradução de Bernardo Leitão et al. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1990. (Coleção Repertórios).

Sugestão de leitura

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História**, São Paulo, n. 10, p. 7-28, dez. 1993.



TROCAR IDEIAS E REGISTRAR NO CADERNO

1. Por que podemos afirmar que as pirâmides são um monumento/documento? *As pirâmides são fontes históricas, ou seja, são documentos sob a forma de monumentos que se relacionam ao passado do Egito antigo.*
2. De acordo com o texto, que relação há entre o fato desses monumentos terem resistido durante milhares de anos e o fascínio que exercem?

Um dos elementos que despertam a curiosidade pelas pirâmides, na atualidade, é a engenharia utilizada nas construções e sua longevidade.

O CALENDÁRIO EGÍPCIO

Nas divisões temporais dos egípcios relacionavam-se as forças da natureza, o sol, as estrelas, a lua etc. e também a importância social e política do faraó.

Os anos egípcios eram de 365 dias, contados a partir da subida ao trono de cada rei. Essa contagem era independente das três estações em que se subdividia o ano solar, marcadas pelas necessidades agrícolas. As semanas iniciais de sete e oito dias, motivadas pelas fases lunares, cedo foram ultrapassadas por um sistema muito mais regular de meses de três décadas, cada uma marcada pelo aparecimento de um decano.

CANHÃO, Telo Ferreira. **O calendário egípcio**. Cultura, v. 23, 2006. Disponível em: <https://journals.openedition.org/cultura/1296>. Acesso em: 12 jul. 2025. (Adaptado para fins didáticos.)



TROCAR IDEIAS

O calendário egípcio era organizado a partir da observação da natureza. Conforme o texto: "As divisões temporais dos egípcios relacionavam-se às forças da natureza, o Sol, as estrelas, a Lua, etc."

Respostas e comentários pessoais, a partir das pesquisas a serem realizadas pelos estudantes. Há muitos povos indígenas que organizam seus calendários a partir da observação da natureza também. Mas é preciso comparar e especificar suas particularidades.

1. Responda às questões oralmente e troque ideias com os colegas:
 - A. Qual a relação entre o calendário egípcio e a natureza?
 - B. Pesquise com os colegas sobre outros calendários, como o dos povos indígenas, comparando-os ao calendário egípcio.
 - C. Quando o ano egípcio se iniciava? *A partir da subida ao trono de cada faraó.*
 - D. Por que isso acontecia? *Esse fato relacionava-se à importância dos governantes naquela sociedade, uma delimitação do tempo a partir de sua chegada ao poder.*
2. Observe o nosso calendário e compare-o com as características do calendário egípcio. Comente com seus colegas as semelhanças e diferença entre eles. *Algumas das comparações estão relacionadas à divisão em anos (365 dias), semanas (7 ou 8 dias) e dias, entre outras.*

81

Sugestão de leitura

FUNARI, Pedro P. **História Antiga**: contribuições brasileiras. Rio de Janeiro: Annablume, 2008.

(EF05HI08) Identificar formas de marcação da passagem do tempo em distintas sociedades, incluindo os povos indígenas originários e os povos africanos.

(EF05HI08) Identificar formas de marcação da passagem do tempo em distintas sociedades, incluindo os povos indígenas originários e os povos africanos.



PARA REVER

(EF05HI01) Identificar os processos de formação das culturas e dos povos, relacionando-os com o espaço geográfico ocupado.

(EF05HI02) Identificar os mecanismos de organização do poder político com vistas à compreensão da ideia de Estado e/ou de outras formas de ordenação social.

(EF05HI03) Analisar o papel das culturas e das religiões na composição identitária dos povos antigos.

Conclusão do capítulo 4

Os(As) estudantes tiveram a oportunidade de aprender e ampliar seus conhecimentos sobre o Egito Antigo e vários aspectos relacionados à comunidade egípcia na Antiguidade.

Salientamos a importância de acompanhar o desenvolvimento das crianças quanto à aquisição de conhecimentos e habilidades relacionados aos conceitos trabalhados no capítulo, sempre atentando à sua contextualização no tempo e no espaço, requisitos para a compreensão do conteúdo de História. É importante também perceber o desenvolvimento das habilidades relacionadas ao domínio da Língua Portuguesa. Para isso, atente às atividades realizadas e à participação dos(as) estudantes, observando aspectos como os registros escritos, o ritmo e a entonação na leitura oral, a compreensão das informações lidas (compreensão de texto), entre outros. Releia e tenha como referência as habilidades da BNCC da Língua Portuguesa dispostas na abertura de cada unidade.

Lembre-se de realizar a constante observação, o registro, o acompanhamento e a reflexão do desempenho de cada estudante e da turma. Você poderá utilizar as atividades da seção "Para rever" presentes ao final do capítulo para realizar uma revisão coletiva. A partir dela, anote as dúvidas e outras informações relevantes sobre o conteúdo trabalhado, com o objetivo de mapear o desempenho de todos.

1. Explique por que o desenvolvimento da agricultura foi considerada uma revolução. *Porque a agricultura foi um fator determinante para a formação das primeiras comunidades, quando se passou à vida sedentária.*
2. Analise a imagem e anote no caderno uma legenda para ela: *Resposta pessoal.*



3. Elabore uma frase, relacionando as palavras do quadro: *Resposta pessoal.*

Faraó

Religião

Pirâmides

4. Leia as manchetes e responda:

Descoberta de "cidade subterrânea" sob pirâmides do Egito divide cientistas

Ligia Moraes, 24 mar. 2025.

Estruturas como pilares, câmaras e poços teriam sido mapeadas sob as pirâmides por pesquisadores europeus, mas arqueólogos egípcios contestam a descoberta

MORAES, Ligia. Descoberta de "cidade subterrânea" sob pirâmides do Egito divide cientistas. *Veja* [São Paulo], 24 mar. 2025. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/ciencia/descoberta-de-cidade-subterranea-sob-piramides-do-egito-divide-cientistas/>. Acesso em: 15 jul. 2025.

Egito anuncia descoberta de primeira tumba faraônica em mais de 100 anos

Nafisa Eltahir, 19 fev. 2025.

Tumba era ocupada pelo Rei Tutmés II, falecido há mais de 3 mil anos

ELTAHIR, Nafisa. Egito anuncia descoberta de primeira tumba faraônica em mais de 100 anos. **CNN Brasil**, Cairo, 19 fev. 2025. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/egito-anuncia-descoberta-de-primeira-tumba-faraonica-em-mais-de-100-anos/>. Acesso em: 12 ago. 2025.

- A.** Qual o assunto das manchetes? *Aspectos da vida do Egito antigo.* *A Arqueologia é a ciência que estuda as comunidades antigas, e os temas das reportagens envolvem estudos arqueológicos.*
- B.** Qual a relação da arqueologia com as manchetes?
- C.** Observe as datas das manchetes e responda se o Egito Antigo permanece sendo estudado na atualidade. *Sim, há muitos estudos em andamento sobre o assunto, pois as datas das manchetes são atuais.*
- D.** Por que é importante que os(as) cientistas estudem as pirâmides na atualidade? *Para melhor compreensão da história da Antiguidade.*
- E.** Podemos afirmar que outras descobertas sobre o Egito Antigo poderão ocorrer no futuro? Justifique. *Sim, porque os estudos arqueológicos continuam em curso.*



PARA SABER MAIS

FERNANDES, Renata. **Quanta África tem no dia de alguém?** Ilustração por Fernanda Rodrigues. Jandira, São Paulo: Editora Ciranda na Escola, 2022.

Aprenda, de forma lúdica, palavras de origens africanas que compõem o nosso idioma, focando também na sonoridade, descobrindo muitas coisas interessantes acerca da história e cultura africana e afro-brasileira.



83

Procure perceber o que aprenderam, além das dificuldades. Caso seja necessário, elabore outras estratégias complementares individuais, direcionadas à turma ou a grupos específicos de estudantes.

Liste os objetivos não atingidos ou atingidos parcialmente pela turma. Faça um diagrama contendo informações gerais sobre o desenvolvimento das crianças e observações acerca de conteúdos em que haja dúvidas, fragilidades ou equívocos. Você deve considerar alguns aspectos:

- Identificar os conceitos pouco compreendidos pelo grupo.
- Rever as ações pedagógicas implementadas.
- Estabelecer e implementar novas ações com vistas a atender aos objetivos iniciais ou a novos objetivos que surgiram no processo.
- Particularidades a serem atendidas no novo planejamento (buscar atender de forma individual dentro do coletivo).

Para o sucesso do aprendizado das crianças, é importante que você observe as orientações sobre avaliação formativa, o quadro de habilidades e conteúdos conceituais para este capítulo (disposto ao final do livro), assim como os aspectos descritos no quadro com competências, conteúdos procedimentais e atitudinais que devem ser seguidos durante o ano escolar.

Atenção! Elaboramos

dois quadros (final do livro) para o processo de acompanhamento sob a perspectiva da avaliação formativa. Constituem-se, esses quadros, de fichas de registro, identificação, recolha, avaliação, que dizem respeito ao processo de desenvolvimento ou itinerário de cada estudante e da turma. Neles, consideram-se conteúdos aprendidos, ampliação de conhecimentos, fragilidades, dúvidas e conquistas ou progressos ocorridos. Cada estudante deve ser observado(a) tanto de forma particular quanto no processo de desenvolvimento do seu grupo ou turma. Aliado a isso, a ficha fornece sugestões a partir das quais você poderá refletir sobre seu trabalho na disciplina — você pode também modificá-la, adaptando-a a suas necessidades.

UNIDADE

3

OCUPAÇÃO DO TERRITÓRIO E O DIREITO À TERRA

Abertura de unidade

Explore a foto, propondo situações-problema em que a turma será desafiada a expor suas ideias sobre os assuntos a serem estudados. Peça-lhes que observem a imagem e faça perguntas como:

- *O que está representado na imagem?*
- *Que relação existe entre a imagem e o título da unidade?*
- *Contextualize a imagem e, em seguida, problematize-a como um símbolo do poder do governo metropolitano português no passado.*
- *Relembre o passado colonial, chamando atenção para Vila Rica, atual cidade de Ouro Preto, que foi uma das cidades mais ricas do Brasil e onde houve grande atuação do poder metropolitano.*

Atividade preparatória

Utilize esta seção como parte das atividades preparatórias pertinentes ao tema. Explore as imagens de abertura, os títulos e leve para a sala de aula outras imagens relacionadas aos temas da unidade. Solicite que a turma leia em voz alta os títulos da unidade e dos capítulos.

Utilize as imagens como fontes históricas relacionadas à ocupação do território após a chegada dos colonizadores portugueses em 1500, permitindo que expressem e socializem o que perceberam, ampliando o conceito de fonte histórica, assim como permitindo que expressem o que pensam e sabem sobre os diferentes desdobramentos sociais e políticos deste processo no passado e no presente.

No decorrer da realização dessas atividades, haverá a oportunidade de estabelecer os parâmetros sobre os índices de alfabetização e o desenvolvimento conceitual, estabelecendo índices, estratégias e objetivos específicos com base nas observações e registros realizados nesse momento.

Lembre-se de que, ao longo do ano, na abertura de cada nova unidade e capítulo do livro, encontram-se seções que podem ser complementares a essa avaliação diagnóstica e à sondagem inicial.

Competências Gerais da Base Nacional Comum Curricular

1. Valorizar e utilizar os conhecimentos historicamente construídos sobre o mundo físico, social, cultural e digital para entender e explicar a realidade, continuar aprendendo e colaborar para a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva.
6. Valorizar a diversidade de saberes e vivências culturais e apropriar-se de conhecimentos e experiências que lhe possibilitem entender as relações próprias do mundo do trabalho e fazer escolhas alinhadas ao exercício da cidadania e ao seu projeto de vida, com liberdade, autonomia, consciência crítica e responsabilidade.
7. Argumentar com base em fatos, dados e informações confiáveis, para formular, negociar e defender ideias, pontos de vista e decisões comuns que respeitem e promovam os direitos humanos, a consciência socioambiental e o consumo responsável em âmbito local, regional e global, com posicionamento ético em relação ao cuidado de si mesmo, dos outros e do planeta.



Roberto Epifânio Da Silva | Dreamstime.com



- O que está sendo representado na imagem?
- Você conhece um lugar parecido com o da imagem?
- Na sua opinião, esse lugar é um patrimônio material? Por quê?
- Como você acredita ter sido a colonização do Brasil?
- Você já ouviu falar sobre a Inconfidência mineira?

Museu da Inconfidência, Ouro Preto, Minas Gerais, 2017.

85

Competências Específicas de Ciências Humanas para o Ensino Fundamental

1. Compreender a si e ao outro como identidades diferentes, de forma a exercitar o respeito à diferença em uma sociedade plural e promover os direitos humanos.
2. Analisar o mundo social, cultural e digital e o meio técnico-científico-informacional com base nos conhecimentos das Ciências Humanas, considerando suas variações de significado no tempo e no espaço, para intervir em situações do cotidiano e se posicionar diante de problemas do mundo contemporâneo.
3. Identificar, comparar e explicar a intervenção do ser humano na natureza e na sociedade, exercitando a curiosidade e propondo ideias e ações que contribuam para a transformação espacial, social e cultural, de modo a participar efetivamente das dinâmicas da vida social.

Competências Específicas de História para o Ensino Fundamental

1. Compreender acontecimentos históricos, relações de poder e processos e mecanismos de transformação e manutenção das estruturas sociais, políticas, econômicas e culturais ao longo do tempo e em diferentes espaços para analisar, posicionar-se e intervir no mundo contemporâneo.

2. Compreender a historicidade no tempo e no espaço, relacionando acontecimentos e processos de transformação e manutenção das estruturas sociais, políticas, econômicas e culturais, bem como problematizar os significados das lógicas de organização cronológica.
4. Identificar interpretações que expressem visões de diferentes sujeitos, culturas e povos com relação a um mesmo contexto histórico, e posicionar-se criticamente com base em princípios éticos, democráticos, inclusivos, sustentáveis e solidários.
5. Analisar e compreender o movimento de populações e mercadorias no tempo e no espaço e seus significados históricos, levando em conta o respeito e a solidariedade com as diferentes populações.

Temas Contemporâneos Transversais

Multiculturalismo — Diversidade Cultural e Educação para a Valorização do Multiculturalismo nas Matrizes Históricas e Culturais Brasileiras.

Economia — Educação Financeira e Educação Fiscal.

Meio Ambiente — Educação para o Consumo.

OS PRIMEIROS ANOS APÓS A CHEGADA DA FROTA DE CABRAL

Introdução do capítulo 5

Neste capítulo, serão abordados o princípio do processo de colonização, a interiorização pelo território e a formação das primeiras vilas e cidades.

As atividades propostas neste capítulo trabalham as seguintes habilidades da BNCC:

(EF05HI01) Identificar os processos de formação das culturas e dos povos, relacionando-os com o espaço geográfico ocupado;

(EF05HI02) Identificar os mecanismos de organização do poder político com vistas à compreensão da ideia de Estado e/ou de outras formas de ordenação social;

(EF05HI04) Associar a noção de cidadania com os princípios de respeito à diversidade, à pluralidade e aos direitos humanos;

(EF05HI05) Associar o conceito de cidadania à conquista de direitos dos povos e das sociedades, compreendendo-o como conquista histórica.

A cada início de capítulo, releia os objetivos definidos. Reflita sobre tais objetivos levando em conta as demandas dos(as) estudantes e da turma no geral. Você pode modificá-los ou ampliá-los também. Estabeleça diálogo com a turma abordando cada conteúdo, orientando as diversas atividades a serem realizadas, para despertar-lhes o sentido e a consciência acerca de seu próprio aprendizado e do processo pedagógico como um todo. Ao observar essa recomendação, você também incentiva a autonomia dos(as) estudantes.

Objetivos

- Reconhecer as formas de organização do espaço geográfico após 1500 no novo território anexado e que, posteriormente, intitularam de Brasil.
- Reconhecer as formas de organização do Estado no processo de colonização pelos portugueses após 1500.
- Distinguir políticas administrativas para a colonização portuguesa no Brasil.
- Reconhecer a exploração econômica do governo português no Brasil.
- Diferenciar colônia e metrópole no Brasil.
- Identificar o processo de desenvolvimento de vilas e cidades no Brasil Colonial, relacionando-o à organização do espaço geográfico e à ingerência do Estado português.
- Problematicar a colonização no Brasil.
- Reconhecer e problematicar a relação entre povos nativos e europeus no processo de colonização do Brasil.
- Identificar formas de protestos contra o Estado português durante a colonização.
- Relacionar Estado, direitos e cidadania na atualidade.



INICIANDO A CONVERSA

Você sabe o que é colônia e o que é metrópole? Procure o significado no dicionário e troque ideias com a turma.

Quando os portugueses chegaram ao território hoje chamado Brasil? Que povos encontraram? Observe a imagem e a data de sua produção.



“Desembarque de Pedro Álvares Cabral em Porto Seguro em 1500” (1900), obra de Oscar Pereira da Silva, óleo sobre tela, 190 × 333 cm.

► O que a imagem representa?

Após a chegada dos portugueses em 1500, o governo de Portugal resolveu tomar as terras como sua propriedade e colonizá-las. O governo português governou e explorou as terras encontradas, suas riquezas naturais, como o pau-brasil, e os povos que nelas viviam. Vamos falar sobre o assunto?

INÍCIO DA COLONIZAÇÃO DO TERRITÓRIO



LER E COMENTAR

Em 1530, o rei de Portugal deu início à colonização do território encontrado em 1500.

Um dos objetivos do governo português era encontrar ouro e outros metais preciosos nas novas terras, mas isso só foi acontecer no final do século XVII. De início, a prioridade era encontrar uma alternativa econômica viável para atrair novos habitantes e gerar lucro para o governo metropolitano.

Os portugueses optaram pelo plantio da cana-de-açúcar, incentivados pelas condições do solo e pelo clima do litoral nordestino, favoráveis ao cultivo. Outra motivação foram os altos preços pagos pelo açúcar no mercado europeu. Havia ainda o fato de dominarem as técnicas de cultivo, na medida em que já plantavam cana-de-açúcar no litoral africano e em algumas ilhas no Oceano Atlântico.

As áreas onde viviam os povos indígenas foram ocupadas não raro de forma violenta, com mortes ou fuga de muitos nativos para áreas interioranas.

Uma expedição comandada por Martim Afonso de Souza partiu de Lisboa em 1530 para as novas terras. Em cinco navios vieram 400 homens. Eles trouxeram sementes, plantas, ferramentas agrícolas e animais domésticos. O rei português concedeu a Martim Afonso amplos poderes para procurar novas riquezas, combater estrangeiros, policiar, povoar e administrar o território.



MARTIM AFOONSO DE SOUZA.

“Martim Afonso de Souza” (1839), ilustração publicada no livro em que o historiador Francisco Adolfo de Varnhagen reproduz o diário de viagem escrito por Pero Lopes, irmão do navegador.

Domínio Público | Diário da Navegação da Armada Que Foi à Terra do Brasil em 1530 sob a Capitania-Mor de Martim Afonso de Souza

- Compreender melhor a ideia da luta e conquista dos direitos políticos, da cidadania e dos direitos fundamentais e humanos.

Sugestão de atividade complementar

Você poderá explorar outros significados relacionados às palavras citadas na seção “Iniciando a conversa”: “colônia” e “metrópole”.

Esta atividade pode contribuir no desenvolvimento da habilidade de Língua Portuguesa: **(EF05LP02)** Identificar o caráter polissêmico das palavras (uma mesma palavra com diferentes significados, de acordo com o contexto de uso), comparando o significado de determinados termos utilizados nas áreas científicas com esses mesmos termos utilizados na linguagem usual.

Sugestões de leitura

ALMEIDA, Maria Regina C. **Metamorfoses Indígenas**: identidade e cultura nas aldeias coloniais do RJ. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2003.

BICALHO, Maria Fernanda; FERLINI, Vera Lucia Amaral (org.). **Modos de governar**: ideias e práticas políticas no império português, séculos XVI-XIX. São Paulo: Alameda, 2007.

BICALHO, Maria Fernanda; SOUZA, Laura de Mello e; FURTADO, Junia Ferreira (org.). **O governo dos povos**. São Paulo: Alameda, 2009.

BOXER, Charles R. **O império marítimo português**: 1415-1825. Tradução de Anna Olga de Barros Barreto. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

FERLINI, Vera. Senhores e lavradores. In: FERLINI, Vera. **Terra, trabalho e poder**. Bauru: Edusc, 2003. p. 287-344.

SCHWARTZ, Stuart. O comércio de açúcar na Bahia até 1750. In: SCHWARTZ, Stuart. **Segredos internos**. Engenhos escravos na sociedade colonial. São Paulo: Companhia das Letras, 1988. p. 144-176.

(EF05HI01) Identificar os processos de formação das culturas e dos povos, relacionando-os com o espaço geográfico ocupado.

(EF05HI02) Identificar os mecanismos de organização do poder político com vistas à compreensão da ideia de Estado e/ou de outras formas de ordenação social.

Orientações metodológicas

Explore as imagens com os(as) estudantes, analisando-as e relacionando-as à função dos fortes durante o Período Colonial.

Chame atenção para os nomes das cidades. Depois, promova uma reflexão sobre a forma como as cidades foram surgindo a partir das expedições e do sistema colonial.

Retome o texto da página anterior e solicite à turma que anote no caderno as ideias principais. Elas devem expressar algumas das características dos objetivos das viagens e do processo de exploração das riquezas no novo território.

Solicite que releiam o último parágrafo da página anterior (página 87), de forma a recapitular as ações confiadas a Martin Afonso de Souza pelo rei português na época.

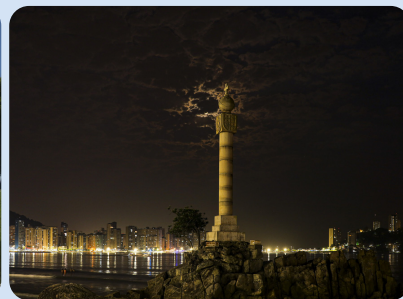
Explore as atividades da seção “Registrar e trocar ideias” e aproveite para retomar os conteúdos do capítulo, assim como para tirar dúvidas.

Em 1533, Martim Afonso voltou a Portugal e o governo português adotou medidas para intensificar a ocupação das novas terras. Para garantir a proteção do novo território, foram erguidos **fortes**.

Martim Afonso fundou São Vicente, a primeira vila portuguesa na América, em 1532.



Forte inaugurado em 1587, que abriga o Museu da Armaria desde 1993. Salvador, Bahia, 2013.



Vista noturna do marco da comemoração dos 400 anos de São Vicente, inaugurado em 1933. São Vicente, São Paulo, 2022.



TROCAR IDEIAS

- ▶ Qual era a prioridade do governo português no início da colonização a partir de 1530? [A prioridade do governo português no início da colonização era encontrar uma alternativa econômica viável para atrair novos habitantes e gerar lucro para o governo metropolitano.](#)



TROCAR IDEIAS E REGISTRAR NO CADERNO

- ▶ Copie no caderno as medidas adotadas pelo governo português para ocupar o novo território. Compare o que você copiou com o que seus colegas copiaram. [Plantio de açúcar, ocupação de terras, envio de pessoas para ocupar o território, envio de expedições.](#)

Forte: construção militar destinada a proteger um lugar, uma cidade.

CAPITANIAS HEREDITÁRIAS



LER E COMENTAR

Para evitar gastos para o governo português durante o início da colonização, o rei D. João III adotou e implementou, a partir de 1534, o sistema de capitânicas hereditárias, modelo que o governo metropolitano já havia utilizado com sucesso nos **arquipélagos** da Madeira e dos Açores.

A colônia foi dividida em 15 faixas de terra, as chamadas capitânicas, que foram doadas a **nobres** portugueses (os chamados donatários).

Observe o mapa das capitânicas hereditárias e o do Brasil atual. O primeiro foi elaborado em 1586 e o segundo, em 2025.



Brasil após o Tratado de Tordesilhas (1586), mapa de Luis Teixeira.

Arquipélago: conjunto de ilhas.

Nobres: membros da nobreza, classe social.

(EF05HI01) Identificar os processos de formação das culturas e dos povos, relacionando-os com o espaço geográfico ocupado.

(EF05HI02) Identificar os mecanismos de organização do poder político com vistas à compreensão da ideia de Estado e/ou de outras formas de ordenação social.

Orientações metodológicas

Um exemplo da constituição dos limites territoriais é a colonização das novas terras após 1530. O(A) estudante deve relacionar o conceito à conquista e colonização dessas terras, identificando alguns de seus desdobramentos, tais como a perda de território pelos povos nativos.

Projete, na lousa, um mapa da divisão do Brasil por estados e confronte-o com o mapa histórico da página 89. Explore os dois mapas com perguntas sobre a localização de cada capitania e sobre os nomes das capitânicas que correspondem a alguns dos estados do Brasil, por exemplo.

Liste os nomes das capitânicas na lousa, a partir da contribuição espontânea da turma.

(EF05HI01) Identificar os processos de formação das culturas e dos povos, relacionando-os com o espaço geográfico ocupado.

(EF05HI02) Identificar os mecanismos de organização do poder político com vistas à compreensão da ideia de Estado e/ou de outras formas de ordenação social.

Orientações metodológicas

Explore o mapa do Brasil com a turma. Faça perguntas propositivas para essa análise, tais como a localização de algumas capitais dos estados, como Salvador e Rio de Janeiro, que foram também capitais brasileiras no passado.

Utilize a seção "Trocar ideias" como forma de ampliar o entendimento sobre a divisão territorial. Aproveite para que seja um momento de observação do aprendizado e elucidação de dúvidas que irão promover a apreensão de outros conteúdos correlatos.

Mapa político-administrativo do Brasil atual



INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Atlas Geográfico Escolar**. Rio de Janeiro: IBGE, 2021. Disponível em: <https://atlascolar.ibge.gov.br/brasil/3036-federacao-e-territorio/unidades-politico-administrativas.html>. Acesso em: 15 jul. 2025. [Adaptado].



TROCAR IDEIAS

1. Há semelhanças entre os dois mapas? Quais? *Não, são mapas diferentes.*
2. E diferenças? Comente com seus colegas.

O mapa atual tem a divisão de estados e não de capitanias, por exemplo, então os limites territoriais são diferentes, entre outros aspectos.



LER E COMENTAR

Ao repartir o território em 15 faixas, os portugueses desconsideraram que as terras já estavam ocupadas por inúmeros povos nativos.

Quando recebia uma capitania, o nobre se comprometia a colonizá-la. Para isso, deveria fundar vilas, policiar as terras, proteger os colonos contra ataques de indígenas e estrangeiros, escravizar indígenas para o trabalho, montar **engenhos**, cobrar impostos e exercer a justiça. Caso descobrisse ouro ou metais preciosos, deveria pagar ao governo português um quinto do que extraísse.

Outro compromisso de quem recebia uma capitania era garantir o monopólio real sobre o pau-brasil, ou seja, apenas as pessoas autorizadas pelo governo português tinham autorização para retirar a madeira.

O nobre que detinha uma capitania era chamado de capitão, capitão-mor ou governador. Como as capitanias ocupavam territórios muito vastos, permitia-se aos capitães doar sesmarias (que eram grandes áreas rurais) a colonos. O colono, ao receber a terra, assumia a obrigação de ocupá-la e iniciar sua exploração em um prazo máximo de cinco anos.

D. João III criou ainda mais duas capitanias: Ilha de Trindade em 1539 e Ilha de Itaparica em 1556. D. Sebastião, em 1556, criou a do Recôncavo da Bahia. A distribuição de capitanias evitou que estrangeiros se estabelecessem no Brasil.

As capitanias de Pernambuco e São Vicente foram bem-sucedidas, segundo os objetivos do sistema colonial. Porém, os demais capitães não conseguiram povoar o território de colonos e cultivar a terra como os reis portugueses esperavam. Várias razões explicam esse fracasso. Por exemplo, falta de apoio do governo metropolitano, ataques de estrangeiros, resistência dos indígenas, desinteresse de muitos donatários.

Alguns contemplados com capitanias sequer vieram ao **Novo Mundo** conhecê-las.



TROCAR IDEIAS

▷ O que foi o sistema de capitanias hereditárias?

Foi um sistema de repartição das terras recém-encontradas pelo governo português e que concedia aos donatários algumas delas.

Engenho: fazenda destinada ao cultivo de cana-de-açúcar.

Novo Mundo: o continente americano.

91

Orientações metodológicas

Faça a leitura compartilhada com os(as) estudantes, incentivando a autonomia e desenvoltura. Explore as imagens e incentive a turma a relatar suas impressões e observações sobre o tema.

Em aula dialogada, aproveite a leitura dos textos da página 91 para aprofundar o conhecimento sobre o sistema da divisão colonial do território. Chame atenção para os compromissos e as funções dos nobres que recebiam a capitania do governo português. Sublinhe o fato de os povos originários serem escravizados e perderem seus territórios.

Utilize a seção "Trocar ideias" como um espaço de recapitulação das ideias do texto e de aproveitamento do conhecimento prévio. Você poderá solicitar que anotem as dúvidas no caderno para, ao final da unidade, estabelecer um roteiro com todas elas. Anote-as também no seu caderno de registro, para que seja possível retomá-las ao longo do desenvolvimento da unidade.

Você poderá trabalhar de forma interdisciplinar com a Língua Portuguesa a partir do desenvolvimento das seguintes habilidades: **(EF35LP18)** Escutar, com atenção, apresentações de trabalhos realizadas por colegas, formulando perguntas pertinentes ao tema e solicitando esclarecimentos sempre que necessário; **(EF35LP19)** Recuperar as ideias principais em situações formais de escuta de exposições, apresentações e palestras.

Sugestões de leitura

BOXER, Charles R. **A idade de ouro do Brasil:** dores de crescimento de uma sociedade colonial. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1969.

BOXER, Charles R. **O império marítimo português:** 1415-1825. Tradução de Anna Olga de Barros Barreto. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

SALDANHA, António Vasconcelos de. **As capitanias do Brasil:** antecedentes, desenvolvimento e extinção de um fenômeno atlântico. Lisboa: CNCDP, 2001. p. 95-105.

ALENCASTRO, Luiz Felipe de. **O Trato dos Viventes.** Formação do Brasil no Atlântico Sul. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. p. 117-154.

Orientações metodológicas

Na primeira atividade da seção "Trocar ideias e registrar no caderno", os(as) estudantes deverão retomar as ideias trabalhadas nos textos para basear as respostas valendo-se da escrita e para organização de seus conhecimentos.

Nas atividades 3 e 4, será possível exercitar a capacidade de escrita e de organização das ideias, o que irá contribuir para o processo de alfabetização e letramento.



TROCAR IDEIAS E REGISTRAR NO CADERNO

Novo Mundo refere-se ao território encontrado onde localiza-se o continente americano atual.

1. Explique o significado da expressão "Novo Mundo".
2. Para facilitar a colonização das terras do Novo Mundo, os portugueses dividiram o território em diversas capitanias hereditárias. Copie no caderno a afirmativa CORRETA.
 - a) As capitanias hereditárias alcançaram bons resultados no território do atual Brasil antes da colonização.
 - b) Os capitães podiam doar sesmarias a outras pessoas e eram dispensados de pagar impostos.
 - c) Os nobres que recebiam uma capitania e que encontrassem ouro deveriam pagar um quinto do valor em impostos ao governo metropolitano.
 - d) Os nobres que recebiam alguma capitania contavam com o governo português para protegê-los de invasões estrangeiras no território.
3. Volte ao texto e, em seguida, faça associações entre as obrigações dos donatários e sua relação com os nativos das terras divididas. No caderno, escreva um comentário a respeito, utilizando algumas das seguintes palavras: *Resposta pessoal. Observe se as crianças percebem os objetivos coloniais, relacionando-os com a ocupação do território.*

Exploração

Terras

Escravidão

Palavra

4. Por que nenhuma pessoa indígena recebeu faixa de terra como os donatários? *Apenas portugueses poderiam ser donatários.*
5. Que relação há entre a existência dos engenhos coloniais e o sistema de capitanias hereditárias? *Os engenhos e a exploração de riquezas foram implementados como parte da estratégia de ocupação do território.*

O POVOAMENTO DO INTERIOR



LER E COMENTAR

Durante o século XVI, inicia-se o povoamento do interior do território. A atividade econômica que mais gente atraiu para essas regiões foi a pecuária, ou seja, a criação de gado. Os povoadores se instalaram primeiro nas regiões Nordeste e Sul.



INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Atlas Geográfico Escolar**. Rio de Janeiro: IBGE, 2021. Disponível em: <https://atlascolar.ibge.gov.br/brasil/3036-federacao-e-territorio/unidades-politico-administrativas.html>. Acesso em: 28 ago. 2025. [Adaptado].

Entre 1580 e 1780, diversas expedições foram adentrando e conquistando ainda mais o interior. Navegando pelos rios ou abrindo trilhas nas matas, grupos de homens chegavam a lugares desconhecidos. Havia dois tipos de expedição: as **entradas** e as **bandeiras**. As entradas eram financiadas pelo governo, e as bandeiras, pelos próprios membros.

(EF05HI01) Identificar os processos de formação das culturas e dos povos, relacionando-os com o espaço geográfico ocupado.

(EF05HI02) Identificar os mecanismos de organização do poder político com vistas à compreensão da ideia de Estado e/ou de outras formas de ordenação social.

Orientações metodológicas

Após a leitura silenciosa do texto da seção "Ler e comentar", faça uma leitura dialogada com a turma, incentivando as crianças a buscarem as ideias principais.

A abordagem das expedições e dos bandeirantes no Período Colonial é oportuna para problematizar a memória dessas pessoas que, ao longo do tempo, têm destaque em diversos monumentos, em contrapartida ao histórico apagamento de pessoas indígenas, por exemplo. Problematize a memória social refletindo sobre os monumentos e outras formas de homenagear "bandeirantes" e outros atores sociais relacionados com a colonização.

Em aula dialogada, procure conversar com a turma a respeito do que sabem sobre as expedições e a busca por riquezas no Brasil, no Período Colonial.

Retome com a turma os objetivos do empreendimento colonial por parte do governo português, desde a viagem de Pedro Álvares Cabral.

As expedições eram formadas por grupos de homens que, armados, saíam à procura de ouro, capturavam e escravizavam pessoas indígenas. Os bandeirantes que seguiram em direção à região Norte fundaram Belém, em 1616, e deram início à exploração da Amazônia.



Representação de indígenas capturados por membros de uma expedição.

Os altos lucros que os recursos naturais da floresta podiam gerar foram descobertos rapidamente. Produtos como guaraná, anil, salsa, urucum, pau-cravo, gergelim, cacau, baunilha e castanha-do-pará passaram a ser comercializados no mercado europeu. Eram as chamadas drogas do sertão. Na exploração desses gêneros foi empregada mão de obra indígena escravizada.

Quase duzentos anos após a chegada dos portugueses, o ouro tão procurado foi descoberto na região do atual estado de Minas Gerais – e, mais tarde, na região dos atuais estados de Goiás, Mato Grosso e Bahia. No século XVIII, milhares de homens foram atraídos para a região, levados pela ambição de enriquecimento rápido.

Inúmeros povoados e vilas logo surgiram próximo aos locais onde se sabia haver ouro. A população ali cresceu de forma exagerada e em muito pouco tempo. Milhares de pessoas de todas as partes do País, da América e da Europa fixaram residência nas áreas mineradoras.

Sugestões de leitura

FRAGOSO, João; BICALHO, Maria Fernanda; GOUVÊA, Maria de Fátima (org.). **O antigo regime nos trópicos**: a dinâmica imperial portuguesa (séculos XVI-XVIII). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

FRAGOSO, João; GOUVÊA, Maria de Fátima (org.). **Na trama das redes**: política e negócios no império português, séculos XVI-XVIII. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.



Isamar Ingber | Pulsar Imagens

Ouro Preto, Minas Gerais, Brasil, 2023. Antiga Vila Rica formada na época da colonização e da busca pelo ouro.

O chamado ouro de aluvião, encontrado em meio ao cascalho, areia e argila nos leitos dos rios, foi o mais explorado nos primeiros anos.

A região não dispunha de estrutura adequada para tantos moradores. Em 1776, só em Minas havia 316 769 pessoas. Na mesma época, o Rio de Janeiro, que era a capital do Brasil, tinha cerca de 40 mil moradores.

No século XIX, o povoamento da região Sul foi ampliado. Com o cultivo do café em São Paulo, Rio de Janeiro, Espírito Santo e Minas Gerais, muitos estrangeiros e brasileiros vindos de outras partes do país povoaram ainda mais essas regiões.

No século XX, um grande volume de pessoas se dirigiu para o Centro-Oeste, atraídas pelas vastas áreas disponíveis para o desenvolvimento da agropecuária. Nesse mesmo século, a industrialização de grandes cidades, sobretudo no Sudeste, atraiu muitos moradores para os centros urbanos.

Parcela considerável da população brasileira, até então predominantemente rural, migrou rumo aos centros urbanos. Na atualidade, a maioria dos brasileiros vive em médias e grandes cidades.

95

Outros dados, para além dos citados, podem ser encontrados em:

LOBO, Eulalia Maria L. **História do Rio de Janeiro**: do capital comercial ao capital industrial e financeiro. 2 v. Rio de Janeiro: Ibmecc, 1978.

STUMPF, Roberta Giannubilo. Minas contada em números – A capitania de Minas Gerais e as fontes demográficas (1776-1821). **Revista Brasileira de Estudos de População**, [Rio de Janeiro], v. 34, n. 3, p. 529–548, 2017. Disponível em: <https://rebep.emnuvens.com.br/revista/article/view/1003>. Acesso em: 6 out. 2025.

VILLELA, André. Qual era a população da cidade do Rio de Janeiro entre 1779 e 1870?. **Revista Acervo**, Rio de Janeiro, v. 37, n. 2, maio/ago. 2024. Disponível em: <https://share.google/g2eI4HUjARA8GHISB>. Acesso em: 10 set. 2025.

(EF05HI01) Identificar os processos de formação das culturas e dos povos, relacionando-os com o espaço geográfico ocupado.

(EF05HI02) Identificar os mecanismos de organização do poder político com vistas à compreensão da ideia de Estado e/ou de outras formas de ordenação social.

Orientações metodológicas

Chame a atenção da turma para a imagem de Ouro Preto, antiga Vila Rica. Converse com os(as) estudantes sobre o nome escolhido para essa cidade, relacionando-o à descoberta de ouro na região.

Solicite a identificação dos trechos das páginas 94 e 95 que se referem ao aumento populacional.

Indique que, entre 1710 e 1776, a população aumentou 1 000%. Conte sobre as fontes que remetem aos dados da população no período, tais como acenos de batismo, mapas de população e outros instrumentos e fontes históricas. Os “mapas de população”, listas que contêm nomes e outros dados, são um tipo de documentação presente em muitos arquivos brasileiros. Eles também foram um instrumento de controle do governo português.

(EF05HI01) Identificar os processos de formação das culturas e dos povos, relacionando-os com o espaço geográfico ocupado.

(EF05HI02) Identificar os mecanismos de organização do poder político com vistas à compreensão da ideia de Estado e/ou de outras formas de ordenação social.

Orientações metodológicas

Converse com os(as) estudantes sobre a História de algumas cidades brasileiras, relacionando-as à História da colonização no Brasil, ao aumento populacional ao longo do tempo e aos grandes centros urbanos na atualidade.

Leve outras imagens e dados sobre a cidade de São Paulo. Volte à página 89 e identifique com os(as) estudantes a região citada.



Cidade de São Paulo, São Paulo, 2024. É a maior cidade do país.



TROCAR IDEIAS

1. Quanto tempo após a chegada dos portugueses, em 1500, foi descoberto ouro? Responda no caderno. *Quase duzentos anos depois.*
2. A descoberta de ouro provocou que mudanças nas regiões mineradoras? Responda no caderno. *O surgimento de vários povoados e vilas próximo de onde se sabia haver ouro.*



TROCAR IDEIAS E REGISTRAR NO CADERNO

1. Em quais cidades ou regiões se extraía ouro no passado?
Na região onde localiza-se o atual estado de Minas Gerais, além de algumas regiões em Goiás, Bahia e Mato Grosso.
2. Escreva, no caderno, como ocorreu o povoamento do interior do território, a partir das atividades econômicas desenvolvidas.
"No século XIX, o povoamento da região Sul foi ampliado. Com o cultivo do café em São Paulo, Rio de Janeiro, Espírito Santo e Minas Gerais, muitos estrangeiros e brasileiros vindos de outras partes do País povoaram ainda mais essas regiões. No século XX, um grande volume de pessoas se dirigiu para o Centro-Oeste, atraídas pelas vastas áreas disponíveis para o desenvolvimento da agropecuária. Nesse mesmo século, a industrialização de grandes cidades, sobretudo no Sudeste, atraiu muitos moradores para os centros urbanos."



LER E COMENTAR

O processo de colonização deu origem a muitos arraiais e vilas no Brasil. Os arraiais eram pequenas povoações sem planejamento para abrigar os moradores. Surgiam em função de alguma atividade econômica, como exploração de ouro, de drogas do sertão, pecuária.

As vilas, por sua vez, contavam com maior organização política e administrativa. Podiam ser criadas com planejamento, mas o mais comum era que se originassem de arraiais. Para ser transformado em vila, um arraial devia dispor de um local onde se pudesse erguer um pelourinho, e também devia ter uma cadeia e uma casa para as sessões da Câmara Municipal e do Júri.



Ronaldo Almeida | Pulsar Imagens

Câmara Municipal de Mariana, antiga Casa de Câmara, e cadeia e pelourinho à esquerda, Mariana, Minas Gerais, 2023.

Pelourinho: local onde as pessoas escravizadas eram acorrentadas para sofrer castigos públicos. Mariana teve o primeiro Pelourinho erguido em 1711. Outros foram erguidos ao longo dos séculos. Todos eles remetiam ao poder do governo e lembram a barbárie da escravização e da exploração do governo português.



João Prudente | Pulsar Imagens

Pelourinho, em Mariana, Minas Gerais, 2023.

Orientações metodológicas

Nessa parte do capítulo, você poderá trabalhar de forma interdisciplinar com a Geografia, a partir do desenvolvimento da habilidade: **(EF05GE03)** Identificar as formas e funções das cidades e analisar as mudanças sociais, econômicas e ambientais provocadas pelo seu crescimento.

Problematize com a turma a crueldade do sistema escravista, a partir da imagem do Pelourinho. É importante também relacionar como os monumentos representados foram erguidos para simbolizar o poder do governo metropolitano.

Você pode explorar com os(as) estudantes a história administrativa do Brasil Colonial. Leve imagens de Ouro Preto no passado e no presente, com a representação de alguns dos órgãos administrativos da colônia, como as câmaras, inclusive da Casa de Câmara e Cadeia pública que está na abertura da unidade, onde funciona atualmente, o Museu da Inconfidência.

Sugestão de leitura

SCHWARTZ, Stuart B. **Burocracia e sociedade no Brasil colonial**: A suprema corte da Bahia e seus juízes: 1609–1751. Tradução de Maria Helena Pires Martins, São Paulo: Editora Perspectiva, 1979.

(EF05HI01) Identificar os processos de formação das culturas e dos povos, relacionando-os com o espaço geográfico ocupado.

(EF05HI02) Identificar os mecanismos de organização do poder político com vistas à compreensão da ideia de Estado e/ou de outras formas de ordenação social.

Orientações metodológicas

Para você obter subsídios na orientação da atividade, sugerimos algumas referências bibliográficas:

Organize a turma em grupos para a realização da pesquisa. Forneça-lhes endereços de *sites* de museus, referências bibliográficas ou outro material que possa ajudá-los a compreender melhor a vida no século XVIII nos arraiais e vilas.

Para a realização da pesquisa, lembre-se de consultar a obra "Crianças, adolescentes e telas: Guia sobre usos de dispositivos digitais" (Brasil, 2015).

As Câmaras Municipais são órgãos relacionados à administração da vila e várias outras atividades: divulgação das decisões do rei, manutenção da ordem, abertura de **inquéritos**, prisões de infratores, controle das cadeias, cobrança de impostos, fiscalização de açougues e matadouros, contratação de cirurgiões responsáveis pelo controle de doenças, autorização para mulheres que trabalhavam como **parteiras**.



TROCAR IDEIAS

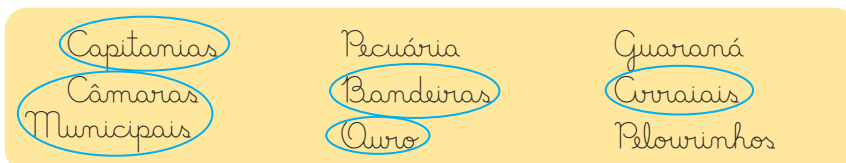
Foram órgãos relacionados à administração da vila e outras atividades: divulgação das decisões do rei, manutenção da ordem, abertura de inquéritos, prisões de infratores, controle das cadeias, cobrança de impostos, etc.

1. Quais eram as funções das Câmaras Municipais no período colonial? ↗
2. Quais instituições do período atual brasileiro estão relacionadas à administração da localidade onde você mora? *Prefeitura, Câmara de Vereadores, por exemplo.*



TROCAR IDEIAS E REGISTRAR NO CADERNO

1. Copie em seu caderno as palavras do quadro que se relacionam com a formação das primeiras vilas.



2. Escolha duas dessas palavras e escreva, no caderno, uma frase sobre a formação das vilas brasileiras.



INVESTIGAR

1. Com a ajuda da professora (ou professor), pesquise informações sobre as construções, o vestuário, a religiosidade e os modos de viver no século XVIII em Minas Gerais.

Inquéritos: providências voltadas para investigação de determinado crime ou infração.

Parteira: mulher que, sem ser médica, ajuda ou socorre outra mulher durante o parto.

Sugestões de leitura

HUE, Jorge de Souza. **Uma Visão da Arquitetura Colonial Brasileira**. Rio de Janeiro: Agir, 1999.

REIS, Liana Maria. **Dicionário histórico do Brasil**: Colônia e Império. São Paulo: Autêntica, 2006.

VAINFAS, Ronaldo. **Dicionário do Brasil Colonial**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2000.

- Procure imagens, relatos, objetos, etc. Você deve registrar no caderno tudo o que encontrar.
- Em seguida, apresente suas descobertas aos colegas por meio de um vídeo, uma maquete, um mural de imagens... Use a imaginação!

GOVERNO-GERAL E O TRATADO DE MADRI



LER E COMENTAR

Segundo o ponto de vista dos colonizadores, o sistema de capitanias não havia conseguido alcançar os objetivos pretendidos.

Em 1548, D. João III, rei de Portugal, decidiu criar um novo modelo para administrar o território: o governo-geral. Nesse novo modelo, todo o território era administrado por um governador-geral, que residia na Colônia e era considerado representante direto do rei.

A cidade de Salvador, inaugurada em 1º de novembro de 1549, foi preparada durante seis meses para abrigar a sede do governo – para tanto se construíram ali casas, edifícios públicos e fortificações. Todos os funcionários residentes na Colônia e capitães donatários deveriam obedecer às ordens do governador-geral.

Governo-Geral (1549–1580)
Tomé de Sousa
Duarte da Costa
Mem de Sá

O porto de Salvador, primeira capital brasileira, era um dos mais movimentados do continente americano no século XVII.

Para orientar os navios que se aproximavam, o Forte da Barra, construído no século XVI, recebeu um farol (uma enorme lanterna, dentro de uma área cercada por vidros, no alto de uma torre e alimentada por óleo de baleia).

99

Sugestões de leitura

- FURTADO, Junia Ferreira. **Cultura e sociedade no Brasil Colônia**. São Paulo: Atual, 2000. (Coleção Discutindo a História do Brasil).
- HUE, Jorge de Souza. **Uma visão da arquitetura colonial brasileira**. Rio de Janeiro: Agir, 1999.
- REIS, Liana Maria. **Dicionário histórico do Brasil: Colônia e Império**. São Paulo: Autêntica, 2006.
- RUSSEL-WOOD, Anthony Jhon R. **Escravos e libertos no Brasil Colonial**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.
- SALGADO, Graça. (coord.). **Fiscais e meirinhos: a administração no Brasil Colonial**. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- VAINFAS, Ronaldo. **Dicionário do Brasil Colonial**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2000.

(EF05HI01) Identificar os processos de formação das culturas e dos povos, relacionando-os com o espaço geográfico ocupado.

(EF05HI02) Identificar os mecanismos de organização do poder político com vistas à compreensão da ideia de Estado e/ou de outras formas de ordenação social.

Orientações metodológicas

Explore as informações do texto com os(as) estudantes. Faça a leitura coletiva e alternada. Solicite que copiem as ideias que consideram mais importantes no texto. Em seguida, solicite que indiquem o que copiaram, comparando com o trabalho feito pelos(as) colegas. Solicite que usem argumentos para justificar as indicações feitas. Conduza a atividade de forma que as opiniões de cada um(a) sejam respeitadas.

Para você obter subsídios na orientação da construção da maquete, sugerimos algumas referências bibliográficas:

HUE, Jorge de Souza. **Uma Visão da Arquitetura Colonial Brasileira**. Rio de Janeiro: Agir, 1999.

REIS, Liana Maria. **Dicionário Histórico do Brasil: Colônia e Império**. São Paulo: Autêntica, 2006.

VAINFAS, Ronaldo. **Dicionário do Brasil Colonial**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2000.

(EF05HI01) Identificar os processos de formação das culturas e dos povos, relacionando-os com o espaço geográfico ocupado.

(EF05HI02) Identificar os mecanismos de organização do poder político com vistas à compreensão da ideia de Estado e/ou de outras formas de ordenação social.

Orientações metodológicas

Explore as informações do texto com a turma. Faça leitura coletiva e alternada. Solicite aos(as) estudantes que copiem as ideias que consideram mais importantes no texto. Peça a voluntários que indiquem o que copiaram e comparem com o trabalho feito pelos colegas. Solicite que usem argumentos para justificar as indicações feitas. Conduza a atividade de forma que o respeito às opiniões de cada estudante seja observado.

O farol foi chamado de **Vigia da Barra** ou **Farol da Barra**.



Rubens Chaves | Pulsar Imagens

Farol da Barra, atual Museu Náutico da Bahia, Salvador, Bahia, 2025.

Para garantir a posse e a conquista definitiva das novas terras, os governadores-gerais deram atenção especial à defesa contra a invasão de estrangeiros e à resistência dos povos indígenas ao domínio dos colonizadores.

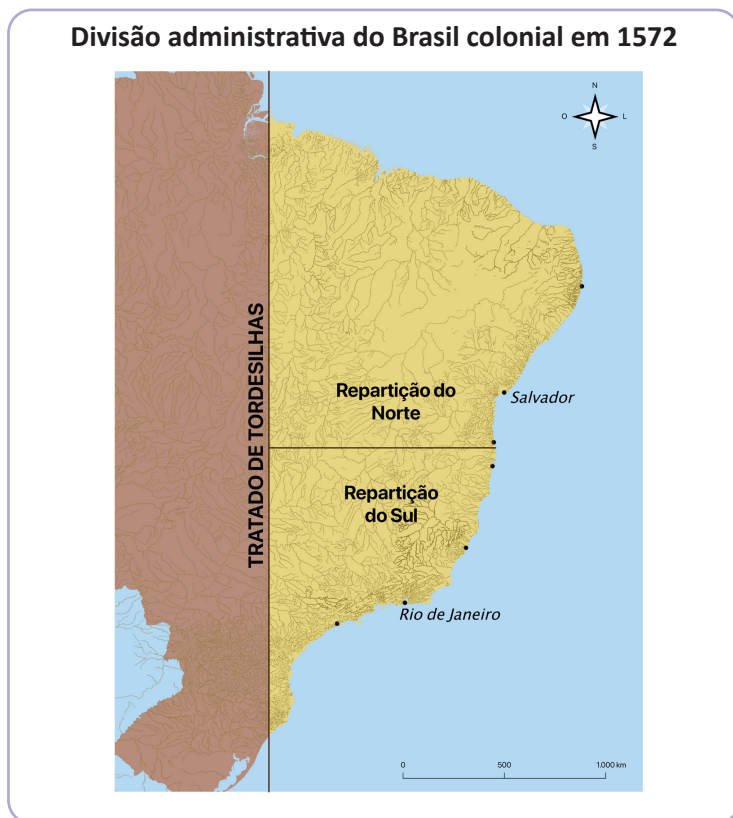
O primeiro governador-geral foi Tomé de Souza, que administrou o território entre 1549 e 1553. Em seu governo, várias medidas foram tomadas para aprofundar o processo de colonização: entre outras, incentivo à entrada de centenas de colonos portugueses, ampliação das doações de sesmarias para montagem de fazendas e regularização das já distribuídas. Na própria expedição de Tomé de Souza, vieram as primeiras pessoas africanas escravizadas.



Domínio público | Instituto Moreira Salles, Brasil.

“Forte Santo Antonio da Bahia” (1825), obra de Charles Landseer, grafite sobre papel, 11,0 × 18,3 cm.

Em 1572, foram criados o Governo do Norte, instalado em Salvador, e o Governo do Sul, com sede no Rio de Janeiro.



ALBUQUERQUE, Manoel Maurício de; REIS, Arthur César Ferreira; CARVALHO, Carlos Delgado. Atlas histórico escolar. 7. ed. rev. e atual. Rio de Janeiro: FENAME, 1977.



TROCAR IDEIAS

1. Qual relação há entre os limites territoriais e o processo de colonização portuguesa no Brasil? *A ocupação das terras, a partir da colonização portuguesa, ocasionou a alteração do território ocupado pelas comunidades indígenas, que, portanto, o perdeu. Outro aspecto é a divisão territorial entre os governos português e espanhol.*
2. Quais diferenças havia entre o sistema de capitanias hereditárias e o sistema chamado Governo-Geral? *Entre as diferenças está a centralidade da administração com o Governo Geral, diferentemente do sistema de capitanias.*

101

Orientações metodológicas

Sempre que possível, acompanhe os registros dos(as) estudantes feitos no caderno. É uma oportunidade de verificar o desenvolvimento da turma não só na área de História, como também na de Língua Portuguesa.

Explore o mapa dessa página. De forma dialogada, sublinhe com a turma o território "dividido", a conquista de terras além-mar pelos governantes europeus em outro continente. Confronte os mapas do capítulo, projetando-os na lousa e incentivando sempre as correlações possíveis.

(EF05HI01) Identificar os processos de formação das culturas e dos povos, relacionando-os com o espaço geográfico ocupado.

(EF05HI02) Identificar os mecanismos de organização do poder político com vistas à compreensão da ideia de Estado e/ou de outras formas de ordenação social.

Orientações metodológicas

Durante muito tempo, a resistência indígena contra a dominação colonial foi suprimida dos livros de História. No entanto, é muito importante que os(as) estudantes percebam, a partir das diferentes lutas citadas na seção "Ler e comentar", que não apenas houve resistência, mas também conflitos durante o processo de conquista territorial e subjugação dos povos nativos. Essa abordagem permite que, mais uma vez, você problematize o papel dos bandeirantes e a memória deles, refletindo com as crianças como o projeto do governo metropolitano também está relacionado à instituição de uma memória colonial. Essa memória também se relaciona à historiografia que, por muito tempo, não tomou a história da resistência ou a história dos diferentes povos nativos como objeto de estudo.

Assim, a abordagem desse tema promove um espaço de reflexão sobre o assunto. Incentive as crianças a pensar sobre o que sabem a respeito da memória dos povos nativos, quais monumentos existem em homenagem a eles, recapitulando os estudos realizados anteriormente. Promova a leitura das páginas 102 e 103 de forma alternada (cada estudante lê um trecho) e, em seguida, solicite que façam uma lista dos exemplos de resistência citados.

Sugestão de atividade de aprofundamento

Você pode escolher um ou dois exemplos citados e ampliar a abordagem. Pesquise e apresente outras imagens e informações, promovendo uma aula dialogada.

Você pode solicitar também que escolham um dos eventos listados nas páginas 102 e 103 e façam uma pesquisa sobre eles. Oriente a pesquisa, que deve ser, se possível, realizada no ambiente escolar sob sua supervisão. Lembre-se sempre das orientações da obra: "Crianças, adolescentes e telas: Guia sobre usos de dispositivos digitais" (Brasil, 2025).

Após as pesquisas, organize as apresentações dos trabalhos.

Sugestão de leitura

PACHECO NETO, Manuel. **A escravização indígena e o bandeirante no Brasil Colonial**: conflitos, apresamentos e mitos. Dourados, MS: Ed. UFGD, 2015.



TROCAR IDEIAS E REGISTRAR NO CADERNO

1. Identifique as afirmativas falsas e, em seguida, reescreva-as de forma correta em seu caderno.
 - a) O Governo Geral era o sistema administrativo relativo à centralização do poder nas mãos do governador geral.
 - b) Os jesuítas não foram os primeiros governadores-gerais.
 - c) Tomé de Souza era contrário à escravização de pessoas africanas.
2. Quais eram os objetivos dos portugueses com a ocupação do território encontrado em 1500? Responda no caderno.



LER E COMENTAR

O aprisionamento e a escravização de pessoas indígenas foi uma das atividades relacionadas à conquista do interior do país. Muitos relatos dão conta de que os bandeirantes eram cruéis e impiedosos.

Um relato anônimo sobre a ação do bandeirante português Raposo Tavares, por volta de 1628, afirma que os homens de sua expedição chegavam próximo a uma aldeia e lançavam mão da violência nua e crua as pessoas indígenas. Quando havia resistência, não hesitavam em entrar, matar e queimar indígenas. Os objetivos dos colonizadores eram ocupar as terras, tomar as riquezas encontradas e também escravizar e submeter os povos indígenas.

As primeiras revoltas provocadas pelos conflitos entre os habitantes da Colônia e o governo português não tardaram a começar. De modo geral, havia descontentamento, que gerava guerras e revoltas dos indígenas.

Como exemplos, podemos citar:

- A **Confederação dos Tamoios** (1555-1567), na região onde atualmente se localizam os estados do Rio de Janeiro e São Paulo;
- A **Guerra dos Aimorés** (1555-1673), no litoral, na região onde atualmente se localizam os estados do Espírito Santo e Bahia;

- O **Levante dos Tupinambás** (1617-1621), na região onde atualmente se localiza a cidade de Belém do Pará, em conflito contra os franceses que queriam formar uma colônia;
- A **Confederação dos Cariris** (1682-1713), na região onde atualmente se localizam os estados do Ceará, Pernambuco, Rio Grande do Norte e Paraíba;
- A **Revolta de Mandu Ladino** (1712-1719), na região onde se localiza atualmente o estado do Piauí, uma parte do sertão do Maranhão e do estado do Ceará;
- A **Resistência Guaicuru** (1725-1791), na região às margens do rio Paraguai no Pantanal;
- A **Guerra Guaránica** (1753-1756), no Sul do Brasil.



Domínio público | Biblioteca Nacional

"Ataque da Cavalaria Guaicuru" (1834), obra de Jean-Baptiste Debret, litografia em cores, 51,4 × 33,4 cm. O povo Guaicuru ficou conhecido pelas habilidades de montaria na guerra desde o século XVI.



TROCAR IDEIAS

1. Qual relação há entre os objetivos da colonização portuguesa e o aprisionamento e escravização das pessoas indígenas? [Na ocupação do território houve o aprisionamento e escravização de pessoas indígenas.](#)
2. Quais os motivos das revoltas e guerras envolvendo indígenas no período colonial citadas no texto?

103

deitado de lado, no sentido do corpo do cavalo, conservando essa atitude até chegar ao alcance da lança; ergue-se então da cela e combate com vantagem, em meio à desordem provocada pelo ataque tumultuoso".

OS TEMIDOS GUAICURUS, ancestrais dos kadiwéus. **Brasiliana Iconográfica**, 14 nov. 2023. Disponível em: <https://www.brasilianaiconografica.art.br/artigos/23776/os-temidos-guaicurus-ancestrais-dos-kadiweus>. Acesso em: 10 set. 2025.

Converse sobre a descrição, explicando as palavras desconhecidas pela turma. Conte a respeito da localização do povo Guaicuru próximo ao Rio Paraguai.

Sugestões de leitura

BERTELLI, Antônio de Pádua. **Os fatos e os acontecidos com a poderosa e soberana Nação dos índios cavaleiros Guaicurús no Pantanal do Mato Grosso, entre os anos de 1526 e o ano de 1986**. São Paulo: Uyara, 1987.

BOGGIANI, Guido. **Os Caduveos**. Tradução de Amadeu Amaral Jr. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Ed. USP, 1975.

Sugestão de atividade complementar

Projete na lousa a imagem de Debret representada na página 103. Analise com a turma a imagem.

Converse com a turma sobre como as imagens podem impactar e moldar a memória de eventos e sujeitos históricos ao longo do tempo.

Incentive que as crianças expressem o que sabem e o que pensam sobre a tela, que características dela estão relacionadas com o texto lido. Peça que reflitam sobre as imagens dos povos indígenas elaboradas no passado e pergunte se elas contribuem para o pensamento de inferiorização das pessoas indígenas ou de seu protagonismo histórico. Procure saber se a imagem analisada está se referindo a algum evento citado. Sempre em diálogo com a turma, mostre que ela foi pintada não como uma fotografia em tempo real, mas a partir da "leitura" do pintor francês sobre o povo Guaicuru, que vivia na região Sul do Brasil, onde, possivelmente, o pintor nunca esteve.

Leia para a turma ou projete na lousa parte da descrição da obra feita pelo pintor:

"para esconder-se do inimigo, imaginam um ardid que dá bem ideia de sua destreza e sua perícia de cavaleiros. Cada guerreiro, unicamente apoiado no estribo direito, segura a crina com a mão esquerda e assim se mantém suspenso e

(EF05HI01) Identificar os processos de formação das culturas e dos povos, relacionando-os com o espaço geográfico ocupado.

(EF05HI02) Identificar os mecanismos de organização do poder político com vistas à compreensão da ideia de Estado e/ou de outras formas de ordenação social.

(EF05HI09) Comparar pontos de vista sobre temas que impactam a vida cotidiana no tempo presente, por meio do acesso a diferentes fontes, incluindo orais.

Orientações metodológicas

Solicite a leitura silenciosa das páginas 104 e 105. Em seguida, solicite que um(a) estudante leia o quadro da página 104 e que outro(a) estudante leia o quadro da página 105. A cada box lido, faça pausas perguntando o que compreenderam e incentive a participação.

Aproveite a seção "Trocar ideias" como forma de ampliar a reflexão. É importante que percebam a importância desse reconhecimento, a partir da promulgação da Constituição dos direitos dos povos indígenas historicamente prejudicados pela tomada do território desde o início da colonização portuguesa no Brasil.

Observe se percebem os dados do Censo 2022 sobre a população indígena na atualidade. É importante que percebam ainda o conceito de Terras Indígenas e entendam parte do processo de demarcação.

Procure destacar a importância dos Censos demográficos para a organização e implementação das políticas públicas específicas para a população indígena brasileira.



TROCAR IDEIAS E REGISTRAR NO CADERNO

1. Escreva no caderno os nomes e as datas das revoltas e guerras citadas no texto. *Confederação dos Tamoios (1555-1567); Guerra dos Aimorés (1555-1673); Levante dos Tupinambás (1617-1621); Confederação dos Cariri (1682-1713); Revolta do Manu Landino (1712-1719); Resistência Guaicuru (1725-1791); Guerra Guaranítica (1753-1756).*
2. É correto afirmar que os povos indígenas lutaram contra a colonização e o impacto dela? Comente. *Sim. Espera-se que percebam que houve resistência por parte dos povos indígenas.*
3. Por que é importante conhecer a história da resistência indígena no período colonial? *Para perceber que os povos originários também resistiram e para percebê-los no seu protagonismo como sujeitos históricos ativos na resistência contra o poder colonial.*



LER E COMENTAR

Um dos desdobramentos do processo de colonização portuguesa foi a tomada de terras pertencentes aos povos nativos e a diminuição dos territórios deles. Essa perda de territórios continuou em aceleração.

Em 1988, centenas de anos após a chegada dos portugueses, na Constituição Brasileira, no Capítulo VIII, após a pressão e diversas reivindicações dos povos indígenas, houve o reconhecimento "da sua organização social, costumes, crenças e tradições e os direitos originários sobre as terras que tradicionalmente ocupam".

Segundo dados do censo 2022, promovido pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, a população indígena representava aproximadamente 1 693 535 pessoas, 274 línguas e 305 etnias. A maior parte das pessoas indígenas, de acordo com esses dados, residia nas regiões Norte e Nordeste do Brasil. Há também 8 568 localidades indígenas, ou seja, onde moravam 15 ou mais pessoas indígenas. Desse total, a maior parte residia em terras indígenas (declaradas, homologadas, regularizadas ou reservas).

Como forma de garantir a posse dessas terras aos povos indígenas, a Constituição (em seu artigo 231) e o Estatuto do Índio (Lei nº 6.001, de 19 de dezembro de 1973) preveem que compete à União demarcá-las, ou seja, explicitar os limites físicos desses territórios.

O que é demarcação de terras indígenas

Demarcar as terras que pertencem aos povos indígenas, no sentido do que estabelece a Constituição Federal (artigo 231), é o processo de regularização dessas áreas, que se realiza pelas seguintes etapas: identificação e delimitação, declaração dos limites, demarcação física, **homologação** e registro cartorial. Tal regularização compete à União e é a garantia legal de que determinada porção de terra é de uso exclusivo de determinado(s) grupo(s) indígena(s).

Todo o processo está previsto no Estatuto do Índio (Lei nº 6.001, de 19 de dezembro de 1973) e no Decreto 1.775, de 8 de janeiro de 1996. [...] Entre outras coisas, esse estudo reúne informações de natureza etno-histórica, sociológica, jurídica, cartográfica, ambiental e fundiária necessárias à delimitação.

Esses estudos são necessários porque, para os índios, a terra não é apenas o meio de onde obtêm o necessário para sua sobrevivência, ela remete à construção e à vivência, culturalmente variável, da relação entre uma sociedade específica e sua base territorial. [...]

ESPECIAL demarcação: MPF intensifica mobilização em defesa das terras indígenas. **Procuradoria Geral da República**. Brasília, DF, 15 abr. 2013. Disponível em: <http://www.mpf.mp.br/pgr/noticias-pgr/especial-demarcacao-1-mpf-intensifica-mobilizacao-nacional-em-defesa-das-terras-indigenas>. Acesso em: 18 ago. 2025.



TROCAR IDEIAS

1. Por que é importante, na Constituição Brasileira, o reconhecimento dos direitos indígenas?
2. Qual é a implicação, para os povos indígenas no período colonial, da ocupação de terras pelos colonizadores? *A redução drástica de seus territórios.*
3. Por que, na atualidade, os povos indígenas precisam ter as terras demarcadas? *A regularização das terras indígenas deve ser realizada para que não haja problemas como invasão ou mais perda de território.*
4. Qual é o número de pessoas indígenas no Brasil em 2022?
1 693 535 pessoas autodeclaradas indígenas.
5. Qual é a localização da maioria das pessoas indígenas no Brasil em 2022?
Na Região Norte.

Homologação: confirmação de uma sentença judicial.

Orientações metodológicas

Historicamente, a partir do processo de colonização, diversos povos indígenas foram destituídos da posse de seus territórios. Muitos precisaram migrar de sua localização original.

Na atualidade, o processo legal de demarcação de terras indígenas, fundamentado no Artigo 131, reconhece o significado do território para os diversos povos indígenas brasileiros e garante, após cumpridas as etapas legais, a sua posse.

É importante reconhecer que esses direitos são fruto de uma luta histórica dos povos indígenas ao longo do tempo, e não uma concessão aleatória.



INVESTIGAR

(EF05HI01) Identificar os processos de formação das culturas e dos povos, relacionando-os com o espaço geográfico ocupado.

(EF05HI02) Identificar os mecanismos de organização do poder político com vistas à compreensão da ideia de Estado e/ou de outras formas de ordenação social.

Orientações metodológicas

Explore as atividades com os(as) estudantes para tirar dúvidas.

Na questão 4, problematize e incentive a turma a refletir sobre os problemas territoriais enfrentados pelas comunidades indígenas na atualidade. Solicite que releiam o texto e pesquisem outras manchetes em sites, jornais e revistas.

Nessa seção, trabalhe de forma interdisciplinar com a Língua Portuguesa a partir do desenvolvimento das seguintes habilidades: **(EF05LP19)** Argumentar oralmente sobre acontecimentos de interesse social, com base em conhecimentos sobre fatos divulgados em TV, rádio, mídia impressa e digital, respeitando pontos de vista diferentes; **(EF35LP16)** Identificar e reproduzir, em notícias, manchetes, lides e corpo de notícias simples para público infantil e cartas de reclamação (revista infantil), digitais ou impressos, a formatação e diagramação específica de cada um desses gêneros, inclusive em suas versões orais; **(EF05LP16)** Comparar informações sobre um mesmo fato veiculadas em diferentes mídias e concluir sobre qual é mais confiável e por quê.

Procure orientar a realização das atividades. Nas apresentações, incentive a participação de todos e promova a reflexão sobre o assunto abordado. Nessa atividade da seção "Investigar", incentive a percepção das diferenças entre as manchetes. É fundamental que, após as pesquisas das manchetes, a turma confronte a forma como o tema foi abordado em cada uma.

Oriente sempre e previamente as pesquisas considerando as orientações da obra: "Crianças, adolescentes e telas: Guia sobre usos de dispositivos digitais" (Brasil, 2025).

É importante que a turma reconheça o significado de território para os povos indígenas e os problemas ainda enfrentados por eles na atualidade.

1. Pesquise em jornais e revistas notícias sobre os povos indígenas brasileiros atualmente.
2. Em seguida, com os colegas, monte com o material obtido um mural sobre o tema:



3. Leia o texto a seguir.

A maior terra indígena brasileira é a Yanomami, localizada na região Norte do Brasil, entre os estados de Roraima e Amazonas. No Censo 2022 realizado pelo IBGE, havia 27 512 pessoas indígenas nessa área, que é composta por diferentes aldeias.

Em 2000, segundo a FUNAI, as terras indígenas ocupavam 11,6% do território do país. Nelas, problema muito recorrente era a presença de outras pessoas, isto é, invasores.

De acordo com dados da FUNAI, em 2025 havia 632 terras indígenas, que ocupavam 13,8% do território nacional: 37 eram delimitadas, 70 declaradas, 13 homologadas e 451 regularizadas.

Existem ainda 172 terras indígenas em estudo.

4. Escreva, no caderno, qual é a maior terra indígena no Brasil e as informações do texto sobre ela. [A terra indígena Yanomami, na Região Norte.](#)
5. Compare os dados sobre a ocupação de terras indígenas no Brasil. Anote-os no caderno e comente suas conclusões sobre eles.

6. Descreva, no caderno, etapas do processo de demarcação das terras indígenas. [Esse processo é realizado por etapas: identificação e delimitação, declaração dos limites, demarcação física, homologação e registro cartorial.](#)
7. Leia as manchetes e comente com a turma sobre a relação entre os povos indígenas e o meio ambiente: [Resposta pessoal.](#)

Demarcação de terras indígenas reduziu o desmatamento na Amazônia, diz estudo

Estadão Conteúdo, 12 ago. 2020

Levantamento feito por universidade norte-americana apontou que, entre 1982 e 2016, houve menos desmate dentro das áreas demarcadas que fora delas.

DEMARCAÇÃO de terras indígenas reduziu o desmatamento na Amazônia, diz estudo. **G1**, [São Paulo], 12 ago. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/natureza/noticia/2020/08/12/demarcacao-de-terras-indigenas-reduziu-o-desmatamento-na-amazonia-diz-estudo.ghtml>. Acesso em: 12 jul. 2025.

Como a preservação de terras indígenas pode ajudar o clima

Renata Fontanetto, 21 nov. 2024

FONTANETTO, Renata. Como a preservação de terras indígenas pode ajudar o clima. **Invivo**, [s. l.], 21 nov. 2024. Disponível em: <https://www.invivo.fiocruz.br/sustentabilidade/como-a-preservacao-de-terras-indigenas-pode-ajudar-o-clima/>. Acesso em: 12 jul. 2025.

A importância dos povos indígenas para a preservação da natureza

Wesley Kettle, 19 abr. 2023

KETTLE, Wesley. A importância dos povos indígenas para a preservação da natureza. **Museu de Astronomia e Ciências Afins – MAST**, [Rio de Janeiro], 19 abr. 2023. Disponível em: <https://www.gov.br/mast/pt-br/assuntos/noticias/2023/abril/a-importancia-dos-povos-indigenas-para-a-preservacao-da-natureza>. Acesso em: 12 jul. 2025.

- ▷ Você observou que a colonização das terras encontradas por Pedro Álvares Cabral em 1500 e a ocupação do território trouxeram consequências para os povos nativos. Foi um processo que envolveu muitos fatores.

Orientações metodológicas

A partir da biografia, comente e explore com a turma a importância de que os(as) indígenas tenham voz, contem suas narrativas, produzam materiais que ensinem, divulguem e demonstrem suas histórias e suas culturas. Incentive os(as) estudantes a pesquisar autores e autoras indígenas na atualidade. Em específico, exemplifique o trabalho de Aílton Krenak na defesa dos povos indígenas durante a Assembleia Constituinte e por meio da literatura.

Krenak foi um emblemático representante da luta pelos povos indígenas naquela ocasião e permanece lutando pelos diferentes povos indígenas brasileiros na atualidade.

Conclusão do capítulo 5

Os(As) estudantes tiveram a oportunidade de aprender e ampliar seus conhecimentos acerca da chegada dos portugueses em 1500 e do processo de colonização do território por eles anexado.

Salientamos a importância de acompanhar o desenvolvimento das crianças quanto à aquisição de conhecimentos e habilidades relacionados aos conceitos trabalhados no capítulo, sempre atentando à sua contextualização no tempo e no espaço, requisitos para a compreensão do conteúdo de História. É importante também perceber o desenvolvimento das habilidades relacionadas ao domínio da Língua Portuguesa. Para isso, atente às atividades realizadas e à participação dos(as) estudantes, observando aspectos como os registros escritos, o ritmo e a entonação na leitura oral, a compreensão das informações lidas (compreensão de texto), entre outros. Releia e tenha como referência as habilidades da BNCC da Língua Portuguesa dispostas na abertura de cada unidade.

Lembre-se de realizar a constante observação, o registro, o acompanhamento e a reflexão do desempenho de cada estudante e da turma. Você poderá utilizar as atividades da seção "Para rever" presentes ao final do capítulo para realizar uma revisão coletiva. A partir dela, anote as dúvidas e outras informações relevantes sobre o conteúdo trabalhado, com o objetivo de mapear o desempenho de todos.

8. Em sua opinião, por que existe boa preservação ambiental onde a presença de povos indígenas é maior? Discuta o assunto com a professora (ou professor) e os colegas.

Espera-se que percebam que as comunidades indígenas têm uma relação de cuidado e interação com o meio ambiente que desdobra-se na sua preservação.

Embora não possamos afirmar que todos os problemas enfrentados pelas comunidades indígenas têm relação direta com a colonização, o fato é que a partir de 1500 elas foram perdendo espaço e território. Por isso, nossa Constituição prevê a garantia e a proteção dessas comunidades.

O escritor indígena **Aílton Alves Lacerda Krenak** nasceu em uma cidade chamada Itabirinha, no estado Minas Gerais. Além de obras sobre temas indígenas brasileiros, ele também é poeta e reconhecido como grande divulgador e defensor dos direitos da população indígena. Aílton é convidado com frequência para dar palestras, conferências e participar de eventos em que expõe o modo de pensar de seu povo. Fundou associações importantes e atuou em uma grande luta política quando a Constituição Brasileira estava a ser elaborada.



GRonny Santos | Folhapress



PARA REVER

1. Leia o texto e responda no caderno.

Território e espaço não são noções equivalentes. O território com contornos e limites precisos é uma construção histórica, produto da ação humana. Categoria aparentemente universal, falsamente natural, o território não tem nada de espontâneo. Para além das fronteiras naturais, a fronteira política é sempre uma linha abstrata e convencionalizada por alguns.

Tal como os animais se apropriam da natureza definindo territórios, os homens “dilatam as suas conquistas”, apropriam-se do espaço, percorrendo-o, conhecendo-o, nomeando-o e mapeando-o.

BUENO, Beatriz Piccolotto Siqueira. Decifrando mapas: sobre o conceito de território e suas vinculações com a cartografia. *Anais do Museu Paulista*, São Paulo, v. 12, n. 1, p. 193-234, jan./dez. 2004. p. 229.

- ▷ De acordo com o texto, escreva com suas palavras o que é território.
Resposta pessoal. Espera-se que a criança operacionalize o conceito.
2. O que quer dizer: “o território não tem nada de espontâneo”? *O território não é espontâneo, no sentido de sua ocupação.*
3. Como podemos relacionar o conceito de território à conquista das novas terras pelos portugueses a partir do século XVI? *Na colonização, uma das principais iniciativas foi tomar e ocupar os territórios encontrados.*
4. De acordo com o texto, identifique a opção incorreta e, em seguida, reescreva-a corretamente em seu caderno.
- a) Território e espaço não são noções equivalentes. *O território é uma construção histórica, fruto da ocupação humana.*
- b)** Categoria aparentemente universal, natural, o território é espontâneo.
- c) A fronteira política é sempre uma linha abstrata e convencionada por alguns.
- d) Os seres humanos “dilatam as suas conquistas”.
5. Entre 1580 e 1780, diversas expedições foram adentrando e conquistando ainda mais o interior. Copie no caderno a alternativa que nomeia corretamente essas expedições:
- A. Bandeiras e missões. **B.** Entradas e bandeiras.
- C. Entradas e sertanistas. D. Sertanistas e missões.
6. Leia as palavras dos quadros:

ENTRADAS

BANDEIRAS

Escreva as palavras no caderno e, ao lado, a informação correspondente.

- ▷ Financiadas pelos próprios membros. *Bandeiras.*
- ▷ Financiadas pelo governo. *Entradas.*

109

processo de acompanhamento sob a perspectiva da avaliação formativa. Constituem-se, esses quadros, de fichas de registro, identificação, recolha, avaliação, que dizem respeito ao processo de desenvolvimento ou itinerário de cada estudante e da turma. Neles, consideram-se conteúdos aprendidos, ampliação de conhecimentos, fragilidades, dúvidas e conquistas ou progressos ocorridos. Cada estudante deve ser observado(a) tanto de forma particular quanto no processo de desenvolvimento do seu grupo ou turma. Aliado a isso, a ficha fornece sugestões a partir das quais você poderá refletir sobre seu trabalho na disciplina — você pode também modificá-la, adaptando-a a suas necessidades.

Procure perceber o que aprenderam, além dos avanços e das dificuldades. Caso seja necessário, elabore outras estratégias complementares individuais, direcionadas à turma ou a grupos específicos de estudantes.

Liste os objetivos não atingidos ou atingidos parcialmente pela turma. Faça um diagrama contendo informações gerais sobre o avanço das crianças e observações acerca de conteúdos em que haja dúvidas, fragilidades ou equívocos. Você deve considerar alguns aspectos:

- Identificar os conceitos pouco compreendidos pelo grupo.
- Rever as ações pedagógicas implementadas.
- Estabelecer e implementar novas ações com vistas a atender aos objetivos iniciais ou a novos objetivos que surgiram no processo.
- Particularidades a serem atendidas no novo planejamento (buscar atender de forma individual dentro do coletivo).

Para o sucesso do aprendizado das crianças, é importante que você observe as orientações sobre avaliação formativa, o quadro de habilidades e conteúdos conceituais para este capítulo (disposto ao final do livro), assim como os aspectos descritos no quadro com competências, conteúdos procedimentais e atitudinais que devem ser seguidos durante o ano escolar.

Elaboramos dois quadros (final do livro) para o

Introdução do capítulo 6

Neste capítulo, serão abordados alguns conflitos (guerras e revoltas) durante o Período Colonial, ou seja, movimentos contra o estado metropolitano português. Também será discutida a busca pelo ouro, sua relação com a colonização portuguesa, suas características fundamentais e os movimentos sociais e políticos contra a colonização.

A tônica do capítulo é problematizar a luta contra o governo metropolitano nesse período.

As atividades propostas neste capítulo trabalham as seguintes habilidades da BNCC:

(EF05HI01) Identificar os processos de formação das culturas e dos povos, relacionando-os com o espaço geográfico ocupado.

(EF05HI02) Identificar os mecanismos de organização do poder político com vistas à compreensão da ideia de Estado e/ou de outras formas de ordenação social.

(EF05HI04) Associar a noção de cidadania com os princípios de respeito à diversidade, à pluralidade e aos direitos humanos.

(EF05HI05) Associar o conceito de cidadania à conquista de direitos dos povos e das sociedades, compreendendo-o como conquista histórica.

A cada início de capítulo, releia os objetivos definidos. Reflita sobre tais objetivos levando em conta as demandas dos(as) estudantes e da turma no geral. Você pode modificá-los ou ampliá-los também. Estabeleça diálogo com a turma abordando cada conteúdo, orientando as diversas atividades a serem realizadas, para despertar-lhes o sentido e a consciência acerca de seu próprio aprendizado e do processo pedagógico como um todo. Ao observar essa recomendação, você também incentiva a autonomia dos(as) estudantes.

Objetivos

- Distinguir políticas administrativas para a colonização portuguesa no Brasil.
- Reconhecer a exploração econômica do governo português no Período Colonial.
- Diferenciar colônia e metrópole no Brasil.
- Identificar o processo de desenvolvimento de vilas e cidades no Brasil Colonial, relacionando-o à organização do espaço geográfico e à ingerência do governo metropolitano português.
- Reconhecer e problematizar a relação entre povos nativos e europeus no processo de colonização do Brasil.
- Problematizar a colonização no Brasil.
- Compreender melhor a ideia da luta e conquista dos direitos políticos, da cidadania e dos direitos fundamentais e humanos.



INICIANDO A CONVERSA

Você já ouviu falar em Inconfidência Mineira? [Respostas pessoais.](#)

- ▶ Você sabia que o ouro era utilizado como moeda na época da Inconfidência Mineira?



Barra de ouro com o selo do Governo Português, século XVIII.

Tiradentes ficou conhecido no século XVIII porque participou da Inconfidência Mineira. Pesquise no dicionário e copie no caderno o significado do termo:

INCONFIDÊNCIA

Esses são os assuntos do capítulo que vamos estudar.

A REVOLTA DE FILIPE DOS SANTOS



LER E COMENTAR

A Revolta de Filipe dos Santos foi registrada em 1720, em Vila Rica, atual município de Ouro Preto, Minas Gerais. Os revoltosos queriam reduzir a exploração pelo governo português sobre os moradores da colônia, ao passo

que o governo metropolitano entendia que os colonos poderiam pagar mais impostos se houvesse maior controle e vigilância.

Para garantir maior eficiência na cobrança, o governo decidiu pela criação das Casas de Fundição. O proprietário do ouro deveria levá-lo às Casas de Fundição, onde o metal seria derretido, transformado em barras depois de retirado o imposto (um quinto do total entregue) e, em seguida, selado. Somente as barras seladas podiam circular. Essa era a garantia de que o imposto fora pago.

Com a criação das Casas de Fundição, a circulação do ouro em pepitas ou pó seria proibida. Assim, o controle do governo sobre o ouro ficaria bem mais rigoroso, e os moradores seriam obrigados a pagar um quinto de todo esse metal encontrado. Insatisfeitos, diversos moradores deram início à revolta, também conhecida como Revolta de Vila Rica.



Barras de ouro, Casa de Fundição de Vila Rica.

Museu Histórico Nacional | Ibram



Domínio Público | Coleção Particular

"Vila Rica" (1835), obra de Johann Moritz Rugendas, litografia em cores, 35,2 x 51,6 cm.

111

- Relacionar Estado, direitos e cidadania na atualidade.
- Identificar formas de protestos contra o governo português durante a colonização.
- Conhecer características do movimento intitulado Inconfidência Mineira, relacionando-o às lutas políticas e sociais contra o governo metropolitano no século XVIII.
- Problematicar a mineração como atividade econômica durante a colonização portuguesa no Brasil.
- Analisar a figura de Tiradentes, elevado a herói, problematizando-a.

Visita guiada

Muitas universidades brasileiras possuem arquivos e museus com acervos variados sobre o assunto abordado na unidade. Procure identificar algum desses espaços na sua cidade para fazer uma visita com a turma, caso seja possível.

Outra opção para ampliar o repertório das crianças é uma visita virtual ao Museu do Ouro na cidade mineira de Sabará. Caso não seja possível a visita presencial, você pode orientar e organizar um pequeno roteiro para uma visita virtual ao *site* do referido museu.

Para esta atividade, você deverá, previamente:

- Visitar o *site* e escolher alguns elementos que podem ampliar ou aprofundar o conteúdo e temas abordados, sobretudo, quanto à diversidade cultural.
- Entrar em contato com o setor educativo do Museu para obter informações e sugestões de abordagem educativa para o tema da unidade ou capítulo.
- Rer o guia “Crianças, adolescentes e telas: Guia dos usos de dispositivos digitais” (BRASIL, 2025) para orientar-se nos procedimentos de segurança neste trabalho.
- Elaborar um pequeno roteiro de perguntas orientadoras para facilitar a atividade e incentivar os(as) estudantes na observação.
- Lembrar-se que as crianças não devem pesquisar no ambiente virtual sem a supervisão de uma pessoa responsável, por isso o ideal é que esta atividade ocorra na sala de informática ou outro ambiente escolar destinado para isto.
- Acesso ao *site* do Museu em: <https://museudoouro.museus.gov.br/historico/>. Acesso em: em 21 ago. 2025.

Sugestão de leitura

ANASTASIA, Carla Junho. **Vassalos rebeldes**: violência coletiva nas Minas Gerais do século XVIII. Belo Horizonte: C/Arte, 1998.

As principais exigências eram a redução do valor do imposto pago e o fim das Casas de Fundição. O Conde de Assumar, governador da capitania, não tinha uma tropa capaz de derrotar os mais de 2 mil homens que aderiram à revolta. Para ganhar tempo, prometeu atender aos pedidos dos revoltosos. Mas, quando conseguiu reunir a tropa, agiu violentamente.

O Conde mandou incendiar várias casas de revoltosos, chegando a queimar ruas inteiras. Filipe dos Santos, o principal líder, foi julgado sumariamente e condenado à morte. As Casas de Fundição foram mantidas, e as estradas passaram a ser ainda mais fiscalizadas para evitar o contrabando de ouro. Foram construídos postos de alfândega e pedágios nos caminhos que levavam às regiões mineradoras.

O local onde ficavam as casas dos rebelados que foram incendiadas durante a Revolta de Vila Rica é conhecido como “Morro da Queimada”.



TROCAR IDEIAS

Os revoltosos queriam reduzir a exploração do governo português sobre os moradores da colônia.

1. Qual relação há entre a cobrança de impostos e a Revolta de Vila Rica?
2. Qual é a função das Casas de fundição? Local onde o ouro era derretido, transformado em barras e, dele, retirado um quinto de imposto.
3. Analise a imagem de Vila Rica. Que relação existe entre essa imagem e a busca pelo ouro? Vila Rica foi uma vila criada em razão da descoberta de ouro na região. A imagem mostra o trabalho de mineração em um rio e a vila ao fundo.



TROCAR IDEIAS E REGISTRAR NO CADERNO

1. Leia as perguntas e identifique a resposta a cada uma entre as opções apresentadas. Copie no caderno cada pergunta e seu respectivo número, seguida da resposta e sua respectiva letra. 1/b; 2/d; 3/a; 4/c.

Perguntas

1. Onde e quando ocorreu a Revolta de Filipe dos Santos?
2. Qual foi o objetivo da revolta?
3. Qual foi o objetivo da criação das Casas de Fundição?
4. O que aconteceu aos revoltosos?

Respostas

- a) Maior controle do governo com a proibição da circulação do ouro em pepitas ou pó, sendo os moradores da Colônia obrigados a pagar um quinto de todo o ouro encontrado.
 - b) Em Vila Rica, atual município de Ouro Preto, Minas Gerais, em 1720.
 - c) O governador da capitania, Conde de Assumar, mandou incendiar várias casas de revoltosos, queimando ruas inteiras. Filipe dos Santos, o principal líder, foi julgado, condenado à morte e executado.
 - d) Os revoltosos, moradores da Colônia, queriam a redução do valor do imposto pago e o fim das Casas de Fundição.
2. Associe a Revolta de Vila Rica (ou de Filipe dos Santos, em 1720) ao motivo dela e copie-o no caderno:
- a) Disputa pela exploração do ouro.
 - b) Controle do governo sobre o ouro.**
 - c) Dívidas e disputa pelo controle político.



LER E COMENTAR

Na memória do povo brasileiro, a figura de Tiradentes é muito presente. Você já sabe que o dia 21 de abril é feriado nacional. Por quais razões Joaquim José da Silva Xavier, também conhecido como Tiradentes, tornou-se uma figura tão popular? Vejamos.

Desde que a frota de Pedro Álvares Cabral chegou ao nosso continente, os portugueses sonhavam encontrar ouro nestas terras. Quando isso aconteceu, o governo português passou a fiscalizar de forma rigorosa a extração de ouro e a cobrar impostos de diversas formas. A forma mais comum foi o chamado quinto. Nesse sistema, aquele que encontrasse ouro, prata ou diamante deveria entregar ao governo a quinta parte de tudo que tivesse achado.

113

Estratégias

- Na primeira aula, inicie a aula comentando com a turma a importância de aprenderem sobre o processo de colonização do Brasil. Incentive os(as) estudantes a darem opinião sobre essa história pergunte se já ouviram falar sobre as formas de exploração do governo português nesse período. Utilize a abertura da unidade para esse momento, bem como as seções "Iniciando a conversa".
- Na segunda aula, oriente a turma no desenvolvimento das seções "Ler e comentar" e "Trocar ideias". Promova a leitura oral e compartilhada (cada estudante lê um trecho para a turma) de todos ou de alguns textos dessas atividades. Apresente questões que levem à reflexão sobre o conteúdo dos textos e que possam oferecer a você, professor(a), subsídios para avaliar o nível de compreensão de cada estudante, a fim de promover as intervenções pedagógicas necessárias
- Na terceira aula, oriente a resolução em grupos da seção "Trocar ideias e registrar no caderno". Promova uma roda de conversa para que a turma socialize as respostas e possa debater a temática. Apresente questões que contribuam para o desenvolvimento do debate.

(EF05HI01) Identificar os processos de formação das culturas e dos povos, relacionando-os com o espaço geográfico ocupado.

(EF05HI02) Identificar os mecanismos de organização do poder político com vistas à compreensão da ideia de Estado e/ou de outras formas de ordenação social.

(EF05HI04) Associar a noção de cidadania com os princípios de respeito à diversidade, à pluralidade e aos direitos humanos.

(EF05HI05) Associar o conceito de cidadania à conquista de direitos dos povos e das sociedades, compreendendo-o como conquista histórica.

Sugestão de sequência didática – Protestos populares no Brasil Colonial

Conteúdo trabalhado: Colonização, guerras e conflitos, Brasil Colonial.

Tempo previsto: 4 aulas.

Apresentação do assunto

Nesta sequência de aulas, o(a) estudante poderá refletir sobre o processo de colonização do Brasil e sobre movimentos políticos e sociais que lutaram contra o governo metropolitano.

É muito importante compreender o processo de colonização brasileiro pelo governo português, assim como entender as lutas e os movimentos políticos e sociais que visaram combatê-lo. Naqueles séculos de dominação portuguesa, houve resistência, guerras e conflitos. Um dos objetivos é enfatizar e problematizar a luta pela justiça nesse período.

Orientações metodológicas

Após a leitura silenciosa do texto da seção “Ler e comentar”, faça uma leitura dialogada com a turma, incentivando as crianças a buscarem as ideias principais do texto.

Avaliação formativa

É pertinente analisar a atuação de cada estudante individualmente e nos grupos de trabalho. Avaliar as atividades desenvolvidas no livro é um recurso muito importante. Procure registrar o interesse, as ideias iniciais sobre o assunto, o envolvimento na execução das atividades apresentadas e a compreensão dos conceitos trabalhados por cada criança. Faça os registros necessários, as intervenções pertinentes durante o desenvolvimento do capítulo e organize tudo o que irá subsidiar a composição da avaliação formal no final do capítulo.

Um momento a mais para trabalhar conceitos e avaliar seus(suas) estudantes

As atividades propostas na seção “Para rever”, na página 120, oferecem orientações para rever e aprofundar conceitos estudados. Nesse momento, você, professor(a), pode explorar os conceitos trabalhados e oportunizar novos momentos de aprendizagem a partir das necessidades individuais detectadas nas avaliações realizadas durante o processo de desenvolvimento do capítulo.



Rubens Chaves | Pulsar Imagens

Antiga Casa da **Intendência** e Fundação, construída em 1730. Atualmente abriga o Museu do Ouro. Sabará, Minas Gerais, 2011.

Nas Casas de Fundação, o ouro era pesado, derretido, sua quinta parte era retirada para pagamento do imposto e o restante, devolvido em forma de barras ao seu dono.

Em determinado momento, a produção de ouro na capitania das Minas diminuiu muito. No entanto, o governo metropolitano não queria receber uma quantia menor em impostos. Para continuar arrecadando um valor alto, o rei estabeleceu a quantia mínima anual de impostos que deveriam ser pagos por todos os moradores da vila, independentemente da quantidade extraída.

Quando essa quantidade esperada não fosse atingida, poderia ser decretada a “derrama”, ou seja, a cobrança dos impostos (100 arrobas) que faltavam para completar o mínimo exigido. Se necessário, a violência era utilizada nos momentos da cobrança para garantir que o mínimo estabelecido fosse alcançado.



TROCAR IDEIAS

- ▷ O que o governo português fez quando houve a diminuição da produção de ouro? **Estabeleceu uma quantia mínima anual de impostos.**

Intendência: local onde trabalhava o intendente, ou seja, o administrador da vila.



1. Interprete a tabela e responda no caderno.

1700/1705	1 470	1750/1754	8 780
1706/1710	4 410	1755/1759	8 016
1711/1715	6 500	1760/1764	7 399
1716/1720	6 500	1765/1769	6 659
1721/1725	7 000	1770/1774	6 179
1726/1729	7 500	1775/1779	5 518
1730/1734	7 500	1780/1784	4 884
1735/1739	10 637	1785/1789	3 511
1740/1744	10 047	1790/1794	3 360
1745/1749	9 712	1795/1799	3 249

PINTO, Virgílio Noya. *O ouro brasileiro e o comércio anglo-português: uma contribuição aos estudos da economia atlântica no século XVIII*. São Paulo: Ed. Nacional; Brasília: INL/MEC, 1979. (Brasília, 371).

2. Em que período houve a menor produção de ouro em Minas Gerais durante o século XVIII? Qual foi a quantidade produzida? **1700-1705. A produção foi de 1 470 quilos.**
3. Em que período houve a maior produção de ouro em Minas Gerais durante o século XVIII? Qual foi a quantidade produzida? **1735-1739. A produção foi de 10 637 quilos.**
4. Compare os números e identifique quando ocorreram as maiores quedas a partir de 1770. Em seguida, relacione-as à Inconfidência Mineira.

INCONFIDÊNCIA MINEIRA **(3 511 kg); 1790-1794 (3 360 kg); 1795-1799 (3 249 kg).** Com a baixa extração, a cobrança da derrama era iminente, por isso foi organizado um movimento para a libertação do domínio colonial. Com a delação do grupo, que era secreto, o movimento ficou conhecido como Inconfidência Mineira.



LER E COMENTAR

A partir de 1750, já não se encontrava tanto ouro. A quantidade produzida era reduzida a cada ano. Desconsiderando esse fato, o governo português continuava exigindo o pagamento exagerado de impostos. Insatisfeitas com a situação, pessoas que ocupavam posições privilegiadas na sociedade mineradora, como advogados, funcionários públicos, militares, padres, poetas e outros, passaram a discutir um plano secreto para resolver o problema.

(EF05HI02) Identificar os mecanismos de organização do poder político com vistas à compreensão da ideia de Estado e/ou de outras formas de ordenação social.

(EF05HI04) Associar a noção de cidadania com os princípios de respeito à diversidade, à pluralidade e aos direitos humanos.

(EF05HI05) Associar o conceito de cidadania à conquista de direitos dos povos e das sociedades, compreendendo-o como conquista histórica.

Orientações metodológicas

Você poderá favorecer o letramento matemático trabalhando de forma interdisciplinar, com o desenvolvimento das seguintes habilidades da Matemática: **(EF05MA24)** Interpretar dados estatísticos apresentados em textos, tabelas e gráficos (colunas ou linhas), referentes a outras áreas do conhecimento ou a outros contextos, como saúde e trânsito, e produzir textos com o objetivo de sintetizar conclusões; **(EF05MA25)** Realizar pesquisa envolvendo variáveis categóricas e numéricas, organizar dados coletados por meio de tabelas, gráficos de colunas, pictóricos e de linhas, com e sem uso de tecnologias digitais, e apresentar texto escrito sobre a finalidade da pesquisa e a síntese dos resultados.

Explore com os(as) estudantes as variações na tabela, construa gráficos, etc. Solicite a produção de um pequeno texto relacionando os dados da tabela com o objetivo da exploração colonial dos governantes portugueses.

Sugestão de atividade de aprofundamento

Esta atividade pode contribuir no desenvolvimento da habilidade de Língua Portuguesa: **(EF05LP02)** Identificar o caráter polissêmico das palavras (uma mesma palavra com diferentes significados, de acordo com o contexto de uso), comparando o significado de determinados termos utilizados nas áreas científicas com esses mesmos termos utilizados na linguagem usual.

Você poderá explorar outros significados relacionados às palavras citadas na seção “Ler e comentar”.

Nesse plano, uma revolta começaria quando o governo desse início à derrama. Os revoltosos acreditavam que durante a derrama teriam o apoio de muitos moradores, indignados com a violência e a cobrança dos impostos. Com o sucesso do movimento, um grupo de pessoas deveria assumir o poder e tornar a capitania das Minas uma República independente de Portugal.

No entanto, antes mesmo de as medidas serem colocadas em ação, um dos membros do grupo traiu os colegas e contou o plano ao governador da capitania das Minas. O **delator**, Joaquim Silvério dos Reis, era fazendeiro e proprietário de minas, mas estava falido por causa dos altos impostos cobrados pelo governo metropolitano. Por sua traição, teve suas dívidas perdoadas e recebeu uma indenização do governo muitos anos depois.

O governador mandou prender diversos membros do grupo. Tiradentes foi o único dos inconfidentes condenado à morte. O governo metropolitano fez do castigo imposto a Tiradentes um castigo exemplar, ou seja, serviria para amedrontar os colonos e impedir novas iniciativas de revoltas.



Ismar Ingeber | Pulkan Imagens

Monumento em homenagem a Joaquim José da Silva Xavier, o Tiradentes. Ao fundo, o Museu da Inconfidência, construído entre 1785 e 1855, antiga Casa de Câmara e Cadeia de Vila Rica, Ouro Preto, Minas Gerais, 2023.

Esse movimento ficou conhecido como “Inconfidência Mineira”. Entre os inconfidentes, havia homens que deviam muitos impostos e temiam ter seus bens **confiscados** pelo governo metropolitano. Outros estavam interessados em vantagens pessoais e alguns desejavam a independência política da Colônia.

Delator: pessoa que denuncia, que acusa.

Confiscado: bem apreendido pelo governo.

116

Sugestão de leitura

MAXWELL, Kenneth. **Marquês de Pombal:** paradoxo do iluminismo. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1996. (Instituto Itamar Franco Biblioteca Universitária).

O governador de cada capitania era escolhido pelo rei de Portugal, durante o período colonial.



André Dib | Pulsar Imagens

Prédio que abrigava os governadores da capitania das Minas durante o período colonial. Atualmente abriga o Museu de Ciência e Técnica da Escola de Minas, Ouro Preto, Minas Gerais, 2023.

Orientações metodológicas

Oriente a leitura dos textos, explorando os termos novos e as imagens. Destacamos também a importância de elucidar os conceitos apresentados.

Explore com a turma os feriados nacionais, relacionando-os aos eventos da História do Brasil. Sublinhe e problematize essa relação, levando os(as) estudantes a refletir sobre a valorização e o esquecimento de outros eventos e sujeitos históricos.



TROCAR IDEIAS

1. Por que o movimento ficou conhecido como Inconfidência Mineira?
Porque os participantes foram delatados, ou seja, foram descobertos.
2. Qual era o compromisso do governador das capitanias na Colônia?
Era escolhido pelo rei de Portugal, durante o período colonial para controlar a cobrança de impostos, a extração de ouro, etc.



TROCAR IDEIAS E REGISTRAR NO CADERNO

1. O dia 21 de abril é feriado nacional, ou seja, um feriado decretado pelo governo federal para todo o território brasileiro. Esse feriado é dedicado à memória de quem? Responda no caderno.
Tiradentes.
2. No seu município existe alguma praça ou monumento dedicado a Tiradentes? Conte para a turma o que você sabe sobre esse personagem.
3. Identifique qual o título mais adequado para cada texto da página seguinte. Copie no caderno, indicando a qual texto cada um corresponde.

Calendário 2027

ABRIL						
Dom	Seg	Ter	Qua	Qui	Sex	Sáb
				1	2	3
4	5	6	7	8	9	10
11	12	13	14	15	16	17
18	19	20	21	22	23	24
25	26	27	28	29	30	

Arquivo da Editora

117

Sugestões de leitura

CARNEIRO, Edilene de Almeida; SANTOS, Maria Judite dos. Fontes documentais mineiras: subsídios para o estudo do movimento inconfidente de 1789. **Acervo – Revista do Arquivo Nacional**. Rio de Janeiro, Arquivo Nacional, v. 4, n. 1, jan/jun. 1989.

FIGUEIREDO, Luciano Raposo de Almeida. Cortando rente o passado... Fontes para a história da Inconfidência Mineira e o acervo do Arquivo Nacional do Brasil. **Análise & Conjuntura**. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, v. 4, n. 2-3, maio/dez. 1989. Inconfidência Mineira e Revolução Francesa — Bicentenário: 1789-1989.

FURTADO, João Pinto. **Inconfidência mineira**: crítica histórica e diálogo com a historiografia. Tese (Doutorado História) – FFLCH, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.

SOUZA, Laura de Mello e. **Norma e conflito**: aspectos da História de Minas no século XVIII. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.

(EF05HI01) Identificar os processos de formação das culturas e dos povos, relacionando-os com o espaço geográfico ocupado.

(EF05HI02) Identificar os mecanismos de organização do poder político com vistas à compreensão da ideia de Estado e/ou de outras formas de ordenação social.

(EF05HI04) Associar a noção de cidadania com os princípios de respeito à diversidade, à pluralidade e aos direitos humanos.

(EF05HI05) Associar o conceito de cidadania à conquista de direitos dos povos e das sociedades, compreendendo-o como conquista histórica.

Orientações metodológicas

Converse com a turma sobre a forma como os impostos eram cobrados durante o período colonial. Explore ainda, a partir do texto, os conceitos de república e monarquia. Produza um quadro comparativo na lousa. Solicite aos(as) estudantes que façam o registro no caderno.

Em aula dialogada, explique e relembre aos(as) estudantes que, na atualidade, existe um processo de escolha por eleição direta dos representantes do Poder Executivo (presidente, prefeitos, governadores) e do Poder Legislativo (vereadores, deputados estaduais e federais, senadores). No Brasil, a população escolhe e vota nos candidatos ou candidatas ao cargo por voto direto. O voto é secreto e eletrônico.

A forma republicana de governo

A forma de governo monárquica

Título: A forma de governo monárquica

Texto 1

Nas monarquias, a autoridade mais importante é o rei ou a rainha, que não são eleitos pela população. Quando assume o trono, um rei ou rainha normalmente governa até sua morte, ocasião em que o cargo é ocupado por seu filho mais velho. Portanto, o poder pertence à família real.

Título: A forma republicana de governo

Texto 2

Em uma república, os cargos públicos não pertencem a uma família nobre. Os governantes são considerados representantes da população, que os autoriza a governar por meio do voto. Em um governo republicano, os governantes exercem o poder por um período determinado e os cargos não são hereditários, ou seja, não passam dos pais para os filhos.

4. Qual era a forma de governo que os inconfidentes pretendiam implantar em Minas Gerais? Responda no caderno. [República](#).
5. Os inconfidentes pretendiam tornar Minas Gerais independente de Portugal? Copie no caderno uma frase do texto que comprova sua resposta.
6. O plano dos inconfidentes alcançou o sucesso esperado? Justifique, escrevendo no caderno. [Antes de o plano ser colocado em ação, um dos membros do grupo traiu os colegas, contando o segredo ao governador da capitania das Minas. O governador mandou prender diversos membros do grupo, inviabilizando a execução da proposta.](#)

TIRADENTES, UM HERÓI REPUBLICANO!



LER E COMENTAR

→ Sim. "Com o sucesso do movimento, um grupo de pessoas deveria assumir o poder e tornar a Capitania de Minas uma república independente de Portugal."

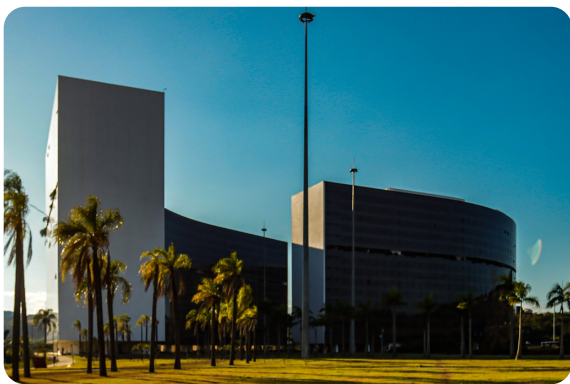
Tiradentes foi condenado à morte em 1792. Somente a partir de 1889, quase cem anos depois, quando foi adotado no Brasil o sistema republicano,

sua história e sua imagem se tornaram populares. Os republicanos brasileiros eram **avessos** à monarquia e valorizaram a história dos inconfidentes.

Dentre os inconfidentes, Tiradentes, que sofreu a pena mais cruel, foi visto como herói nacional. Considerado traidor e péssimo exemplo pelos membros da monarquia portuguesa, tornou-se herói para os republicanos. Sua história foi sendo recontada pelos admiradores do modelo republicano, para que se tornasse exemplo a ser seguido e símbolo de orgulho para a sociedade brasileira.

Além do dia 21 de abril, feriado nacional em sua homenagem, inúmeros monumentos, praças e prédios públicos levam o nome de Tiradentes. Até hoje sua imagem é muito cultuada.

Na atualidade, o Palácio Tiradentes é um dos edifícios mais importantes do Centro Administrativo do Governo de Minas Gerais. É considerado o maior prédio suspenso do mundo.



Palácio Tiradentes, na Cidade Administrativa do Governo de Minas Gerais. Belo Horizonte, Minas Gerais, 2021.



TROCAR IDEIAS

Respostas pessoais. Observe se reconhecem a construção da memória de Tiradentes como herói a partir de objetivos políticos republicanos.

1. Interprete e comente a frase: “Sua história foi sendo recontada pelos admiradores do modelo republicano, para que se tornasse exemplo a ser seguido e um símbolo de orgulho para a sociedade brasileira”.

Avesso: contrário, inverso, oposto.

(EF05HI02) Identificar os mecanismos de organização do poder político com vistas à compreensão da ideia de Estado e/ou de outras formas de ordenação social.

(EF05HI04) Associar a noção de cidadania com os princípios de respeito à diversidade, à pluralidade e aos direitos humanos.

(EF05HI05) Associar o conceito de cidadania à conquista de direitos dos povos e das sociedades, compreendendo-o como conquista histórica.

Orientações metodológicas

Nesta atividade, a turma deve perceber e analisar que a imagem de Tiradentes como um herói foi construída por razões políticas e sociais. Ela vem sendo instrumentalizada pelos ideais republicanos até a atualidade. Além disso, a figura de Tiradentes foi sendo difundida nos meios de comunicação e está presente na memória social dos brasileiros. Problematize a construção da memória de Tiradentes desnaturalizando a figura de herói.

(EF05HI02) Identificar os mecanismos de organização do poder político com vistas à compreensão da ideia de Estado e/ou de outras formas de ordenação social.

(EF05HI04) Associar a noção de cidadania com os princípios de respeito à diversidade, à pluralidade e aos direitos humanos.

(EF05HI05) Associar o conceito de cidadania à conquista de direitos dos povos e das sociedades, compreendendo-o como conquista histórica.

Orientações metodológicas

Leia o texto do historiador com a turma, pausando e conversando com a turma sobre ele. Solicite aos(as) estudantes que copiem no caderno as ideias que consideram mais importantes no texto e usem argumentos para justificar as indicações feitas. Depois, peça que comparem as anotações com os(as) colegas. Por fim, solicite que façam um resumo sobre o que compreenderam. Conduza a atividade de forma que as participações de cada um(a) sejam respeitadas.

2. Por que muitos brasileiros consideram Tiradentes herói nacional?
3. Há outros heróis nacionais no Brasil? Conte aos colegas.



LER E COMENTAR

Kenneth Maxwell, historiador e professor de uma universidade norte-americana, é autor de vários estudos sobre a Inconfidência Mineira. No trecho de entrevista reproduzido a seguir, ele faz referência à Revolução Americana, que ocorreu em 1776, relacionando-a com a Inconfidência Mineira. O professor trabalhou com um livro chamado “Recueil”, ou “O Livro de Tiradentes”. Leia a seguir o trecho da entrevista.

— O que esse livro traz de tão importante?

— Agora, é a primeira vez que os brasileiros terão a oportunidade de ler em português o que os conspiradores mineiros estavam discutindo. O livro é único também porque foi publicado na França em 1778, dois anos após a declaração da independência dos Estados Unidos. E a edição foi proclamada por Benjamim Franklin, que chegou a Paris para tentar arranjar apoio para a Revolução Americana. Mas este livro, o Recueil, foi comprado por José Álvares Maciel (estudante brasileiro que vivia em Coimbra), em Birmingham, na Inglaterra, em 1787, que o levou para o Brasil no mesmo navio em que estava o visconde de Barbacena, que seria o novo governador de Minas. Olhe a ironia. Na verdade, existiam duas cópias do Recueil em Minas Gerais em 1788. A cópia trazida por Álvares Maciel e uma outra, de José Pereira Ribeiro. A cópia de Álvares Maciel é aquela que ficou conhecida como *O livro de Tiradentes*. Tiradentes tinha essa cópia com ele, no Rio de Janeiro. Logo depois de ser preso, em maio de 1789, ele a deu para um dos membros dos Dragões da Independência, Xavier Machado, que a levou de volta para Vila Rica (atual Ouro Preto). É a cópia que se encontra hoje na coleção do Museu da Inconfidência. A outra cópia, pelo que parece, foi destruída pelos conspiradores de Minas, antes de ser apreendida. Mas o que importa é que as pessoas vão poder compreender um pouco mais o que os conspiradores mineiros queriam.



Museu Histórico Nacional

“O Tiradentes: Joaquim José da Silva Xavier” (1940), obra de José Walsht Rodrigues, óleo sobre tela, 156 × 198 cm.

MACEDO, Jorge; BRANT, Ana Clara. Brazilianista participa do fHist e fala de seu mais recente projeto, o livro de Tiradentes. **Estado de Minas**, Diamantina, 22 set. 2013. Disponível em: https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2013/09/22/interna_politica,451747/brazilianista-faz-um-mergulho-na-historia-dos-conspiradores-mineiros.shtml. Acesso em 3 out. 2025.

No norte do continente americano, o governo inglês possuía colônias e também havia dividido o território. Um movimento popular lutava contra o domínio inglês. Em 1776, as colônias de Massachusetts, Rhode Island, Connecticut, Nova Hampshire, Nova Jersey, Nova Iorque, Pensilvânia, Delaware, Virgínia, Maryland, Carolina do Norte, Carolina do Sul e Geórgia foram declaradas colônias independentes. A Revolução Americana é considerada, portanto, o movimento de independência dos Estados Unidos, que por sua vez é comemorada no dia 4 de julho. Nesse dia foi promulgada a Declaração de Independência, escrita por Thomas Jefferson. Após a independência, adotou-se uma Constituição.

— O que os conspiradores debatiam? E qual é a relação e influência da Revolução Americana no movimento mineiro?

— O grupo era claramente republicano, mas o que esse texto revela é que foi uma revolução constitucionalista também. Eles queriam criar uma Constituição em Minas Gerais e há várias indicações nesse livro que comprovam isso. Os conspiradores de Minas viram o sucesso da Revolução Americana e seus textos constitucionais como modelos do que eles queriam alcançar para o Brasil. O *Recueil* foi publicado na França, em francês, em 1778, e foi dedicado a Benjamin Franklin. O livro contém os documentos constitucionais fundadores dos Estados Unidos (entre eles, a declaração de independência propriamente dita e as constituições de seis dos 13 estados).

(EF05HI02) Identificar os mecanismos de organização do poder político com vistas à compreensão da ideia de Estado e/ou de outras formas de ordenação social.

(EF05HI04) Associar a noção de cidadania com os princípios de respeito à diversidade, à pluralidade e aos direitos humanos.

(EF05HI05) Associar o conceito de cidadania à conquista de direitos dos povos e das sociedades, compreendendo-o como conquista histórica.

Orientações metodológicas

A Revolução Americana é considerada o movimento de independência dos Estados Unidos da América, que é relembrada no dia 4 de julho. Nesse dia foi promulgada a Declaração de Independência, escrita por Thomas Jefferson. Após a independência, foi adotada uma Constituição.

Faça a leitura compartilhada do texto com a turma. Indique um(a) estudante para ler o título do texto. Após a leitura do título, solicite uma leitura silenciosa e individual. Em seguida, indique dois(duas) ou mais estudantes para fazer a leitura para a turma e, a seguir, proponha que outros(as) dois(duas) estudantes verbalizem para os(as) demais a sua compreensão do que foi lido.

Orientações metodológicas

Explore o mapa com a turma de forma a identificar as 13 colônias britânicas, onde houve os conflitos contra o governo inglês que culminaram com a Revolução Americana citada no texto.

Lembre-se de promover a reflexão sobre o fato de que o processo da Revolução Americana foi um exemplo de luta contra a dominação colonial (nesse caso, britânica) e impactou a perda ou o reconhecimento de independência de territórios.

Separe uma aula para discutir esse processo e resolver dúvidas. Chame atenção para o processo de colonização britânica no território onde se localizam os Estados Unidos na atualidade, com extermínio de populações originárias entre os séculos XVI e XVII.

As 13 colônias - Formação do território norte-americano



ALBUQUERQUE, Manoel Maurício de. *Atlas histórico escolar*. 8. ed. Rio de Janeiro: FAE, 1988. p. 62.



TROCAR IDEIAS

O termo “conspiradores mineiros” foi utilizado pelo governo português para designar os envolvidos na Inconfidência Mineira que foram acusados de “conspirar” contra ele. Entre eles estavam o “Tiradentes”, Cláudio Manuel da Costa, Alvarenga Peixoto, entre outros.

1. Quem eram os “conspiradores mineiros”? Comente com os colegas.
2. Segundo o professor Kenneth Maxwell, qual a relação entre a Inconfidência Mineira e a Revolução Americana? Comente com os colegas.
“Os conspiradores de Minas viram o sucesso da Revolução Americana e seus textos constitucionais como modelos do que eles queriam alcançar para o Brasil.”



TROCAR IDEIAS E REGISTRAR NO CADERNO

- ▷ Resuma, no caderno, o que você entendeu sobre a Revolução Americana.

OUTROS REPUBLICANOS TAMBÉM LUTARAM



LER E COMENTAR

A Inconfidência Mineira foi um movimento que envolveu mineradores, em sua maioria, endividados com o governo português, alguns intelectuais e funcionários públicos de alto escalão. Os inconfidentes pretendiam suspender a cobrança violenta dos impostos atrasados (derrama), criar um novo governo independente na Capitania das Minas, liberdade para montagem de fábricas e até a instalação de uma universidade na Colônia. Não havia qualquer proposta de acabar com a escravidão, por exemplo.

Por seu turno, diferentemente do que aconteceu em Minas, a Conjuração Baiana ou “Conjura dos Alfaiates”, que aconteceu em 1798, apresentava propostas mais radicais no aspecto social.

A Conjura dos Alfaiates envolveu muitas pessoas pobres. Entre os seus participantes, encontravam-se pessoas escravizadas e libertas, alfaiates e não apenas os membros mais ricos da sociedade. Mais radicais que os inconfidentes mineiros, pretendiam criar uma república e libertar os escravizados.

Pouco antes do início da revolta, muitos panfletos foram distribuídos pelas ruas de Salvador, convocando a população a participar do movimento. Um desses panfletos declarava:

“Animai-vos Povo baiense que está para chegar o tempo feliz da nossa Liberdade, o tempo em que todos seremos irmãos, o tempo em que todos seremos iguais.”

BARROS, Francisco Borges de. **Os Confederados do Partido da Liberdade**: subsídios para a história da Conjuração Bahiana de 1798-1799). Salvador: Imprensa Oficial do Estado, 1922.

A repressão portuguesa aos conjurados baianos foi mais violenta do que aos inconfidentes nas Minas Gerais. Quatro conjurados foram condenados à morte.

123

Sugestão de atividade de aprofundamento

Produza, com a contribuição dos(as) estudantes um quadro comparativo sobre a Inconfidência Mineira e a Conjuração Baiana (sujeitos históricos envolvidos, contexto, períodos, características gerais, etc.). A seguir peça que o transcrevam no caderno.

(EF05HI02) Identificar os mecanismos de organização do poder político com vistas à compreensão da ideia de Estado e/ou de outras formas de ordenação social.

(EF05HI04) Associar a noção de cidadania com os princípios de respeito à diversidade, à pluralidade e aos direitos humanos.

(EF05HI05) Associar o conceito de cidadania à conquista de direitos dos povos e das sociedades, compreendendo-o como conquista histórica.

Os seis pontos reivindicados da Conjuração Baiana eram:

- abolição da escravidão;
- abertura dos portos;
- proclamação da República;
- fim do preconceito;
- diminuição dos impostos;
- aumento salarial.

Entre os condenados estavam:

- o soldado Lucas Dantas do Amorim Torres;
- o aprendiz de alfaiate Manuel Faustino dos Santos Lira;
- o soldado Luís Gonzaga das Virgens;
- o mestre alfaiate João de Deus Nascimento.



TROCAR IDEIAS

- ▷ Quais as diferenças entre os participantes da Inconfidência Mineira e os da Conjuração Baiana? Entre os inconfidentes, houve o predomínio de intelectuais, mineradores, funcionários públicos de alto escalão, os quais, em sua maioria, eram proprietários de pessoas escravizadas. Na Conjuração Baiana, a participação de populares, como escravizadas e ex-escravizadas, foi muito intensa.



TROCAR IDEIAS E REGISTRAR NO CADERNO

1. De acordo com o texto “Outros republicanos também lutaram”, copie em seu caderno as alternativas corretas.
 - a) Diante da sua luta pela liberdade e independência do Brasil, o mineiro Tiradentes é um herói nacional.
 - b) Existem outros republicanos, além de Tiradentes, que lutaram e foram condenados durante o período colonial brasileiro.
 - c) Propostas de mudanças para as pessoas escravizadas faziam parte do plano dos inconfidentes mineiros.
 - d) O tratamento mais respeitoso com as pessoas escravizadas era um dos pontos defendidos pelos conjurados baianos.
2. As propostas de mudanças sociais dos conjurados baianos eram mais radicais que as apresentadas pelos inconfidentes mineiros. Justifique essa afirmativa com informações retiradas do texto. Escreva-as no caderno. Os inconfidentes pretendiam proclamar uma república e tornar a capitania de Minas independente da metrópole. Entretanto, não havia entre eles a intenção de abolir a escravidão. Já os conjurados baianos incluíam entre suas propostas o fim da escravidão dos africanos.

A RESISTÊNCIA CONTRA O DOMÍNIO PORTUGUÊS E A CONSOLIDAÇÃO DA INDEPENDÊNCIA DO BRASIL



LER E COMENTAR

Os movimentos da Inconfidência Mineira e da Conjuração Baiana são exemplos da força separatista do período. A ideia da separação e da luta contra o domínio metropolitano português crescia de forma constante entre o povo.

Em 7 de setembro de 1822, a independência do Brasil foi declarada por Dom Pedro II, herdeiro do poder português. Apesar disso, diversas lutas que vinham sendo travadas no território baiano desde 25 de junho daquele ano se mantiveram.

Somente em 2 de julho de 1823, as tropas brasileiras expulsaram as tropas portuguesas da Bahia. Foi quando afinal se consolidou a independência baiana e também a brasileira.

O 2 de julho de 1823, portanto, é também reconhecido como a data de independência da Bahia e consolidação da independência brasileira.



“O Primeiro Passo para a Independência da Bahia” (1931), obra de Antônio Parreiras, óleo sobre tela.

Um intenso e crescente sentimento de antilusitanismo era observado naquele contexto na região. A luta contra o domínio português foi marcada pela participação e resistência popular, com pessoas indígenas, pessoas negras escravizadas ou libertas e mulheres.

125

Sugestões de leitura

FARIA, Lázaro. **2 de julho**: a guerra da independência do Brasil. Salvador: Casa de Cinema da Bahia, 2011.

FRANÇA, Antônio D'Oliveira Pinto da; FERNANDES, Neusa Maria; CASTRO, Vera Lúcia Pereira. **Cartas baianas, 1821-1824**: subsídios para o estudo dos problemas da opção na independência brasileira. São Paulo: Companhia Nacional; Rio de Janeiro: Núcleo Editorial da UERJ, 1980. (Brasiliana, v. 372).

GUERRA FILHO, Sérgio Armando Diniz. Dois de Julho: Festas de Caboclo e Cabocla e a Guerra de Independência na Bahia. **Em Tempo de Histórias**, v. 1, n. 40, 2022. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/emtempos/article/view/43986>. Acesso em: 6 set. 2025.

GUERRA FILHO, Sérgio Armando Diniz. **O Povo e a Guerra**: Participação das Camadas Populares nas Lutas pela Independência do Brasil na Bahia. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade Filosofia e Ciências Humanas, UFBA, Salvador, 2004.

PESTANA, Maurício. **Dois de Julho**: a Bahia na independência do Brasil. Salvador: Fundação Pedro Calmon, 2013.

PORTO FILHO, Ubaldo Marques. **2 de julho**: Independência da Bahia e do Brasil. 2. ed. Salvador: Casa de Cultura Carolina Taboada, 2016.

SANTOS, Joel Rufino dos. **O dia em que o povo ganhou**. São Paulo: Círculo do Livro, 1983.

Orientações metodológicas

Em aula dialogada, procure sondar o conhecimento prévio da turma em relação ao 2 de julho ou ao 7 de setembro como datas relacionadas à independência da Bahia e do Brasil. É importante que percebam o papel da consolidação das batalhas na independência da Bahia que consolidaram a independência nacional.

Apresente outros exemplos e destaque o papel das mulheres, inclusive de Maria Filipa, que participaram de batalhas. Fale também sobre a população negra e indígena. Explore a imagem do monumento, recapitulando com a turma os conteúdos já abordados e os conceitos de memória e de fontes históricas.

(EF05HI02) Identificar os mecanismos de organização do poder político com vistas à compreensão da ideia de Estado e/ou de outras formas de ordenação social.

(EF05HI04) Associar a noção de cidadania com os princípios de respeito à diversidade, à pluralidade e aos direitos humanos.

(EF05HI05) Associar o conceito de cidadania à conquista de direitos dos povos e das sociedades, compreendendo-o como conquista histórica.

Orientações metodológicas

Explore a tabela e as atividades com os(as) estudantes, promovendo uma reflexão sobre a cobrança de impostos na atualidade. Solicite que pesquisem dados atualizados sobre o assunto.

Explique aos(as) estudantes que, quando terminarem de escrever a resposta, os valores já serão outros, pois a atualização é feita rapidamente. Reflita com eles que isso é um indício da quantidade e da velocidade em que se dá a arrecadação de impostos.

Lembre à turma de que todas as empresas que produzem, transportam, prestam serviços ou comercializam algum produto pagam impostos. Esse valor que é pago aos cofres públicos é repassado para o preço dos produtos e serviços prestados pela empresa. O consumidor final, por sua vez, paga o que o produto vale em si mesmo, acrescido dos impostos cobrados pelo governo.

Você poderá favorecer o letramento matemático trabalhando de forma interdisciplinar, com o desenvolvimento das seguintes habilidades da Matemática: **(EF05MA24)** Interpretar dados estatísticos apresentados em textos, tabelas e gráficos (colunas ou linhas), referentes a outras áreas do conhecimento ou a outros contextos, como saúde e trânsito, e produzir textos com o objetivo de sintetizar conclusões; **(EF05MA25)** Realizar pesquisa envolvendo variáveis categóricas e numéricas, organizar dados coletados por meio de tabelas, gráficos de colunas, pictóricos e de linhas, com e sem uso de tecnologias digitais, e apresentar texto escrito sobre a finalidade da pesquisa e a síntese dos resultados.



Monumento ao 2 de Julho, Largo do Campo Grande, Salvador, Bahia, 2018.

O monumento, erguido em 1985, é um dos muitos que celebram a memória da participação popular no 2 de julho, nesse caso, por meio dos indígenas, que foram escolhidos para representar o povo na luta pela independência nesse monumento. É uma homenagem à participação indígena. Outros monumentos na Bahia homenageiam pessoas como Maria Quitéria, uma mulher que lutou vestida de soldado. Nessa data também se costuma promover cortejos comemorativos em Salvador e em diferentes cidades baianas.



TROCAR IDEIAS O dia 2 de julho de 1823 é considerado a data de independência da Bahia e a consolidação da independência do Brasil, proclamada em 7 de setembro de 1822.

1. Que relação há entre o 2 de julho e a independência do Brasil? —
2. Qual foi a participação popular nos eventos e batalhas? Dê exemplos.

Vários conflitos e batalhas ocorreram entre 1822 e 1823 na Bahia, com ampla participação popular, incluindo mulheres, pessoas indígenas, pessoas escravizadas e libertas.



TROCAR IDEIAS E REGISTRAR NO CADERNO

- Como os monumentos analisados remetem à memória do 2 de julho? Escreva um comentário no caderno.

Resposta pessoal. Espera-se que percebam que o monumento representa uma homenagem à participação de pessoas indígenas e é uma alusão à data 2 de julho.

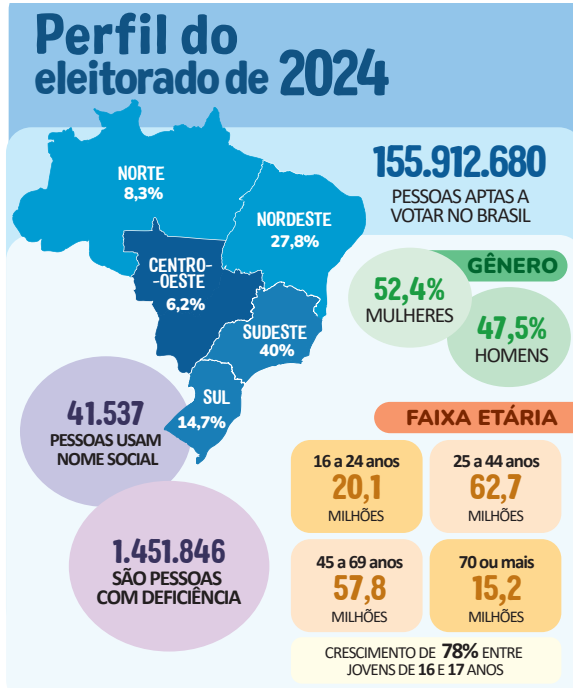
126



LER E COMENTAR

Na atualidade, vivemos em um sistema republicano com direito ao voto. As pessoas representantes do Poder Executivo nos níveis municipal, estadual ou federal são escolhidos diretamente pela população.

Veja alguns dados sobre as eleitoras e os eleitores brasileiros segundo o Tribunal Superior Eleitoral.



TSE, 2024.

- Tendo por base os dados sobre as eleitoras e os eleitores brasileiros em 2024 apresentados na imagem, responda no caderno:
 - Os eleitores brasileiros, em sua maioria, são homens ou mulheres? **Mulheres.**
 - Em qual faixa etária está concentrado o maior número de eleitores ou eleitoras? **Na faixa de 35 a 39 anos.**

127

representantes do poder Executivo e a responsabilidade deste ato. Deixe que expressem o que pensam e o que sabem sobre o assunto, solicite que leiam para os familiares os dados da tabela e que registrem no caderno um comentário conclusivo sobre o assunto trabalhado.

Oriente a leitura dos textos, explorando os termos novos e a imagem. Destacamos também a importância de elucidar os conceitos apresentados.

Orientações metodológicas

Comente com a turma que vivemos em um sistema republicano em que há o direito de voto de forma universal. Há divisão de poderes (Executivo, Legislativo e Judiciário). Assim, a população participa ativamente da escolha de seus representantes. No Período Colonial, a divisão administrativa tinha outras características, e o povo não participava do processo político como um todo.

Você poderá favorecer o letramento matemático trabalhando de forma interdisciplinar, com o desenvolvimento das seguintes habilidades da Matemática: **(EF05MA24)** Interpretar dados estatísticos apresentados em textos, tabelas e gráficos (colunas ou linhas), referentes a outras áreas do conhecimento ou a outros contextos, como saúde e trânsito, e produzir textos com o objetivo de sintetizar conclusões; **(EF05MA25)** Realizar pesquisa envolvendo variáveis categóricas e numéricas, organizar dados coletados por meio de tabelas, gráficos de colunas, pictóricos e de linhas, com e sem uso de tecnologias digitais, e apresentar texto escrito sobre a finalidade da pesquisa e a síntese dos resultados.

Solicite a análise dos dados sobre o perfil do eleitorado no Brasil em 2024. Em roda de conversa procure relacionar o processo de eleição ao sistema representativo adotado no Brasil. Saliente com os(as) estudantes a importância do ato de votar e escolher os

Conclusão do capítulo 6

Os(As) estudantes tiveram a oportunidade de aprender e ampliar seus conhecimentos acerca do processo de colonização do Brasil pelos portugueses, da extração do ouro, do movimento da Inconfidência Mineira e outros movimentos contra o governo metropolitano português.

Salientamos a importância de acompanhar o desenvolvimento das crianças quanto à aquisição de conhecimentos e habilidades relacionados aos conceitos trabalhados no capítulo, sempre atentando à sua contextualização no tempo e no espaço, requisitos para a compreensão do conteúdo de História. É importante também perceber o desenvolvimento das habilidades relacionadas ao domínio da Língua Portuguesa. Para isso, atente às atividades realizadas e à participação dos(as) estudantes, observando aspectos como os registros escritos, o ritmo e a entonação na leitura oral, a compreensão das informações lidas (compreensão de texto), entre outros. Releia e tenha como referência as habilidades da BNCC da Língua Portuguesa dispostas na abertura de cada unidade.

Lembre-se de realizar a constante observação, o registro, o acompanhamento e a reflexão do desempenho de cada estudante e da turma. Você poderá utilizar as atividades da seção "Para rever" para realizar uma revisão coletiva. A partir dela, anote as dúvidas e outras informações relevantes sobre o conteúdo trabalhado, com o objetivo de mapear o desempenho de todos.

Procure perceber o que aprenderam, além das dificuldades. Caso seja necessário, elabore outras estratégias complementares individuais, direcionadas à turma ou a grupos específicos de estudantes.

Liste os objetivos não atingidos ou atingidos parcialmente pela turma. Faça um diagrama contendo informações gerais sobre o desenvolvimento das crianças e observações acerca de conteúdos em que haja dúvidas, fragilidades ou equívocos. Você deve considerar alguns aspectos:

- Identificar os conceitos pouco compreendidos pelo grupo.
- Rever as ações pedagógicas implementadas.
- Estabelecer e implementar novas ações com vistas a atender aos objetivos iniciais ou a novos objetivos que surgiram no processo.
- Particularidades a serem atendidas no novo planejamento (buscar atender de forma individual dentro do coletivo).

Para o sucesso do aprendizado das crianças, é importante que você observe as orientações sobre avaliação formativa, o quadro de habilidades e conteúdos conceituais para este capítulo (disposto ao final do livro), assim como os aspectos descritos no quadro com competências, conteúdos procedimentais e atitudinais que devem ser seguidos durante o ano escolar.

2. De acordo com as orientações da professora (ou professor), discuta com a turma a seguinte questão e responda no caderno:
 - ▷ Existem relações de semelhança e/ou diferença entre as formas como os governantes são escolhidos no Brasil atual e durante o período colonial?
Respostas pessoais. Espera-se que percebam as diferenças.
3. Leia a seguir um fragmento de reportagem e troque ideias com os colegas.

Material escolar: saiba quanto você paga de imposto por item da lista

Hoje, 51,7% do preço da caneta correspondem a carga tributária

[...] Apesar da alta carga tributária dos materiais escolares, na média, houve uma leve redução das taxas de impostos no último ano, devido a algumas desonerações. Comparando com 2024, a caneta permaneceu como o item com maior tributação.

Veja ranking do peso do imposto

Caneta – 51,7%	Borracha escolar – 39,52%
Réguas – 43,91%	Fichário – 38,97%
Agenda escolar – 42,34%	Folhas para fichário – 37,77%
Pastas plásticas – 41,68%	Caderno universitário – 34,58%
Tesoura escolar – 41,47%	Papel carbono – 33,93%
Pastas em geral – 41,2%	Papel sulfite – 26,42%
Lancheiras – 40,72%	Papel pardo – 26,9%
Apontador – 39,52%	Livro escolar – 15,55%

MATERIAL escolar: saiba quanto você paga de imposto por item da lista. **Extra**, Rio de Janeiro, 23 jan. 2025. Disponível em: <https://extra.globo.com/economia/noticia/2025/01/material-escolar-saiba-quanto-voce-paga-de-imposto-por-item-da-lista.ghtml>. Acesso em: 23 jan. 2025.

- A. Em que ano foi escrita a reportagem cujo fragmento você leu acima?
2019.
- B. Qual o tema tratado no texto? **A elevada taxa de impostos paga no Brasil.**
- C. Quando a taxa de impostos é muito elevada, o preço dos produtos adquiridos também é elevado. Você sabe por que isso acontece? De acordo com as orientações da professora (ou professor), discuta a questão com os colegas. Registre as ideias da turma no caderno.
Resposta pessoal.



INFOGRÁFICO

128

- D. Qual dos itens possui a menor carga de imposto? **Livro escolar.**
 - E. Apenas os materiais escolares têm cargas de impostos? Quais outros produtos você consome que têm impostos embutidos nos preços?
 - F. O fragmento de reportagem que você leu demonstra como em nossos dias existem altas taxas de impostos sendo cobradas. Em outros momentos da história do Brasil aconteceu algo semelhante? Justifique sua resposta. **Sim. No período colonial houve cobrança exorbitante de impostos.**
4. Dos movimentos estudados no capítulo, qual deles relacionava-se ao pagamento de impostos? **A Revolta de Felipe dos Santos e a Inconfidência Mineira.**
 5. Por que as pessoas pagam impostos? **O governo deve utilizar o pagamento dos impostos para a manutenção de suas atividades e de áreas como Educação, Saúde, etc.**
 6. Na sua opinião, por que alguns produtos têm mais impostos a pagar do que outros? **Resposta pessoal.**

Espera-se que percebam que todos os produtos que compramos têm carga de impostos.

Elaboramos dois quadros (final do livro) para o processo de acompanhamento sob a perspectiva da avaliação formativa. Constituem-se, esses quadros, de fichas de registro, identificação, recolha, avaliação, que dizem respeito ao processo de desenvolvimento ou itinerário de cada estudante e da turma. Neles, consideram-se conteúdos aprendidos, ampliação de conhecimentos, fragilidades, dúvidas e conquistas ou progressos ocorridos. Cada estudante deve ser observado(a) tanto de forma particular quanto no processo de desenvolvimento do seu grupo ou turma. Aliado a isso, a ficha fornece sugestões a partir das quais você poderá refletir sobre seu trabalho na disciplina — você pode também modificá-la, adaptando-a a suas necessidades.



INVESTIGAR

1. Pesquise em *sites* da internet os valores relativos aos impostos no Brasil no ano anterior.
2. Em seguida, copie o quadro no caderno, completando-o com os resultados.

IMPOSTOS PAGOS NO BRASIL 2026	VALOR
Por segundo	
Por minuto	
Por hora	
Por dia	
Por mês	
Total anual	



Oriente os estudantes a clicar no ícone de **Objeto Digital**, presente no Livro Digital do Estudante, para explorar um infográfico com o tema: **IMPOSTOS E NOTA FISCAL**.

3. De acordo com a orientação da professora (ou professor), discuta com os colegas a seguinte questão:

O governo brasileiro recebe impostos e, em contrapartida, mantém serviços públicos de saúde, educação, segurança, abertura e manutenção de estradas, entre outros. É muito comum ouvirmos a seguinte crítica: “O volume de impostos cobrados é muito alto se comparado à qualidade dos serviços públicos oferecidos à população”.

- ▷ Essa crítica está correta? Anote suas conclusões no caderno.



PARA REVER

Resposta pessoal. Espera-se que reconheçam os objetivos da recolha de impostos na atualidade que devem ser destinados às políticas públicas (educação, saúde, etc) e à manutenção dos serviços públicos.

1. Leia o texto.

Tiradentes é um exemplo de como heróis são construídos

Bernardo Nairim, 6 mar. 2018

A trajetória de um dos líderes da Inconfidência Mineira caiu sob medida para um Brasil que tentava consolidar sua república

Entre tantos personagens históricos brasileiros, a figura, ou pelo menos o nome, de Tiradentes talvez seja a mais conhecida entre a população brasileira. Afinal, ninguém mais possui um feriado nacional em homenagem a sua morte. Mas o que tornou Joaquim José da Silva Xavier tão importante?

Para começar, precisamos deixar claro que ninguém simplesmente nasce um herói. São as ações realizadas em prol de uma causa que transformam uma pessoa comum em um personagem histórico digno de lembrança e homenagens. No caso de Tiradentes, mais do que a sua participação na Inconfidência Mineira, foi o fato de ter sido o único punido com a morte que o colocou visível aos olhos da história. Muitas outras pessoas participaram da conspiração contra a Coroa Portuguesa, mas, como não morreram em defesa dessa ideia, raramente são lembrados.

BERNARDO, Nairim. Tiradentes é um exemplo de como heróis são construídos. *Nova Escola*, [São Paulo], 6 mar. 2018. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/4915/tiradentes-e-um-exemplo-de-como-herois-sao-construidos>. Acesso em: 15 jul. 2025.

2. Por que Tiradentes tornou-se um personagem presente na memória do povo brasileiro? *Porque a memória dele foi construída pelos republicanos com objetivos políticos.*
3. Na sua opinião, a Inconfidência Mineira continua presente na história brasileira atual? Justifique. *Oriente a turma na pesquisa e discuta com ela os resultados.*
4. Comente no caderno esta parte de uma frase citada no texto: “ninguém simplesmente nasce herói”. *O(A) estudante deve ser capaz de perceber e problematizar o fato que a memória da Inconfidência Mineira continua a ser atualizada, e que Tiradentes, considerado símbolo do movimento, permanece como herói nacional.*



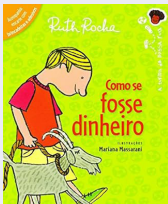
PARA SABER MAIS

MUNDURUKU, Daniel. **O segredo da chuva**. São Paulo: Editora Ática, 2021. Obra aprovada no PNLD 2023.

O livro narra a aventura de Lua, um menino indígena que tenta salvar sua aldeia com a ajuda de três animais. A história transmite valores como coragem, amizade e respeito à natureza. Vamos conhecer essa história?



Divulgação



Divulgação

ROCHA, Ruth. **Como se fosse dinheiro**. São Paulo: Editora Salamandra, 2010.

Nessa história, você vai conhecer Catapimba, que, ao comprar lanche na cantina, recebia balas como troco. “Será que isso é correto?”, pensava ele. Descubra a ideia que Catapimba teve para resolver essa situação, aprenda sobre pagamentos, dinheiro e divirta-se!

Sites

IBGEEDUCA. **Pesquisa de Orçamentos Familiares**: com o que gasta a família brasileira? IBGE, Governo Federal, 22 out. 2024. Disponível em: <https://educa.ibge.gov.br/jovens/materias-especiais/22457-pesquisa-de-orcamentos-familiares-com-o-que-gasta-a-familia-brasileira.html>. Acesso em: 30 set. 2025.

Conheça a Pesquisa de Orçamentos Familiares (POF), do IBGE, que analisa como as famílias gastam seu dinheiro com bens e serviços. Vamos aprender mais sobre os gastos das famílias brasileiras?

PLENARINHO. **Cordel**: Patrimônio Cultural Imaterial Brasileiro. Câmara dos Deputados, 24 set. 2018. Disponível em: <https://plenarinho.leg.br/index.php/2018/09/cordel-patrimonio-cultural-imaterial-brasileiro/>. Acesso em: 30 set. 2025.

O artigo fala sobre a Literatura de Cordel, explicando o que é, como surgiu e suas principais características. Aborda também a técnica da xilogravura, usada para ilustrar folhetos. Você vai aprender mais sobre o cordel que é reconhecido como Patrimônio Cultural Imaterial Brasileiro desde 2018!

Avaliação somativa

Acreditamos em uma avaliação constante que acompanhe todo o processo de ensino e aprendizagem, ora numa perspectiva diagnóstica, ora quantificando o que é aprendido. Nessa perspectiva, tudo e todos são avaliados. É importante ir além do conteúdo da própria disciplina e promover, e acompanhar, o desenvolvimento de qualidades inerentes ao ser humano, tais como respeito, comprometimento, solidariedade, bons hábitos e atitudes que contribuam para o crescimento pessoal e convívio social.

As questões propostas na seção "O que aprendi" abordam conteúdos e habilidades desenvolvidos nos diferentes capítulos, e você, professor(a), a partir dos critérios avaliativos de sua escola, poderá quantificar os resultados, atribuindo-lhes valoração. Entretanto, mais importante que atribuir uma "nota" é a possibilidade de usar mais um instrumento de avaliação para identificar o nível de aprendizagem alcançado pelo(a) estudante ao final dessa etapa de ensino.

Use os dados coletados na avaliação somativa e outras observações realizadas para compor a avaliação de final de ano dos(as) estudantes. Esses dados, a ser discutidos no conselho de classe, poderão subsidiar o planejamento da próxima etapa de estudos com vistas à continuidade do processo de ensino-aprendizagem.

O QUE APRENDI

Use o seu caderno para anotar as respostas!



Bruna Ishihara

1. Observe a imagem e responda:



Luciano Queiroz | Polícar Imagens

Pinturas rupestres no Sítio Arqueológico Toca do Boqueirão da Pedra Furada, Parque Nacional da Serra da Capivara, Coronel José Dias, Piauí, 2024.

- A. Que nome é dado a essas representações? **Pinturas rupestres.**
 - B. Essa imagem pode ser considerada um documento histórico? Justifique. **Sim. Quando utilizadas por um historiador para pesquisar o passado, são fontes históricas, por exemplo. Todas as pessoas que se interessarem por ela podem torná-la objeto de estudo e pesquisa.**
2. Copie no caderno a opção correta:
 - a) Os meios de comunicação são invenções recentes, surgiram na pré-história.
 - b) Os seres humanos possuem uma única forma de comunicação.
 - c) Os registros gráficos nas rochas, deixados há milhares de anos, tinham o objetivo de ensinar as crianças daquele período.
 - d) Os registros gráficos nas rochas, assim como os símbolos nos papiros antigos, são uma forma de comunicação.**

3. Analise a imagem e copie a opção correta:



Gerson Gerloff | Pulsar Imagens

Sítio Arqueológico de São Miguel das Missões, Rio Grande do Sul, 2023.

- a) É uma fonte imaterial.
 - b) Refere-se à pré-história.
 - c) Representa um casario colonial.
 - d) Fotografia de um bem material.**
4. Copie a opção correta:
- a) Libras, Língua Brasileira de Sinais, é uma língua utilizada com códigos impressos no papel.
 - b) A Libras não é considerada uma língua formal.
 - c) A Libras não possui estrutura linguística formal.
 - d) A Libras é adotada como disciplina curricular.**
5. Analise a imagem. De acordo com a tipologia das fontes históricas, podemos afirmar:
- a) Os jornais não são fontes históricas.
 - b) Os jornais são fontes apenas sobre o passado.
 - c) Os jornais são fontes escritas que não falam sobre o presente.
 - d) Os jornais impressos são fontes escritas.**



Rubem Filho

6. Leia as palavras do quadro e copie no caderno a opção correta.

Hieróglifos

Cuneiforme

Revolução

- a) Não se referem à escrita.
b) Referem-se apenas aos sinais gráficos.
c) Referem-se aos sinais gráficos, à escrita e ao impacto do seu desenvolvimento.
d) Referem-se à escrita na atualidade.
7. Encontre a palavra secreta e copie a alternativa correta.

ETDOUMNOC

Documento.

- a) As fontes históricas são apenas esculturas, fotos e documentos visuais.
b) As fontes históricas são apenas documentos escritos, oficiais e familiares.
c) As fontes históricas são documentos que não servem ao trabalho do historiador.
d) As fontes históricas são registros ou vestígios utilizados para a pesquisa histórica.
8. Analise a imagem.



Fernando de Noronha, Pernambuco, 2020.

Podemos afirmar que este é um patrimônio natural ou um patrimônio cultural? Justifique no caderno. [Um patrimônio natural brasileiro.](#)

9. Na sua opinião, a preservação dos sítios arqueológicos está relacionada apenas ao trabalho dos(as) arqueólogos(as)? Justifique. *Resposta pessoal.*
10. Copie a opção que complementa corretamente a frase:
Os // são um patrimônio da época colonial.
- a) casarões coloniais
b) locais com inscrições rupestres
c) fósseis
d) grutas e lapas
11. Analise a imagem.



tetrakys / Creative Commons

Cerâmica Tupi-Guarani, Museu da UFRGS, Porto Alegre, Rio Grande do sul, 2013.

- A. Qual a relação entre os objetos representados na imagem e a arqueologia? *São documentos ou fontes para a pesquisa arqueológica.*
- B. Qual a utilidade provável que os artefatos representados tinham na pré-história? *Eram utilizados como utensílios para armazenar grãos e objetos.*
- C. Objetos como os representados na imagem continuam a ser utilizados no presente? *Utensílios semelhantes são utilizados até hoje com funções parecidas, como vaso para plantas e objetos de ornamentação.*
12. Relacione a organização das primeiras comunidades formadas no Egito Antigo à agricultura e ao rio Nilo.
O rio Nilo foi um dos mais significativos elementos para o desenvolvimento da agricultura pelas primeiras comunidades no Egito antigo e a sua fixação nesse espaço geográfico.

13. Explique a afirmação:

“Nossa história não se inicia com a chegada dos portugueses em 1500.”

As terras do território onde localiza-se atualmente o território americano já eram habitadas por povos há milhares de anos, supõe-se que há mais de 30 000 anos, ou seja, quando os portugueses chegaram, o território já era ocupado.

14. Com que objetivo foi instalada a administração portuguesa na capitania das Minas? *Resposta pessoal. Espera-se que o(a) estudante reconheça a instalação da administração portuguesa na colônia visando à exploração do ouro na capitania de Minas.*
15. Observe a imagem e leia a legenda. Que movimento contrário ao governo metropolitano português ocorreu nessa cidade? *Inconfidência Mineira.*



Ouro Preto, Minas Gerais, Brasil, 2023.

16. Copie no caderno a afirmativa verdadeira.
- a) O governo-geral era o sistema administrativo relativo às terras espanholas.
 - b) Os jesuítas não foram os primeiros governadores-gerais.
 - c) Tomé de Souza era contrário à escravização de pessoas africanas.
 - d) O governo-geral era idêntico ao sistema das capitanias hereditárias.

17. Relacione as palavras do quadro com as afirmativas a seguir. Copie-as no caderno.

Conjuração baiana

Inconfidência mineira

- a. Movimento com participação de pessoas pobres. [Conjuração baiana.](#)
 - b. Ocorreu em Vila Rica. [Inconfidência Mineira.](#)
 - c. Movimento com a participação de funcionários públicos, poetas e outros. [Inconfidência Mineira.](#)
 - d. Movimento com objetivo de abolir a escravidão. [Conjuração baiana.](#)
18. Sobre a Inconfidência Mineira, podemos afirmar:
- a) Movimento que tentou melhorar o controle dos bens pelo governo metropolitano.
 - b) Movimento que visava a libertar Minas Gerais do domínio português.
 - c) Movimento que ocorreu no Período Imperial, quando a família real foi deposta em 1808.
 - d) Não foi descoberto e, por isso, foi um movimento vitorioso.
19. O dia 21 de abril é feriado nacional, ou seja, um feriado decretado pelo governo federal para todo o território brasileiro. Copie a opção que NÃO se relaciona à decretação de feriados como esse.
- a) Memória nacional.
 - b) História nacional.
 - c) Em comemoração aos ideais da Inconfidência Mineira.
 - d) Homenagem à colonização portuguesa.

Estamos encerrando nosso estudo este ano.
Esperamos que você tenha gostado de estudar e saber mais sobre História.
Entre outras coisas, você aprendeu que é também um agente da História e que há muitos modos de viver e pensar.



Bruna Ishihara



REFERÊNCIAS

- ABREU, Regina; PEIXOTO, Paulo. Construindo políticas patrimoniais: reflexões em torno dos 10 anos da Convenção do Patrimônio Cultural Imaterial. **e-cadernos CES**, n. 21, 2014. Disponível em: <https://journals.openedition.org/eces/1740>. Acesso em: 21 ago. 2025.
- ALENCAR, Lucas. A tradição do queijo minas artesanal. **Globo Rural**, 22 jul. 2015. Disponível em: <https://revistagloborural.globo.com/Noticias/Cultura/noticia/2015/07/tradicao-do-queijo-minas-artesanal.html>. Acesso em: 30 abr. 2025.
- AZEVEDO NETTO, Carlos Xavier de. Preservação do patrimônio arqueológico: reflexões através do registro e transferência da informação. **Ciência da Informação**, Brasília, DF, v. 37, n. 3, p. 7-17, set./dez. 2008.
- BAKOS, Margareth Marchiori. **Visões modernas do Egito Antigo**: a egiptomania. In: FUNARI, Pedro Paulo A.; SILVA, Glaydson José da; MARTINS, Adilton Luis (org.). *História antiga: contribuições brasileiras*. São Paulo: Annablume: FAPESP, 2008. p. 23-24.
- BAKOS, Margaret M. **Fatos e mitos do Antigo Egito**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1994. p. 57-58.
- BARROS, Francisco Borges de. **Os Confederados do Partido da Liberdade**: subsídios para a história da Conjuração Bahiana de 1798-1799. Salvador: Imprensa Oficial do Estado, 1922.
- BATISTA JÚNIOR, José Ribamar Lopes. **Pesquisas em educação inclusiva**: questões teóricas e metodológicas. Recife: Pipa Comunicação, 2016. E-book. Disponível em: <https://proinclusao.ufc.br/wp-content/uploads/2017/10/pesquisas-em-educacao-inclusiva.pdf>. Acesso em: 3 out 2025.
- BERNARDO, Nairim. Tiradentes é um exemplo de como heróis são construídos. **Nova Escola**, [São Paulo], 6 mar. 2018. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/4915/tiradentes-e-um-exemplo-de-como-herois-sao-construidos>. Acesso em: 15 jul. 2025.
- BIEHL, Luciano Volcanoglo. **A ciência ontem, hoje e sempre**. Porto Alegre: Editora ULBRA, 2003.
- BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Presidência da República, 1988. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 4 out. 2025.
- BUCO, Cristiane de Andrade. **Sítios arqueológicos brasileiros**. Santos, SP: Editoria Brasileira de Arte e Cultura; Brasília, DF: UNESCO Office Brasília, 2014.
- BUENO, Beatriz Piccolotto Siqueira. Decifrando mapas: sobre o conceito de território e suas vinculações com a cartografia. **Anais do Museu Paulista**, São Paulo, v. 12, n. 1, p. 193-234, jan./dez. 2004. p. 229.
- CANHÃO, Telo Ferreira. **O calendário egípcio**. Cultura, v. 23, 2006. Disponível em: <https://journals.openedition.org/cultura/1296>. Acesso em: 12 jul. 2025. (Adaptado para fins didáticos.)
- CASTRO, Vanessa. Conheça 23 patrimônios da humanidade que ficam no Brasil. **Ministério do Turismo**. Brasília, DF, 28 jan. 2022. Disponível em: <https://www.gov.br/turismo/pt-br/assuntos/noticias/patrimonios-da-humanidade-no-brasil-23-lugares-que-todo-mundo-deveria-conhecer>. Acesso em: 20 out. 2025.
- CHARTIER, Roger. **A aventura do livro: do leitor ao navegador – conversações com Jean Lebrun**. Tradução: Reginaldo Carmello Corrêa de Moraes. São Paulo: Editora UNESP: Imprensa Oficial, 1998.
- COSTA, Gilberto. Unesco reconhece queijo minas artesanal como patrimônio imaterial. **Agência Brasil**, Brasília, DF, 4 dez. 2014. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/cultura/noticia/2014-12/unesco-reconhece-queijo-minas-artesanal-como-patrimonio-imaterial>. Acesso em: 30 abr. 2025.
- DAMÁZIO, Mirlene Ferreira Macedo. **Atendimento educacional especializado**: pessoas com surdez. Brasília, DF: SEESP: SEED: MEC, 2007.
- DEBLASIS, Paulo Antônio Dantas. **Os sambaquis vistos através de um sambaqui**. 2005. 138 f. Monografia (Livre Docência em Arqueologia) – Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.
- DEBLASIS, Paulo Antônio Dantas et al. Sambaquis e paisagem: dinâmica natural e arqueologia regional no litoral do sul do Brasil. **Arqueologia Suramericana/Arqueologia Sul-Americana**, v. 3, n. 1, p. 29-61, jan. 2007.
- DEMARCAÇÃO de terras indígenas reduziu o desmatamento na Amazônia, diz estudo. **G1**, [São Paulo], 12 ago. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/natureza/noticia/2020/08/12/demarcacao-de-terras-indigenas-reduziu-o-desmatamento-na-amazonia-diz-estudo.ghtml>. Acesso em: 20 out. 2025.
- DIA do Frevo: saiba como ritmo surgiu há 118 anos e veja onde comemorar data no Recife e em Olinda. **G1 Pernambuco**, [Recife], 9 fev. 2025. Disponível em: <https://g1.globo.com/pe/pernambuco/carnaval/2025/noticia/2025/02/09/dia-do-frevo-saiba-como-ritmo-surgiu-ha-118-anos-e-veja-onde-comemorar-data-no-recife-e-em-olinda.ghtml>. Acesso em: 15 jul. 2025.
- ELTAHIR, Nafisa. Egito anuncia descoberta de primeira tumba faraônica em mais de 100 anos. **CNN Brasil**, Cairo, 19 fev. 2025. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/egito-anuncia-descoberta-de-primeira-tumba-faraonica-em-mais-de-100-anos/>. Acesso em: 12 ago. 2025.
- ESPECIAL demarcação: MPF intensifica mobilização em defesa das terras indígenas. **Procuradoria Geral da República**. Brasília, DF, 15 abr. 2013. Disponível em: <http://www.mpf.mp.br/pgpr/noticias-pgr/especial-demarcacao-1-mpf-intensifica-mobilizacao-nacional-em-defesa-das-terras-indigenas>. Acesso em: 18 ago. 2025.

FONTANETTO, Renata. Como a preservação de terras indígenas pode ajudar o clima. **Invivo**, [s. l.], 21 nov. 2024. Disponível em: <https://www.invivo.fiocruz.br/sustentabilidade/como-a-preservacao-de-terras-indigenas-pode-ajudar-o-clima/>. Acesso em: 12 jul. 2025.

FUNARI, Pedro Paulo A.; SILVA, Glaydson José da; MARTINS, Adilton Luís (org.). **História antiga**: contribuições brasileiras. São Paulo: Annablume: FAPESP, 2008.

FUNARI, Raquel dos Santos. **Imagens do Egito Antigo**: um estudo de representações históricas. 2004. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004.

GASPAR, Madu. **A arte rupestre no Brasil**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003. (Coleção Descobrir o Brasil).

IBGE revela que Brasil tem 163,8 milhões de pessoas com aparelho de telefone celular. **Estadão Conteúdo**, Rio de Janeiro, 16 ago. 2024. Disponível em: <https://economia.uol.com.br/noticias/estadao-conteudo/2024/08/16/ibge-revela-que-brasil-tem-1638-milhoes-de-pessoas-com-aparelho-de-telefone-celular.htm>. Acesso em: 3 out. 2025.

KETTLE, Wesley. A importância dos povos indígenas para a preservação da natureza. **Museu de Astronomia e Ciências Afins – MAST**, [Rio de Janeiro], 19 abr. 2023. Disponível em: <https://www.gov.br/mast/pt-br/assuntos/noticias/2023/abril/a-importancia-dos-povos-indigenas-para-a-preservacao-da-natureza>. Acesso em: 12 jul. 2025.

LABOISSIÈRE, Paula. Número de lares urbanos com internet passou de 13% para 85% em 20 anos. **Agência Brasil**, Brasília, DF, 31 out. 2024. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2024-10/numero-de-lares-urbanos-com-internet-passou-de-13-para-85-em-20-anos>. Acesso em: 3 out. 2025.

MACEDO, Jorge; BRANT, Ana Clara. Brasilianista participa do fHist e fala de seu mais recente projeto, o livro de Tiradentes. **Estado de Minas**, Diamantina, 22 set. 2013. Disponível em: https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2013/09/22/interna_politica,451747/brasilianista-fa-z-um-mergulho-na-historia-dos-conspiradores-mineiros.shtml. Acesso em 3 out. 2025.

MARCON, Telmo. Fontes orais e escritas: algumas reflexões. **Cadernos do CEOM**, ano 14, n. 12, p. 25-44, jun. 2000. Disponível em: <https://bell.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/rcc/article/viewFile/2127/1216>. Acesso em: 3 out. 2025.

MATERIAL escolar: saiba quanto você paga de imposto por item da lista. **Extra**, Rio de Janeiro, 23 jan. 2025. Disponível em: <https://extra.globo.com/economia/noticia/2025/01/material-escolar-saiba-quanto-voce-paga-de-imposto-por-item-da-lista.ghtml>. Acesso em: 23 jan. 2025.

MORAES, Ligia. Descoberta de “cidade subterrânea” sob pirâmides do Egito divide cientistas. **Veja** [São Paulo], 24 mar. 2025. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/ciencia/descoberta-de-cidade-subterranea-sob-piramides-do-egito-divide-cientistas/>. Acesso em: 15 jul. 2025.

OLIVEIRA JR, Paulo. **Notas sobre a História da agricultura através do tempo**. Rio de Janeiro: FASE/PTA, 1989.

OPPERMANN, Álvaro. Uma pequena ajuda dos deuses no caminho para o outro mundo. **Superinteressante**, [São Paulo], 19 mar. 2011. Disponível em: <https://super.abril.com.br/historia/uma-pequena-ajuda-dos-deuses-no-caminho-para-o-outro-mundo/>. Acesso em: 3 out. 2025.

PATRIMÔNIO imaterial. **IPHAN**. Brasília, DF, c2014. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/234>. Acesso em: 18 ago. 2025.

PEREIRA, Débora. Modo de fazer o queijo minas artesanal virou patrimônio imaterial da humanidade. **Estadão**, [on-line], 4 dez. 2024. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/paladar/so-queijo/modo-de-fazer-o-queijominas-artesanal-virou-patrimonio-imaterial-da-humanidade/>. Acesso em: 30 abr. 2025.

PESQUISA revela que Brasil tem 480 milhões de dispositivos digitais em uso, sendo 2,2 por habitante. **FGV**, [s. l.], 27 jun. 2024. Disponível em: <https://portal.fgv.br/noticias/pesquisa-revela-brasil-tem-480-milhoes-dispositivos-digitais-uso-sendo-22-habitante>. Acesso em: 3 out. 2025.

PIAZZA, WALDOMIRO. **Religiões da humanidade**. 3. ed. São Paulo: Loyola, 1996.

PINTO, Virgílio Noya. **O ouro brasileiro e o comércio anglo-português**: uma contribuição aos estudos da economia atlântica no século XVIII. São Paulo: Ed. Nacional; Brasília: INL/MEC, 1979. (Brasiliiana, 371).

PROUS, André. **O Brasil antes dos brasileiros**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006. LELIS, Amanda; ASSESSORIA DE COMUNICAÇÃO DO INSTITUTO MAMIRAUÁ. Arqueólogos estudam a transição da vida nômade para o sedentarismo. **Jornal da USP**, São Paulo, 25 maio 2017. Disponível em: <https://jornal.usp.br/?p=88396>. Acesso em: 08 out. 2025.

REVISTA “Sala Preta” destaca documentação da história do teatro brasileiro. **Jornal da USP**, São Paulo, 1 fev. 2018. Disponível em: <https://jornal.usp.br/ciencias/ciencias-humanas/revista-sala-preta-destaca-documentacao-da-historia-do-teatro-brasileiro/>. Acesso em: 18 ago. 2025.

SANDIM, Hugo. **Contextualização histórica**: qual a nossa origem? [Material de aula do curso Introdução à Engenharia de Materiais da Escola de Engenharia de Lorena]. São Paulo: Universidade de São Paulo, [entre 2009-2015]. Disponível em: <http://sistemas.eel.usp.br/docentes/arquivos/984972/LOM3018/IEM-Aula1.pdf>. Acesso em: 3 out. 2025.

TSE. Brasil tem mais de 155 milhões de eleitoras e eleitores aptos a votar em 2024. **Tribunal Superior Eleitoral**, [on-line], 22 jul. 2024. Disponível em: <https://www.tse.jus.br/comunicacao/noticias/2024/julho/brasil-tem-mais-de-155-milhoes-de-eleitoras-e-eleitores-aptos-a-votar-em-2024>. Acesso em: 14 jun. 2025.

UNITED STATES DEPARTMENT OF AGRICULTURE. Production - Wheat. **USDA Foreign Agriculture Service**, [2025?]. Disponível em: <https://www.fas.usda.gov/data/production/commodity/0410000>. Acesso em: 7 out. 2025.

VALLE, Maira; PANCETTI, Alessandra. A transformação do mundo pela escrita. **ComCiência**, Campinas, n. 113, 2009. Disponível em: http://comciencia.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-76542009000900002&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 3 out. 2025.

VALVA, Fabrizio D'Ayala; DINIZ-FILHO, José Alexandre Felizola. A trajetória humana. **Canindé: Revista do Museu de Arqueologia de Xingó**, n. 3, p. 59-83, dez. 2003.

VAN DER CRABBEN, Jan. Agricultura no Crescente Fértil e na Mesopotâmia. **World History Encyclopedia**, 22 mar. 2023. Traduzido por Criss Freitas. Disponível em: <https://www.worldhistory.org/trans/pt/2-9/agricultura-no-crescente-fertil-e-na-mesopotamia/>. Acesso em: 13 out. 2025.

Quadros com as habilidades da BNCC e conteúdos aprendidos nos capítulos

Capítulo 1 – Os meios de comunicação e as fontes históricas

Habilidades da BNCC	Quanto aos conhecimentos e objetivos desenvolvidos relacionados às habilidades da BNCC	Sim	Não	Parcialmente
<p>(EF05HI06) Comparar o uso de diferentes linguagens e tecnologias no processo de comunicação e avaliar os significados sociais, políticos e culturais atribuídos a elas.</p> <p>(EF05HI07) Identificar os processos de produção, hierarquização e difusão dos marcos de memória e discutir a presença e/ou a ausência de diferentes grupos que compõem a sociedade na nomeação desses marcos de memória.</p> <p>(EF05HI08) Identificar formas de marcação da passagem do tempo em distintas sociedades, incluindo os povos indígenas originários e os povos africanos.</p> <p>(EF05HI09) Comparar pontos de vista sobre temas que impactam a vida cotidiana no tempo presente, por meio do acesso a diferentes fontes, incluindo orais.</p> <p>(EF05HI10) Inventariar os patrimônios materiais e imateriais da humanidade e analisar mudanças e permanências desses patrimônios ao longo do tempo.</p>	Conceitua meios de comunicação?			
	Conceitua fontes históricas?			
	Relaciona meios de comunicação ao registro da vivência social e às fontes históricas?			
	Problematiza o uso dos meios de comunicação na atualidade?			
	Reconhece as diferenças entre fontes escritas e não escritas?			
	Reconhece e problematiza o desenvolvimento da escrita como um marco histórico?			
	Reconhece algumas línguas?			
	Reconhece algumas linguagens?			
	Localiza a invenção da escrita como um marco temporal?			
	Reconhece e problematiza os desdobramentos dos meios de comunicação na atualidade?			

Capítulo 2 – Patrimônio, documento e monumento

Habilidades da BNCC	Quanto aos conhecimentos e objetivos pedagógicos desenvolvidos relacionados às habilidades da BNCC	Sim	Não	Parcialmente
<p>(EF05HI06) Comparar o uso de diferentes linguagens e tecnologias no processo de comunicação e avaliar os significados sociais, políticos e culturais atribuídos a elas.</p> <p>(EF05HI07) Identificar os processos de produção, hierarquização e difusão dos marcos de memória e discutir a presença e/ou a ausência de diferentes grupos que compõem a sociedade na nomeação desses marcos de memória.</p> <p>(EF05HI08) Identificar formas de marcação da passagem do tempo em distintas sociedades, incluindo os povos indígenas originários e os povos africanos.</p> <p>(EF05HI09) Comparar pontos de vista sobre temas que impactam a vida cotidiana no tempo presente, por meio do acesso a diferentes fontes, incluindo orais.</p> <p>(EF05HI10) Inventariar os patrimônios materiais e imateriais da humanidade e analisar mudanças e permanências desses patrimônios ao longo do tempo.</p>	Distingue o Patrimônio da Humanidade presente no Brasil?			
	Reconhece políticas de identificação e proteção do patrimônio cultural no Brasil?			
	Conceitua tombamento?			
	Reconhece a cultura oral?			
	Associa fontes históricas e patrimônio cultural?			
	Reconhece e problematiza marcos de memória e suas determinações sociais?			
	Reconhece que o patrimônio cultural está relacionado à identidade e à memória de um grupo, comunidade ou povo?			
	Identifica e localiza parte do patrimônio material e imaterial brasileiro?			
	Identifica e localiza parte do patrimônio material e imaterial da humanidade?			
	Elabora estratégias para a utilização e preservação do patrimônio material e imaterial?			

Capítulo 3 – Arqueologia e Pré-História brasileira

Habilidades da BNCC	Quanto aos conhecimentos e objetivos desenvolvidos relacionados às habilidades da BNCC	Sim	Não	Parcialmente
<p>(EF05HI01) Identificar os processos de formação das culturas e dos povos, relacionando-os com o espaço geográfico ocupado.</p> <p>(EF05HI02) Identificar os mecanismos de organização do poder político com vistas à compreensão da ideia de Estado e/ou de outras formas de ordenação social.</p> <p>(EF05HI03) Analisar o papel das culturas e das religiões na composição identitária dos povos antigos.</p> <p>(EF05HI06) Comparar o uso de diferentes linguagens e tecnologias no processo de comunicação e avaliar os significados sociais, políticos e culturais atribuídos a elas.</p> <p>(EF05HI07) Identificar os processos de produção, hierarquização e difusão dos marcos de memória e discutir a presença e/ou a ausência de diferentes grupos que compõem a sociedade na nomeação desses marcos de memória.</p> <p>(EF05HI08) Identificar formas de marcação da passagem do tempo em distintas sociedades, incluindo os povos indígenas originários e os povos africanos.</p> <p>(EF05HI09) Comparar pontos de vista sobre temas que impactam a vida cotidiana no tempo presente, por meio do acesso a diferentes fontes, incluindo orais.</p> <p>(EF05HI10) Inventariar os patrimônios materiais e imateriais da humanidade e analisar mudanças e permanências desses patrimônios ao longo do tempo.</p>	Conceitua arqueologia?			
	Reconhece e conceitua sítios arqueológicos?			
	Diferencia, no geral, os tipos de sítios arqueológicos e algumas fontes associadas?			
	Reconhece a importância dos estudos arqueológicos?			
	Identifica e reconhece as fontes históricas relacionadas à arqueologia?			
	Reconhece formas de preservação dos sítios arqueológicos?			
	Reconhece as características de um sambaqui?			
	Relaciona o conhecimento arqueológico com o conhecimento sobre os povos da Antiguidade?			
	Identifica marcos temporais da chamada Pré-História?			
	Problematiza e relativiza as datações temporais?			
Identifica e reconhece a importância da legislação para a preservação dos sítios arqueológicos?				

Capítulo 4 – Espaço geográfico e poder: os povos antigos

Habilidades da BNCC	Quanto aos conhecimentos e objetivos desenvolvidos relacionados às habilidades da BNCC	Sim	Não	Parcialmente
<p>(EF05HI01) Identificar os processos de formação das culturas e dos povos, relacionando-os com o espaço geográfico ocupado.</p> <p>(EF05HI02) Identificar os mecanismos de organização do poder político com vistas à compreensão da ideia de Estado e/ou de outras formas de ordenação social.</p> <p>(EF05HI03) Analisar o papel das culturas e das religiões na composição identitária dos povos antigos.</p> <p>(EF05HI06) Comparar o uso de diferentes linguagens e tecnologias no processo de comunicação e avaliar os significados sociais, políticos e culturais atribuídos a elas.</p> <p>(EF05HI07) Identificar os processos de produção, hierarquização e difusão dos marcos de memória e discutir a presença e/ou a ausência de diferentes grupos que compõem a sociedade na nomeação desses marcos de memória.</p> <p>(EF05HI08) Identificar formas de marcação da passagem do tempo em distintas sociedades, incluindo os povos indígenas originários e os povos africanos.</p> <p>(EF05HI09) Comparar pontos de vista sobre temas que impactam a vida cotidiana no tempo presente, por meio do acesso a diferentes fontes, incluindo orais.</p> <p>(EF05HI10) Inventariar os patrimônios materiais e imateriais da humanidade e analisar mudanças e permanências desses patrimônios ao longo do tempo.</p>	Identifica e reconhece elementos acerca de sujeitos históricos na chamada Pré-História?			
	Percebe aspectos relacionados à vida nômade e sedentária no Período Neolítico?			
	Percebe a relação entre o desenvolvimento da agricultura e a vida sedentária?			
	Reconhece elementos de comunidades antigas, tais como as primeiras comunidades na Mesopotâmia e no Egito?			
	Identifica formas de organização da vida social no Egito Antigo?			
	Reconhece formas de organização política e do Estado no Egito Antigo?			
	Relaciona a religiosidade no Egito Antigo à organização do poder político e aos elementos da natureza?			
	Reconhece os deuses egípcios como formas de religiosidade?			
	Reconhece formas de organização das primeiras comunidades e sua relação com o meio ambiente?			
	Reconhece a diferença entre nomadismo e sedentarismo?			
Associa a organização da sociedade egípcia na Antiguidade com as condições ambientais, principalmente com o Rio Nilo?				
Relaciona o cultivo de trigo à agricultura da comunidade egípcia na Antiguidade?				

Capítulo 5 – Os primeiros anos após a chegada da frota de Cabral

Habilidades da BNCC	Quanto aos conhecimentos e objetivos desenvolvidos relacionados às habilidades da BNCC	Sim	Não	Parcialmente
<p>(EF05HI01) Identificar os processos de formação das culturas e dos povos, relacionando-os com o espaço geográfico ocupado.</p> <p>(EF05HI02) Identificar os mecanismos de organização do poder político com vistas à compreensão da ideia de Estado e/ou de outras formas de ordenação social.</p> <p>(EF05HI04) Associar a noção de cidadania com os princípios de respeito à diversidade, à pluralidade e aos direitos humanos.</p> <p>(EF05HI05) Associar o conceito de cidadania à conquista de direitos dos povos e das sociedades, compreendendo-o como conquista histórica.</p>	Reconhece as formas de organização do espaço geográfico após 1500 no novo território anexado e que, posteriormente, intitularam de Brasil?			
	Reconhece as formas de organização do Estado no processo de colonização pelos portugueses após 1500?			
	Distingue políticas administrativas para a colonização portuguesa no Brasil?			
	Reconhece a exploração econômica do governo português no Brasil?			
	Diferencia colônia e metrópole?			
	Identifica o processo de desenvolvimento de vilas e cidades no Brasil Colonial, relacionando-o à organização do espaço geográfico e à ingerência do Estado português?			
	Problematiza a colonização no Brasil?			
	Reconhece e problematiza a relação entre povos nativos e europeus no processo de colonização do Brasil?			
	Identifica formas de protestos contra o governo português durante a colonização?			
	Relaciona Estado, direitos e cidadania na atualidade?			
Compreende melhor a ideia da luta e conquista dos direitos políticos, da cidadania e dos direitos fundamentais e humanos?				

Capítulo 6 – Movimentos contra o governo metropolitano português

Habilidades da BNCC	Quanto aos conhecimentos e objetivos desenvolvidos relacionados às habilidades da BNCC	Sim	Não	Parcialmente
<p>(EF05HI01) Identificar os processos de formação das culturas e dos povos, relacionando-os com o espaço geográfico ocupado.</p> <p>(EF05HI02) Identificar os mecanismos de organização do poder político com vistas à compreensão da ideia de Estado e/ou de outras formas de ordenação social.</p> <p>(EF05HI04) Associar a noção de cidadania com os princípios de respeito à diversidade, à pluralidade e aos direitos humanos.</p> <p>(EF05HI05) Associar o conceito de cidadania à conquista de direitos dos povos e das sociedades, compreendendo-o como conquista histórica.</p>	Distingue políticas administrativas para a colonização portuguesa no Brasil?			
	Reconhece a exploração econômica do governo português no Brasil?			
	Diferencia colônia e metrópole?			
	Relaciona governo, direitos e cidadania na atualidade?			
	Compreende melhor a ideia da luta e conquista dos direitos políticos, da cidadania e dos direitos fundamentais e humanos?			
	Identifica formas de protestos contra o governo português durante a colonização, por meio do exemplo da Inconfidência Mineira?			
	Conhece características do movimento que ficou conhecido como Inconfidência Mineira, relacionando-o às lutas políticas e sociais contra o governo metropolitano no século XVIII?			
	Analisa a figura de Tiradentes, elevado a herói, problematizando-a?			
	Conhece e analisa características do movimento republicano brasileiro, contextualizando-o?			
Problematiza e contextualiza a criação de heróis?				

Quadro com competências, conteúdos procedimentais e atitudinais para o ano escolar

Quanto aos conteúdos procedimentais e atitudinais	Sim	Não	Parcialmente
Localiza os conteúdos do livro a partir das suas divisões em unidades e capítulos?			
Localiza as informações do sumário, a numeração de páginas sobre o conteúdo e o capítulo de referência?			
Compreende o que deve ser feito em cada seção do livro?			
Compreende a História como campo de conhecimento sobre o ser humano no tempo e no espaço?			
Percebe-se como sujeito histórico e agente social no tempo e no espaço e como parte de uma família e comunidade?			
Reconhece, respeita e cumpre as regras da convivência familiar e comunitária?			
Percebe as diferenças e semelhanças culturais da família, valorizando e respeitando as diferenças com as demais famílias?			
Respeita as diferenças e semelhanças culturais considerando as diferenças na sua comunidade?			
Realiza atividades de observação, de investigação com fontes históricas, seguindo as orientações propostas?			
Trabalha individualmente e/ou em grupo, realizando suas funções específicas?			
Trabalha individualmente e/ou em grupo, respeitando os colegas e suas funções específicas nas atividades propostas?			
Sabe interagir com os colegas, seja na fala, seja na escuta de argumentação?			
Argumenta e apresenta pontos de vista com base no conhecimento histórico aprendido?			
Faz distinção entre o pensamento do senso comum e o que é parte do conhecimento histórico produzido?			
Identifica diferenças sociais e culturais no seu grupo de convivência familiar?			
Valoriza e respeita a diversidade de indivíduos e de grupos sociais na sua comunidade?			
Estabelece relações entre os conceitos estudados e os fatos cotidianos, comparando-os e diferenciando-os?			
Expressa oralmente, com assertividade, os conhecimentos históricos adquiridos?			
Participa, com ideias próprias e pela oralidade, dos debates em sala de aula?			
Compreende os textos lidos?			
Faz inferências, expressando ideias e opiniões de forma objetiva e coerente, a partir dos textos lidos?			
Sabe recontar os sentidos apreendidos nos textos lidos em casa ou na sala de aula?			

Quanto aos conteúdos procedimentais e atitudinais	Sim	Não	Parcialmente
Compreende os comandos e enunciados das atividades propostas?			
Utiliza os conhecimentos históricos na solução de problemas propostos relativos à disciplina e aos temas a ela inerentes?			
Reconhece a importância da conservação e da proteção das fontes históricas?			
Seleciona as fontes históricas em que pode encontrar informações?			
Expõe opiniões, aceita críticas e tece argumentação a partir das opiniões dos colegas?			
Demonstra interesse e curiosidade pelos temas estudados?			
Demonstra responsabilidade e disciplina ao realizar as tarefas que se referem à escola?			
Apresenta ideias com lógica, coerência e perspectiva contextualizada (tempo e espaço)?			
Levanta hipóteses sobre os temas estudados?			
Expõe dúvidas sobre os temas estudados?			
Participa com responsabilidade das tarefas, cumprindo os combinados?			
Participa da roda de conversa e das demais atividades em grupo?			
Reconhece a diversidade do seu grupo de convívio da escola?			

Sugestões para incentivo, intervenção e remediação

Procure sempre observar e registrar ao longo de todo o ano letivo as particularidades mais proeminentes de cada individualidade. Esse registro contribuirá para a melhor compreensão do desenvolvimento das competências, procedimentos e atitudes.

A observação deve levar em conta aspectos relevantes da turma e, dentro das possibilidades, algumas particularidades dos(as) estudantes de forma individual. A observação e o registro favorecem o acompanhamento justo, levando-se em conta as predisposições, características, fragilidades e contexto de cada indivíduo.

O quadro deve ser comparado ao longo do percurso do aprendizado, o que significa que considera que esses critérios estão em desenvolvimento e progressão. Sendo assim, leve em conta que uma criança que não consegue expor oralmente em determinado momento pode estar mais expressiva em outro. Assim, esse quadro é individual e deve ser comparado caso a caso a partir do itinerário de cada estudante.

É possível estabelecer padrões e repetições para a turma, mas nesse caso você deverá criar um índice ou tabela com a identificação de dificuldades comuns, por exemplo.

Lembre-se de incentivar os(as) estudantes, motivá-los(as), valorizando suas potencialidades. Esses critérios constituem um panorama e subsídio para a melhoria, a diversificação e o atendimento das necessidades dos(as) estudantes, e não um instrumento de avaliação negativa ou rotulador. Incentivar e valorizar constituem ferramentas para o aprendizado.

Não exponha os resultados individuais. Lembre-se de que em toda avaliação formativa os equívocos, fragilidades ou imprecisões conceituais são tomados como parte do processo e podem ser corrigidos.

COLEÇÃO
TRILHARES

RONA
ronaeditora.com.br



MATERIAL DE DIVULGAÇÃO DA RONA EDITORA - REPRODUÇÃO PROIBIDA